



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DA FACED**  
**LINHA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO**  
**EIXO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS CULTURAIS DIGITAIS**

**CRISTINE BRANDENBURG**

**HILDA AGNES HÜBNER FLORES: MEMÓRIAS  
DE UMA INTELLECTUAL EDUCADORA.**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2019**

CRISTINE BRANDENBURG

**HILDA AGNES HÜBNER FLORES: MEMÓRIAS  
DE UMA INTELLECTUAL EDUCADORA.**

Defesa de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do doutorado em Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. José Rogério Santana

**Coorientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pela autora

---

B82h     Brandenburg, Cristine.  
          Hilda Agnes Hübner Flores: memórias de uma intelectual educadora / Cristine  
Brandenburg – 2021.  
          201 f.: il. color.

          Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de  
Educação,  
          Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2021.  
          Área de concentração: História e Memória da Educação.  
          Orientação: Prof. Dr. José Rogério Santana.  
          Corientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lia Machado Fiuza Fialho.

          1. História da educação. 2. Biografia. 3. Hilda Agnes Hübner Flores. 4. Educação  
de mulheres. 5. Imigração boêmia. I. Título.

---

CDD 370

CRISTINE BRANDENBURG

HILDA AGNES HÜBNER FLORES: MEMÓRIAS DE  
UMA INTELLECTUAL EDUCADORA

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Doutora em Educação Brasileira. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: 16/10/2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Rogério Santana (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho (Coorientadora)  
Universidade Estadual do Ceará

---

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado  
Universidade Federal da Paraíba

---

Profa. Dra. Lourdes Rafaella Santos Florencio  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

---

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto  
Universidade Federal de Pernambuco

## DEDICATÓRIA

Aos melhores pais que Deus poderia me presentear, Cláudio e Elza Brandenburg. Os responsáveis pela minha existência, aqueles que mesmo com todas as dificuldades da vida sempre madrugaram trabalhando, acreditando nos sonhos dos filhos. Saudades, nostalgia e alegria sempre! Obrigada por terem vibrado, mesmo a distância física, pelas minhas conquistas, por estarem no meu lado mesmo quando a tristeza me abatia e por sempre me incentivar a prosseguir mesmo quando a caminhada era difícil. Eu os dedico este momento e o meu amor.

Ao meu amado esposo Antonio Luiz de Oliveira Barreto. Obrigada por estar sempre ao meu lado me incentivando, sendo companheiro, me compreendendo, tendo paciência com os meus dilemas e angustias, pelo amor dedicado a mim. Por de mansinho vir me beijar ou mesmo com as palavras “*mantenha o foco*” incentivando-me enquanto digitava este trabalho, para você não posso deixar de dedicar esta Tese e o meu eterno amor.

Aos meus amados irmãos Daniel, Jeane e Guilherme. Obrigada por aturarem os meus defeitos, minhas qualidades e minha ausência. Compreendo que muitas vezes foi difícil porque as vezes tinha pouco o que dividir, um abria mão de algo em pró do outro, mas sempre estivemos um do lado do outro e, não importa a circunstância, resulta-me a certeza que nós sempre teremos que estar juntos, não importa a distância. Porém, uma coisa é fato, eu amo muito vocês!

Às minhas cunhadas queridas e amadas Daiana Caide Lopes e Ana Paula Pohl, sempre bem-vindas ao pacote embutido que é a família Brandenburg. Obrigada pelo afeto e por estarem ao meu lado me apoiando cada uma do seu jeito especial. Eu amo vocês.

Ao meu amado sobrinho e afilhado Danilo Brandenburg, que muito me honra dedicar a você esta tese, pois, você é o primeiro significado de amor e continuidade dos Filhos de Seu Cláudio e Dona Elza. Que a história da nossa família sempre seja orgulho para você, com suas falhas e seus sucessos. Família nenhuma é perfeita, mas o amor sempre você terá de todos nós.

Às minhas amadas afilhadas Manuela Baron Ribeiro e Vitória Brandenburg, que esta tese seja exemplo de dedicação e não desistência de seus sonhos. Pois vocês podem sempre com muita dedicação e amor conquistar o que desejarem.

À minha gatinha querida e amada Mitótica, companheira de todas horas, pois quando menos esperava estava ela ao meu lado a me observar, ou, outras vezes, tentando digitar no meu computador para roubar minha atenção da tese, para que eu lhe desse um pouquinho de carinho. Mas levando em consideração quem mais se beneficiária era eu, nesta tranquilidade mística que somente este singelo amor de pet nos traz.

*In memoriam:* Aos meus avós paternos Wilibaldo e Olinda Brandenburg e avós maternos Pedro e Laura Batista, que distante em seu novo lar continuam a zelar e orientar a minha vida. Não posso também deixar de mencionar o Senhor Cláudio Carlos Fröhlich falecido recentemente em 23 de junho de 2019, o qual tive um breve encontro que comprovou o quanto o ser humano pode superar diversas adversidades da vida e, mesmo assim, ser uma pessoa dócil. Estes exemplos são os que me fazem ter coragem para enfrentar os desafios e crer em uma humanidade melhor, que valorize a história do passado refletindo em seus erros e acertos construindo para um futuro melhor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que esteve sempre ao meu lado, mesmo em espírito como um professor observando um aluno na hora da tarefa. E a sua presença não me deixou fracassar na hora da angústia e temor durante a construção diária da minha tese, pois com amor ouviu as minhas súplicas, e muitas vezes fui mal-agradecida. “Tudo posso naquele que me fortalece, eu confio em vós”! Obrigada Senhor pelas bênçãos e amor em minha vida!

Ao meu querido professor orientador Doutor José Rogério Santana, obrigada por acreditar no meu potencial desde o tempo da Escola de Gestores, mestrado e agora doutorado. Nunca vou esquecer da sua ajuda, pois você me ensinou a sonhar novamente, indagar e refletir. Enfim, obrigada por auxiliar a preparar-me para a vida intelectual como futura professora e pesquisadora. Obrigada Mestre!

À professora coorientadora Doutora Lia Machado Fiuza Fialho, amiga, irmã de coração, que me ajudou a dar um giro de 180° no meu desenvolvimento intelectual, passando da área da saúde para a da educação. Obrigada por ser minha companheira de confissões, por estar junto comigo sofrendo a cada etapa vencida e dividindo as alegrias. Agradeço simplesmente pelos conselhos nas horas incertas, pela parceria em todos os momentos, pelas lágrimas, pelas risadas, por me ouvir atentamente, pelo tempo dispensado a mim, pelo ombro amigo e pelos momentos partilhados. Te amo, você faz parte da minha família, para sempre irmã de coração!

Ao exemplo de casal mais apaixonado e companheiros que já conheci Hilda Agnes Hübner Flores e Moacyr Flores! Agradeço o afeto recebido e as aulas de história que com certeza sempre ficarão na minha memória. Agradeço a paciência dedicaram e seu tempo com carinho na busca de fatos que pudessem contribuir com o meu crescimento educacional não somente como pesquisadora, mas também no que concerne ao caráter humano. Obrigada por compartilhar os dados e memórias, que muitas vezes se transformavam em lembranças narradas, para contribuir com a pesquisa. O meu eterno afetuoso carinho e admiração.

À Universidade Federal do Ceará, aos professores e funcionários desde o porteiro até o Diretor do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, meu muito obrigada pelo acolhimento, pelos conhecimentos partilhados, pela ajuda e companheirismo durante a minha caminhada de mestrado e doutorado.

Aos queridos professores da minha 1ª Qualificação de Doutorado: professores Rui Martinho Rodrigues e Dra. Lia Machado Fiuza Fialho pelas apreciações e sugestões que puderam nortear o meu desenrolar no rumo para a segunda etapa da tese.

Aos professores da minha 2ª Qualificação: professores Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, Profa. Dra. Lourdes Rafaella Santos Florencio e ao Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro que muitos contribuíram com carinho por meio dos seus apontamentos para o caminhar para a defesa da Tese deixando o caminho mais claro.

Aos professores da Banca de conclusão do Doutorado: Prof. Dr. José Rogério Santana (Orientador) UFC; Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho (Coorientadora) UECE; Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado – UFPB; Profa. Dra. Lourdes Rafaella Santos Florencio – IFECTC; Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro – UFC e Profa. Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto – UFPE que aceitaram este desfaio

de contribuir com esta tese. O meu eterno agradecimento e carinho, pois com as suas valorosas contribuições não somente contribuíram para este trabalho, mas foram além disso, contribuíram para a minha formação profissional e pessoal.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo fomento à pesquisa durante o meu Mestrado e o Doutorado sem este auxílio com certeza não teria condições de concluir estas etapas fundamentais para o meu crescimento e formação profissional como pesquisadora.

A todos os colegas e amigos que foram cúmplices de trajetória de vida, com quem partilhei diversas ocasiões de felicidade e momentos de angústias, que tornaram meu dia a dia mais agradável. Em especial a Miriam Viviane Baron, Ana Karla Paz Bezerra, Aline Barbosa Teixeira Martins, Angélica Pereira Coutinho, Tânia Gorayeb Sucupira e a família Vasconcelos – Paulo, Soraya, Leonardo, Amanda, Gutencilda e Carlinhos que sempre me acolheram com sua amizade sincera e carinho.



*“A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a liberação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2014, p.437).*

*“Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a que pertencemos.*

*Cada geração assimila a herança cultural dos antepassados e estabelece projetos de mudança. Ou seja, estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que realiza, mas adquire sentido pelo passado e pelo futuro desejado. Pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente” (ARANHA, 2006, p.19)*

## RESUMO

Esta Tese trata de temática que articula o conhecimento sobre a imigração de boêmios, o engajamento de mulher intelectual na construção de movimentos de pesquisas literárias sobre mulheres e história da educação no Rio Grande do Sul – RS trabalha, mais especificamente, com a biografia de Hilda Agnes Hübner Flores ponderando com suas pesquisas como historiadora. O trabalho acadêmico biográfico visou responder a seguinte problemática: Que formação educacional foi vivenciada por Hilda Agnes Hübner Flores para possibilitar que uma mulher interiorana, nascida no sul do Brasil em 1930, se tornasse uma historiadora intelectual sobre imigrantes Boêmios e engajada em movimentos de mulheres? O objetivo foi biografar Hilda Flores, com ênfase na formação educativa, sua trajetória escolar e atuação intelectual. Ou seja, a narrativa biográfica de uma descendente alemã nascida em Linha Duvidosa, interior do município de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul, na década de 1930, que galgou escolarização diferenciada tornando-se uma professora, historiadora engajada em movimento de mulheres, que atuou ativamente na sociedade discutindo a imigração alemã no Brasil e o lugar ensejado à mulher na sociedade. A relevância da biografia consistiu em elaborar um registro histórico acerca de Hilda Flores, intelectual que contribuiu para compreensão da imigração Alemã no Rio Grande do Sul e para história da educação das mulheres, sendo uma das percussoras da coleção Palavras da Academia Literária Fermina de Letras e de estudos sobre a imigração de Boêmios. O registro da biografada permite ampliar a compreensão acerca da educação feminina nos séculos XVIII e XIX no sul do Brasil, bem como sobre o contexto migratório de alemães que se mudaram para o Brasil e influíram na constituição sociocultural do país. O escopo foi contemplado por intermédio de uma pesquisa amparada teoricamente nos pressupostos da história cultural (CERTEAU, 2018) e metodologicamente na história oral e biográfica (ALBERTI, 2013; 2015; FERREIRA, AMADO, 2016; DOSSE, 2015; VILAS-BOAS, 2014) entrecruzada com outros aportes documentais, tais como, livros, fotografias, documentos pessoais e escolares, prêmios, folhetos de cursos, entre outros (MEIHY, RIBEIRO, 2011). Este estudo comprovou que Hilda Agnes Hübner Flores é a primeira pesquisadora sobre Boêmios no Rio Grande do Sul e uma das primeiras no país com mais propriedade do assunto até o momento. Os achados comprovam que a biografada esta encaixada no período do feminismo da década de 70 e 80 como mulher intelectual e participante de movimentos feministas.

**Palavras-chave:** História da educação. Biografia. Hilda Agnes Hübner Flores. Educação de mulheres. Imigração Boêmia.

## ABSTRACT

This Thesis deals with a theme that articulates the knowledge about the immigration of bohemians, the engagement of intellectual women in the construction of literary research movements on women and the history of education in Rio Grande do Sul - RS works, more specifically, with Hilda's biography Agnes Hübner Flores pondering her research as a historian. The biographical academic work aimed to answer the following problem: What educational background was experienced by Hilda Agnes Hübner Flores to enable a rural woman, born in southern Brazil in 1930, to become an intellectual historian about Bohemian immigrants and engaged in women's movements? The aim was to biograph Hilda Flores, with an emphasis on educational background, her school career and intellectual performance. In other words, the biographical narrative of a German descendant born in Linha Duvidosa, in the interior of the municipality of Venâncio Aires - Rio Grande do Sul, in the 1930s, who went through different schooling becoming a teacher, a historian engaged in the movement of women, who she acted actively in society, discussing German immigration in Brazil and the place offered to women in society. The relevance of the biography was to elaborate a historical record about Hilda Flores, an intellectual who contributed to the understanding of German immigration in Rio Grande do Sul and to the history of the education of women, being one of the forerunners of the Words collection of the Literary Academy Fermina de Letras e of Bohemian immigration studies. The registration of the biographer allows to broaden the understanding about female education in the 18th and 19th centuries in southern Brazil, as well as about the migratory context of Germans who moved to Brazil and influenced the country's socio-cultural constitution. The scope was contemplated through a research supported theoretically in the assumptions of cultural history (CERTEAU, 2018) and methodologically in oral and biographical history (ALBERTI, 2013; 2015; FERREIRA, AMADO, 2016; DOSSE, 2015; VILAS-BOAS, 2014) intertwined with other documentary contributions, such as books, photographs, personal and school documents, awards, course brochures, among others (MEIHY, RIBEIRO, 2011). This study proved that Hilda Agnes Hübner Flores is the first researcher on Bohemians in Rio Grande do Sul and one of the first in the country with more ownership of the subject to date. The findings prove that the biographer is embedded in the feminism period of the 70s and 80s as an intellectual woman and participant in feminist movements.

**Keywords:** History of education. Biography. Hilda Agnes Hübner Flores. Education of women. Bohemian immigration.

## **LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS**

AJEB	Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil
AJERS	Associação das Jornalistas e Escritoras do Rio Grande do Sul
ALFRS	Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul
CIPEL/RS	Círculo de Pesquisas Literárias Rio Grande do Sul
EUA	Estados Unidos da América
IHGRGS	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
OSPB	Organização Social Política Brasileira
POA	Porto Alegre
PUC	Pontifícia Universidade Católica
Profa.	Professora
Prof.	Professor
RS	Rio Grande do Sul
SEC	Secretaria de Educação e Cultura
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VA	Venâncio Aires

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b>	– Primeiro reencontro para pesquisa do Doutorado com Hilda Agnes Hübner Flores .....	<b>24</b>
<b>Imagem 2</b>	– Certidão de Nascimento de Hilda Agnes Hübner Flores .....	<b>53</b>
<b>Imagem 3</b>	– Foto do casamento de Anna Antonia e Francisco Hübner .....	<b>54</b>
<b>Imagem 4</b>	– Casa comercial e a sociedade em Linha Duvidosa .....	<b>59</b>
<b>Imagem 5</b>	– Anfitriões Roque e Laura Finkler .....	<b>60</b>
<b>Imagem 6</b>	– Família Dittrich Hübner .....	<b>62</b>
<b>Imagem 7</b>	– Boneca presenteada por seus pais e conservado em residência de Roque e Laura Finkler .....	<b>64</b>
<b>Imagem 8</b>	– Casa centenária pertencente à família de Roque e Laura Finkler	<b>65</b>
<b>Imagem 9</b>	– Varanda que une a casa centenária pertencente à família de Roque e Laura Finkler .....	<b>66</b>
<b>Imagem 10</b>	– Sala de refeições, baú trazidos pelos imigrantes e panelas usadas pela família a gerações conservados por Roque e Laura Finkler	<b>67</b>
<b>Imagem 11</b>	– Matéria publicada no Jornal Folha do Mate sobre o distrito de São Miguel .....	<b>69</b>
<b>Imagem 12</b>	– Primeira comunhão de Hilda Agnes Hübner Flores .....	<b>70</b>
<b>Imagem 13</b>	– Reportagem sobre a primeira missa em honra a São Miguel .....	<b>71</b>
<b>Imagem 14</b>	– Imagem da Inauguração da Primeira Capela de São Miguel .....	<b>72</b>
<b>Imagem 15</b>	– Escola, Igreja e Cemitério de São Miguel .....	<b>78</b>
<b>Imagem 16</b>	– Encontro com Cláudio Carlos Fröhlich .....	<b>79</b>
<b>Imagem 17</b>	– Livro Cláudio Carlos Fröhlich e dedicatória .....	<b>79</b>
<b>Imagem 18</b>	– Bilhete de Cláudio Carlos Fröhlich .....	<b>80</b>
<b>Imagem 19</b>	– Foto estudantes da Escola de São Miguel do ano de 1941 .....	<b>84</b>

<b>Imagem 20</b>	– Foto da capa do livro de registro mais antigo da Escola Particular de São Miguel e folha 1 .....	<b>92</b>
<b>Imagem 21</b>	– Livro de registro escolar com a assinatura do professor Pedro Specht folha 2 .....	<b>95</b>
<b>Imagem 22</b>	– Livro de registro escolar de 1956 folha 3 .....	<b>96</b>
<b>Imagem 23</b>	– Livro de registro escolar de 1956 folha 4 .....	<b>97</b>
<b>Imagem 24</b>	– Livro de registro escolar de 1956 folha 5 com orientações das profissões do período .....	<b>98</b>
<b>Imagem 25</b>	– Documento que decretado que a partir de 1991 que a Escola de São Miguel pertenceria a jurisdição do município de Venâncio Aires – RS .....	<b>102</b>
<b>Imagem 26</b>	– Última folha do livro ponto da Escola Municipal de São Miguel da professora unidocente Márcia Inês Stülp Finkler e últimas instalações .....	<b>103</b>
<b>Imagem 27</b>	– Manuscrito dos 100 anos do Colégio Santo Antônio de Estrela .	<b>107</b>
<b>Imagem 28</b>	– Parágrafo que se refere a disciplina do manuscrito .....	<b>108</b>
<b>Imagem 29</b>	– A preparação da menina para o casamento ou magistério .....	<b>110</b>
<b>Imagem 30</b>	– Pesquisa ao colégio Santo Antônio de Estrela – RS .....	<b>111</b>
<b>Imagem 31</b>	– Lema das Irmãs Franciscanas e imagem de Santo Antônio .....	<b>112</b>
<b>Imagem 32</b>	– Livro de Matricula Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela -RS Folha dados aluno do ano de 1945 .....	<b>112</b>
<b>Imagem 33</b>	– Livro de Matricula Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela -RS Folha dados dos pais dos alunos do ano de 1945 .....	<b>113</b>
<b>Imagem 34</b>	– Dormitório Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS 1946 .....	<b>114</b>
<b>Imagem 35</b>	– Biblioteca Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS na década de 1950 .....	<b>115</b>
<b>Imagem 36</b>	– Pátio Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS na década de 1944/2018 .....	<b>117</b>
<b>Imagem 37</b>	– Antiga fachada do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS na década de 1940 e atual década de 2010 .....	<b>118</b>
<b>Imagem 38</b>	– Quadro com disposição dos horários de aula de cada professor Colégio Santo Antônio de Estrela-RS e no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz do Sul-RS .....	<b>120</b>

<b>Imagem 39</b>	– Colégio Dom Alberto em Santa Cruz do Sul-RS, antiga clausura das irmãs hoje salas administrativas .....	<b>125</b>
<b>Imagem 40</b>	– Folha referente livro de matrícula do Ginásio Sagrado Coração de Jesus de Santa Cruz do Sul-RS .....	<b>127</b>
<b>Imagem 41</b>	– Quarto das internas e sala de aula do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Santa Cruz do Sul-RS, na década de 1940 .....	<b>128</b>
<b>Imagem 42</b>	– Internato Sagrado Coração de Jesus, no fim do ginásio .....	<b>129</b>
<b>Imagem 43</b>	– Foto das seis primeiras Irmãs Franciscanas que chegaram em São Leopoldo – RS .....	<b>130</b>
<b>Imagem 44</b>	– Painel do antigo Colégio Sagrado coração de Jesus de 1874 e final em 2002, com a Irmã Leda Inês Rabuske .....	<b>131</b>
<b>Imagem 45</b>	– Uniforme das Irmãs Franciscanas .....	<b>132</b>
<b>Imagem 46</b>	– Hilda como o vestido preto no casamento do irmão na década de 1950.....	<b>135</b>
<b>Imagem 47</b>	– Hilda e a cintura fina década de 1950 .....	<b>136</b>
<b>Imagem 48</b>	– Formatura do Curso de Serviço Social PUC – RS em 1955 .....	<b>138</b>
<b>Imagem 49</b>	– Formatura do Curso de Filosofia pela PUC – RS em 1959 .....	<b>139</b>
<b>Imagem 50</b>	– Carteira do Curso Filosofia com direito de ministrar as disciplinas de História e Filosofia .....	<b>140</b>
<b>Imagem 51</b>	– Casamento de Hilda Agnes Hübner Flores com Moacyr Flores ..	<b>146</b>
<b>Imagem 52</b>	– Certidão Casamento de Hilda com Moacyr .....	<b>147</b>
<b>Imagem 53</b>	– Festa de comemoração dos 50 anos de Casamento de Hilda Agnes Hübner Flores com Moacyr Flores, em 2012, com a família .....	<b>152</b>
<b>Imagem 54</b>	– Cartões Postais feitos por Moacyr Flores .....	<b>154</b>
<b>Imagem 55</b>	– Decreto Oficial da Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus ....	<b>157</b>
<b>Imagem 56</b>	– Antigo prédio conhecido como Brizoleta e o novo .....	<b>159</b>
<b>Imagem 57</b>	– Horários de trabalho em que leciona a disciplina nas escolas Estadual Ensino Médio Padre Reus e Winston Churchill .....	<b>160</b>
<b>Imagem 58</b>	– Solicitação de transferência de turno para poder dar mais atenção aos filhos em 1975 .....	<b>160</b>
<b>Imagem 59</b>	– Solicitação de dispensa para assistir uma disciplina do Mestrado.	<b>161</b>

<b>Imagem 60</b> –	Defesa de Mestrado em 1977 .....	<b>162</b>
<b>Imagem 61</b> –	Presença de Hilda Flores de EEEM Padre Reus de 1972 a 1977..	<b>162</b>
<b>Imagem 62</b> –	Lançamento do Livro Tristeza de Padre Reus .....	<b>164</b>
<b>Imagem 63</b> –	Memória de um Imigrante Boêmio: Josef Umann .....	<b>165</b>
<b>Imagem 64</b> –	Lançamento do livro “Imigrantes Boêmios Genealogia” .....	<b>167</b>
<b>Imagem 65</b> –	Destaque para o livro Dicionário de Mulheres .....	<b>170</b>
<b>Imagem 66</b> –	Hilda e a pesquisadora em encontro para debater sobre seu livro Ana Eurídice Eufrosina de Barandas .....	<b>171</b>
<b>Imagem 67</b> –	Documentos históricos da Academia Literária Feminina do RS .	<b>175</b>
<b>Imagem 68</b> –	Encontro com literatas na Academia Literária Feminina do RS ..	<b>175</b>
<b>Imagem 69</b> –	Fundadoras Academia Literária Feminina do RS .....	<b>176</b>
<b>Imagem 70</b> –	Placa dos 50 anos da Academia Literária Feminina do RS .....	<b>176</b>
<b>Imagem 71</b> –	Quadro das gestões como Presidenta da Academia Literária Feminina do RS .....	<b>177</b>
<b>Imagem 72</b> –	Encontro com literatas na Academia Literária Feminina do RS .	
<b>Imagem 73</b> –	Hilda Flores recém-casada .....	<b>181</b>



## SUMÁRIO

<b>1. EXPOSIÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>18</b>
1.1. Introdução.....	18
1.2. O encontro com o objeto da pesquisa .....	21
1.3. Situando teórico - metodologicamente a pesquisa .....	24
<b>2. QUEM É HILDA AGNES HÜBNER FLORES .....</b>	<b>52</b>
2.1. A infância de Hilda Flores .....	52
2.2. O percurso educacional de Hilda Flores .....	73
<b>3. A INTELLECTUAL HILDA AGNES HÜBNER FLORES .....</b>	<b>156</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	181
BIBLIOGRAFIA .....	188
APÊNDICE .....	203

# 1 EXPOSIÇÕES INICIAIS

## 1.1. Introdução

Apresentação da temática articula o conhecimento sobre a imigração de boêmios, o engajamento de mulher intelectual na construção de movimentos de pesquisas literárias sobre mulheres e história da educação no Rio Grande do Sul – RS imbricadas e trabalhando mais especificamente com a biografia de Hilda Agnes Hübner Flores ponderando com sua formação educacional.

A historiadora, professora e escritora Hilda Agnes Hübner Flores desenvolveu importante pesquisas como a primeira historiadora sobre Boêmios no Brasil – imigrantes alemães -, com importante participação literária e executiva na no âmbito de pesquisas sobre mulheres na Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul e da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - AJEB, no Círculo de Pesquisa Literárias do RS, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Contextualizando o espaço que a biografada viveu e o período histórico que Hilda Flores se desenvolveu, pode-se afirmar que ela sofreu forte influência por ser neta de imigrantes boêmios séculos XVIII, com sua educação transcorrendo nesse processo imigratório, que envolve a história política, social e cultural de uma sociedade patriarcal e machista até meados do século XIX, em Linha Duvidosa, interior do município de Venâncio Aires - RS. Por isso se faz necessário descrever estes processos no campo da história da educação, estudar os movimentos de mulheres, a imigração e a influência política destes períodos. Contextualizar estes períodos contrapondo com a vivência da biografada pelos séculos XIX-XX enriquecida com suas pesquisas, o que se torna uma fonte histórica.

O trabalho acadêmico biográfico visou responder a seguinte problemática: Que formação educacional foi vivenciada por Hilda Agnes Hübner Flores para possibilitar que uma mulher interiorana, nascida no sul do Brasil em 1930, se tornasse uma historiadora intelectual sobre imigrantes Boêmios e engajada em movimentos de mulheres?

O objetivo foi biografar Hilda Flores, com ênfase na formação educativa, sua trajetória escolar e atuação intelectual. Ou seja, a narrativa biográfica de uma descendente alemã nascida em Linha Duvidosa<sup>1</sup>, interior do município de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul, na década de 1930, que galgou escolarização diferenciada tornando-se uma professora, historiadora engajada em movimento de mulheres, que atuou ativamente na sociedade discutindo a imigração alemã no Brasil e o lugar ensejado à mulher na sociedade.

O escopo foi contemplado por intermédio de uma pesquisa amparada teoricamente nos pressupostos da história cultural (CERTEAU, 2018) e metodologicamente na história oral e biográfica (ALBERTI, 2013; 2015; FERREIRA, AMADO, 2016; DOSSE, 2015; VILAS-BOAS, 2014) entrecruzada com outros aportes documentais, tais como, livros, fotografias, documentos pessoais e escolares, prêmios, folhetos de cursos, entre outros (MEIHY, RIBEIRO, 2011).

Delineou-se, entretanto, alguns objetivos específicos: 1) Conhecer a história de vida de Hilda Flores, em especial, no que concerne à sua trajetória educativa; 2) Identificar as principais contribuições intelectuais da historiadora Hilda Flores; 3) Discutir como a produção intelectual de Hilda Flores contribuiu para desvelar “outra história” acerca da imigração e educação de boêmios e alemães no Brasil; e, 4) Demonstrar como Hilda Flores colaborou nos debates acerca da educação de mulheres e seu lugar na sociedade, especialmente, mediante sua atuação na Academia Literária Feminina do RS e na coleção Palavras da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB).

As entrevistas foram coletadas a partir da colaboração de Hilda Flores, seu esposo, filhos, colegas de trabalho - de instituições como Academia Literária Feminina do RS, Círculo de Pesquisas Literárias - RS, Academia Rio-Grandense de Letras – RS (LOZANO, 2016). As fontes documentais e imagéticas foram identificadas a partir das narrativas oralizadas, tais como: documentos pessoais, prêmios, fotografias, livros, jornais e panfletos de cursos.

---

<sup>1</sup> Linhas são pequenas localidades do interior da cidade de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul – Brasil. Estas pequenas comunidades geralmente agrícolas, que possuem uma escola, igreja, sociedade e pequenas agroindústrias. No caso de Linha duvidosa fica distante aproximadamente em 17 Km do centro da cidade de Venâncio Aires.

A relevância da biografia consistiu em elaborar um registro histórico acerca de Hilda Flores, intelectual que contribuiu para compreensão da imigração Alemã no Rio Grande do Sul e para história da educação das mulheres, sendo uma das percussoras da coleção Palavras da Academia Literária Fermina de Letras e de estudos sobre a imigração de Boêmios. O registro da biografada permite ampliar a compreensão acerca da educação feminina nos séculos XVIII e XIX no sul do Brasil, bem como sobre o contexto migratório de alemães que se mudaram para o Brasil e influíram na constituição sociocultural do país.

A justificativa para o envolvimento com este estudo se deve ao fato de que, durante a pesquisa de campo da minha dissertação de mestrado, intitulada “Biografia de Josef Umann: Memórias e Contribuições Educacionais de um Imigrante Alemão em Terras Brasileiras (03/11/1850 - 13/08/1927)”, que objetivou se em biografar Josef Umann, retirante alemão boêmio que imigrou para o Brasil, na segunda metade do século XIX, em decorrência da crise europeia desencadeada a partir do processo de industrialização, ressaltei o contexto econômico, social e educacional da comunidade de Linha Cecília e realizei uma das entrevistas com a professora Hilda Flores, ora biografada, que transcreveu o livro de meu tataravô - “Memórias de um Imigrante Boêmio” -durante o seu mestrado. Percebi que não se tratava de uma simples professora, mas por meio de suas lembranças ricas em detalhes históricos, sua trajetória como historiadora, escritora e educadora, Hilda se transformou em uma intelectual que desenvolveu importante papel na divulgação da história da educação e imigração possibilitando constituir uma “outra história” sobre a contribuição alemã na cultura e educação do RS, com versão de gênese diferenciada do conjunto estabelecido oficialmente que invisibilizou os grupos minoritários (MEIHY, HOLANDA, 2015).

A tese se encontra organizada em três capítulos. O primeiro denominado “O esclarecimento de conceitos preliminares” que está relacionado com a apresentação geral da pesquisa, o meu encontro com o objeto da pesquisa e situando teórica - metodologicamente a pesquisa. Neste tópico fundamento com autores sobre as temáticas que cercam metodologicamente esta tese com suporte na História Cultural - Burke (2008, 2017); Pesavento (2014), Micro-história - Levi (2011, 2016); Burke (2010, 2011); Chartier (2014), História Oral - Portelli (2012); Meihy e Holanda (2015); Albert (2015); Ferreira e Amado (2016); Thompson (2002); Bueno e Cárdenas (2018), Minayo (2013), memória - Bosi (2018); Paul Ricouer (2018); Le Goff (2014); Alfred Schultz (1964);

Certeau (1994, 2018), biografia - Bourdieu (2016); Giovanni Levi (2016); Dosse, (2015); Pujadas Muñoz (1992); Vilas-Boas (2014); Rodrigues (2013), análise de imagem - Kossoy (2014); Banks (2009); Lima e Carvalho (2015) e pesquisa qualitativa - Flick (2009); Turato (2018); Lüdke e André (1992), entre outras obras literárias.

O segundo capítulo, *Quem é Hilda Agnes Hübner Flores*, está relacionado a trajetória de vida da intelectual Hilda Agnes Hübner Flores abordando sua infância, juventude e percurso acadêmico, ou seja, sua educação familiar, escolar e universitária.

No último capítulo, abordo a intelectual Hilda Agnes Hübner Flores, na qual saliento as instituições que perpassam a sua vida, as principais obras da sua atuação como intelectual e seu legado como pesquisadora.

Por fim teremos as considerações finais desta pesquisa doutoral que retoma o problema da pesquisa e o objetivo, respondendo-os desde uma compilação dos principais resultados e discussões, bem como da informação das limitações da pesquisa e sugestões para novos estudos.

## **1.2. O encontro com o objeto da pesquisa**

Retornar ao passado nos traz sempre lembranças e sentimentos que afloram, como saudades, carinho e tristezas. Sempre desde pequena eu escutava as histórias contada pela minha avó paterna Olinda Brandenburg, do seu avô Imigrante Boêmio Josef Umann, que leu para mim cuidadosamente trechos do seu livro “*Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entwicklungsgeschichte der Linha Cecília Mun. Venâncio Aires*”<sup>2</sup> (1937). Posteriormente a autobiografia deste memorialista foi traduzida pela historiadora Hilda Agnes Hübner Flores com o título - *Memória de Imigrante Boêmio Josef Umann*, (1981). Livro este que desde a minha infância e adolescência percorreram a memória, pois li e reli várias vezes e que me servira sempre como ânimo para galgar forças para enfrentar os desafios.

Fato semelhante ocorreu com a escritora Nélida Piñon, filha de imigrantes espanhóis, que explora o passado com as memórias em seu livro - *República dos sonhos* – no qual explana uma combinação de romance, realidade e história no momento em que enfoca “a noção da ancestralidade como elemento fundamental na construção da pessoa”

---

<sup>2</sup> Tradução de Hilda Agnes Hübner Flores em 1981 no livro “Memórias de um imigrante Boêmio Josef Umann” título mais apropriado e que fica mais próximo da obra.

(MUSSA, 2015, p. 14). Com um pouco de audácia da minha parte, me sinto um pouquinho da Nélida em meus devaneios no período de construção desta tese, pois ambas escrevemos acerca de memórias e histórias que nos são próxima e nos tocam profundamente. Acrescento que “obviamente as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, embora estejam aos poucos se tornando mais parecidas” (LEVI, 2016, p. 169), mas nos dois casos há uma identificação pessoal com o narrado desde a própria história de vida.

Não posso deixar de mencionar que este trabalho é fruto de uma pesquisa acadêmica qualitativa do tipo biográfica com o uso da metodologia de história oral, que trata cientificamente da história de vida de Hilda Agnes Hübner Flores. Esta envolve múltiplas facetas dos personagens que a rodeiam, das pessoas que mais se aproximaram, da história das instituições que frequentou, e é, no entanto, um mural cultural, educacional e histórico do século XX, que se desvela no olhar de cada sujeito desta pesquisa, desenvolvida com rigor metodológico, em busca de uma aproximação o mais fiel possível da história biográfica de Hilda Flores. Urge referir que tenho que me remeter ao rigor e criticidade acadêmica por se tratar de um trabalho acadêmico, mas saliento que também não abri mão do meu estilo de escrita e de uma interpretação e análise pessoal, que desenvolve a partir de um arcabouço de leituras previamente desenvolvidas e de uma maneira particular de ler o mundo.

No ano de 2013 com a orientação do professor José Rogério e a coorientação da professora Lia Fialho, resolvemos fazer a dissertação acerca da biografia do meu tataravô Josef Uman<sup>3</sup>. Durante a coleta de dados no Rio Grande do Sul, encontrei a professora Hilda Agnes Hübner Flores, em Porto Alegre – RS, que havia traduzido o livro de autobiografia de Josef Umann.

Neste feliz encontro descobri o que seria o meu tema de Doutorado, biografala! Pois numa breve conversa descobri uma historiadora feminista que havia participado ativamente do cenário educacional local. O que acusou minha curiosidade como pesquisadora, mais especificamente, foi o fato de esta mulher apresentar uma aparência tão frágil pela idade, por outro lado revelar ser uma tão determinada, ativa e atuante como historiadora da imigração alemã, educadora e intelectual; envolvida em estudos e

---

<sup>3</sup> BRANDENBURG, Cristine. Biografia de Josef Umann: memórias e contribuições educacionais de um imigrante alemão em terras brasileiras (03/11/1850 - 13/08/1927). Link acesso: <http://www.repositorio.ufc/handle/riufc/11774>

movimentos sobre mulheres no RS e com uma história de vida repleta de superações e contestações de paradigmas. Outro fato que contribuiu para o meu interesse foi o de que ela nasceu no interior de Venâncio Aires – RS, cidade onde passei parte da minha vida e na qual reside alguns familiares paternos.

Nessa perspectiva pude observar a medida em que aprofundei minhas leituras durante a dissertação e tese que a pesquisa biográfica de uma pessoa somente se torna completa quando conseguimos mergulhar na história de vida do pesquisado, quase que podendo sentir e vivenciá-la em cada momento por meio das fontes, no caso as narrativas de Hilda e pessoas que conviveram ou convivem com ela direta ou indiretamente. Afinal, o desígnio e a facticidade histórica apresentam-se frente aos sujeitos na propriedade de episódios inegáveis, pois elas são persistentes e exteriores em sua realidade confrontadas com a história do indivíduo (VILAS-BOAS, 2014).

Sabe-se, contudo, que quando o sujeito da pesquisa está vivo a pesquisa se torna interessante e ao mesmo tempo perigosa, é o fascínio do vivido (FERREIRA; AMADO, 2016). Interessante é que pelo fato de estar viva a biografada Hilda Flores, podemos ainda mergulhar nos seus sentimentos e emoções durante as suas lembranças que vão vindo à tona e tornando mais viva a história narrada. Perigoso, no entanto, pelo fato do risco de poder se levar sem a devida criticidade, em certos momentos, pelo biografado durante o envolvimento com suas narrativas. Vilas-Boas (2014) acrescenta que ao se realizar um estudo do tipo biografia, ele adentra tão profundamente quanto possível na vida do biografado, ou seja, no campo fenomenológico do sujeito investigado vivenciando a extensão dos seus conhecimentos e sentimentos. E é com o olhar de uma fisioterapeuta que mudou de área de atuação, dedicando-se a história da educação desde pesquisas biográficas, que vou desenvolver esta pesquisa, pois acredito que o conhecimento é um todo indissociável em que a interdisciplinaridade amplia horizontes interpretativos.

Na imagem 1, demonstro o meu primeiro reencontro após defesa de dissertação de mestrado, com Hilda onde início a coleta de dados para a tese com a minha biografada, no dia em que a convidei para ser o cerne de minha pesquisa doutoral. Ocasão em que ela aceitou com prazer o desafio.

**Imagem 1** – Primeiro reencontro para pesquisa do Doutorado com Hilda Agnes Hübner Flores



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora retratada por Moacyr Flores  
Porto Alegre – RS residência de Hilda Agnes Hübner Flores em set. de 2016.

As memórias de Hilda Flores passariam a ser o substrato principal desta pesquisa doutoral. Bosi (2018) compara a memória a uma metáfora, “*uma luz de estrelas remotas*”, inferindo que estas permitem ao ser humano à liberdade de expressão no espaço e no momento, especialmente quando se consegue dialogar com outros indivíduos que presenciaram ou compartilharam ouvindo falar destes episódios. Por fim, reflito que uma biografia é trabalho muito complexo, pois tratamos da história de vida de um ser humano e o que leva a uma singular importância, pois cada pessoa tem sua importância como indivíduo histórico que atuou, presenciou e foi personagem ou telespectador de acontecimentos históricos no decorrer de sua vida.

### 1.3. Situando teórico - metodologicamente a pesquisa

Esta pesquisa, está amparada pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Estadual do Ceará, no projeto intitulado “*Educação e Educadores(as) no Ceará do século XX: práticas, leituras e representações*”, da minha coorientadora Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, sob o registro de número CEP: 630.923, que pesquisa biografias tais como: Célia Goiana (FIALHO; CARVALHO, 2018); Henriqueta Galeno (FIALHO, SA, 2018); Maria Luiza Fontenelle (FIALHO; FREIRE, 2018); Maria Neli Sobreira (FIALHO; QUEIROZ, 2018); Aida Balaio (FIALHO; LIMA; QUEIROZ, 2019); Argentina Gomes (MENDES; FIALHO; MACHADO, 2019).



No âmbito da disciplina científica, a história é apta em não dissipar o conhecimento da historicidade, mas assim, como as ciências sofreu adaptações, questionamentos, variações dos procedimentos, e, até mesmo restrições (CHARTIER, 2010). Já a história cultural, na atualidade, vem agregando um jeito novo de reinventar o passado convergindo para novas discussões sobre seus pressupostos (PESAVENTO, 2014).

O nome nova história está entre seus pressupostos principal encaixado no movimento dos *Annales*, que proporcionou ao longo dos anos uma inovação na historiografia, através de um grupo de estudiosos, dentre eles Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie. Que não enfatizam somente as narrativas, mas questionam a história; expandia e incluía fontes históricas e sujeitos como pretensão de valorizar a História e não dando ênfase somente ao aspecto político, agregando conhecimento às outras disciplinas como a geografia, sociologia antropologia, política, e entre outras (BURKE, 2010).

Este núcleo foi precursor de uma revista que surgiu o primeiro exemplar em 15 de janeiro de 1929. A revista mudou de nome várias vezes: *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-1939); *Annales d'histoire sociale* (1939-1942; 1945); *Mélanges d'histoire sociale* (1942-1944); *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1946). Seu principal foco era fazer dela um “instrumento de enriquecimento da história” (BURKE, 2010). A partir de 1994, de acordo com Takeo Tanioka (2001), o nome atual é "*Annales. Histoire, Sciences Sociales*" - "Anais: História, Ciências Sociais"- que publica um volume trimestral (TANIOKA, 2001).

Entretanto, não existia somente o núcleo dos *Annales* com Lucien Febvre e Marc Bloch, que inauguraram a revista, e depois Fernand Braudel, que tiveram conotação para a renovação da história. Nos países como a Grã-Bretanha, em 1930, representou-se pelos pesquisadores Lewis Namier e R. T. Tawney que negavam as narrativas da história estruturam; a Alemanha, em 1900, com o estudioso Karl Lamprecht que desafiou com a expressão “*histoire événementielle*” - uma história centrada nos acontecimentos -, e, na área da sociologia com Emile Durkheim na França também inspirou os *Annales* (BURKE, 2011).

A terminologia “Nova História Cultural” passou a ser utilizada entre as décadas de 1970 - 1980 e contou com aporte teórico nos estudos trazidas por pesquisas de cunho biográfico que possibilitaram a investigação das práticas educativas empreendidas ao

longo do período histórico imbricado com questões socioculturais (THOMPSON, 2002). Outro ponto é o “movimento da história vista de baixo”, incluindo como personagens da história os conceitos adquiridos das pessoas comuns frente ao passado (BURKE, 2011).

A História cultural ou nova história, como denominam, para Sandra Jatahy Pesavento (2014) não é somente o significado de refazer uma *História do Pensamento* ou ainda uma *História Intelectual*, ou, o fato de repensar a História da Cultura dos antigos modelos, ou pesquisar as correntes de ideias e seus nomes mais conceituados no espaço temporal, se houve uma *velha, antiga ou tradicional História Cultural*. Entretanto “[...] trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2014, p.15).

Para Chartier (2010) o conceito de cultura esta defendido na sua integralidade pelos padrões e significados transmitidos de gerações em gerações em sua “[...] totalidade das linguagens e das ações simbólicas próprias de uma comunidade constitui sua cultura” (CHARTIER, 2010, p. 35). Pesavento (2014) vem ao encontro a ideia de Chartier e acrescenta que a cultura de forma simbólica, em que considera os sentidos empregados “as palavras, as coisas, às ações e aos atores sociais, se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa” (PESAVENTO, 2014, p. 15).

Michel de Certeau (1994) atenua a principal contribuição como o exemplo de Hilda, nesta tese, que focalizando o interesse pelos “sujeitos” de acordo com Certeau que fazem e recebem a cultura que abrange a lugar social dos pesquisadores, o leitor comum, ou dos grupos que fazem parte da “indústria cultural” ou agências de cultivo e transmissão de cultura fazendo parte nas instituições como: sistemas educativos, os jornalistas, as organizações religiosas (CERTEAU, 1994).

Chartier (2010) urge referir que existe um desafio colocado aos pesquisadores da história cultural na medida em como refletir a articulação entre os discursos e as práticas. E vai mais além, afirmando que os interesses sociais nunca são uma fato pré-existente. O historiador Peter Burke (2008) contribui neste ensejo, ou seja, já colocou essa perspectiva na linha de reflexão para os historiadores a respeito da história cultural, na medida que propõem combinar duas abordagens opostas, porém complementares uma para outra. A primeira é a interna que busca solucionar as questões do interior da disciplina que aborda o presente da história cultural, tentando abarcar o que a história deixou de fora como exemplo estudos sobre minorias, mulheres, artes, ideias, negócios, culturas inteiras e a história fragmentada (BURKE, 2008).

Já a segunda, abordagem externa, vista de fora, de acordo com Peter Burke (2008) está relacionada a uma “virada cultural” uma maior aceitação nas áreas da ciência, antropologia, geografia, ciências políticas, psicologias etc... Também está imbricado em manifestações cada vez mais comum da sociedade. A resposta para este embate estaria talvez no conceito de história cultural em atenuar os métodos de estudo em vez dos objetos. Assim como, alguns buscam resposta pelo significado apontado, ou ainda o foco nas práticas e nas representações (BURKE, 2008).

A autora Pesavento (2014), sobre a história cultural, conta que existem mudanças epidemiológicas ocorrendo neste campo de saber. Entre elas, a “representação” se conota com mais rigor incorporada pelos pesquisadores históricos Marcel Mauss e Émile Durkheim em princípio do século XX. A autora acrescenta: “Expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas” (PESAVENTO, 2014, p.39).

A palavra representação vem do latim “*mise en scène*” literária, ela não se configura “histórica” senão quando é entrelaçada com uma conjuntura social e científica, quando articulada a instituição com afinidade culturais ou teóricas contemporâneas. Não existindo debate histórico sem representação, se não, é uma simples didática “investigadora à escrita” (CERTEAU, 2018).

Tendo em vista que uma das principais categorias seja a das representações na história cultural, Chartier (2010) p. 49 conceitua as “posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”. Para Pesavento (2014) ainda corrobora em dizer que as representações são pessoas que se colocam no lugar do outro, mesmo em outra temporalidade ou local, envolvendo os significados e as semelhanças na percepção do oculto, da identidade, do reconhecer, classificar, legitimar e excluir.

Para Certeau (2018), antigamente havia uma distinção, em que era feito uma espécie de escolha entre o que poderia ser “compreendido” e o que deveria ser apagado da história para obter a representação de uma “inteligibilidade presente”.

Nas representações, quando, havia o discurso da força de quem exercia o poder em cumprir as regras de uma sociedade pela sua genealogia familiar, política verso moral, o que ensinava credibilidade somente a estes princípios que norteiam os valores,

organizando as representações do passado na história. Na direção contraposta, equivale aos “cenários atuais” em uma projeção, entre afirmar a história em detrimento de uma série de fatos, um despertar das semelhanças aceitáveis nas representações, um querer concreto e as variantes conjunturas, possibilitando assim pesquisar os acontecimentos como: derrotas e ganhos esboçando uma ciência (CERTEAU, 2018).

Já a prática histórica cultural para Chartier (2010) faz abranger as representações e ao mesmo tempo que:

[...] as representações e os discursos constroem as relações de dominação e como elas próprias dependem dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cuja potência legitimam daqueles ou daquelas cujas submissões asseguram (ou devem assegurar) (CHARTIER, 2010, p. 51).

Contudo, as representações são aporte do simbólico, entretanto, falam e representam muito mais do que aquilo que demonstram ou enuncia, compartilham sentidos escondidos, que contribuem para o desvelar da sociedade e história, em que se internaliza no inconsciente da sociedade e assegura-se como sendo natural, dispensando a ponderação. Paralelamente constrói uma sociedade rodeada por sinais que fazendo parte do cotidiano dos sujeitos mediando uma relação histórica de forças (PESAVENTO, 2014).

Chartier (2010, p. 50) enfoca que a “[...] atenção dispensada à violência simbólica, que supõe que quem a sofre contribui para sua eficácia, ao interiorizar sua legitimidade [...]” em observa que as representações são fruto da consciência da sociedade e disputas de poder, ritos e imagem (CHARTIER, 2010). Existem outros elementos que fazem parte das mudanças epistemológicas da história cultural que Pesavento (2014) urge em referir, que estão acompanhando estas mudanças como: o imaginário que compõem “[...] crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquização, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito” (PESAVENTO, 2014, p.43).

Dentre as progressões epistemológicas da história cultural ainda denota a narrativa: um relato de um conjunto de fatos entrelaçados que aconteceu realizando um pacto com a verdade. Na qual existe as figuras do narrador em que o historiador atua como mediador e o narrador historiador, este por sua vez, pesquisa por provas por revelações de significados entre outros (PESAVENTO, 2014).

Os dois últimos apontamentos sobre a epistemológicas da história cultural são a ficção e a sensibilidade. Na ficção ocorre um limite, um entrave entre o que é ciência e a literatura, desenvolvendo na narrativa um caráter de representar o acontecimento. A sensibilidade é o imergir no sujeito da pesquisa e da subjetividade, focar na trajetória de vida, onde o historiador cultural lida com polemicas da vida privada que abrange os sentimentos na medida que exterioriza ou oculta (PESAVENTO, 2014).

Na biografia de Hilda Agnes Hübner Flores, admiti-la como um sujeito narrado a partir da trajetória de vida, ou melhor, trechos de vida, com símbolos e significados entrelaçamos aos fatos e por meio da micro-história na pesquisa de cunho biográfico, envolvendo a história cultural. Atuando como condutor, desde um sujeito, para que possamos levantar outras questões do passado e, assim, tentar entender a sociedade, a cultura ou fatos de um determinado período.

O pesquisador Giovanni Levi (2016) aponta que por meio da micro-história não negligenciamos os fatos, as informações individuais, ou seja, o conhecimento e a experiência de vida de cada indivíduo. Nesta perspectiva, apostamos em não abandonar as memórias abstratas de cada sujeito, entretanto, o que acontece é que um fato pequeno pode desembocar em uma circunstância com um panorama mais geral da sociedade em determinado período.

A micro-história surgiu por intermédio do movimento dos *Annales*. Na sua terceira fase, marcada pela fragmentação, foi um período da história em que foi ampliada as pesquisas com novos sujeitos antes anônimos ou ignorados pela historiografia dando-lhes a devida valorização histórica, como exemplo: as mulheres, crianças, os próprios acontecimentos, as classes invisibilidades pela sociedade e os grupos excluídos culturalmente (BURKE,2010; BURKE, 2011).

O campo historiográfico que desemboca com a micro-história abre um leque de possibilidades para os pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento científico contribuindo para várias hipóteses de um objeto estudado (XAVIER; FIALHO; VASCONCELOS, 2018).

Nessa perspectiva Chartier (2010) faz uma ponderação em que aponta que epistemologicamente a micro-história é muito sutil no fato do que pode ser revelado e o que poderia ser mencionado, e adverte sobre falsos debates no que tange ao que o historiador pretende como como foco visível (CHARTIER, 2010).

Tendo em vista a micro-história, Chartier (2010), baseado nas ideias de Levi (1985) e Contreras (1992), coloca que quanto mais observamos a micro-história em uma linha graduada analítica, há menos chance de equívocos históricos. E, ainda salienta que a micro-história é uma ferramenta de pesquisa que analisa os campos de poder sociopolítico de um determinado lugar e tempo. Complementando a relevância da micro-história, Chartier (2010) fala do historiador Ginsburg (1989) quanto sua percepção em que considera o acesso a crenças, ritos, fontes que ocultam ou revelam como a construção de uma estrutura cultural. Colocando como a observação da micro-história sem nenhum contrassenso a uma descrição macro antropológica (CHARTIER, 2010).

No entanto, a micro-história dentro da história cultural ou nova história, para Levi (2011), possui um importante papel para o historiador que é o de interpretar os acontecimentos, não é simplesmente ajustar aparências da historiografia que não funcionam mais ou minimizar o labor do historiador em simples papel de interpretação de textos (LEVI, 2011).

Pesavento (2014) coloca que a micro-história deriva do próprio nome, ocorre uma diminuição na escala da análise e existe uma pesquisa mais intensa de um sujeito, mostrando através de fragmentos um mural mais abrangente, com maiores possibilidades de interpretações (PESAVENTO, 2014). Em outras palavras, por meio de uma história de vida podemos muitas vezes termos noção de determinada conjuntura social, cultural e política.

Para Levi (2011), não se trata simplesmente de um assunto que demonstra atenção para os agentes e os efeitos do acontecimento, de dimensões diferentes coexistentes em uma determinada sociedade, resumindo, o problema se dá em pesquisar e escrever sobre uma gama de assuntos bem complexa, sem dissipar o olhar e o espaço ou escalar cada sujeito. É olhar o povo na sociedade em que vive (LEVI, 2011).

Levi (2011) ainda faz uma diferença entre a antropologia interpretativa que compreende a visão através de uma definição homogênea dos sinais e símbolos públicos. Diferenciando-a da micro-história que busca definir e medir os símbolos e sinais dentre as várias representações sociais. Nesta o autor aponta o perigo em se perder nos sinais e símbolos da realidade social (LEVI, 2011).

Pesavento (2014) aponta outro perigo, o de ser uma condição, um fato ou um sujeito único que o historiador cultural traz à tona, podendo ser uma exceção ou um

modelo que foge dos padrões sociais. Neste momento, o pesquisador deve ter conhecimento prévio para poder localizar o micro como uma faixa social ou com representatividade em determinado núcleo social ou ainda indivíduo que foge aos padrões impostos (PESAVENTO,2014).

Através de um entrecruzamento de um maior número de relações, os historiadores da micro-história comprovam que o passado social não é um elemento fechado, já totalmente estudado, mas sim a história em construção através de novas questões e dilemas (PESAVENTO,2014).

A micro-história não tenta dissuadir os sujeitos em sua individualidade e nem a sociedade em seu saber mais amplo, mas sim, apoia na compreensão do seu saber, fato que valoriza a vida e os acontecimentos singulares. Entretanto, apropria-se de episódios individuais e, muitas vezes, que passam despercebidos, em que podem demonstrar um acontecimento mais geral (LEVI, 2011).

Para alocar a micro-história e a nova história cultura, neste trabalho de tese, usamos o aporte metodológico do tipo de estudo que corresponde a este mural cultural que é a Biografia, cujo significado, para Dosse (2015, p.123): [...] Biografia é um gênero antigo, que se disseminou tendo por base a noção de *bioi* (*bios*) e não se ocupa de retratar apenas a “vida”, mas também a “*maneira de viver*” [...] (DOSSE, 2015, p. 123). O mesmo ainda descreve que a biografia não é o fim de um estudo, mas o ponto de chegada e da elaboração, onde inicia um por vir de encontros de imagens e de informação até então muitas vezes sumidos (DOSSE, 2015). A partir de uma biografia pode surgir outros estudos em torno de um indivíduo.

Para Borges (2015, p 204) a biografia é oriunda da palavra grega “[...] *bios* = vida e *graphein* = escrever, inscrever, acrescido de *ia*, um formador de substantivo abstrato”. Ela surgiu com a terminologia biografia para explicar um “relato de vidas e parece ter ocorrido pela primeira vez em Damásio, cerca de 500 d.C”. Na França, publicado pela primeira vez em um dicionário, no *Dictionnaire* de Trévoux, no ano de 1721, Emile Littré, no *Dictionnaire de la langue française* (1800-1801), conceituou como a biografia “espécie de história que tem por objetivo a vida de uma só pessoa” (BORGES, 2015, p.204).

Para Vilas-Boas (2014) o *feeling*, de uma biografia da trajetória de vida de um indivíduo descrita com um saber delicado por outra pessoa. Incluindo “acima de

tudo”, o sujeito da pesquisa, porque existe muito na literatura obras de cunho biográfico em que a *bio* é a parcela menos detalhada (VILAS-BOAS, 2014). Para Carino (1999) p. 154:

Quanto ao sucesso das narrativas de vida, é inegável, posto que se mantêm em evidência há mais de 2.000 anos. Desde os tempos do neoplatônico Damaskios, no século V a.C., a quem se atribui a cunhagem da palavra biografia (de bios, vida e gráphein, escrever, descrever, desenhar), a narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque, suscitando interesse, quaisquer que sejam sua forma ou as intenções que motivam sua elaboração (CARINO, 1999, p.154).

A reviravolta da biografia com seu retorno, esclarece Vincent (2015), começou nos anos 1970, através da biografia onde a morte de um indivíduo e a conservação de uma fé na inteligibilidade das paixões e das intenções levou os integrantes da escola dos *Annales* a os estudos e às análises econômicas encaminhavam as mentalidades para a biografia. Com o livro escrito por Paul Murray Kendall, que publicou a biografia de Luiz XI, que comercializou 150 mil livros (VINCENT, 2015).

O escritor Kendall por sua vez influenciou Giscard d’Estaing, Mitterrand e Chirac, que de acordo com eles o escritor professor da Universidade do Kansas, Kendall repete na história que os “grandes homens” que fazem a história: “Hoje”, porém ele transcreve que, “queremos crer que nossa história é essencialmente determinada pelos movimentos de massa e de pensamento, por imperativos sociais ou econômicos”. Neste movimento surge as biografias de *São Luís* de Jacques Le Goff, de um *Saint François d’Assise* de Georges Duby, de um *Pétain* de Marc Ferro (VINCENT, 2015).

François Dosse, com o livro desafio Biográfico: escrevendo uma vida, em 1950, classifica a biografia de forma que compreende, de acordo com período e estilo, como sendo quatro classificações: Biografia da Idade Heroica, Biografia Modal, a Idade Hermenêutica (I) – a unidade dominada pelo singular, a Idade Hermenêutica (II) – a pluralidade das identidades e a Biografia Intelectual (DOSSE, 2015).

Como Biografia na Idade Heroica, durante um longo período de tempo, o gênero biográfico teve por lugar exclusivamente de identificar e valorizar os discursos das virtudes e servindo dos sujeitos e desempenhou o papel de forma educativa para futuras gerações na transmissão da moral. A historicidade se dava na inscrita que valorizasse os valores heroicos seguidos dos exemplos religiosos para tornar-se de



exemplo para a sociedade, em um mundo que os sujeitos somente existiam em torno de um encargo ou mesmo da sua função social (DOSSE, 2015).

Dentre este período se destaca a hagiografia que é a biografia dos santos, ela ensinava a humanidade a exemplo dos Santos (DOSSE, 2015). Na época do período medieval, a literatura biográfica era escrita apresentando-se como bio-hagiográfico, neste sentido somente eram enfatizadas há exemplos de mártires, santos, heroínas, heróis e santos que servissem de modelo (XAVIER, VASCONCELOS, VALE-XAVIER, 2018).

Biografia Modal neste período da escrita biográfica incide em descentralizar o proposito pelo singular da trajetória de vida e recuperar como finalidade a representação de uma perspectiva mais abrangente. Onde o sujeito somente é valorizado perante importância de ilustrar o coletivo, em que caracteriza o modelo social daquele período (DOSSE, 2015).

Dosse (2015) divide biografia hermenêutica em duas a Idade Hermenêutica (I) – a unidade dominada pelo singular, ele coloca que nesta etapa ocorre a reflexão, se perguntando quem seria o indivíduo e os processos de subjetivação abordando uma pessoa diversa. Tendo como destaque deste período as vidas anônimas, em 1970, onde entra os relatos de vida tais como os de Philippe Lejeune, tradando como um gênero híbrido, envolvendo a autobiografia e a biografia e, também pela própria ilusão biográfica botando a prova a biografia com Jacques Le Goff entre outros sinalizam. E a Idade Hermenêutica (II) caracterizada a partir da pluralidade das identidades, momento em que o homem comum, conotativo de vários vínculos, sendo mais pessoas plurais desmontando as figuras tutelares (DOSSE, 2015).

A Biografia Intelectual não compreende somente os homens simples ou de ação, mas também os escritores, os filósofos, os homens de letras, que se tornam sujeitos de pesquisas biográfica. Neste momento o indivíduo não é mais visto como ser e pelo seu cotidiano, mas o enfoque maior seria de ser notado pelas suas obras (DOSSE, 2015).

Quanto aos tipos de biografia para Levi (2016), ele as classifica em quatro: a prosopografia e biografia modal, biografia e contexto, biografia e os casos extremos e a biografia e hermenêutica.

Na prosopografia e biografia modal são encaixadas as biografias para contemplar a prosopografia que se acentua no indivíduo como modo ligado as aparências

sociais de modelo. Modal pelo fato de serem biografias que contemplam um status social comportamental (LEVI, 2016).

A biografia e contexto entra ênfase no período, no meio e na sociedade, também são fatores importantes adequadas para caracterizar um plano que explicaria a singularidade das trajetórias de vida. Porém, o contexto gira em torno da veracidade dos fatos, a duas possibilidades diferentes como cita Levi p.175-176:

Uma a reconstituição do contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos permite compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante [...] (LEVI, 2016, p. 175). Por outro lado, o contexto serve para preencher lacunas documentais por meio de comparação com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado [...] (LEVI, 2016, p. 176).

A biografia e os casos extremos tratam de alguns casos atípicos. Nesse tipo de biografia o contexto não é defendido em sua originalidade e nem estatisticamente, mas somente em suas bordas (LEVI, 2016).

A biografia e hermenêutica, também muito usada na área da educação, perpassa o campo da antropologia interpretativa, que se edificou no dialógico, com as questões e respostas através do ato de comunicar, torna um discurso para a biografia. Entretanto, estes discursos não conseguem traduzir a realidade, a total definição, ele somente pode ser explanado ou de um determinado lado ou de outro. O que faz do ato interpretativo dado, a biografia, um sentido a um texto que pode assumir gama de possibilidades e significados (LEVI, 2016).

O acontecimento é o principal de uma biografia, independente da finalidade, é obrigatoriedade do biógrafo buscar os contextos históricos e socioculturais que estão envolvidos em uma conjuntura de um indivíduo (VILAS-BOAS, 2014). Levi (2016) corrobora que a biografia é um ato interpretativo, ou seja, uma metodologia de transformação do texto, um fato biográfico que pode adquirir vários outros significados (LEVI, 2016).

Para Avelar (2012) as narrativas biográficas propõem uma espécie de escrita da história intimamente ligada nas subjetividades, nos sentimentos, modos de ver, perceber e sentir o biografado. Este, portanto é talvez considerado o maior obstáculo da pesquisa biográfica, ao falar do seu biografado, de certa maneira falamos de si mesmo, projetando alguma emoção ou certos valores (AVELAR, 2012).

Pierre Bourdieu (2016) alerta para os biógrafos sobre o que ele atribui à “biografia como uma ilusão” porque ele define a trajetória de vida como entrada de forma de contrabando no universo científico, no início sem muitos adeptos, mas que agora contagiou os sociólogos. Entre outras críticas, ele critica o fato da filosofia da história dar ciência a ciclo de acontecimentos históricos narrados cronologicamente em que muitas vezes os pesquisadores se perdem no que ele chama de fio da escrita. Outro ponto discutido é a lacuna deixada pelos documentos não encontrados que são muitas vezes discutidas de forma fictícia e incoerente pelo historiador (BOURDIEU, 2016).

Dosse (2016), para tanto, contradiz o Bourdieu no momento que salienta que o biógrafo explica as suas motivações que o levaram a narrar a trajetória de vida do biografado e pesquisar sobre sua vida, ao apresentar os seus objetivos com a pesquisa, suas fontes e seu método embasado teoricamente. O saber da escrita biográfica é hoje em dia considerado como um terreno favorável à pesquisa para o historiador capacitado a ampliar o caráter da epistemologia da história como disciplina. O inevitável ocorre no ponto de tensão entre seu lado científico e seu lado ficcional. E atribui-se ao gênero biográfico uma pesquisa científica, pois, como nenhuma outra forma de expressão, provoca a mistura do caráter híbrido, e manifesta, assim, os conflitos e as cumplicidades existentes entre a literatura e as ciências humanas (DOSSE, 2015).

Avelar (2012) defende que o retorno da biografia fez com que surgisse o interesse com preocupações de pesquisa com mais exigências, capazes de revelar as tensões dos indivíduos e a da sociedade, colocando o biografado no seu meio sociocultural, em uma relação lógica assegurando assim a história do biografado. E salienta que deve o biógrafo esclarecer ao leitor as razões do seu sujeito de pesquisa, sua metodologia de pesquisa, assim, como fontes e conceitos (AVELAR, 2012). A biografia é hoje, uma fonte para se conhecer a História. Uma razão para se produzir uma biografia é a curiosidade sobre uma pessoa, mas também sobre o tempo em que viveu, sobre a comunidade em que vivenciou (BORGES, 2015).

E nessa persistência que a biografia se transmite por meio da confiança de que o biografado vai continuar a viver pelo que demonstra, não pelo modo como muitas vezes é narrado (VILAS-BOAS, 2014). Rodrigues (2013) salienta que os ensaios biográficos podem ser agregados para dar um aporte mais fidedigno em detalhes e mais consistente à pesquisa histórica, o que vem de acordo com os relatos de Hilda Flores, no

tempo em que relatou a sua história de vida, sua pesquisa histórica literária relacionada com o período que vivenciou historicamente.

Valorização da história de vida através da biografia de acordo com a autora e organizadora Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), em sua coletânea “História e histórias de vida: da ênfase a alguns educadores que fizeram parte da história da educação no Rio Grande do Sul”. Em que, reflete a trajetória de vida destes educadores citados no estado do RS com o entrelaçar da vida profissional de cada sujeito, impressiona, um rico arcabouço para ser pesquisado, mostrando sujeitos anônimos, que no futuro se tornaram referência para discentes consultar em todos os tipos de graduação, em especial, para discentes de educação, história, filosofia, sociologia entre outras áreas do saber que contribui para a história da educação (ABRAHÃO (Org.), 2004).

A importância da genealogia para Hilda, como neta de imigrantes Boêmios, é tão forte que impulsiona na sua trajetória de vida como historiadora de Boêmios alemães do império Austro-Húngaro. A Biografada Hilda Flores perpetua esta memória histórica dos fatos, cultura e de uma sociedade que devido as guerras Europeia, por séculos, Primeira e Segunda Guerra Mundial, cuja disputas territoriais culminou na expulsão dos Boêmios e dispersão do território que atualmente pertence a Tchecoslováquia. O que Vincent (2015) aponta como sendo uma “angústia identitária” que perturba os sujeitos com várias inquietações e algumas destas são de fundo cultural e social. Esta por sua vez faz despertar para a genealogia que conquistou os Franceses nos anos das décadas de 1960. O fato do crescimento da urbanização na sociedade industrializada e a mobilidade geográfica faz com que o francês busque seus antepassados. O progresso das sociedades, das ciências e da cultura faz surgir novas inquietudes: “[...] não podendo prever para onde vamos, já é tranquilizador saber da onde viemos. Em sua necessidade de estar ligado a alguma coisa, o homem busca suas raízes” (VINCENT, 215, p. 2015).

Loriga (2011) advoga que a “[...] vida se estende atrás de nós, rumo ao passado, pelo viés da lembrança, e adiante, numa expectativa, cheia de temor ou esperança, voltada para o por vir” (LORIGA, 2011, p. 137). Neste sentido, através das memórias de Hilda Flores podemos rever o passado em vários aspectos e refletindo no sentido do que ainda veem por vir no futuro comparado ao passado.

A cronologia de uma biografia está sempre dependendo do balanceamento decorrente entre a história e o fato literário, neste contexto ocorreu mudanças e ressignificações na temporalidade – como a opção e a reelaboração dos acontecimentos e

da maneira da narrativa. Acontece neste cenário uma ambiguidade, onde vários biógrafos optam por uma narrativa cronológica da vida de seus biografados desenvolvendo a partir do nascimento, o desenvolvimento quanto criança, o percurso de trabalho, o amadurecimento, até a morte. Entretanto, Loriga ainda salienta que existe exceções como a ordem inversa começado pelo declínio e morte até o nascer. (LORIGA, 2011, p.18).

Na biografia de Hilda Flores procuramos iniciar pela temporalidade de sua genealogia - seus avós imigrantes século XVIII, seus pais no século XIX -porque esta influenciou diretamente no conjunto das vivências da biografada. Desencadearam seus costumes socioculturais e as memórias históricas herdadas, e o que a fez emergir no seu trabalho como pesquisadora de imigrantes Boêmios e mulheres no sul do Brasil.

No que se refere a biografias de vivos, Vilas-Boas (2014) apresenta que se o biografado está vivo, ele se torna mais especial e pode evitar dois riscos permanentes e onipresentes: “o primeiro colocar a obra acima da vida; e, o segundo predestinar, o que, a meu ver, pode ser decorrência do primeiro, como estou tentando investigar” (VILAS-BOAS, 2014, p. 112).

Pesquisas com metodologia biográfica podemos redimensionar alguns problemas referentes a história das ciências sociais. As biografias evitam a forma política do passado, trazendo à tona as desigualdades sociais (AVELAR, 2012). Para o historiador e educador Rui Rodrigues (2013), a biografia na educação coopera como forma de aprendizado da cultura, socialização do indivíduo, e contribui para o desenvolver das habilidades do discente. É um tema que abarca uma gama de possibilidades que pode vincular com todos os fatos sociais (RODRIGUES, 2013; CAXILE, 2019).

Um relato e as implicação da memória ou do esquecimento que podem ser coletivas, sociais, singulares, em constante transformação, envolvendo crenças, saberes, mitificações, tradições culturais que se manifestam através da temporalidade, logo, não significa somente atos de resgate, pois, é a reconstrução do passado através de referências atuais (SILVA, 2012). Como a contribuição da história oral como aporte metodológico conseguimos permitir, por meio das narrativas a promoção das “histórias dentro da história” e, desse modo, ampliamos as possibilidades de interpretação dos acontecimentos passados (ALBERTI, 2015).

A leitura da biografia faz com que se perceba a dimensão de áreas importantes da História, que se entrelaçam ou mesmo se confundem, e amplia a quantidade de temáticas que abrangem a vida social. Pois:

“à micro-história, os estudos de caso; a História oral, as histórias de vida; os trabalhos sobre vida cotidiana, sobre sensibilidade, sobre sociabilidade. Também as discussões sobre memória, sobre geração, sobre família, sobre gênero são de grande interesse para quem precisa entender uma vida individual” (BORGES, 2015, p.215).

A história oral é uma metodologia de pesquisa que surgiu a partir da metade do século XX com a invenção do gravador, com uso de fita. Ela é baseada pela efetivação de entrevistas gravadas com sujeitos que participaram ou estiveram presentes em alguns acontecimentos ou momentos de tempos passados e do presente. Estas entrevistas tem o foco de ser contextualizada como forma de abranger um projeto de pesquisa. (ALBERTI, 2015).

Os primeiros estudiosos da história oral moderna são os pesquisadores poloneses William Thomas e Florian Znaniecki que se radicaram nos Estados Unidos e entre 1918 e 1920 publicaram histórias de vida de imigrante poloneses, onde se utilizaram das narrativas destes imigrantes, através de vídeo e gravador, entorno do contexto migratório que viveram (ALBERTI, 2015). Podemos aqui fazer uma analogia em parte, pois assim, como estes pesquisadores a professora e historiadora Hilda Flores no momento que estuda a história da imigração Alemã e de Boêmios para o sul do Brasil faz uso sem querer de trechos relatados por imigrantes e seus descendentes.

Outro fato marcante foi no ano de 1948 para História Oral, onde surgiu a *Columbia University Oral History Research Office*, programa de História oral da Universidade de Columbia com os principais incentivadores os professores Allan Nevins e Louis Starr em Nova York. Ao mesmo tempo na Europa iniciou algumas manifestações como as narrativas de relatos de chefes da Resistência Francesa no imediato pós-Guerra, e as narrativas de indivíduos que vivenciaram a Segunda Guerra Mundial. Já o México contribuiu para dar mais credibilidade a História Oral ao final da década 1950, por meio do Instituto Nacional de Antropologia do México, que abordou os relatos dos chefes da Revolução Mexicana que ocorreu entre os anos 1910 e 1911, pesquisado mais a fundo pelas pesquisadoras Alicia Olivera e Eugenia Meyer, nas décadas de 1960-1970. O historiador francês Philippe Joutard descreveu estes estudos como sendo o que ele

denominou como a primeira geração da História Oral, em sua obra *Ces Voix qui nous viennent du passé* - Essas vozes que nos vêm do passado (ALBERTI, 2015).

A década de 1960 representou época da militância da História Oral com as “entrevistas de história de vida” que atingiu em foco as ciências sociais. Logo na sequência, dez anos depois, em 1970, houve a tendência de tornar a História Oral como metodologia. Em 1973 surge a revista *Oral History Review*, da Oral History Association, fundada em 1966 nos Estados Unidos, e a publicação *Oral History*, da Oral History Society na Inglaterra. Na cidade Essex, na Grã-Bretanha ocorreu o primeiro encontro de pesquisadores da Europa e dos Estados Unidos em 1978 (ALBERTI, 2015).

No Brasil a História Oral surgiu na década no ano de 1970, mas apenas no início dos anos dos anos de 1990 a História Oral teve seu auge mais significativo através de canais de comunicação entre outros países (FERREIRA e AMADO, 2016). Entretanto, Aspásia Camargo, em dezembro 1989, em sua apresentação para o Livro “História Oral: a experiência do CPDOC publicado em 1990 por Verena Alberti, ela comenta a sua experiência quanto pesquisadora no ano de 1975 quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC, neste programa havia somente ela como pesquisadora e um estagiário. No início a intenção era apenas para coletar material e sujeitos que poderiam ser testemunhas da década de 1930 e que funcionou como um fio condutor em que muitos destes que participavam ativamente como heróis deste movimento de 30, também estiveram presentes nos movimentos de 1964, fazendo uma rica coleta de narrativas de cunho histórico e sócio-político (ALBERTI,1990).

A autora Verena Alberti fundamenta que a História Oral chegou ao Brasil mais expressivamente em 7 de julho a 1 de agosto de 1975, quando foi organizado o I Curso Nacional de História Oral, como equipe de trabalho do congresso o Subgrupo de História Oral do grupo de Documentos em Ciências Sociais (GDSCS), formado em dezembro do 1974 por integrantes da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, da Fundação Getúlio Vargas e do Instituto Brasileiro de Biografia e Documentação, além de alunos e pesquisadores que participaram do encontro (ALBERTI, 2015).

Em 1994, surgiu a Associação Brasileira de História Oral e uma publicação de um Boletim que veem impulsionando pesquisadores que utilizam da História oral como ferramenta de trabalho em todo o país. Em 1994 aconteceu o II Encontro de História Oral na cidade do Rio de Janeiro; em 1995 o I Encontro Regional da Região Sul-Sudeste em Londrina; e no ano de 1996 o III Encontro Nacional na cidade de Campinas. Estes

foram os três grandes encontros que alavancaram as pesquisas e discussões sobre a temática da História Oral no Brasil (FERREIRA e AMADO, 2016).

A entrevista em História Oral é a primeira relação do pesquisador com a pessoa entrevistada, com opiniões e saberes diferentes, porém, possuem o mesmo interesse por uma determinada realidade ou fato. O interesse se dá pelo conhecimento do entrevistado da sua trajetória de vida e o pesquisador pelo conhecimento da temática da pesquisa. Tem se aí conjuntura entre pessoas estranhas, as vezes, gerações e culturas diferentes que começam a comunicação sobre a mesma temática (ALBERTI, 2013). A entrevista em História Oral é o resultado do que chamamos de documento oral, ou seja, suporte material derivado de gravação da narrativa. Esta documentação quando gravada tem o propósito de registro e torna-se uma fonte oral (MEIHY e HOLANDA, 2015).

Entrevistas são fontes, são pistas para conhecer o passado. No caso da História Oral, as narrativas do passado concedidas são estas pistas. Mas isso não significa que antes de conhecer estes relatos não existiu um passado, o mais significativo é que podemos agora entender outras versões de certos fatos passados através da História Oral (ALBERTI, 2017).

Para que a entrevista ocorra de maneira satisfatória o pesquisador deve ter a distinção entre “perguntas” e “estímulos”. O que de fato significa que o biógrafo ou pesquisador deve conduzir o menos possível a entrevista para que o narrador possa seletivamente encontrar o espaço na sua memória das respostas e dos acontecimentos sucessivos (MEIHY, RIBEIRO, 2011). Delgado (2010) complementa que as mais perfeitas narrativas são aquelas que deixam fluir as palavras naturalmente incluindo as lembranças, registros, lembretes, omissões, emoções, compreensões etc. São estas manifestações singulares que valorizam a trajetória de vida e dão sustentação a sociedade (CALDAS, 2010).

Delgado (2010) contextualiza que a História Oral se classifica, para dar conta da responsabilidade de coletar as narrativas ou depoimentos para fins de pesquisa, em três tipos de entrevista: *depoimento de histórias de vida*, que contribui com depoimentos com riqueza de detalhes, leva um maior tempo, envolve as vezes entrevistas com roteiros - abertos(livre narrador), semiestruturados (algumas perguntas para nortear a pesquisa) e estruturado (o pesquisador elabora as perguntas e o sujeito responde à medida que são perguntadas respeitando uma cronologia elaborada pelo pesquisador), - desta maneira obtemos uma comunicação entre o entrevistado e o entrevistador; As *entrevistas*



*temáticas*, que surgem como experiência ou momentos e fatos que foram vivenciados ou fizeram do entrevistado narrador de uma temática específica. A *trajetória de vida*, que fazem parte das entrevistas mais breves, menos detalhados, e são depoimentos de história de vida (DELGADO, 2010). A pesquisa da intelectual e historiadora Hilda Flores entra na abordagem da primeira categoria, *História de vida: reconstrução da trajetória de sujeitos históricos*, porque no desenrolar desta tese procurou-se reconstituir e interpretar a história de vida da biografada. Com a cronologia por ela elaborada, com riqueza de detalhes e considerando subjetividades.

Meihy e Holanda (2015) colocam que a História oral é dividida em três gêneros: a *história de vida*; a *história oral temática*; e a *tradição oral*”. A *história oral de vida* é a essência em que os historiadores viam maior fragilidade decorrente das subjetividades e olhares micro, porém, a história oral conseguiu encontrar o seu espaço como uma área diferente que possibilita outros olhares neste meio. Assegura na narrativa provinda da memória uma área que se configura uma fonte de documentos úteis à história. Neste gênero os organismos narrativos que são embasados em fatos, vão além, admitindo fantasias e omissões (MEIHY, HOLANDA, 2015).

Temos também uma distinção apontada por Alessandro Portelli (2016) que faz uma diferenciação entre a *fonte oral* e a *tradição oral*. A primeira apontada por ele a pontada por ele é defendida como *fonte oral* é aquela esta atribuída quando comentamos sobre a história oral, que é além de uma ferramenta usada pela história, pois as fontes orais são mais complexas, envolvem questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e conversadas com o trato das fontes com o olhar de pesquisador, pois elas não são encontradas e sim *cocriadas* pelo pesquisador historiador. A segunda à *tradição oral* ela é construída através de repetições de construtos verbais formalizados com o tempo e repassadas para o historiador (PORTELLI, 2016).

A história passou a considerar a “oralidade” na medida em que ela torna para analisar novos fatos e fundamentar historicamente narrativas com aportes de novas fontes ou concepções de acontecimentos passados, envolvendo, principalmente o social e cultural (FERREIRA, AMADO, 2016). A capacidade de comunicação de ideias é decisiva e faz parte desta historicidade, onde a atitude de narrar faz com que ocorra uma interiorização e transformação da sociedade ao, reconhecer um novo sujeito na sociedade. Significa falar de outros interlocutores ou espaços sociais, com diferentes conflitos,

interesses, condições, diversidade, e, entre outros aspectos que muitas vezes os governos e registros oficiais tentam esquecer (MONTENEGRO,2013).

Para Portelli (2016) a História Oral uma metodologia que abre um espaço mais articulado de novas informações e ressignificações do passado para fins de uso de fontes orais nas Ciências Sociais e na História (PORTELLI, 2016). Meihy e Holanda (2015) corroboram ao dizer que a História oral se constitui de vários procedimentos que começam com a elaboração de um projeto de pesquisa, com uma delimitação em torno de um objetivo, e define entrevistados envolvidos naquela temática ou como testemunhas Meihy e Holanda (2015) complementam afirmando que o projeto:

[...] prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas” (MEIHY, HOLANDA, 2015, p.15).

Como procedimento metodológico, a história oral caminha na pesquisa buscando por construção de fontes e documentos, registrando, por meio das narrativas e testemunhos, novas informações ou confirmações variantes e interpretações sobre a história em diferentes dimensões: fatos, narrativas pelo tempo, espaço, divergências e consenso. Não se trata de uma simples narrativa de vida, mas sim, do registro de narrativas sob a ótica da história vivida (DELGADO, 2010). O reconhecimento da história oral vê, através do saber que reside da probabilidade de constituí-la, como uma categoria da informação científica, que passa a ser uma resposta. Sendo então uma “boa história” justificada por ela mesma, pela singularidade e por favorecer um debate com o coletivo (MEIHY, HOLANDA, 2015)

Desenvolveu-se aqui um estudo biográfico utilizando a metodologia da história oral biográfica (ALBERT, 2015) entrecruzada com outros documentos pertinentes – documentos pessoais, prêmios, fotografias, livros, jornais e panfletos de cursos - para contar a história de vida de Hilda Agnes Hübner Flores, ressaltando sua formação educacional e contribuições como intelectual, lançando luz sobre a temática da imigração Alemã no Rio Grande do Sul. A metodologia em questão foi pertinente para o desenvolvimento desta pesquisa pois possibilitou a investigação e a consolidação desta tese desde as memórias e narrativas de Hilda e de pessoas que observaram e vivenciaram a trajetória de vida de Hilda. O que permitiu outro olhar acerca dos fatos narrados pela história oficial acerca de acontecimentos que perpassaram a história de vida da biografada

(FERREIRA; AMADO, 2016). Acontecimentos estes como a sua infância, a imigração, o preconceito, a educação e luta de mulheres pelo espaço na sociedade.

A história oral aborda um conhecimento que permeia as lembranças, os esquecimentos, as subjetividades, interagindo com infinidade significados, significações, ressignificações, representações psíquicas e sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, conhecimentos de vida e afinidades (TURATO, 2018). Permitindo assim, efetuar novas interpretações que os seres humanos constroem sobre si mesmos e os outros, elucidando os seus sentimentos em relação ao seu pensamento em torno da vida individual e coletiva. Denota-se ainda que os termos “grupal”, “cultural”, “social” ou “coletivo”, envolvidos com a metodologia da história oral, significa o resultado de vivências que são embrincadas umas nas outras, articulando comunitariamente a constituição de identidade social decorrentes de memórias (MEIHY, HOLANDA, 2015; ARAÚJO e SOARES, 2019).

Minayo (2013) assevera que a história oral é considerada, no domínio da pesquisa qualitativa, um formidável instrumento para o seu desdobramento, ao mesmo tempo que se torna relevante ao avaliar os sentimentos e a forma que as pessoas compreendem seu passado, que vinculam sua experiência individual a seu contexto coletivo, que interpretam e vão resinificado o presente. Por isso, a história oral oferece material para descrição de época e possibilita levantar questões novas e de diversos níveis de abrangência, assim como corrigir teses consagradas ou inconsistências teóricas (LE GOFF, 2014).

A gravação da oralidade tem o benefício de registrar a narrativa literalmente, liberando o pesquisador para dedicar-se com mais atenção ao entrevistado, seus gestos, semblantes e entonações (LÜDKE; ANDRÉ, 1992, p. 137). Thompson (2002) corrobora com essa possibilidade ao inferir que “[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”.

Para os autores Clandinin e Connelly (2015) as narrativas ficaram tão íntimas da disciplina de história “*no rolar de bolinhas de gude*”, que ficou sob julgo de alguns críticos como uma simples associação da gravação comparado com um ato de contar história. Entretanto, a pesquisa narrativa, vivida no campo da pesquisa qualitativa, é demonstrada como uma conjuntura do modo de vida do sujeito e a sua trajetória na sociedade (CLANDININ, CONNELLY, 2015). Urge referir uma citação de Rodrigues:

Contudo, a história oral, por seu aspecto particular e por utilizar matéria-prima de natureza psicológica, subjetiva e peculiar, exige do pesquisador sensibilidade epistemológica específica e aguçada, em função da dificuldade de síntese científica, na medida em que os objetos de produção da narrativa se diversificam e se modificam (RODRIGUES, 2017, p. 64).

Portanto, a história oral é uma fórmula que participa de uma metodologia de pesquisa e, para Meihy e Holanda (2015), ela é uma técnica atual com a finalidade de elaborar registros, documentos, acervos e pesquisas no âmbito da experiência social dos indivíduos e do coletivo. Conhecida como a História do tempo presente e também denominada como história viva. Para os autores Meihy e Holanda:

“[...] Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas - principalmente mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, pessoas com necessidades especiais, além de migrantes, imigrantes e exilados - têm encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias [...]” (MEIHY, HOLANDA, 2015, p.26-27)

A pesquisa de campo da história oral é mais comovente e isso gera um bônus é o de que as pessoas terem mais apreço pelo estudo do passado [...] (FERREIRA e AMADO, 2016). A história é uma soma total que entra o passado, o presente e o futuro. Assim interpretada como importante, pois o conhecimento do passado, que comporta uma síntese acontecimentos sociais, vai originar o presente e potencializar as futuras gerações (RIBEIRO, 2004).

A história oral acadêmica, conhecida pelo rigor acadêmico, deve seguir princípios acadêmicos envolvendo ética, procedimentos operacionais justificados e, também, teoria (MEIHY, RIBEIRO, 2011). Para Caldas (1999), a oralidade deve considerar três etapas da linguagem que são: a verbalização, seu aprisionamento gráfico, e a memória.

Sendo que a memória é uma disposição do presente a partir de situações do passado, e o predomínio do fato (lembrança), é o que permanece na memória, assim como a representação, significado e símbolo que vão formar a seleção das lembranças que ficam armazenadas (RODRIGUES, 2017). De acordo com Delgado (2010), a memória é intrínseca da vivência da temporalidade, do escorrer do tempo e do entrecruzamento de vários tempos. A memória é responsável por modernizar o tempo passado favorecendo para que ele seja no presente interpretado como vivo na memória e cheio de significados (DELGADO, 2010).

Rodrigues (2013) salienta que “[...] a oralidade promove excepcional relevância à memória na pesquisa histórica, sem subtrair relevo aos demais desafios próprios da pesquisa histórica [...]” (RODRIGUES, 2013, p.23). No entanto, estudos acadêmicos e práticas a história oral, fonte oral ou anamnese, para Minayo (2013), que consiste em uma técnica de pesquisa considerada no campo acadêmico, que é classificado como estudo qualitativo, e é, no entanto, um importante aliado para novas descobertas, principalmente nos ensaios e na busca de achados no tocante a avaliação do ser humano. Também auxilia na compreensão sobre o passado, pesquisando através da memória conhecimento singular e seu contexto social, fazendo uma interpretação ressignificado a partir do momento atual (MINAYO, 2013).

Na fisiologia, Guyton e Hall (1997) referem que o processo de concepção da memória consolidada (ou de longa duração) engloba múltiplos mecanismos como mudanças físicas, químicas, e anatômicas nas sinapses, e que, fisiologicamente, visam que a memória de curto prazo (tempo aleatório) seja convertida à memória de longo prazo, que é a memória consolidada.

Quanto a fenomenologia da memória, para Paul Ricoeur (2018) demonstra uma preocupação entre o que apoia a memória, que seria a lembrança da linguagem e da imagem. Ele fundamenta esta preocupação sintetizando como que a linguagem se apoia na imaginação e a imagem na lembrança afirma que a memória é com certeza o melhor recurso fisiológico do ser humano para armazenamento do passado, embora aja a deficiência do esquecimento (PAUL RICOEUR, 2018).

Já a historiadora Ecléa Bosi (2016) cita duas memórias que para que o passado perpetue atuam no presente, mas não de forma iguais. Uma é a *memória-hábito*, a memória dos mecanismos motores onde o corpo armazena esquemas motores de comportamento e que muitas vezes usa no seu comportamento cotidiano na sua ação. A outra é a *imagem-lembrança*, nesta a lembrança sem filtros vem à tona devido a um momento único que a desperte, as vezes não repetido e irreversível da vida, sendo que o surgimento dele possui um caráter não mecanizado (BOSI, 2016).

O reconhecimento das imagens na memória, de acordo com o filósofo Henri Bergson (1990), segue três passos, sendo que o primeiro vem ao encontro da ideia de Ecléa Bosi, onde Bergson diz que “o passado continua a viver sob duas formas apontadas: uma sendo como o mecanismo motor o outro em lembranças independentes”. Já o segundo e o terceiro passo passam por:

II - O reconhecimento de um objeto presente se faz por movimentos quando procede do objeto, por representações quando emana o sujeito.  
III – Passa-se, por graus insensíveis, das lembranças dispostas ao longo do tempo aos movimentos que desenham sua ação nascente ou possível no espaço. As lesões do cérebro podem atingir tais movimentos, mas não as lembranças (BERGSON, 1990, p. 60).

Esta III sentença de Bergson foi o que aconteceu com a exemplo na nossa coleta de dados que veremos mais a frente com a nossa testemunha o Sr. Cláudio Fröhlich falecido recentemente, mas que eu consegui entrevista-lo e sua memória estava com uma lucidez e lógicas impressionantes apesar do avanço da idade, também comprovados pelo fato de ter escrito suas lembranças o que ajudou a armazenar o que Le Goff comenta na sequência.

Para Le Goff (2014), a solução para o armazenamento da memória é o emprego de uma linguagem falada, a escrita seria um ato fundamental para promover probabilidades de armazenamento da memória do ser humano, que possibilita saímos do alcance físico do nosso corpo para compartilhar com os outros seres humanos, promovendo a socialização de saberes. Memória que, antes de ser comunicada ou escrita, foi um tipo de linguagem que se apresentou como armazenamento de informações na nossa memória. (LE GOFF, 2014, p.389).

Jacques Le Goff, no seu livro “História e memória”, aponta a presença de seis situações problemáticas citadas em Rodrigues (2013, p. 23-24):

- 1) As relações entre a história vivida e o esforço para pensar, compreender ou explicar o vivido.
- 2) As relações da História com o tempo, com a duração, seja o tempo natural ou cíclico – como é o caso do clima e das estações -, seja o tempo vivido e registrado, dos indivíduos e das sociedades.
- 3) O diálogo entre o passado e o presente, ou entre presente e o passado.
- 4) O problema da previsão, do vaticínio, do descortino do futuro.
- 5) A distinção das diferentes durações históricas na perspectiva das diversas ciências sociais, oportunidade em que o autor citado registra. A longa duração ressaltada nesta transcrição repõe o debate sobre as relações da História com o estruturalismo e sobre a possibilidade lógica de uma História imóvel.
- 6) Finalmente, o autor sublinha o deslocamento da história do homem para a história do homem em sociedade e, desta, para uma história da natureza, fato que induz ao problema da demarcação do próprio objeto da história.

Quando criança, não recebemos do passado somente os fatos da história escrita; somos persuadidos a entrecruzarmos os fundamentos da história vivida, ou melhor, a partir da sobrevivência das pessoas mais idosas que fazem parte do nosso grupo.

Sem estas experiências de socialização existiria apenas o abstrato para lidar com os fatos do passado, mas não seria memória (BOSI, 2016). Por isso a memória dos idosos pode ser trabalhada como um intermediário entre a nossa geração e futuras gerações e as lembranças do passado. Existem ainda outros mediadores que transmitem memória como as instituições escola, igreja, etc; que fomentam a cultura (BOSI, 2018).

O interessante em trabalhar com a memória de idosos permite se deparar com horizontes de uma cultura que amplia o crescimento profissional formando o pesquisador e a sociedade onde ele está inserido, no momento da pesquisa (BOSI, 2018). Para os autores Le Goff (2014) e Delgado (2010) a memória e a história são espaço de poder, embora marcadas por etiologias diferentes, são em comum o antídoto do esquecimento (LE GOFF, 2014; DELGADO, 2010).

A memória é um elemento efetivo do que se costumamos denominar de identidade particular ou coletiva, ela está ligada ao cotidiano das sociedades de hoje, e envolve a angústia dos tempos (LE GOFF, 2014). Para Caldas (1999), sem o passado não existiria memória e, assim sendo, ela é aporte para o presente, referência para o coletivo. Com isso, compreendemos não somente a memória como sendo individual, mas como parte da memória coletiva e construção social, que envolve simbolizam a vivência de várias pessoas de experiências diferentes (CALDAS, 1999). A memória incorporada não é somente uma lembrança no âmbito individual, no entanto, é o que foi capitulado em nível de memória coletiva, compartilhada, com ressignificações, resultado de um labor coletivo. Diante disto, temos uma mescla da memória individual com a coletiva, em que aquele que relembra identifica um momento coletivo já passado (PESAVENTO, 2014).

Não é apenas compreender os aspectos da memória social na história, entretanto, é entender como a história tradicional vem se modificando do que lembramos do passado em relação a vivência e da cultura contemporânea (THOMPSON; FRISCH; HAMILTON, 2016). Ou seja, a memória seja ela singular ou coletiva, ainda confere um estado do passado, sendo ela mais eficaz do que muitos livros de história. Também a memória se demonstra como testemunha e fiadora da vivência de um passado que já foi e não é mais presente, mas respaldado na memória (CHARTIER, 2010; SOARES e VIANA; 2016). Paul Ricoeur (2018), através dos ensaios publicados de Maurice Halbwachs, permitiu a inclusão da memória para ponderar, criticar e incluir a memória de grupo ou sociedade (PAUL RICOEUR, 2018).

Alberti (2017) coloca um certo hermetismo em relação a memória, pois afirma que é complexo saber como ela comporta-se nos processos cognitivos do indivíduo, principalmente em relação ao passado. Ela explica que existem autores que caracterizam a memória como sendo um sexto sentido de tão fascinante e desconhecido que ainda é o assunto em sua total capacidade (ALBARTI, 2017). Os autores Bueno e Cárdenas (2018) ressaltam a importância da memória individual e coletiva para a reconstrução do passado ao lecionarem:

La consideración de asumir la memoria en plural, es decir, memorias, tiene otra posibilidad. Se valida, entonces, la perspectiva de memorias, en tanto hay diversas voces, usos e interpretaciones, de modo que se sale de la univocidad del término y se lleva al lector a un plano más teórico, cuando se asume su existencia en varios planos: la memoria individual y la colectiva<sup>4</sup> (BUENO; CÁRDENAS, 2018, p. 45).

Por meio, da memória individual ou coletiva podemos atribuir novos resinificados do passado, ou mesmo, contribuindo num coletivo maior para recuperar certos detalhes da história.

Já para Loriga (2011), o passado não é um patrimônio perdido que deve ser recuperado, mas uma herança viva, uma força, uma energia geradora de sentido. Cada fenômeno pode ser digno da história, tudo depende da sua vitalidade e de sua repercussão (LORIGA, 2011, p.112). Le Goff (2014) salienta que, nas diferentes sociedades existentes, os sujeitos são fontes genéticas com um vasto saber armazenado na sua memória de longo prazo, temporal ou ativa (LE GOFF, 2014).

Assim, para recuperar a memória individual ou coletiva para esta pesquisa o *locus* da pesquisa foi escolhido as cidades de Porto - Alegre -RS, Santa Cruz do Sul - RS, Venâncio Aires - RS, Estrela – RS e São Leopoldo – RS, locais em que existem instituições onde Hilda Flores frequentou e/ou frequenta, ou seja, que fazem parte da sua trajetória de vida e nas quais residem os informantes que foram entrevistados e guardavam documentos, objetos e demais aportes importantes como fontes para a pesquisa.

Os biógrafos que conhecem seu sujeito de pesquisa quando estão vivos podem assimilar melhor um aspecto de seus biografados; podem até ter percepção de sua personalidade e uma imagem na qual darão suporte as suas evidências documentais. Em

---

<sup>4</sup> Tradução da autora: A consideração de assumir memória no plural, isto é, memórias, tem outra possibilidade. A perspectiva das memórias é válida, enquanto há diferentes vozes, usos e interpretações, para que saia da univocidade do termo e o leitor é levado a um nível mais teórico, quando sua existência é assumida em vários planos: memória individual e coletiva.



determinados momentos, os documentos podem entrecruzar essa imagem do sujeito da pesquisa, mas isso não desmerece o resultado da pesquisa porque os sujeitos são resultados de documentos de trajetória de vida e, depois, do documento à vida (VILAS-BOAS, 2014). Desta maneira, não podemos nos contentar somente em compreender a documentação, é, neste caso específico, necessário refletir a *partir* da documentação (LORIGA, 2011).

O escritor Boris Kossoy (2018) incide em discutir a imagem no que tange a fotografia, como um resíduo do passado. Ele a considera como um momento registrado em um instante. Na história cultural a fotografia se faz como meio de transmissão de expressão múltiplas em todos os grupos sociais. O mais especial é que ela está intrinsecamente ligada a memória e ao estudo iconográfico fotográfico do passado, quando se analisa o fato. Um documento, um objeto de época, que caracteriza várias informações da realidade fotografada, da vida daquele período (KOSSOY, 2018).

A apreensão, com a constituição dos sentimentos ou as práticas de significação, colocou a fotografia em um local privilegiado para a história como documento capaz de constituir categorias, estruturas e práticas sociais (LIMA; CARVALHO, 2015). Neste sentido, a imagem para ser lida possui uma simbologia em significados para uma determinada época, que provocam emoções e sentidos, são testemunhos, registros (PESAVENTO, 2014).

A coleta de dados iniciou-se em setembro de 2016 e prosseguiu-se, intercaladamente, pelos meses de dezembro de 2017, junho de 2018, setembro de 2018, dezembro de 2018 e janeiro de 2019. Isso porque o doutorado era realizado no Ceará e a coleta dos dados no Rio Grande do Sul. Utilizava-se os períodos de férias ou de ausência de disciplinas a serem cursadas para realizar a viagem para coleta de dados.

A maior parte das fontes foram as oralidades coletadas por meio da história oral, procedimento que utiliza a oralidade como epicentro da pesquisa, mas permite que as narrativas concorram com outros suportes documentais (MEIHY, HOLANDA, 2015). No entanto, as narrativas indicavam documentos, instituições e outros aportes que foram visitados para ampliar a compreensão acerca da pesquisa. Salienta-se que as entrevistas foram coletadas em horário, local e data previamente combinada com os informantes, respeitando suas limitações.

A história oral propiciou a aquisição do discurso dos agentes gravados, que foram analisados respeitando-se suas palavras, registrando, na medida do possível, emoções, silêncios e demais observações pertinentes em diário de campo. No caderno de campo foram anotadas as informações importantes sobre conversas informais, comportamentos, cerimônias, festas, instituições, gestos e expressões que importavam à pesquisa (MINAYO, 2013). Denota-se que após a coleta das entrevistas, realizou-se uma transcrição na íntegra do material gravado em áudio digital (gravador SONY de propriedade da pesquisadora), em seguida procedeu-se a textualização e, por fim a validação. A proposta foi se debruçar na realização de uma transcrição o mais fiel que permitisse uma textualização válida.

Compreendendo que a transcrição perpassa pela leitura de mundo do pesquisador e de suas subjetividades, os relatos impressos provenientes das narrativas orais foram posteriormente validados mediante a técnica de estrutura do discurso (FLICK, 2009), efetivada pela leitura e análise do texto pelo informante, que teve a oportunidade de realizar acréscimos e retiradas incorporando outras subjetividades e confirmando as informações transcritas. Para posteriormente assinar o termo validação das narrativas textualizadas.

Um fato que formou um impasse metodológico foi que primeiramente gostaria de desenvolver a tese em forma de diário de campo, desenvolvendo-o à medida que encontrava sequencialmente os fatos. Quando fui coletando os dados e lançando as transcrições digitalmente percebi que a coleta não se dava retilínea e sim com idas e vindas cronológicas da vida da biografada. Todavia, resolvi não descartar o diário de campo e sempre que possível registrar os acontecimentos relevantes durante a pesquisa, que foram observados e transcritos, porém ele se tornou muito relevante devido a conotação das dificuldades e o próprio desenrolar da pesquisa de campo que se torna interessante ser descrito.

Os arquivos encontrados nesta pesquisa para a elaboração da biografia de Hilda Flores seguem particularmente as indicações de Pujadas Muñoz (1992, p. 14), em especial: a) documentos pessoais - diários, correspondência, fotografias, vídeos, matéria publicada, etc.; b) registros biográficos (obtidos pela pesquisadora por meio da pesquisa, via registro de narrativas e de documentos oficiais); c) História de Vida de Relatos Cruzados, preferentemente às de relato único. No desenvolvimento da pesquisa utilizamos as quatro etapas descritas por Muñoz (op.cit., p. 14): a) etapa inicial; b)

registro, transcrição e elaboração das Histórias de Vida; c) análise e interpretação; d) apresentação e publicação.

O autor Alfred Schultz (1964) enfatiza que cada ser humano é um ator social que pode conhecer o acontecimento de maneira singular, entretanto, as suas vivências são guardadas na memória e revelam sentidos que transcorrem pelo convívio coletivo, gerando assim, interpretações dos fatos que não se minimiza a soma dos elementos, mas sim a percepção dos modelos culturais e das particularidades do coletivo. Nesse aspecto, a história oral é social, sobretudo porque o sujeito só se explica na vida comunitária (MEIHY, HOLANDA, 2015). Por esse motivo foram consideradas as subjetividades e interpretações dos entrevistados.

A discussão proveniente da análise de dados levou em consideração, também, as principais fontes documentais acerca da história de vida da intelectual Hilda Flores, entrecruzada com a literatura produzida pela biografada no que diz respeito a história da educação e imigração (*Der Ewige Brunnen e o Schimarong Lied*<sup>5</sup>, Memórias de um Imigrante Boêmio: Josef Umann, Canção dos imigrantes, História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, Imigrantes boêmios, etc., e com aportes teóricos como o do autor Cláudio Carlos Fröhlich, entre outros.

A devolutiva da pesquisa será efetivada mediante a publicação e socialização de um livro da tese, artigos científicos em revistas e com a participação em congressos. Assim como também será realizada a entrega de cópia para a professora Hilda, bibliotecas públicas e para familiares e entidades acadêmicas e literárias em que a biografada percorreu e frequenta.

---

<sup>5</sup> Tradução autora “A Fonte Eterna e o Schimarong Mentiram”.

## **2. QUEM É HILDA AGNES HÜBNER FLORES**

### **2.1. A infância de Hilda Flores**

Na Revolução de 1930, período em que a sociedade brasileira crescia rapidamente com a urbanização e emanava ampliação dos setores secundários e terciários; a comunicação radiofônica transmitia informações aos lares brasileiros acerca de outros povos – alemães, franceses, italianos - trazidas pelo cinema, como os movimentos operários elaborados pelos anarquistas e a inclusão dos imigrantes na economia nacional. Entretanto, o governo federal parecia não acompanhar o progresso, sem dar solução às crises geradas na sociedade, na área econômica e política (FLORES, 2013).

O candidato Getúlio Dornelles Vargas do partido da Aliança Liberal, perdeu a eleição para Júlio Prestes de Albuquerque em uma eleição considerada fraudulenta, pois era realizada pelo governo, e aquele momento não existia Justiça Eleitoral. Júlio Prestes passou a não apoiar os cafeicultores que enfrentavam grandes dificuldades financeira e começou a perseguir estados que apoiaram Getúlio Vargas como Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Sul (FLORES, 2008).

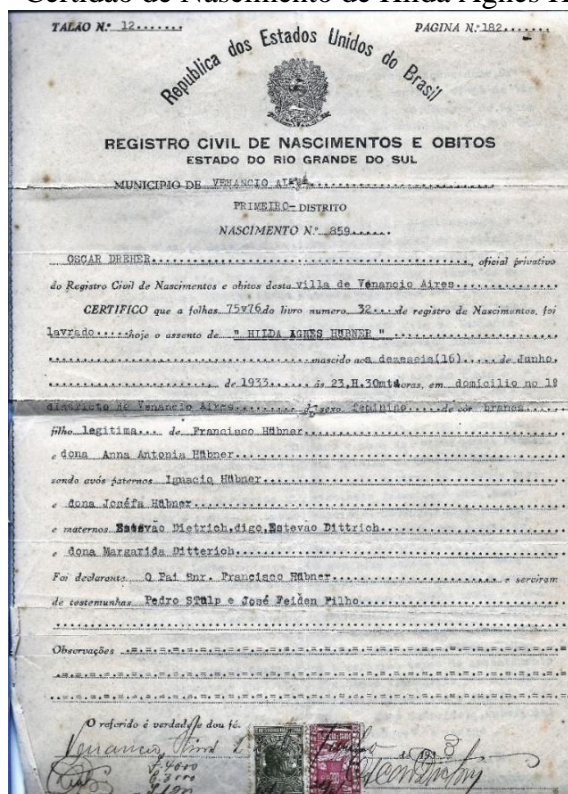
A Revolução de 30, em 03 de outubro de 1930, surge como um movimento político-militar que é determinante para o final da Primeira República, onde o presidente Washington Luís é deposto. Culminou na primeira era Vargas (1930-1934), este nomeado como governante provisório do Brasil. E em seu primeiro ato, com ideias do Partido Republicano Liberal, aniquilou o Congresso, as assembleias estaduais e câmaras municipais, conseqüentemente, extinguindo todos estes mandatos (MAURO, 1974; SCHWARCZ, 2017). Assembleia recém constituída através da reforma constituinte no ano de 1933 iniciava a preparação da nova constituição em que favorecesse o executivo via o seu poder reforçado e alongado aos domínios social e cultural. As profissões, como tais, eram representadas no Congresso. O presidente, eleito por quatro anos, não era reelegível (MAURO, 1974). Convocou para os estados interventores, e no RS foi nomeado o senador da República General José Antônio Flores da Cunha, uma das cabeças mais importantes do movimento revolucionário (FERREIRA FILHO, 1974).

O novo Código Eleitoral promulgado pelo governo de Getúlio Vargas, no ano de 1932, deu direito ao voto à população feminina deixando de fora os analfabetos. No ano de 1933 as mulheres Brasileiras votaram em eleições parlamentares (MAURO, 1974;

SCHWARCZ, 2017; VILAS-BOAS, 2014). Getúlio Vargas, sem muita popularidade, inclusive, no dia 25 de abril de 1933 sofreu um acidente justificado pela polícia como sendo uma pedra que rolou abaixo e acertou o carro, o que foi para muitos uma tentativa de atentado (LIRA NETO, 2013).

Neste contexto histórico-político com forte influência da Revolução de 30, e em plena era Getulina, ano em que a mulher votava pela primeira vez, nasceu a historiadora de imigrantes boêmios, intelectual, envolvida em movimentos de mulheres, estudo sobre mulheres e educadora Hilda Agnes Hübner Flores, no primeiro distrito em Linha Duvidosa, comunidade do interior de Venâncio Aires - RS, distante da capital do estado Porto Alegre - RS aproximadamente 128,5 Km, no dia 16 de junho de 1933, às 23hs e 30min, no domicílio de seus pais com se constata na certidão de seu nascimento.

**Imagem 2** – Certidão de Nascimento de Hilda Agnes Hübner Flores



**Fonte:** Arquivo pessoal da biografada Hilda Agnes Hübner Flores, set. 2016.

Hilda foi a penúltima filha do casal Francisco e Anna Antonia Hübner, descendentes alemães e boêmios agricultores humildes que tiveram doze filhos. Na certidão de nascimento (imagem 1) consta que ela foi registrada pelo oficial de Registro Oscar Dreher, obtido na chamada Vila de Venâncio Aires. No documento também constam os nomes de seus avós maternos -Estevão e Margarida Dietrich - e paternos - Ignacio e Joséfa Hübner.

Hilda é bisneta do casal Franz Dietrich da Boêmio e Anna Dressler de Maxdorf. Alemães, que imigraram em 1876 do porto de Hamburgo na Alemanha, e neta de Ignaz Hübner e Josepha Neumann, boêmios que imigraram no ano 1873 para o Brasil. Seus pais Francisco Hübner e Anna Antonia Hübner contraíram matrimônio em 11 de fevereiro de 1893, na cidade de Venâncio Aires-RS, na igreja católica de São Sebastião Mártir. O pai de Hilda era descendente de Boêmios que vieram para Linha Sompainho<sup>6</sup>, localidade pertencente a Lajeado – RS, enquanto a sua mãe era de Linha Duvidosa, interior de Venâncio Aires – RS. Logo, sua família era constituída de imigrantes Boêmios e Alemães (HÜBNER FLORES, 2018).

De acordo com a biografada, a professora Hilda, os seus pais frequentavam a Capela de São Miguel em Linha Santa Emília a 5 km da localidade de Linha Duvidosa, onde residiam. O Pároco desta Capela não era autorizado a realizar o ofício do casamento, somente confissões, missas e batizados (FRÖHLICH, 2005). Logo, o casamento de seus pais, Anna Antonia e Francisco Hübner, foi realizado em 11 de fevereiro de 1911 na Igreja de São Sebastião Mártir, no município de Venâncio Aires - RS.

**Imagem 3** – Foto do casamento de Anna Antonia e Francisco Hübner<sup>7</sup>



<sup>6</sup> Localidade na época do interior da cidade de Lajeado – Rio Grande do Sul – Brasil hoje pertencente a Santa Clara do Sul – RS – Brasil distante 28,7 Km de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul – Brasil.

<sup>7</sup> Não posso deixar de fazer o comentário de um acidente causado por minha parte. Esta foto é feita em papelão e estava envergada devido ao tempo e, mesmo cuidando com o scanner, ela se quebrou quando eu estava digitalizando-a. Fato que na hora me trouxe uma profunda tristeza, no entanto, foi acalmada por

**Fonte:** Arquivo pessoal da biografada Hilda Agnes Hübner Flores, dez. 2016.

Importa atentar para a imagem 3 e lembrar que antigamente as mulheres germânicas casavam de preto, conhecidas como “noivas de preto”. Por alguns motivos era conveniente está cor: o vestido serviria para todas as ocasiões durante sua vida; por falta de recursos e não poder se dar ao luxo de comprar várias peças de roupas, pois o tecido era caro; trouxeram este hábito de respeito a cerimonia de certas localidades da Europa com a imigração e para manter a roupa limpa no interior e livre da sujeira (ROSA, 2009). Esta moda de casar-se de preto mudou a partir do casamento real da Rainha Vitória da Inglaterra, que casou em 1847. Porém, o novo estilo só foi chegar no interior das colônias de imigrantes alemães no Rio grande do Sul em 1912, quando a irmã de Anna, tia de Hilda, casou-se de branco (HÜBNER FLORES, 2018).

Um fragmento de conversa com Hilda Flores que aguçou a minha curiosidade quanto pesquisadora foi a frase: *“Uma parente minha distante iria se casar, um casamento tardio e que naquela época era obrigação primeira casar religiosamente, não pode viver juntos sem casar”* (HILDA FLORES, setembro de 2016).

Um dos fatores que contribuía para essa concepção de época sobre o casamento pode ser atribuído a responsabilidade da religião, demonstrada através dos séculos como uma espécie de código de normas morais a serem seguidos e transmitidos de geração em geração. A Bíblia faz um relato a respeito do casamento em várias passagens onde podemos destacar aqui como exemplo a do livro de Hebreus, capítulo 13, versículo 4: “Vós todos considereis o matrimônio com respeito e conservai o leito conjugal imaculado, porque Deus julgará os impuros e os adúlteros” (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 1538).

De acordo com Santirocchi (2011), durante a independência do Brasil, assim como na organização do estado imperial, a igreja Católica em 1824 tinha a responsabilidade de realizar os registros de atestados de óbitos, nascimentos e de casamento. Em 1863 foi concedido, através de Decreto n. ° 3 069 o casamento com direitos civil a acatólicos. E com a implementação do registro civil iniciou-se em 1874-1875, nos cartórios das grandes cidades, o registro do casamento civil. A separação do

---

Hilda e Moacyr gentilmente, que me tranquilizaram esclarecendo que já tinham cópia digitalizada da foto. Moacyr Flores esposo de Hilda, também historiador, ainda conseguiu restaurar a foto deixando ela de uma maneira que ficou legível.

estado e da igreja se deu a partir da Proclamação da República, após um decreto criado no ano de 1890 que considerava válido somente o casamento civil (BRANDÃO, 2001).

Em determinados momentos se tornou muito rígida, pois no ano de 1890, somente permitia casar religiosamente se houvesse a união civil. Porém, como Hilda afirma, foi muito complexo para comunidades rurais aceitarem como prioridade o ato civil, estas comunidades da zona rural do Brasil, no entanto, se baseavam principalmente como centro da moral e bons costumes o casamento religioso. Em 1946 a Constituição reconhece o casamento religioso com efeitos civis para solucionar este empasse de época (BRANDÃO, 2001).

Para compreender a trajetória de vida de Hilda temos que abordar a história do povo boêmio que imigrou como Alemães ou Austríacos do Império Austro-húngaro, pois faz parte da história de sua genealogia e Hilda trabalha com pesquisa em torno desta temática, destacando-se como referência em estudos sobre imigração alemã no RS e como pioneira nos estudos imigrantes boêmios no RS.

Quais foram as motivações para que os boêmios imigrassem para o Brasil? Foram vários os motivos, mas podemos começar pelo interesse brasileiro. Para o Brasil, após a independência de Portugal em 1822, era interessante ocupar o território do estado do Rio Grande do Sul, de menor número populacional, para proteger suas fronteiras, visto que estas sofriam explorações envolvendo disputa de terras com países vizinhos (HÜBNER FLORES, 2004).

O incentivo à imigração de alemães para o Brasil, no ano de 1824, deu-se através de políticas que recrutavam famílias de agricultores e ofereciam 77 hectares de terras produtivas, era uma oferta muito atraente para quem tinha pouco na Europa e sofria com o frio e a pobreza (HÜBNER FLORES, 2015). Felipe Braun (2010) complementa inferindo que as vantagens oferecidas por Dom Pedro I e a Imperatriz Leopoldina (Alemã) contemplavam ainda os custos dos imigrantes durante a viagem, a garantia de cidadania Brasileira, a disponibilidade de lotes de terra, os auxílios básicos para sua manutenção, a educação para seus filhos, as disponibilidades de utensílios de trabalho, a liberdade de culto e a isenção de impostos durante anos. Todas essas condições se mostravam muito atraentes aos alemães.

Os primeiros imigrantes foram os renanos - povo situado ao oeste da Alemanha na região da Renânia -, que foram alocados na cidade de São Leopoldo – RS.



Depois vieram os pomeranos – povo oriundo da localidade situada hoje em dia entre a Polônia e Alemanha, alemães originados da Pomerânia. E na década de 1870 chegaram os primeiros boêmios - povo que enfrentou muitas guerras onde moravam na região central da Alemanha, território pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico, do império Austríaco e do Império Austro-Húngaro, que após a Segunda Guerra foram expulsados, estando até hoje (2019) esta região pertence a República Checa. A estes foram destinadas as propriedades rurais no interior das localidades de Agudo, Nova Petrópolis e Venâncio Aires, no estado do Rio Grande do Sul, onde se dividiam lotes de 25 hectares de terra, “mato” (HÜBNER FLORES, 2015).

Duas confusões fizeram parte deste processo imigratório dos Boêmios. A primeira foi porque em seus passaportes constavam que eram austríacos, porém muitos de seus descendentes tiveram dúvidas acerca de sua origem, se eram alemães ou austríacos, e na verdade eram alemães com registro indevido. A segunda confusão ocorreu na chegada, na cidade de Porto Alegre – RS, onde foram registrados como lavradores e na verdade eram lapidadores de cristal ou tecelões (HÜBNER FLORES, 2015). Por serem lapidadores e tecelões não tinham habilidades com o labor da vida de agricultores e no início tiveram várias dificuldades com o plantio, que se mostrou desastroso nas suas primeiras safras no Brasil (UMANN,1937; HÜBNER FLORES, 1981; BRANDENBURG, FIALHO, SANTANA, 2015).

Outros motivos que levaram os boêmios a buscar por outra pátria são descritos por Josef Umann em seu livro Memória de um Imigrante Boêmio traduzido por Hilda Agnes Hübner Flores (1981), para o qual a tradutora explicita: *Josef Umann é o principal e o único memorialista completo que transcreveu suas memórias desde sua infância na boêmia, processo imigratório e o início da colonização de Linha Cecília - Venâncio Aires – RS* (Hilda Flores, setembro 2016). Josef Umann escreve em seu livro fatores que levaram a migração dos alemães ao Brasil: a fome, devido aos invernos rigorosos; as doenças, que abatiam a região da boêmia; as constantes guerras civis entre alemães; o desemprego; e as cartas animadoras de parentes que já haviam imigrado para o Rio Grande do Sul. (HÜBNER FLORES,1981).

A chegada nas Colônias e Linhas, assim chamadas pequenas localidades no interior das cidades do RS colonizadas geralmente por imigrantes alemães e italianos, não foi tão fácil e agradável como se imaginava. Assim como o exemplo de Umann, registrado pelo autor Cláudio Carlos Fröhlich em seu livro Colônia de Santa Emília – Venâncio

Aires (2005), ao qual dedicou aos pioneiros e pioneiras desta localidade, os relatos de antigos moradores, transmitido de geração em geração, onde deixa descrito o seguinte cenário de dificuldade encontrado no Brasil:

[...] enfrentar obstáculos maiores: apenas um estreito pique em meio à mata empurrava os pioneiros, em fila indiana, rumo à nova “*Heimat*”<sup>8</sup> Não é difícil imaginar a cena: ponteando, os homens com seus facões e foices, facilitando a passagem. Algumas espingardas, preparadas para imprevistos. [...] E as mulheres e crianças? Vinham por último; algumas no lombo de mulas, segurando crianças de colo. Em cima de cargueiros<sup>9</sup> seguia a mudança: provisões para sobrevivência no mato, chás e alguns medicamentos, roupas do corpo e para acomodação à noite, apetrechos de cozinha e os indispensáveis equipamentos agrícolas para a derrubada do mato, limpeza e preparo da terra virgem. Por último, os que controlavam o andar da caravana. Encarregados da companhia colonizadora, com certeza, os acompanhavam (FRÖHLICH, 2005, p. 37).

Entretanto, o que realmente aconteceu, de acordo com Moraes (1981), foi que os imigrantes enfrentaram viagens exaustiva e ficaram isolados e esquecidos por um longo tempo em decorrência da falta de estradas e escolas, ou a falta de pessoal qualificado que introduzisse elementos nacionalistas como a própria língua portuguesa. Circunstancia que fez com eles se organizassem em pequenas localidades ajudando-se mutuamente no aprendizado do novo ofício de agricultores, única atividade que poderiam desenvolver para adquirir o mínimo para o sustento da família.

Para escolarizar as crianças, na ausência de escolas, o que se fazia era escolher uma pessoa da comunidade que fosse mais letrada, para ser professor leigo, realizando aulas em sua própria residência. Com o tempo, os imigrantes foram construindo uma igreja, uma escola e uma sociedade para transmitir valores culturais e a língua alemã. Edificações que perduraram por gerações no estado do Rio Grande do Sul (HÜBNER FLORES, 2004).

*Continua até hoje a localidade de linha duvidosa também... naquela época havia uma mobilização da comunidade quando chegaram. Na época dos meus avós que moraram lá, era bastante para frente. Ela tinha uma casa comercial, forte tinha uma escola. Agora não tem mais e tinha uma sociedade. Isso eram três coisas básicas assim... e depois a medida que os moradores tinham safra melhores, eles melhoraram a casa, melhoraram o interior da casa... isso aí... então era... depois ela ficou meio esquecida a sociedade e a casa comercial, as coisas são mutáveis, elas são dinâmicas. Outras progredirem ali não teve mais... a não ter mais... Até a casa comercial hoje fechou. A última vez que eu fui lá estava fechado, está à venda e ninguém quer comprar... a casa*

---

<sup>8</sup> Palavra alemã que significa casa.

<sup>9</sup> O autor aqui se refere a carroças que eram puxadas por bois.

*grande...* (HILDA FLORES, setembro de 2016).

Em dezembro de 2017 estive em campo, acompanhada novamente da professora Hilda Flores e do seu esposo Moacyr Flores, para pesquisar um pouco mais sobre a comunidade de Linha Duvidosa, no interior de Venâncio Aires, tentando localizar algum colega de escola vivo neste local e averiguar fatos que permeavam a vida de Hilda. Na ocasião, o sobrinho de Hilda Flores, Roque Finkler, e sua esposa, Laura Teresinha Becker Finkler, que atualmente residem na casa construída pelos pais de Hilda, gentilmente se ofereceram para levar-nos a essa localidade no interior de Venâncio Aires, onde o acesso é parte por asfalto e outra parte de estrada de chão. Na imagem 4 se pode ver a casa comercial, a sociedade e um salão de baile, que estavam abandonados. Tais edificações remotam à época da colonização Boêmia da década de 1870.

**Imagem 4** – Casa comercial e a sociedade em Linha Duvidosa



**Fonte:** Arquivo pessoal da Pesquisadora, dez. 2017.

Tais edificações remotam à época da colonização Boêmia da década de 1870 na parte de madeira em que funciona a casa comercial, a sociedade e o salão de baile. O proprietário com o passar dos anos com o progresso da comunidade e a chegada de mais imigrantes fez sua casa de alvenaria ao lado.

Na imagem 5 podemos ver o casal de anfitriões juntamente com seu filho Mateus, Hilda e Moacyr Flores sentados em um banco abaixo de uma árvore em frente à casa e o café colonial ofertado pelos atuais proprietários da casa de infância da professora Hilda.

**Imagem 5** – Anfitriões Roque e Laura Finkler



**Fonte:** Arquivo pessoal da Pesquisadora, dez. 2017.

Descrição da imagem: Mateus Finkler, Moacyr Flores, Hilda H. Flores, Laura e Roque Finkler.

No contexto de pós imigração, como descendente de imigrantes boêmios da região da Alemanha, em uma pequena comunidade rural de Linha Duvidosa, cresceu Hilda Agnes Hübner Flores. Sua infância foi diferente da dos demais irmãos mais velhos, pois seus pais já tinham mais idade e já estavam adaptados a vida no Brasil, com maior estabilidade econômica. Seu pai havia delegado sua educação inteiramente para a mãe, esta, por sua vez, somente tinha o 4º ano primário, mas era muito culta, pois lia muito e era hábito cotidiano todas as noites realizar a hora da leitura na família Hübner.

Nos laços do matrimônio eram definidos papéis desde o sexo biológico, onde as tarefas atribuídas à mulher consistiam em cuidar do lar, zelar pela educação dos filhos, limpeza da casa, o ato de cozinhar, dentre outros afazeres domésticos (PINKY, 2017). Neste período, as mulheres no Sul e em outras localidades do nosso país começavam a ser consideradas responsáveis pelo desenvolvimento e pela civilização, percebendo-as ainda como criadoras e educadoras das novas gerações (PEDRO, 2017). No caso da família de Hilda não era diferente, sua mãe era responsável pela educação dos filhos, pelas atividades domésticas e pela higiene do lar.

Antigamente, na década de 1910, os casais como Anna Antonia e Francisco Hübner constituíam base familiares numerosas com a finalidade de força de trabalho agrícola para a aquisição da subsistência familiar (SILVA e CHAVEIRO; 2009). Outro fato importante para se conceber famílias numerosas era que não existia anticoncepcional na época em questão. A pílula anticoncepcional só surgiu em 1960, nos Estados Unidos

da América, e no Brasil chegou por volta de 1962 (RICHERS, ALMEIDA, 1975; PEDRO, 2003).

*As famílias antigamente eram muito numerosas por dois fatores: a ajuda que os filhos dariam na lavoura e não havia métodos anticoncepcionais, sabia-se que enquanto a mulher amamentava não engravidava (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

No caso dos pais de Hilda, imagem 5, os filhos eram gerados em intervalos de tempo muito curto, mal a mulher parava de amamentar e já engravidava novamente como comprova a genealogia da família. A primogênita filha do casal foi Berta Hübner Ehlert ★15/11/1911 †19/09/2004 com 93 anos, a segunda filha foi Elsa Luiza Hübner Freitag ★15/06/1913 †28/07/1999 com 85 anos e o terceiro filho Alberto José Hübner ★14/07/1915 †17/11/2002 com 87 anos, a quarta irmã de Hilda é a senhora Emma Hübner Hickmann ★17/07/1917 †27/03/2007 com a idade de 89 anos, o quinto irmão Hugo João Hübner ★21/09/1919 †18/04/2014 aos 94 anos de idade, Rosa Hübner Finkler ★04/07/1921 †09/01/2011 com 90 anos, e o, sétimo irmão é o senhor Otto Stephano Hübner ★09/08/1923 †03/06/1978 aos 55 anos (HÜBNER FLORES, 2018).

Quando Hilda refere-se que todos temiam que ela teria a morte como destino se deve ao fato dos seus três irmãos nascidos anteriormente faleceram prematuramente. Se trata dos gêmeos e seus oitavo e nono irmãos, Aloysius Hübner ★04/12/1927 †07/01/1929 com 1 ano de idade e Antonius Hübner ★04/12/1927 †11/01/1929, ambos faleceram de uma doença chamada crupe que restringe a uma infecção bacteriana na faringe, laringe, traqueia e brônquios. E sua irmã, a décima filha de Anna Antonia e Francisco Hübner, falecendo devido a uma queda, Maria Lina Hübner ★24/09/1929 †15/09/1930 (HÜBNER FLORES, 2018). A minha biografada Hilda, como dito anteriormente, na genealogia da família, é décima primeira filha e nasceu em 1933 e a penúltima filha da família, salientando ainda que é única viva dos irmãos e hoje possui 86 anos.

A décima segunda irmã de Hilda se chamava Luiza Clara Hübner que nasceu em 10/12/1934 e faleceu em 24/12/1935 com quase dois anos de idade devido a meningite (HÜBNER FLORES, 2018). Podemos observar que Hilda teve em sua história familiar a morte prematura de quatro irmãos. Na imagem 6 a seguir demonstra a família Hübner na

década de 1930 em que as duas crianças pequenas são os primeiros sobrinhos de Hilda. Sendo que Hilda é a menina em pé ao lado direito do pai.

**Imagem 6** – Família Dittrich Hübner



**Fonte:** Hilda e Moacyr Flores, dez. 2017.

**Descrição:** na primeira fila sentados estão os primeiros sobrinhos de Hilda Bruno e Tereza no colo da irmã Bertha Ehlert, ao lado a mãe Anna Antonia Dittrich Hübner, o irmão Hugo João Hübner que ex.-Ir. Alfredo Luiz, o pai Francisco Hübner, ao lado do pai Hilda Agnes Hübner, ao seu lado as irmãs Elsa Luiza Freitag e Emma Hickmann. Na fila atrás, temos a irmã Rosa Hübner, José Antonio Ehlert cunhado de Hilda casado com sua irmã Bertha, Alberto Hubner, Otto Estefânio Hubner, Jacob Freitag casado com Elsa e Reinoldo Hickmann casado com Emma.

Esta imagem 6 demonstra o retrato de época 1930 onde todos pareciam congelado, como de costume sérios e observamos que uma das irmãs de Hilda Elsa Luiza Freitag e Emma Hickmann já usava uma roupa mais clara, assim, como o irmão Otto Estefânio Hübner e o cunhado Jacob Freitag com terno mais claro. Outra curiosidade mencionada por Hilda Hübner Flores, nesta imagem é o fato do irmão Hugo João Hübner no momento desta foto, se chamava Alfredo Luiz, pois naquele momento avia se entregado a sua vida ao serviço da igreja católica como padre. Grande sonho de sua mãe ter um filho padre ou freira, mas com o tempo ele desistiu do sacerdócio.

Entre os anos de 1930 e 1945 as políticas de saúde para a crianças eram precárias, mas já começavam a surgir, no entanto, para aqueles colonos esquecidos que tiveram que formar sua própria sociedade isoladamente, onde os pais eram responsáveis pela total tutela dos filhos incluindo nisso o fomento a saúde e a escolaridade, a assistência à saúde era quase inexistente.

A pesquisadora Cristina (1993) destaca que a orientação da política de saúde voltada para a criança no período de 30 a 45, na primeira era Vargas, era de que o Estado impunha à família o encargo pela saúde de seus membros e a responsabilidade pelo futuro

destas. Ao mesmo tempo tentava, reforçando práticas educativas em saúde, minimizar o fator da pobreza e a falta de conhecimento em saúde da população alemã que migrou para o Brasil, que era insipiente, o que acarretou em muitas mortes prematuras (FONSECA, 1993).

Hilda ressalta a importância da sua mãe, que foi autodidata conseguindo, através de leitura e com os recursos que dispunha, resolver o problema de provável otite e amenizar a pequena deformidade que ela apresentou ao nascer. Hilda explica:

*Pois é... minha mãe teve que cuidar... do meu segundo problema meu pezinho era bem torto. Minha mãe pensou: “bom ou minha filha não vai caminhar ou eu consigo dar um jeito”. Porque pediatra não havia e traumatologista muito menos, naquela época não havia. E nem recursos para ir para Porto Alegre nós tínhamos... Está então como, aonde a minha mãe soube? Não sei, sei que ela lia muito... ela lia e procura do que ela precisava, a maneira de educar os filhos sempre foi essa. Quando eu comecei a caminhar eu andava de sapatinho e o sapatinho ela tinha pregado, colado uma tabuinha... então eu pisava em cima da tabuinha e meu pé caía ou para fora que não caía para dentro... então eu pisava corretamente... ela obrigou meu pé a usar a sola do pé. Então, está aqui... meu pé tem problema hoje, mas eu caminho normalmente (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Como podemos observar através deste relato de Hilda a sua mãe tornou-se uma influência importante na sua vida. Vilas-Boas (2014) ressalta que os biografados remetem muito às mães e salienta que a épocas as mães são símbolos mitológicos constante na história da humanidade, e ela deve ser mesmo reconhecida como tal, a medida de que cada mãe que zela está atrás um universo de crenças e saberes repassados (VILAS-BOAS, 2014, p. 50).

Em dezembro de 2017, na casa materna de Hilda, percebi que veio à tona uma lembrança que estava adormecida em sua memória, uma triste e saudosa emoção ao se deparar com seu antigo quarto e uma boneca a qual deixou minha biografada muito emocionado ponto de ficar tonta. Justificando a tontura como decorrente do calor que beirava a sensação térmica de 40°C daquele dia, ou de sua labirintite. Ecléa Bosi (2018) salienta que a casa onde uma criança cresce forma um rico arquivo de memórias que são muito caras, além de se perpetuarem durante anos em nossas mentes formando parte do que somos (BOSI, 2018).

O mal-estar também decorria nitidamente das suas lembranças. Em cima da cama havia uma simples boneca. Neste exato momento Laura Finkler perguntou: “*ah é a boneca tia? Sei que lhe deram quando sua irmã faleceu*”. Após Hilda tomar um copo de



água pedi para que ela contasse a história da boneca (imagem 7). Hilda emocionada relata:

*[...] Eu tinha uma irmãzinha chamada Luiza me lembro vagamente que brincava com ela. E uma vez pegamos o giz de marcar tecido de cima da mesa onde minhas irmãs estavam cortando moldes para fazer vestidos com minha mãe. Nós pegamos para brincar de desenhar debaixo da mesa. Minhas irmãs começaram a procurar rrsrsrs. Essa boneca eu ganhei quando perdi minha irmã Luiza, morreu no dia 22 ou 24 de dezembro, uma coisa assim, então isso faz 70 anos, sei lá... tinha muita criança, mas ninguém brincava com esta boneca. Olha só ficava em cima da mesa da sala... e não sei de que maneira conseguiram comprar essa boneca, mas após a morte da minha irmã acordei com a boneca no dia seguinte. Minha mãe disse que minha irmãzinha havia virado uma estrelinha. Era a psicologia da época me deram uma boneca para suprir a carência (HILDA FLORES, dezembro de 2017).*

**Imagem 7** – Boneca presenteada por seus pais e conservado em residência de Roque e Laura Finkler



**Fonte:** Arquivo pessoal da Pesquisadora, dez. 2017.

Sobre o material que era feita esta boneca, de acordo com Laura Finkler esposa de Roque, destaca-se que a boneca: [...] *era feita de celuloide, não se faz mais boneca de celuloide, é de plástico o mesmo material da bola de ping pong.* (Laura Finkler, dez, 2017).

Sobre a irmãzinha de Hilda, motivo pela qual ela ganhou a boneca, podemos dizer novamente que chamava Luiza Clara Hübner e faleceu de meningite, em 24 de dezembro de 1935, com um ano de idade (Hübner Flores, 2018). Passando-se 83 anos da



sua morte, e com esta imagem da boneca, Hilda retornou a um passado esquecido no qual Agostinho (2015) faz uma analogia sobre o milagre da memória armazenada esquecida como em cômodos de um palácio, onde um cômodo traz à lembrança como através de um fato, um objeto que leva a memória perdida:

[...] dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que os nossos sentidos apanharam, e tudo que ali depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento (AGOSTINHO, 2015, p. 218).

Por outro lado, a autora Ecléa Bosi (2016) complementa sobre o extremo da lembrança pura, imagem-lembrança que: “[...] *traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o carácter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória*” (BOSI, 2016, p. 49). Para Le Goff (2014) a memória, é como um bem que se arquiva adequadas informações, despachando em primeira estância a uma série de funções psíquicas, devidos a estas informações os seres humanos podem resignificar impressões ou informações de fatos que representam como passado (LE GOFF, 2014).

A residência centenária de Hilda Flores, onde ela passou a sua infância (imagem 8), é considerada um patrimônio cultural de Venâncio Aires – RS, mantida por descendentes da Família. Os imigrantes alemães trouxeram o estilo arquitetônico de construção quando construíram suas primeiras casas no Brasil replicando a praticidade da construção com a beleza.

**Imagem 8** – Casa centenária pertencente à família de Roque e Laura Finkler



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora dez.,2017.

A casa erguida em 1917 pelo Sr. Francisco, pai de Hilda, foi desenvolvida com a madeira da própria propriedade misturando-a com alvenaria. Como demonstra a imagem 8, da casa materna de Hilda Flores pertencente ao sobrinho Roque Finkler e sua esposa Laura Finkler, que procuram preservar os cômodos e a casa em sua estrutura original, construindo, apenas, ao lado, uma casa para melhor conforto do casal e filhos. Hilda relata sobre a casa:

*A minha casa era estilo Enxaimel sala e a cozinha unidas, pois já havia chegado fogão Berta a lenha eles uniram as duas partes, porque desapareceu ameaça de incêndio. Por isso que eles faziam as casas separadas. Minha casa natal foi meu pai que construiu em 1917, com os filhos chegando precisavam de casa maior. Construíram com dois degraus meio altinhos...e para ela chegar na cozinha são cinco degraus (HILDA FLORES, setembro de 2017).*

**Imagem 9** – Varanda que une a casa centenária pertencente à família de Roque e Laura Finkler



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora dez.,2017.

Sobre a ameaça de incêndio que Hilda refere as casas dos imigrantes alemães era construída em estilo Enxaimel<sup>10</sup>. Estas casas eram geralmente arquitetadas separando

---

<sup>10</sup> Sobre a arquitetura em alemão chamado o estilo por “*Fachwerk*” quer dizer em português Enxaimel, não se sabe ao certo a origem se é Germânica ou Açoriana, porém sabemos que é de ascendência Europeia surgindo nas suas cidades nos séculos XVII e XVIII (GÜTTGES, VALQUES; 2003)

a cozinha por um corredor da sala e dos quartos porque o forno que possuíam naquele período provocava incêndios com facilidade (BRANDENBURG, FIALHO, SANTANA 2015; HÜBNER FLORES, 2018). Quando chegou o famoso fogão Berta com as bocas tampadas por ferro os imigrantes uniram a parte dos quartos e sala com a cozinha por meio de uma varanda coberta e arejada (imagem 9). A (imagem 10) demonstra um pouco dos objetos guardado e mantidos por gerações sob a guarda do casal Roque e Laura Finkler.

**Imagem 10** – Sala de refeições, baú trazidos pelos imigrantes e panelas usadas pela família



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora dez.,2017

Roque Finkler ainda acrescenta que Hilda Flores sempre foi a historiadora da família e ainda se refere a preservação de objetos na casa: [...] *procuramos manter o paneleiro antigo com as panelas de ferro e o baú trazido pelos imigrantes desta família. Sobre a tia, ela sempre foi a historiadora da família, quem sempre procurou manter a memória viva* (Roque Finkler, sobrinho de Hilda, dez, 2017). Hübner Flores (2015) explica em seu livro “Imigrantes Boêmios” que muitas vezes todos os pertences vindos pela família de imigrantes da Alemanha se encontrava em um baú, como roupas e também utensílios agrícolas como enxada, pois sabiam já de antemão que iriam imigrar para uma região de zona agrícola.

Voltando a falar um pouco da comunidade onde Hilda Flores passou sua infância, uma curiosidade como pesquisadora me ocorreu e que Hilda já havia pesquisado. O porquê do nome de Linha Duvidosa? Neste momento, Hilda relata o terceiro episódio de sua infância que a marcou, uma travessia que quase lhe tirou a vida

ao passar pelo Rio Duvidoso que corta esta pequena comunidade agrícola de Linha Duvidosa, interior de Venâncio Aires. Hilda descreve:

*Porque ele era de passagem duvidosa. Na hora chuvarada, ela enchia muito, então não dava para passar. Aí ficou conhecida a localidade pelo nome do rio que corta. Eu tinha meus cinco anos e a minha mãe me convidou para nos irmos à Linha Santana. Uma parente minha distante iria se casar, um casamento tardio e que naquela época era obrigação primeira casar religiosamente, não pode viver juntos sem casar. Bom, quando nós chegamos esse arroio ele tinha enchido muito, não dava para passar, mas alguns moradores tinham feito uma ponte pensa era de duas varas... tínhamos que andar lado a lado pisando. Mesmo assim, na metade do arroio, quando eu vi nós despencamos. Possivelmente eu que era guriazinha devo ter pisado mais forte para um lado, aquele lado virou e nós despencamos, trouxemos outra taquara junto ou seria um corrimão. Fomos parar dentro do rio, era a enchente de quarenta e a correnteza tinha trazido uma rocha, um pedrão em que a água da correnteza corria pelos dois lados, pois a pedra separando a água. A minha mãe caiu de joelho em cima da pedra e quebrou rótula. Então ela ficou com uma mão segurando na pedra e com a outra mão segurando o que ela tinha na mão? As sombrinhas, uma bolsa com documentos e a mim que ela não podia largar, pois se largasse eu morreria afogada. Nós começamos a gritar, me lembro assim que com todo o volume da minha voz, eu gritei tanto que os vizinhos ouviram... vieram com cordas porque sabiam que a passagem era duvidosa... Como nos tiraram eu não sei, eu sei que eu fui primeiro a entrar até um certo ponto...a minha mãe conseguiu passar a corda por mim e eu fui a primeira a ser salva e depois tiraram a minha mãe (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Em uma matéria publicada no Jornal Folha do Mate, da cidade de Venâncio Aires, no dia 27 de dezembro de 2007, página três, (imagem 11) disponibilizada pela última diretora e também unidocente<sup>11</sup> Márcia Inês Stülp Finkler da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Miguel, há o registro de quando Hilda começou sua jornada de estudante, em que também confirma a história contada por Hilda a respeito do nome da localidade.

Na matéria, o agrimensor Hennig explica a origem do nome da localidade de Linha Duvidosa. Ao final do ano de 1862 Hennig e seu ajudante deveriam selecionar mais lotes agrícolas para novas famílias de imigrantes. Nesta inspeção, percorrendo o trajeto do Arroio Sampaio, em determinado trecho, deparou-se com um grande volume de água e anotou em seu caderno a palavra entre parentes (*dúvida*). Mais tarde, por volta de 1874, começaram os primeiros pioneiros a formar uma comunidade ao entorno deste segmento

---

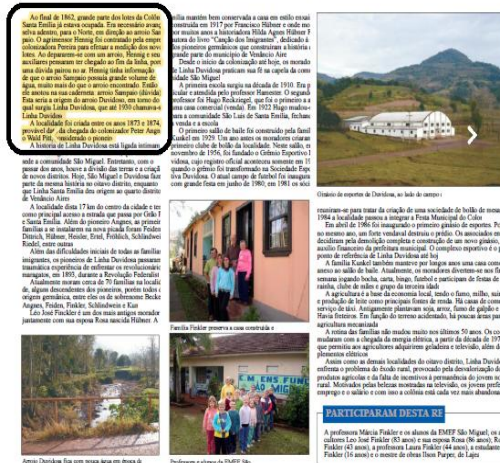
<sup>11</sup> Termo utilizado para definir única professora de uma escola, que geralmente ministrava aula para poucos alunos de series diferentes na mesma sala de aula.



volumoso do rio que a princípio foi nomeado de Linha Duvidoso e com o passar do tempo, em 1930, passou a chamar de Linha Duvidosa (FINKLER *et al*, 2007).

**Imagem 11 – Matéria publicada no Jornal Folha do Mate sobre o distrito de São Miguel**

A dúvida do agrimensor Hennig



Ao final de 1862, grande parte dos lotes da Colônia Santa Emília já estava ocupada. Era necessário avançar adentro, para o Norte, em direção ao arroio Sarpaio. O agrimensor Hennig foi contratado pela empreiteira Pereira para efetuar a medição dos novos lotes. Ao depararem-se com um arroio, Hennig e seus auxiliares pensaram ter chegado ao fim da linha, por uma dúvida pairou no ar. Hennig tinha informação de que o arroio Sampaio possuía grande volume de água, muito mais do que o arroio encontrado. Então ele anotou na sua caderneta: arroio Sampaio (dúvida). Esta seria a origem do arroio Duvidoso, em torno do qual surgiu Linha Duvidosa, que até 1930 chamava-se Linha Duvidosa.  
 A localidade foi criada entre os anos 1873 e 1874, provável data da chegada do colonizador Peter Angnwald Pitt, considerado o pioneiro.  
 A história de Linha Duvidosa está ligada intimamente com a história da Colônia Santa Emília, que tinha com

Fonte: Arquivo de Márcia Inês Stülpe Finkler, jan. 2019.

Sobre o incidente que sofreu junto com a sua mãe neste rio de passagem, em Linha Duvidosa, Hilda lembra como foi dolorosa a recuperação da sua mãe e as limitações na área médica quanto a recursos de tratamento para fratura de patela (rotula) Hilda expressa:

*Eu fui visitar minha mãe no hospital, passou quarenta dias deitada no hospital com a perna estendida para cima. Pode imaginar o cansaço que ela deve ter ficado com a perna estendida para cima para curar a rotula quebrada. Quando ela saiu de lá o médico disse para ela “a senhora nunca mais vai ter mobilidade no joelho... vai ficar de perna dura”. Era o que se tinha de conhecimento para tratar naquela época. Minha mãe, eu me lembro que ela passou trabalho... bem levantar ia de um degrau para outro. Bom, por um ano a minha mãe sentava na cadeira e fazia massagem com Vic Vaporub, ela fazia uma hora de massagem todo dia. Isso aí por conta dela porque ali não tinha opção ou eu fico com a pena remexida ou eu dou um jeito. No fim de um ano ela tinha recuperado todo o movimento da perna que quebrou (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Conforme os autores Turgut *et al* (2001), o tratamento de pós-operatório de fratura de patela tem outro prognóstico de tratamento, diferente do adotado na década de 40, com total imobilização pelos médicos na mãe de Hilda, em que após três semana o paciente já pode deambular com auxílio de muletas (TURGUT *et al*, 2001). Outro ponto que podemos relacionar diferente, que permite correlacionar a evolução da medicina em relação aquele período é a movimentação passiva com flexão de 60° do joelho que pode ser realizada logo após a cirurgia (YANG e BYUN, 2003).

Continuando a trajetória de vida da nossa biografada de acordo com suas lembranças, aos onze anos de idade, como a família de Hilda era muito religiosa, no ano de 1944, realizou sua primeira comunhão (imagem 9) na Capela de São Miguel em Linha Santa Emília<sup>12</sup>, a 5 km de sua casa natal.

**Imagem 12** – Primeira comunhão de Hilda Agnes Hübner Flores



**Fonte:** Hilda e Moacyr Flores, set 2016.

Destaco que a Capela de São Miguel foi construída em 1921, levou três anos para construção (FRÖHLICH, 2005). Entretanto, os primeiros imigrantes daquelas localidades já participavam de missas desde 1875, com a primeira missa datada em 20 de maio de 1875, em uma capela mais rustica construída por eles. Informação esta que consta na matéria com o título “*A primeira missa em honra a São Miguel*” Aires, publicada em *Jornal Folha do Mate* (27 de dezembro de 2007, p. 3). Na imagem 13, observa-se que em 1876 houve o lançamento da pedra angular da construção da Igreja de São Sebastião Mártir do município de Venâncio Aires – RS (FINKLER *et al*, 2007).

---

<sup>12</sup> Linha Duvidosa situada atrás de monte, e é, uma extensão de Linha Santa Emília (HÜBNER FLORES, 1983; HÜBNER FLORES, 2018). E o Sr. Cláudio Carlos Fröhlich completa em dizer que foi colonizada entre as décadas de 1870 a 1880 por cidadãos imigrantes alemães das colônias dos municípios de São Leopoldo – RS que chegaram a partir de 1824, Santa Cruz do Sul – RS imigrados a partir de 1849. Ambas as colônias tiveram rápida expansão o que levou aos novos imigrantes Boêmios vindos do Império Austro-húngaro a imigrar para outras colônias de Venâncio Aires – RS como as de Linha Santa Emília e consequentemente para Linha Duvidosa (FRÖHLICH, 2005).

## Imagem 13– Reportagem sobre a primeira missa em honra a São Miguel

### A primeira missa em honra a São Miguel



Capela São Miguel, construída em 1921 e restaurada

**Fonte:** Arquivo Jornal de Márcia Inês Stülz Finkler, jan. 2018.

Igreja mais rústica construída pelos primeiros imigrantes, de acordo com Josef Umann, era constituída por tabuas lascadas pelo senhor Josef Preussler, marceneiro imigrante Boêmio, junto com outros imigrantes que colaboraram (HÜBNER FLORES, 1981). Roque Finkler, em Linha Santa Emília, dezembro de 2017 fala:

*A atual igreja, estamos chegando no centenário do lançamento da Pedra Angular que vai ser em 2019 e 2021 então que ela foi inaugurada. Foram em torno de 50 famílias naquela vez e que já estavam aqui ne... Primeiro tinha uma igreja que era de tábuas coberta com tabuinhas lascada..., mas depois quanto as pessoas estavam melhor estabelecidas, começaram a melhorar a igreja construindo ela de material e a escola ao lado de material também (FINKLER, Roque; dez., 2017).*

A Capela de São Miguel é a primeira edificação católica construída no município de Venâncio Aires – RS, desejo da maioria dos imigrantes que já celebravam missas no “barracão dos imigrantes<sup>13</sup>” aos domingos. No ano de 1870 solicitaram autorização, e justificaram o pedido ao bispo de Santo Amaro - RS distante de Linha Santa Emília em nove léguas<sup>14</sup>, da fundação da igreja Matriz, e por não terem condições financeiras de se locomover para assistir *Andacht* – culto dominical – a construção de uma capela na localidade seria importante (FRÖHLICH, 2005).

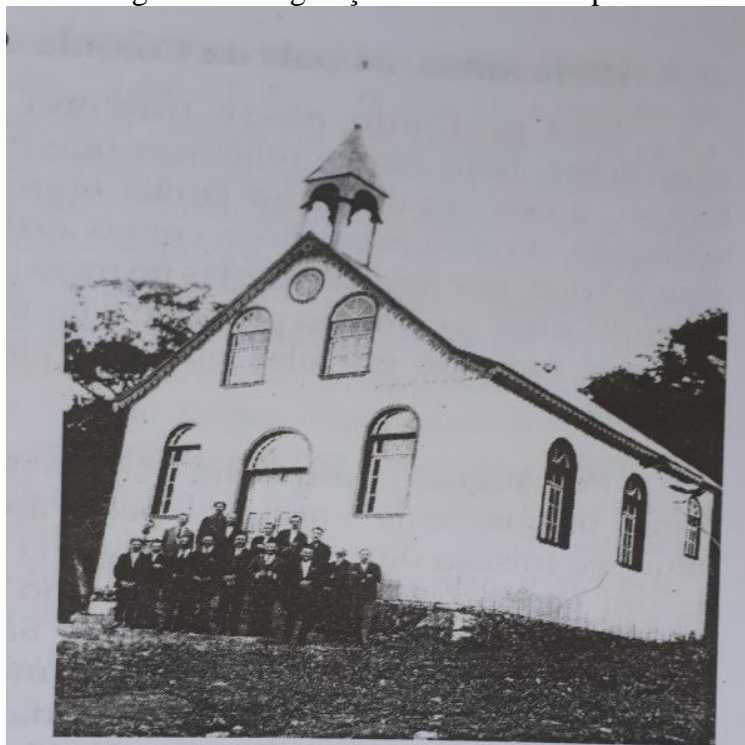
A construção da capela foi concedida em 1870, situa-se em Conventos em Lajeado – RS, (FRÖHLICH, 2005, p. 78). O Pároco de Santo Amaro concedeu a autorização ao Padre Augusto Lohmann para ir à localidade e celebrar uma missa,

<sup>13</sup> Local construído para abrigar os imigrantes recém-chegados nas localidades enquanto construíam suas moradias.

<sup>14</sup> A légua e a braça são as duas medidas mais encontradas em leis, relatórios e outros textos do Império sobre tema colonização e imigração, além de serem muito utilizados na agricultura 1 légua = 6000 m (ONOFRE, 2018).

realizando também os ofícios religiosos como confissões e batismos. Nos anos de 1872 a 1875, foi o Padre Guilherme Ley quem passou a exercer as funções religiosas e inclusive inaugurou a primeira Capela de São Miguel (FRÖHLICH, 2005).

**Imagem 14** – Imagem da Inauguração da Primeira Capela de São Miguel



É o **Padre Zeno Etges S.J.** que nos informa sobre a inauguração, com os dados do arquivo jesuítico: **“16.05.1875 – Véspera de Pentecostes. Nesta tarde o Pe. Guilherme Ley ... foi até Linha Brasil, onde ficou por três dias na casa do Sr. Daniel Bohn. Depois ... viajando três horas, chegou à Colônia de Santa Emília. Acolhido na casa do Sr. Konrad, permaneceu ali nos dois dias seguintes, exercendo os ministérios sacerdotais na capela nova, construída lá pelos colonos.”**

**Fonte:** FRÖHLICH, Cláudio Carlos. **Colônia de Santa Emília:** Venâncio Aires. Nova Petrópolis/RS: Editora Amstad, 2005, p. 81.

Essa igreja construída em estilo *enxaimel*, misturava tabuas com alvenaria (imagem 14). O terreno para a construção da capela foi doado em 1864 pela senhora Dona Brígida de Faxinal – RS, falecida em 1873 (FRÖHLICH, 2005). A doadora do terreno chama atenção pelo fato de que historicamente vemos sempre a mulher em segundo plano neste período. Inclusive, ela sequer é mencionada ou aparece na foto de inauguração da capela, como mostra a foto da inauguração da Capela (imagem 14). Não há nenhuma mulher entre os senhores, sendo que provavelmente deve ter tido mulheres acompanhado



a construção, ou mesmo, ajudando a arrecadar fundos em festas comunitárias com seus quitutes.

A mulher, de acordo com Guacira (2017), era vista, em uma sociedade patriarcal, de maneira subjugada e discriminada, sofrendo preconceito. No início do século XIX, as condições para emancipação feminina eram ínfimas, pois a mulher era condicionada a saber pequenas doses de instrução, já que para este período ela era a guardadora da moral e educação dos filhos (LOURO, 2017a). Tal fato, talvez, demonstre a inexistência de mulheres na foto de inauguração da igreja.

## **2.2. O percurso educacional de Hilda Flores**

Escola Teuto-Brasileira Católica de São Miguel era o nome da escola onde Hilda começou a estudar. Faz-se necessário, todavia, antes de tratar da sua educação nesse estabelecimento, compreender um pouco da história do surgimento da instituição e da concepção do papel político educacional fomentado no período do Segundo Império, afinal, interessa conhecer a organização escolar em e meados do século XIX e quase início do século XX, no interior do rio Grande do Sul, que era apoiada pela doutrina da igreja, nos quais os imigrantes estabeleceram para reger a Escola de São Miguel, fundada por eles em meados do ano de 1875/1879.

A autora e biografada Hübner Flores (2018) informa a respeito de bailes frequentados, e muito bem aceitos, pelos imigrantes, que eram promovidos pela casa dos Irmãos Kunkel de Linha Duvidosa. Estes bailes, nas décadas de 1870 a 1880, eram importantes porque angariaram fundos para a construção da igreja e da escola, para os filhos dos imigrantes estudarem e rezarem. Antes da escola ser inaugurada, de acordo com Fröhlich (2005), os alunos de linha Duvidosa e Santa Emília se reuniam na casa de algum membro da comunidade para estudar. De acordo com Rambo (1994), a escola Teuto-Brasileira particular de São Miguel foi inaugurada no ano de 1875, juntamente com a Igreja de São Miguel e o Cemitério ao lado, por meio de doações dos imigrantes (RAMBO, 1994).

Quanto a inauguração da Escola Particular de São Miguel, de acordo com Fröhlich (2005), baseado no estatuto registrado em ata no final do ano de 1879, comprovou-se que a criação não foi em 1875, mas em 1879, e as aulas somente se iniciaram em 1880. Outro ponto que Fröhlich (2005) observou é que a escola era para

filhos de imigrantes católicos, e, para os não sócios, provavelmente imigrantes protestantes, era cobrado uma mensalidade de 320 réis.

Os imigrantes alemães, mais precisamente os Boêmios - das localidades de Linha Sampaio, Linha Cecília, Linha Santa Emília, Linha Duvidosa e arredores do município de Venâncio Aires – RS no século XIX - foram iludidos com promessas de escola para os filhos estudarem, igreja para os seus cultos religiosos, roupas, dentre outras regalias (ULMANN, 1937; HÜBNER FLORES, 1981; BRANDENBURG, FIALHO, SANTANA; 2015). Entretanto, o governo do Segundo Império, entre os anos de 1840 a 1888, destinava, em média, para a educação, 1,8% ao ano, para a educação primária 0,47%, para o ensino secundário do capital do governo imperial (SAVIANI, 2013). Rambo acrescenta que:

Frente as palavras de Getúlio Vargas endossadas pelo Conselho de Imigração e Colonização, parece não haver dúvida de que o imigrante teuto de fato estava abandonado a sua sorte em relação a muitos aspectos de seu assentamento. Um dos mais importantes dizia respeito à escola e à instrução de seus filhos (RAMBO; 1994, p. 13).

Essa conjuntura fez com que os imigrantes se organizassem em pequenos núcleos fundando suas igrejas, sociedades, cemitérios e escolas. Kreutz (2018) denomina os espaços educacionais da época como sendo escolas “étnicas dos imigrantes”, geralmente de cunho comunitário, nas zonas rurais, onde se ensinava a luta em defesa e afirmação dos valores culturais, sociais, educacionais e religiosamente trazidos por eles (KREUTZ, 2018). Rambo, (1994) aponta que os imigrantes alemães ocupavam fronteiras de colonização principalmente no Sul do país e procuravam sempre garantir uma escola provisórias, muitas vezes chamadas de escola capela (*Schulkapelle*), porque a escola ou galpão improvisado servia tanto para aulas como para cultos religiosos.

Almeida (2018) contrapõem com outra visão, afirmando que os imigrantes europeus se consideravam cidadãos brasileiros e eram esclarecidos quanto aos seus deveres com a nova pátria. No entanto, continuavam a valorizar a sua cultura de origem através de suas escolas (ALMEIDA, 2018). Hübner Flores (1983) corrobora em dizer que os imigrantes (colonos) trouxeram a cultura, valores culturais e sociais originados da Europa, salientando a consciência com a preocupação de transmitir a cultura, a educação escolar e preparando seus descendentes para o trabalho, coisa que o governo local não lhes proporcionou (HÜBNER FLORES, 1983).

Sobre as disciplinas escolares, Rambo (1994) acrescenta que priorizavam Religião porque a felicidade humana se baseia nela e ela era a base e o princípio. Depois havia Línguas, que era dividida em dois grandes grupos: Língua alemã A - leitura, memorização, o ensino da língua, composição, ortografia, caligrafia, noções de gramática e elementos indispensáveis ao aprendizado da língua e Língua Portuguesa. Também havia Aritmética e Cálculo, Realidade e geografia, estudo da natureza, história natural e história e canto (RAMBO, 1994).

A colônia de Linha Santa Emília, como constatou Cláudio Carlos (2005), em livro denominando “Jesuítas, os pais da *Colônia de Santa Emília*”, influenciou no aspecto social, comercial, religioso e educacional dos padres que foram o primeiro socorro desses imigrantes (FRÖHLICH, 2005). O papel desempenhado pela escola preenchia a lacuna política e administrativa, fazendo parte do elemento da intelectualidade deste regime (ROMANELLI, 2017). Os padres Jesuítas influenciaram religiosamente na comunidade através de iniciativas de cunho religioso que ajudavam a sociedade a se desenvolver educacionalmente respeitando os valores morais e cultural trazido por eles. A comunidade se envolvia na construção da escola, sociedade, igreja e cemitério fazendo de forma cooperativa trazendo o desenvolvimento da sociedade em torno destes locais, pois estavam abandonados e isolados pelo poder público.

Dentre estes fatos educacionais do período, faz se pertinente fazer um adentro em que, na educação a participação do estado era precária, os imigrantes isolados se organizando em pequenos núcleos escolares, enquanto nas cidades precisavam de mão de obra especializada. De acordo com Aranha (2019) a elite tinha os seus preceptores ou colégios particulares, os socialistas reivindicavam educação para todos pelo estado, os anarquistas procuravam conscientizar através de jornais, livros, peças de teatro, sindicatos, ou seja, cada um em seu núcleo. A pasta da educação pertencia ao Ministério do Interior e da Justiça, enquanto, o índice de analfabetos atingia 80% da população em 1920, e apenas no ano de 1930 que foi criado o Ministério da Educação e Saúde.

As dificuldades deste período vieram se agravando com as políticas impostas pelo governo, como a do ano 1938, em que Getúlio Vargas proibiu em todo o território nacional a circulação de jornais, revistas e rádio que eram os meios de comunicação daquele período, combatendo a difusão de notícias e programação com língua estrangeira (SCHWARCZ, 2017). Nas décadas de 1930/1940 o modelo de Estado centralizado era uma “democracia autoritária”, havia a repressão estalada. Este poder muito expandido

que visava o processo de cunho de políticas econômicas era voltado para a industrialização no Brasil, que promoveria a justiça social, sem dúvida para os trabalhadores das grandes cidades, mas injustamente não abrangia a grande gama de trabalhadores rurais (GOMES, 2017).

Para autora Marly Vianna (2011) Getúlio Vargas era uma figura contraditória e carismática elegida pelo povo considerado como “pai dos pobres” por fortalecer as leis trabalhistas e os sindicatos, enquanto por outro lado, descaradamente fortalecia os grupos dominantes nas cidades e no interior rural. Boris Fausto (2017b) retoma que o povo, assim como, a classe política liberal tinham medo do comunismo e para Getúlio Vargas fez a ocasião a oportunidade para declarar Estado de Sítio e no ano seguinte Estado de Guerra em 1937 apoiado pelo Congresso. Sem resistência em 10 de novembro de 1937 culminou o desfecho do golpe de estado, denominado Estado Novo, entretanto começava no Brasil o regime ditatorial até 1945. Sendo que para os opositores comunistas classificados como subversivos, presos políticos a tortura começou antes em 1935, julgados pelo Tribunal de Segurança Nacional, sendo que um dos atos mais cruéis de Getúlio Vargas foi a entrega de Olga Prestes, mulher de Carlos Prestes seu opositor político, grávida de 7 meses para a Gestapo, cominando na sua morte em um campo de concentração em Bernburg em 1942 na Alemanha logo após nascer a filha.

No final da década de 30 e início da década de 40, Hilda manifestou o desejo de começar a estudar, aos seis anos e meio, em instituição específica para esse fim, no entanto, seus pais julgavam, de acordo com as regras educacionais do período, que era ainda cedo para Hilda ir à escola porque não tinha completado ainda sete anos e a Escola de São Miguel, mais próxima, ficava a 5 km da sua residência. Hilda neste momento relata a sua vontade de ir à escola e alegria com o consentimento dos seus pais para estudar aos 6 anos e meio:

*Eu tinha por volta de seis anos e meio, eu queria porque queria ir para escola. Eu achava muito bonito ... Meus pais diziam: “Ah não! Mas tu és muito pequena” .... Eu disse: eu quero ir... E me deram uma barganha de natal ... ganhei do Papai Noel uma sacola, uma lousa e uma pedra ardósia que eu escrevia como lápis de ardósia. Isso aqui eu recebi de presente de natal... era um tom que inclusive me fez é reforçar “eu quero, eu quero, porque quero ir para escola”. Ficou estabelecido que se nos fundos da minha casa, via lá diante, onde faz uma curva... eu visse a Verônica eu poderia ir. Então ficou assim... se a Verônica for tu vais também... quando eu vi a Verônica pintando foi a alegria né (risos) eu pulava... então nós iríamos para escola... todo dia juntas (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Saviani (2013) infere que na concepção de educação do período as crianças deveriam estar presentes no núcleo familiar, onde aprendiam com maior facilidade antes dos sete anos (SAVIANI,2013). Mas com a insistência de Hilda, seus pais resolveram antecipar sua entrada na escola.

Os anos em que envolvem a década de 1930 foram marcados, no campo da educação brasileira, como o surgimento do movimento da Escola Nova e a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE). O lançamento manifesto dos pioneiros da educação problematizava a educação centrada no catolicismo, sob a égide da igreja (SAVIANI, 2006, SAVIANI, 2018; SCHWARCZ, 2017; LOPES, 2019; SANTOS e GIASSON; 2016). Neste período durante as reformas do ensino entraria um Estado nacional centralizador, antiliberal e interventor. Em que, as reformas educacionais privilegiavam o estado moderno, na medida, que a educação rural na visão capitalista servia para evitar a migração para a cidades e a forma técnica para preparar o trabalhador nas cidades (SHIROMA, MORAES, EVANGELISTA, 2011). Enquanto educadores buscavam que o estado assumisse a responsabilidade com a educação pública e de qualidade, o panorama nacional apontava o índice de 9% e 21% do total da população brasileira que frequentavam as escolas, com idade escolar, entre cinco e dezenove anos, na década 20 e 40 (FAUSTO, 2015 a). “[...] em 1940, 3 250 000 frequentavam os estabelecimentos de ensino primário, secundário ou superior” (MAURO, 1974, p. 120). Flores (2008) ainda salienta que no período de Getúlio Vargas como presidente, por volta de 1942, houve interesse em reformular o ensino para desenvolver a industrialização, o que cunhou o ensino industrial. Este visava oferecer conhecimentos elementares para atender o mercado industrial que necessitava de profissionais minimamente escolarizados e com habilidades específicas para operar máquinas.

O conjunto da imagem 15 demonstra a Escola Particular de São Miguel em destaque e, em seguida, a proximidade da escola com a Capela de São Miguel restaurada e o cemitério. Construções estas realizadas por imigrantes considerados patrimônio cultural de Venâncio Aires.

**Imagem 15** – Escola, Igreja e Cemitério de São Miguel



**Fonte:** Foto Arquivo da pesquisadora dez.,2017.

A Escola Particular de São Miguel, única da redondeza, não estava concatenada com a educação industrial, ao contrário, possuía o objetivo de preservar a cultura dos imigrantes e lhes oferecer as primeiras letras. Mantida e frequentada pelos descendentes dos primeiros imigrantes, com o passar dos anos, passou a pertencer ao município de Venâncio Aires, funcionando nesse prédio até 1975. Ano em que foi transformada em Escola Municipal de Ensino Fundamental São Miguel, de acordo com a professora unidocente Márcia Inês Stülp Finkler, última diretora da escola

Infelizmente, o único colega de Hilda dessa instituição vivo, que consegui localizar, foi do Sr. Cláudio Carlos Fröhlich. Ele residia em Venâncio Aires, RS e inclusive havia escrito um livro sobre a Colônia de Santa Emília de Venâncio Aires. Em junho de 2018 consegui seu telefone pelo guia telefônico da cidade de Venâncio Aires. O telefonema que dei com bastante entusiasmo e apreensão, que foi atendido pela senhora Sidonia Felten Fröhlich, na ocasião me identifiquei e disse de quem era filha Cláudio Laury Brandenburg, residente desta cidade, e expliquei que estava desenvolvendo uma tese sobre a vida de Hilda Agnes Hübner Flores. A senhora disse: *“meu sogro sofreu um AVC, contudo está consciente, porém tem dificuldade de se expressar, mas você pode tentar falar com ele”*.

Marcamos um dia de junho, era uma quarta-feira, às 18hs, eu acreditava que seria uma entrevista breve onde conseguiria adquirir o seu livro e fazer poucas perguntas, devido ao seu estado de saúde ser frágil. No entanto, para minha surpresa, quem me recebeu na porta foi minha antiga professora das series iniciais, Sidonia. O encontro com

o Sr. Cláudio Carlos Fröhlich foi emocionante, encontrar aquele senhor disposto a colaborar entre palavras balbuciadas com dificuldade, que muitas vezes tratávamos de adivinhar. Ele acenava com a cabeça se estávamos no rumo certo. Era um desafio de pesquisadora que jamais havia vivenciado. Juntou-se a nós, neste encontro, o seu filho Carlos Fröhlich, que me presenteou com um de seus poucos exemplares do livro de seu pai.

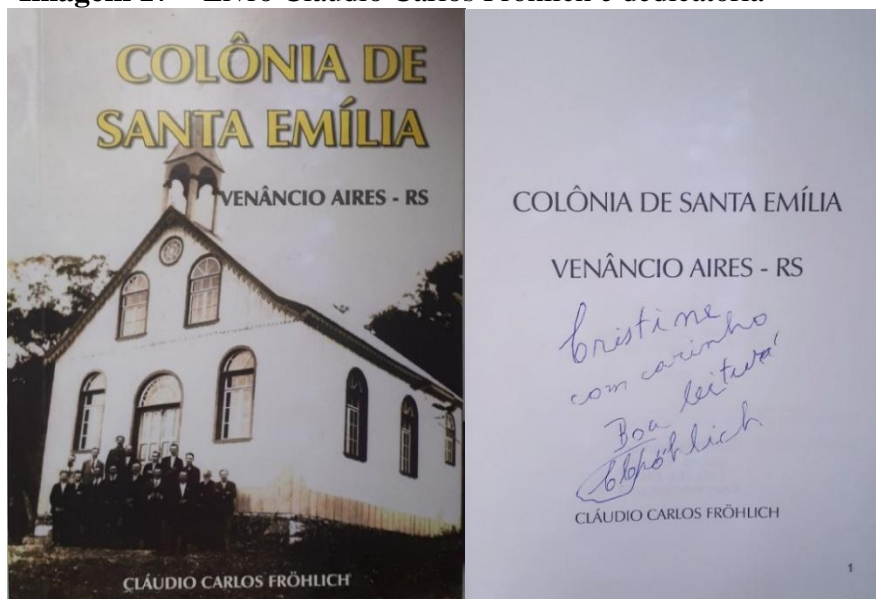
**Imagem 16** – Encontro com Cláudio Carlos Fröhlich



**Fonte:** Foto Arquivo da pesquisadora jun.,2018.

Com muita dificuldade ele fez uma dedicatória em seu livro (imagem 17) e tentou responder algumas questões que eu lhe perguntava, ele tentava dar conta das respostas demonstrando passagens das páginas do seu livro ou mesmo balbuciando palavras para completar.

**Imagem 17** – Livro Cláudio Carlos Fröhlich e dedicatória

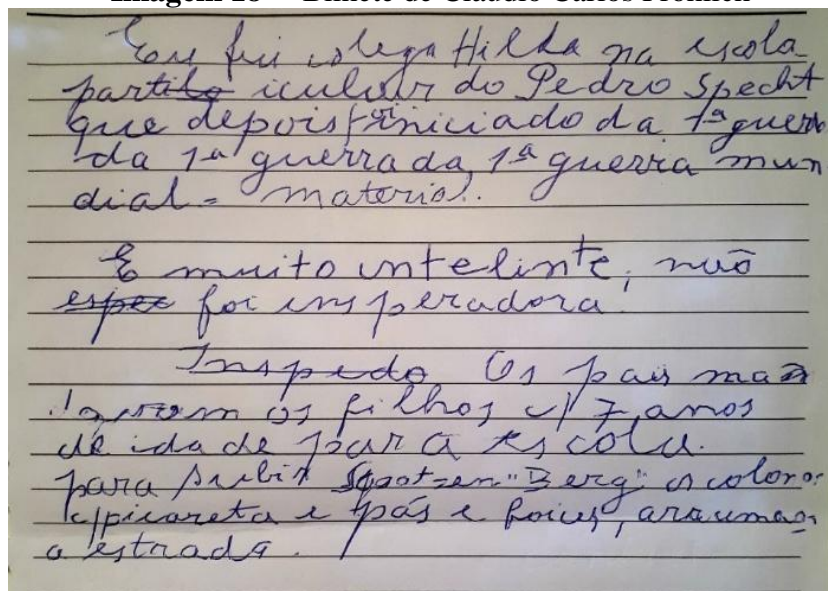


**Fonte:** Foto Arquivo da pesquisadora jun.,2018.



Na tentativa de colaborar mais sobre a vida da minha biografada, o Sr. Cláudio ainda escreveu um relato em uma folha de papel de um caderno (imagem 18), com muito esforço. Está escrita de 13 linhas durou aproximadamente 50 minutos.

**Imagem 18** – Bilhete de Cláudio Carlos Fröhlich



**Fonte:** Foto Arquivo da pesquisadora jun.,2018.

O objetivo da visita foi alcançado com êxito. Havia conseguido o livro, bem como sua colaboração. Sobre a primeira frase do seu relato compreendi que foi pontuada em dois aspectos: a confirmação de que foi colega da professora Hilda na escola de Particular de São Miguel e a citação na segunda frase era um elogio feito para a colega de infância Hilda, no qual ele quis dizer que Hilda era muito inteligente, imperadora, mas na verdade queria dizer desbravadora.

Finalizando com muita dificuldade a terceira frase, o Sr. Cláudio inferiu que os pais deles abriram picadas com foices e picaretas e construíram estradas. Ele mencionou uma montanha que subiam para ir à escola.

O Sr. Cláudio Carlos Fröhlich, que nasceu em 06 de agosto de 1933, neto de imigrantes Boêmios, formado em filosofia e direito, chegou a ser procurador do estado do Rio Grande do Sul, guardião de ricas memórias transcrita em seu livro sobre a Colônia de Santa Emília Venâncio Aires – RS publicado em 2005. Mas, infelizmente, durante a produção desta tese soube do seu falecimento no dia 23 de junho de 2019, por um telefonema de meu pai e da profa. Hilda Agnes Hübner Flores.

A montanha que Fröhlich mencionou quando iam a escola, a qual Hilda chama de morro, como descreve.



*Eu fui uma guria magrona... subia nos pés de fruta e comia muito à vontade as frutas da época, eu tinha liberdade. É tanto assim que fazia diariamente cinco quilômetros da minha casa até a escola. Na ida a gente ia bem direitinho. Mas na volta uns dois quilômetros até chegar em casa lá do topo do morro que separava Linha do Duvidosa de Linha Santa Emília ... aí nós engatamos... a primeira largamos com tudo né. Duas vezes cheguei em casa tirando fora uma unha de bater na pedra (risos). Eu acho que este percurso diário fez com que eu fosse campeã de atletismo na escola. (Risos) sim... eu com sete anos na escola eu fui campeã de atletismo, foi uma das grandes alegrias da minha mãe. Imagina... correr mais que os outros com um pé defeituoso! (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Neste momento, mais uma vez Hilda se reporta a importância materna, e, superando paradigmas, conta que o seu pé defeituoso não a impediu de ganhar corrida no atletismo na escola. Louro (2017a) complementa que as mulheres eram responsáveis pelos filhos e para tanto guiadas nas ideias positivistas e científicas, justifica o interesse por conhecimentos ligados as funções maternas e a procura de novidades da ciência para auxiliar nos deveres como mãe e guardiãs dos filhos e esposo.

A mãe de Hilda tinha com a filha todo o zelo, como vimos anteriormente, entretanto, podemos observar seu desprendimento ao estilo da moda, quando considerava ser mais adequado para a filha o uso de calça para aquece-la no inverno, padrão este que não era permitido para meninas pela sociedade Hilda diz:

*No inverno a minha mãe me enfiava uma calça de pelúcia vermelha, eu detestava, achava horrível... agasalhava, eu não sentia frio... então ia até lá diante um arbusto e tirava minha roupa (risos) e ia para o colégio sem aquela calça. O meu medo era que alguém descobrisse a roupa que tivesse tirado na volta e não tivesse mais... Mas na volta eu pegava e eu chegava em casa e estava tudo bem. (Risos). Era... bom, minha mãe era toda cuidadosa, ela acendia aquele fogão de lenha, fogão de ferro e ficava à medida que a chapa ia aquecendo, ela aquecia minhas roupas para eu botar, fazia por amor a filha. E eu desprezando aquilo por conta de um conceito de estética... não gostava daquilo porque não se usava calça comprida naquela época... eu somente fui vir a usar calça comprida quanto tinha meus 30 anos em Porto Alegre. Porque a calça era coisa de homem, uma mulher vestida de mulher passava frio nas pernas né. Antigamente não tinha também essa meia calça (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Até a década de 50 as mulheres eram vistas como seres frágeis destinada ao reduto do lar, esperava-se mães dedicadas. A moda era ditada pela sociedade fazendo diferença em relação ao vestuário dos homens, que usavam calças, e das mulheres, que usavam saias abaixo do joelho (PINSKY, 2017). Crane (2017) corrobora ao dizer que na França, durante a década de 1930, as mulheres usavam caças nos balneários, e na Inglaterra e França, durante a Segunda Guerra Mundial, devido a insuficiência de tecido

passaram a usar calças. Hilda preferia adequar-se aos padrões da época, afinal, havia uma repressão muito violenta.

Sr. Cláudio e Hilda relataram, por exemplo, acerca do professor Specht, que teve grande importância na educação deles e sofreu bastante com a repressão, conforme Hilda, em 2016, relatou:

*Fui aluna do professor Pedro Specht no primário, ele trouxe os ensinamentos da Alemanha, ele era rígido, muito culto e todos o respeitavam. Nós fazíamos temas todos os dias, ele olhava e nós apagávamos com cuspe ou uma esponja que crescia. Aqui ele foi aluno do seu pai Joseph Specht que veio também da Alemanha, aprendeu com seu pai a ser professor. Aos seus 18 anos foi já professor na Escola de São Miguel. Eles sofreram muito durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde fui saber que até açoitados e humilhados o professor e seu irmão foram pela polícia. Não podiam ensinar e nem falar em alemão. Naquela época eu era criança, não entendia o que estava acontecendo, só sei que apareciam abatidos certos dias, como tivessem levado uma surra. Mas eu temia aquele período, ninguém perguntava ... mais tarde consegui compreender (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

A história oral, história de vida para Ecléa Bosi (2018) coloca a percepção da força da memória coletiva, como por exemplo a Segunda Guerra Mundial, como ideológica, na medida em que Hilda Flores e Cláudio Fröhlich recordam, acontecimentos no qual participaram ou presenciaram que podem colaborar com uma descrição diferenciada e vivida.

O casal Joseph Specht e Caroline - com os seus filhos José, João e Pedro - imigraram para o Brasil logo após a Primeira Guerra Mundial, que perdurou de 1914 a 1918. Quando Joseph Specht assumiu a escola já existiam novos estatutos escritos em alemão gótico:

**Objetivo** – dar aos alunos um sólido ensino da religião católica e também proporcionar o conhecimento de outras matérias; **Controle e fiscalização** – era incumbência do vigário, a ele caberia a última palavra em tudo, até quais livros e que material deveriam ser usados; **Controle externo** – uma diretoria com mandato de dois anos, com o dever de prestar contas, fiscalizar o professor (com supervisão do vigário) e os sócios. **Do professor** – deve ser católico e cumprir com suas obrigações religiosas, cabendo ao vigário aceitar, ou não, a sua contratação e demissão. Direito a usar a moradia e as terras da comunidade, lecionar quatro horas diárias, com direito a férias anuais de quatro semanas. Para manter a ordem, interna e externamente, o professor pode castigar os alunos, mas sem ferimento corporal. Era uma *Deutsche Schule* (escola alemã) em 1922, os estatutos foram reformulados. O professor ainda deve ser católico, conduta digna e cristã, cumpridor de seus deveres religiosos e ter os conhecimentos necessários. E o ensino? Religião, catecismo, história bíblica, ler e escrever em alemão. Nas classes

maiores ensinar a língua pátria e outras matérias úteis aos alunos. (FRÖHLICH, 2005, p. 129).

Então, neste contexto teuto-brasileiro, em uma escola com influência Católica, a sociedade patriarcal transmitia a língua alemã e seus costumes. Hilda começou a ser alfabetizar em 1939, em plena Segunda Guerra Mundial travada entre os anos de 1939 - 1945 (PIOVEZAN, 2014). Hilda descreve:

*Lembro-me que antes de começar a aula o professor mandava fazer uma fila de meninos e meninas, cantávamos o hino nacional e ele mandava fazer um exercício para aquecer as mãos esfregando uma na outra. Aí podíamos entrar um a um e cumprimentando o professor. Tínhamos muito respeito por ele e temor, pois ele podia nos castigar, o que seria vergonhoso para mim Além do medo que tínhamos durante o período da Segunda Guerra Mundial, em que não podíamos falar em alemão (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

As políticas iniciais favoreciam a preservação da cultura nestes grupos de imigrantes que estavam isolados, pois como não recebiam auxílio e nem supervisão, criaram os seus núcleos com seus aspectos culturais, sociais, comunitários, religiosos e educacionais apoiados pela Igreja Católica, principalmente. No entanto, tal cultura começou a ser vista como um problema político para o estado Brasileiro, necessitado de afirmação nacionalista. Agravada essa situação quando, em 1939, iniciou-se a Segunda Guerra Mundial. As escolas étnicas alemãs que eram em torno de 2500 construídas por imigrantes, foram sendo fechadas por uma sucessão de decretos governamentais entre 1938 e 1941 restando em torno de 1579 escolas (KREUTZ, 2018).

Podemos observar, na imagem 19, algumas características de quando Hilda estudava na Escola São Miguel, da turma de alunos do ano de 1941. Kossoy (2018) que salienta a importância de uma fotografia como documento e, contudo, explica que se deve dar a importância da análise a nível de interpretação com perguntas pertinentes e inteligentes, conforme a bagagem cultural e sensibilidade do historiador (KOSSOY, 2018).

**Imagem 19** – Foto estudantes da Escola de São Miguel do ano de 1941



**Fonte:** Foto Arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores, set.2016.

Destaca-se na foto a imagem de Getúlio Vargas, no centro da fotografia, enfatizando o nacionalismo. No quadro verde, escrito com giz, havia a seguinte informação: “Escola São Miguel 12. 3. 1941 Santa Emília M. Venâncio Aires”, que indicava que a escola não era dos imigrantes, *Deutsche Schule* (escola alemã), impondo o patriotismo, era escola brasileira.

Observa-se também a nítida separação das meninas, de um lado, e dos meninos, do outro. Louro (2017b) explica que a escola distinguia os mais prósperos dos menos providos financeiramente, e, separava os meninos das meninas, a exemplo da Escola São Miguel.

Todos os alunos e o professor estão sérios na foto, essa observação é importante porque decorria da técnica que era mais demorada para tirar a foto e todos deveriam ficar imóveis por longo tempo, logo, com a seriedade ficava mais fácil de manter a postura. Além disso, a seriedade era imposta pela rigidez cultural, social e educacional a autora (MAUAD, 2008).

Por último, chamo atenção para o fato de que todos os alunos estavam uniformizados, o que para a o período, de acordo com de Silva (2015), significava que os alunos respeitavam as regras escolares, que iam para além dos muros da escola, ou seja, quando estivessem usando uniforme correspondendo as regras escolares fazendo parte do controle da rigidez e disciplina exigidas pelo período ditatorial (SILVA, 2015).

Quanto as imagens anexadas até este momento, elas demonstram grande significado, permitem análise semiológica. Conforme Lima e Carvalho (2015), elas

agregam na fotografia um arcabouço teoricamente consolidado, o que permeia uma dualidade entre a imagem e a realidade de quem um dia foi protagonista. Burke, (2017) acrescenta que refletindo sobre o testemunho das imagens, são cada vez mais difundidas e edificadas como evidências que ocupam destaque ao lado da história em textos literários e com a oralidade dos sujeitos. Como exemplo, a fotografia de Hilda com seus colegas na Escola Particular de São Miguel, podemos refletir de diferentes planos de análise contextual pois o fato de “uma única imagem estudada em *close-up* pode tornar mais visível o processo de idealização” (BURKE, 2017p. 176).

Fröhlich (2005) relata que o Prof. Pedro Specht vivenciou toda a intervenção deste período, principalmente pelo fato do processo de nacionalização do estado, agravado com a Segunda Guerra, onde sofriam denúncias se falassem em alemão, pois eram perseguidos e humilhados. Um dos fatos descritos foi o de o prof. Pedro e seu irmão serem obrigados pela polícia a andar pela rua Osvaldo Aranha (centro de Venâncio Aires) e passarem frente à Casa Canônica<sup>15</sup>, porque o Padre aconselhava neste período as escolas étnicas, sendo que eles como jesuítas foram os primeiros a socorrer os imigrantes alemães dando-lhes esperança colaborando com seus conselhos para o desenvolvimento da comunidade, fiscalizando de maneira religiosa criando regras morais para a sociedade e a escola era o centro de formação para os novos imigrantes e seus filhos (FRÖHLICH, 2005, p. 136).

Por isso havia uma forte fiscalização do estado ditatorial nestas colônias, onde Hilda Flores relata sobre o que acontecerá com seu professor: [...] *O professor era pego pela polícia, apanhava, fazia ele caminhar com cartaz, botavam as calças lá em cima, depois ele nos contava isso que acontecia por falar em alemão* (HILDA FLORES, dezembro de 2017).

Eles recebiam todo o tipo de humilhação para que reagissem de forma agressiva provocando uma briga, o que justificaria o motivo para serem presos. Confiscaram em uma vistoria de rotina na escola um globo terrestre, pois ali havia parte descrita em alemão e um ábaco (“*rechnungmaschine*”) onde aprendíamos cálculos. Em 1941, quando Fröhlich e Hilda estudavam, ensinava-se nas séries iniciais a língua *Muttersprache* - língua mãe – e nas classes mais avançadas a língua pátria. “[...] *Lembro-*

---

<sup>15</sup> Casa Canônica de Venâncio Aires é a residência dos padres, párocos e freiras que fazem parte da regional que atende as igrejas e capelas deste município.

*me do medo que me assaltava, pois nem água sabia pedir em português [...]*” (FRÖHLICH, 2005, p. 136). Hilda relata a respeito deste fato:

*Eu me lembro que meu irmão, o Otto, comentava assim, que muito bom professor foi Specht mas, quando a Segunda Guerra veio, ele não podia mais dar aula em alemão. Porque era proibido. Mas nas colônias aconteceu o seguinte: o governo não cuidou nem de estrada, nem de aula... nem de escola... São dois fatos: estrada para desenvolver e para colocar os produtos agrícolas no mercado, e, a escola para integrar na cultura do país... Na Segunda Guerra era proibido alemão ... a medida estava certa, mas a hora e a maneira que conduziram estava errado. Lembro do meu irmão Otto contando que ele falava o português... sempre procurava, se esforçava e falava machina em vez de máquina... porque se escrevia com CH antigamente, CH era um Q. (HILDA FLORES, setembro de 2016).*

Hilda Flores conta que quando estudante na localidade de Linha Duvidosa, ainda na Segunda Guerra Mundial, onde ela expõem que quando criança não tinha conhecimento da gravidade da Expressão “*Heil Hitler*” e tentava acompanhar seu irmão Otto em uma marchinha composta pelos autores Ubirajara Nesdan e Afonso Teixeira, que impulsionaram o carnaval de 1940 e chegou ao interior do RS, mais tarde, trocando a frase “*tem por comprimento levantando o braço*” por “*Só cumprimenta levanta o braço*” (HÜBNER FLORES (b), 2015, p. 68):

Quem é que usa cabelinho na testa,  
E um bigodinho que parece mosca?  
Tem por comprimento levantar o braço,  
Eh! Eh! Eh! Palhaço! (HÜBNER FLORES (b), 2015, p. 68).

Embora no Brasil Getúlio Vargas, no período ditatorial do Estado Novo, de 1937 há 1945, se tornava o pai dos trabalhadores com medidas de proteção ao trabalho, salário mínimo previsto na Constituição de 1934, data comemorativa instituída como dia do trabalhador em 1º de maio de 1939, foi somente em 1940 que surgiu o decreto Lei que garantia um valor estipulado para o sustento de um salário mínimo para o trabalhador de cada região do país, que com o tempo passou a não corresponder mais as necessidades das classes de trabalhadores e Consolidação Leis Trabalhistas (1943). No ano de 1944, nas comemorações de primeiro de maio, Getúlio Vargas fez o famoso discurso “Trabalhadores do Brasil” com medidas de cunho social (FAUSTO, 2015 a).

Nestes primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas manteve o Brasil fora do conflito, aproveitando o período para capitalização interna negociando inclusive algodão e café com a Alemanha. Porém sobre as fortes ideologias defendidas por Osvaldo Aranha, que era o embaixador de Washington, com interesse pelo petróleo dos Estados Unidos da América (FAUSTO, 2018 c), e, após ataques dos navios mercantes

brasileiros no Atlântico Norte e no litoral Brasileiro no dia 22 de agosto de 1942, o Brasil aliou-se contra o eixo Japão, Itália e Alemanha. Em 30 de junho de 1944 foi enviado o primeiro grupo de Brasileiros para o combate da Segunda Guerra (FLORES, 2008). De acordo com Mauro (1974, p.112) “em 1944, enviou à península italiana um corpo expedicionário de 25 000 homens (401 mortos, 2 000 feridos)” (MAURO, 1974, p. 112). Os imigrantes, filhos e netos de alemães no RS foram também recrutados durante a Segunda Guerra Mundial para lutar nas Forças Expedicionárias Brasileiras, embora no interior do RS eles tinham sofrido muitas retaliações. Cláudio Laury Brandenburg corrobora em seu relato com o de Hilda Flores e Cláudio Fröhlich:

*Meu pai Wilibaldo Brandenburg contava que houve muita perseguição aos alemães aqui em Venâncio Aires. Ele contava sempre alguns casos, mas os que mais significaram para mim foi quando nosso vizinho... ali da esquina... era Delegado de Polícia já falecido agora. Ele prendeu um amigo do meu pai, que era colono... só porque ele não sabia falar português. Era pai de família agricultor. Meu pai se revoltou com esta situação e foi na delegacia armado com dois revólveres com mais dois colonos e disse para o delegado: “Ou o senhor solta ele ou eu solte ele?” Meu pai foi órfão aos 3 anos de idade, filho imigrante alemão foi recrutado pelas Forças Expedicionárias Brasileiras e enviado ao Rio de Janeiro em abril de 1945, para lutar na Segunda Guerra Mundial contra seus próprios primos e parentes talvez. Chegando lá foi mandado de volta para casa três dias depois. Porque o Hitler tinha se suicidado. O que eu contesto porque acho que ele fugiu tinha tuneis embaixo da casa no dia que dizem que ele morreu, vários aviões decolaram no espaço aéreo alemão e submarinos alemães desapareceram. Enfim, acho que a história ainda tem que esclarecer, pois continuaram ainda a guerra até setembro daquele ano por que? (CLÁUDIO BRANDENBURG, jun. de 2018).*

Ainda sobre o reencontro com o passado, em sua infância, Hilda relembra de suas memórias durante a época escolar: em um fogão a lenha que aquecia e reunia a família para cantar canções em alemão proibidas durante a Segunda Guerra Mundial; comer pinhão e tomar chimarrão, hábito que os imigrantes desta localidade de Linha Duvidosa adquiriram com um seminarista; e que a união não importava a crença, mas que fazia a comunidade crescer ajudando uns aos outros no labor. Hilda reporta:

*Com a canção ficamos emocionados, porque é uma coisa que foi cortada na Segunda Guerra Mundial, que se cantava nesse fogão bom, era outro parecido. Vinha as noites de inverno frias, então aqui tinha um pinhão dentro da panela ou então saltando pela chapa. O chimarrão era outra companhia nós achamos que veio pelos seminaristas, que, que se reunia nas férias. A Canção da Erva Matte, que era cantada, eles acrescentam uma última estrofe porque o boêmio era tido como não católico frívolo, ele tinha o último voto, última estrofe mostra que eles eram voltados para Deus, pois na canção dizia*

... “Quando um dia eu morrer, e tiver que me apresentar perante o senhor, faça me acompanhar de um quilo de erva para que eu possa beber meu chimarrão<sup>16</sup>”. Outra coisa, podiam ter crenças diferentes mas se união no trabalho ajudando uns aos outros na construção de casas, estradas obras comunitárias como escolas, igrejas e centros culturais comunitários. Cantávamos canções em festas comunitárias na língua alemã que até hoje perpetuam nas sociedades (HILDA FLORES, dezembro de 2017).

Embora alguns boêmios eram tidos como não católicos, protestantes, ou até mesmo ateus, eles em suas canções reportavam a Deus. E as comunidades de colonos no interior do município de Venâncio Aires viviam pacificamente entre católicos, protestantes e com diferentes credos, pois o que unia eles, era o elo de luta para formação da comunidade no meio da selva (HÜBNER FLORES, 1983). Ainda destaca Hübner Flores (1983, p. 22) sobre o trabalho na década de 1950 “colonos conduziam gigantes da selva para a serraria. É trabalho pesado que exige a colaboração de vários vizinhos” (HÜBNER FLORES, 1983, p.22).

Na fala de Hilda Flores, assim como em seu livro, ela remete as canções das igrejas católicas e protestantes, que tiveram um papel importante por proteger o ensino em suas comunidades, adquirindo a religião um caráter formativo porque cultivava a *Deuschtum*<sup>17</sup> nas canções e cultos, era uma direção religiosa que seguia nas festas da comunidade e na preservação de valores sociais e culturais (HÜBNER FLORES, 2004).

Sobre o costume do chimarrão, Hilda Flores discute em um artigo (1977, p.480-484) e que o habito de beber o líquido amargo que os imigrantes adquiriram no Brasil de tomar chimarrão pela manhã, quando organizavam sua rotina de trabalho, antes do amanhecer envolta do fogão a lenha, onde se aqueciam. Após o almoço, tomavam o chimarrão doce para ajudar na digestão, mal sabia eles que este alimento era rico em vitamina D (HÜBNER FLORES, 1983).

---

<sup>16</sup> Schirmarong Lied (Canção do chimarrão) trecho final da música com autorias desconhecidas, pois acredita-se que foram vários imigrantes que compoñham.

Und wenn ich einst mal werde sterben (E quando um dia eu morrer,)

So gebt mir mit ein kilo Erben, (Façam-me acompanhar de um kilo de erva,)

Damit ich auch vor Gottes Tron (Para que eu possa perante o trono de Deus)

Kann trinken mein Schimarong (Beber meu chimarrão)

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Der Ewige Brunnen e o Schimarong Lied. *Rev. Veritas - PUC*, Porto Alegre, p. 480-484, 1977.

<sup>17</sup> “Interpretando em alemão” tradução pesquisadora.



O historiador Moacyr Flores (2008) destaca que a erva mate era consumida pelos índios guaranis como habito de bebida quente ou fria, utilizavam deste chá para se comunicar com os mortos. A igreja chegou a proibir a bebida no Paraguai. Porém este decreto foi esquecido com o tempo devido à grande propagação da cultura do habito de tomar chimarrão entre os brancos (FLORES, 2008). Entretanto, acredita-se que de acordo com as narrativas de Hilda Flores e Cláudio Fröhlich (2005) como os padres jesuítas tiveram muita influência sobre os imigrantes eles devem ter repassado este costume de beber o chimarrão.

Ao escrever a sua história, Hilda Agnes Hübner Flores, relembra a sua infância, assim como seu colega de escola Cláudio Fröhlich, e colaboram com o pensamento da autora Pesavento (2014 p. 59):

[...] construir um discurso sobre o passado, é um ir em encontro das questões de época. A história se faz como respostas e perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2014 p. 59).

A medida que escutamos as oralidades de Hilda Flores, por um viés das suas memórias, podemos olhar vários contextos de época diferentes, conseguimos analisar um pouco de outros autores sociais e a própria conjuntura social. A importância das memórias vividas, na perspectiva micro-histórica, permite valorizar o relato de Hilda Flores, em junho de 2018, que revive as suas lembranças da infância durante a Segunda Guerra Mundial, que foi a perseguição aos imigrantes boêmios e alemães no interior do RS:

*Em outro dia, outra ocasião ele cumpria pena um eletricista ia lá para praça e falava de novo em alemão, então prendia de novo... um dia ele armou... foi preso e de noite faltou luz e aí tentaram arrumar. Olharam de Venâncio Aires até Santa Cruz e ninguém conseguia saber o que aconteceu, aí apelaram lá para o cidadão... “seu fulano...” ele era eletricista né... “vem arrumar”... “fulano arruma, mas primeiro fulano cumpre pena” deixou a turma sem luz durante a noite. Nunca mais foi preso (risos). Eram coisas assim... idiotas, estupidas. Houve, por exemplo, casos de gente que saía de Santa Cruz, saía da capela de São Miguel no interior domingo e todo mundo com seu grupo de reza que era alemão... ele só tinha... o governo nunca deu escolas, então as escolas que eles abriam prioritariamente era em alemão... na saída foram todos levados para Santa Cruz em um caminhão... fizeram a turma... de sapato de salto... que eles amavam muito, andarem de pé no chão... com esse desconforto e capinaram as ruas... de Santa Cruz, foi assim no sentido de humilhar, humilhar... coisas idiotas assim...do período (HILDA FLORES, jun. de 2018).*

Giovanni Levi (2016) salienta que através da micro-história não negamos os fatos, as informações particulares, o conhecimento agregado de cada sujeito. Mas sim, tentamos não rejeitar as memórias abstratas de cada indivíduo, pois muitas vezes um caso insignificante pode levar a uma conjuntura mais geral da sociedade em determinado momento.

Outra memória triste de Hilda Flores em sua infância foi a de no ano de 1941, quando tinha 7 anos de idade, e seu pai Francisco Hübner faleceu aos 64 anos de idade. Da época Hilda Flores relata:

*Me lembro que eu estava na Escola de São Miguel, e vieram me buscar dizendo que meu pai estava muito doente e que iriam levar ao médico. Quando cheguei em casa me lembro que não deu tempo de levar para o médico e ele faleceu. Chorei muito com a ausência do meu pai. Me lembro que na frente da minha casa tinham colocado uns troncos de mamão, eu sentei em cima quando voltamos do enterro fiquei sentada ali naquele troco de árvore, eu não tinha coragem para entrar dentro de casa... não sei quanto tempo fiquei... Mas eu era uma menina, fazia gracinha e brincava o luto passou mais rápido do que para minha mãe e irmãos. Minha mãe já era avó. Mas mesmo assim era um pouco rígida comigo. Não como foi para meus irmãos. Lembro também daqueles enterros tristes em que falecia a mãe e as crianças eram levadas junto para a cerimônia era triste demais as crianças pequenas não compreendiam queriam se jogar no caixão junto era muito dolorido naquela época. Difícil. Todo mundo chorava. Hoje evita-se este trauma (HILDA FLORES, dez. 2018).*

A concepção de morte na infância é atribuída ao fato correlacionado ao seu processo de laço com a pessoa falecida, vínculo emocional, idade, maturação psicológica e como a sociedade ou família em que vive posiciona-se com o fato. A compreensão da perda se dá no momento em que a criança começa a se relacionar com vínculo afetivo e começa a troca de afeto, claro que vai depender do grau de evolução psicológica da criança enfrentar o luto (BROMBERG, 1998). Além disso, de acordo com Sengik e Ramos, (2013) é de fundamental importância deixar claro para a criança que aquela pessoa não voltará. Ela necessita tratar com seu sentimento de luto, embora seja doloroso em qualquer fase. Hoje em dia existe a ajuda de psicólogos para tratar de forma verbal com a infância a superar tal dor da perda.

Diante do fato da morte de um ente querido no período da infância na sociedade e família de Hilda Flores, o falecimento do seu pai, sabiam que a criança deveria ter noção de que havia tido o óbito, mas não possuíam o devido conhecimento para enfrentar o desafio do trauma da perda. Pressentiam que a criança não tinha certas noções, e realmente o luto na criança se dá de maneira diferente dependendo do seu

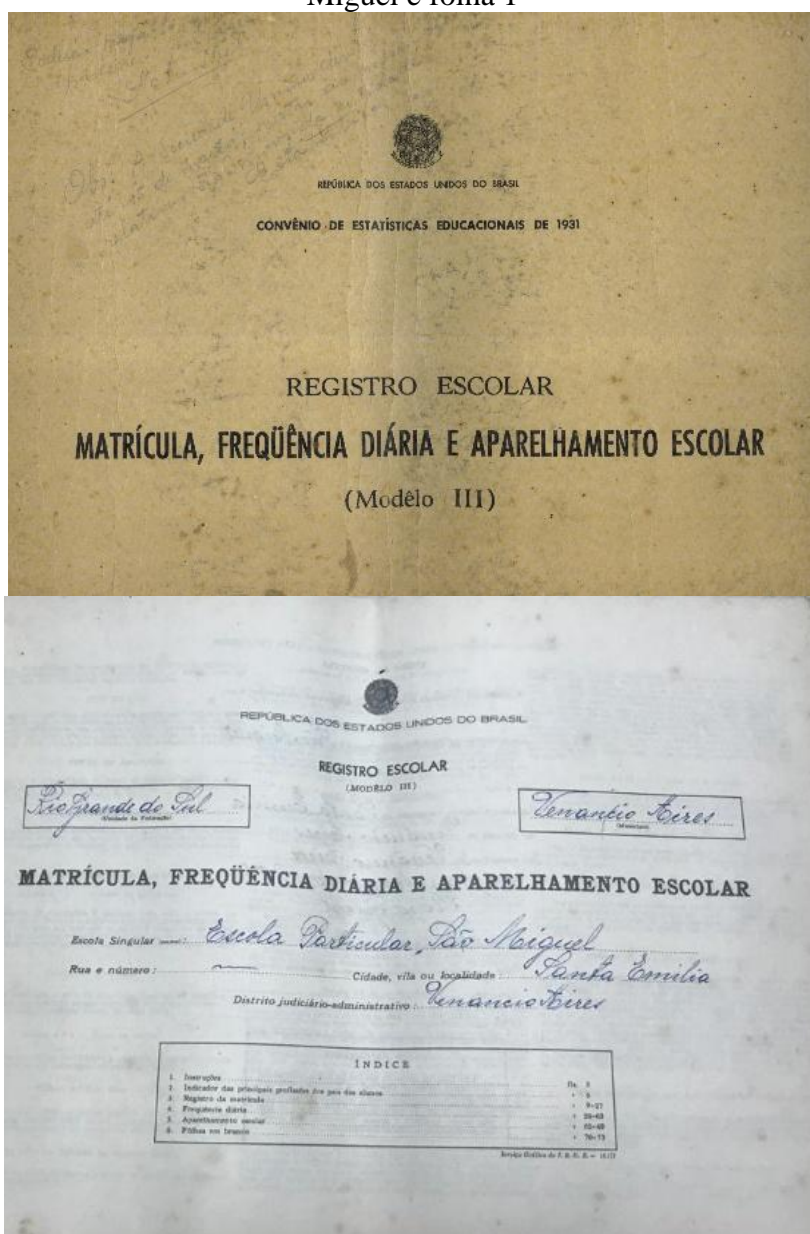
processo cognitivo, entretanto, a dor é existente e o tempo do luto depende de cada criança, relações de afeto com o falecido e idade. Após o luto Hilda Flores voltou a escola sentindo a falta do pai.

Para obter mais dados da escola e na tentativa de achar mais documentos sobre a vida da minha biografada, em junho de 2018, procurei o Museu de Venâncio Aires – RS, onde passei a tarde procurando registros da escola em que Hilda cursou. Como não encontramos nenhum dado, fui orientada a procurar na Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires – RS.

Na Secretaria Municipal de Venâncio Aires, gentilmente fui atendida pelas funcionárias Gabriela Luiza Mahle e Bruna Kreling. Depois de me identificar e demonstrar o propósito da minha pesquisa, elas me solicitaram um encaminhamento por e-mail e pediram que retornasse após dois dias, pois tentariam procurar os dados. Mas, diante disso, me falaram que muitas pessoas iam procurar documentos para requerer a aposentadoria rural, no entanto, alguns dados faltavam. Elas se prontificaram em buscar entre os anos de 1939-1945, período que eu acreditava que a professora Hilda havia estudado na Escola Particular de São Miguel.

Passaram-se dois dias e numa sexta-feira, dia 23 de junho de 2018, fui em busca da pesquisa prometida. Infelizmente as secretárias encontraram somente o livro mais antigo referindo ao ano de 1956, neste não havia nenhum Hübner matriculado na Escola Particular de São Miguel. Nesse livro de registro constava matrícula, frequência, diário e aparelho escolar, que julguei ser muito rico em informações para averiguar as disciplinas escolares, horários, conteúdos didáticos, etc. A capa do livro de registro chamou a atenção (imagem 20) em que constava a descrição de “*República dos Estados Unidos do Brasil; Convênio de estatística educacionais de 1931; Registro escolar; matrícula, frequência e aparelho escolar; e, Modelo III*”. Ainda na imagem 20, folha 1, a capa do livro de registro escolar descrevendo o nome da “*Escola singular: Escola Particular de São Miguel, sem nome de rua e número, localidade Santa Emília pertencente a jurisdição do município de Venâncio Aires*”.

**Imagem 20** – Foto da capa do livro de registro mais antigo da Escola Particular de São Miguel e folha 1



**Fonte:** Foto Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.

Quanto ao preenchido do registro mais antigo preservado, sendo de 1956, os anteriores foram perdidos, notamos o fato deste tipo de registro escolar ser modelo adquirido desde o ano de 1931 pelas escolas do município de Venâncio Aires, com as regras implementadas em pleno período Vargas, onde se instalava um forte sentimento de nacionalidade. Podemos, talvez, interpretar o propósito com que os livros foram criados a partir da análise do autor (FRÖHLICH, 2005) ao verificar como sendo uma tentativa do estado em controlar e fiscalizar a demanda de imigrantes abandonados pelo Sul. Também de acordo com Palma Filho (2005), a era Getulina era dividida em dois momentos 2ª República (1930-1937) e 3ª República (1937-1950). Para Souza e Lima

(2016) e Romanelli (2017), configurou-se como os anos mais instáveis do Brasil de 1930 a 1937 e seguidos de uma ditadura Vargas de 1937 a 1945.

No período da Segunda República Vargas, em termos educacionais, os principais eventos denotam como: a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, no ano de 1930; a reforma do Ensino Secundário e do Ensino Superior, no ano de 1931; o manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova, no ano de 1932; a Constituição Federal, de 1934; e, os Projetos de reforma educacional oriundos da sociedade civil (PALMA FILHO, 2005).

Sobre o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, Saviani (2013), descreve como havendo, a seguinte estrutura:

Introdução: Movimento de renovação educacional; Diretrizes que se esclarecem; e; reforma e reforma.

1. Os fundamentos filosóficos e sociais da educação: Finalidade da educação; Valores mutáveis e valores permanentes.

2. A organização e administrativa do sistema educacional: O Estado em face da educação. a) A educação, uma função essencial pública; b) A questão da escola única; c) A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação; A função educacional: a) A unidade da função educacional, b) A autonomia da função educacional; c) A descentralização.

3. As bases psicobiologias da educação: O processo educativo; O conceito e os fundamentos educativos da Educação Nova.

4. Planejamento do sistema, conforme os princípios e diretrizes enunciadas: Plano de reconstrução Educacional: a) As linhas gerais do plano; b) O ponto nevrálgico da questão; c) O conceito moderno de Universidade e problemas universitário no Brasil; d) O problema dos melhores. A unidade formação dos professores e a unidade de espírito; O Papel da escola na vida e a sua função social.

Conclusão: A democracia – um programa de longos deveres (SAVIANI, 2013, p. 241-242)

Este manifesto foi escrito no ano de 1932 contando com o apoio de 26 intelectuais que defendiam uma educação gratuita e laica oferecida pelo estado como direito para todos.

No cenário Nacional, no ano de 1942, foi aprovada a Lei Orgânica do ensino Primário como êxito do Ministro Gustavo Capanema. Neste decreto foi criado um Fundo Nacional do Ensino Primário que tinha principal objetivo melhorar as condições de ensino elementar no país, mas o que ocorreu foi que o destino desta ajuda só chegou aos estados em agosto de 1945 (SAVIANI, 2018).

Logo, quando Hilda estudou na Escola Particular de São Miguel, este auxílio federal não havia chegado ainda ao interior de Venâncio Aires - RS, pois a escola

continuava sendo particular como observamos pela escrita pelo professor Pedro Specht, (imagem 20) folha 1.

O professor Pedro Specht, de acordo com Márcia Inês Stülp Finkler, aposentou-se no ano de 1971 da Escola de São Miguel. Ela comenta ainda o fato de não ter documentos antes de 1956 ser porque os descendentes antigos julgaram desnecessária aquela papelada (o acervo da escola), que Pedro mantinha em sua casa velha que o cupim havia tomado conta. Neste sentido, atearam fogo na pilha de papéis, queimando parte da história da instituição. Segue relato de Márcia Finkler, via WhatsApp, em junho de 2018:

*Foi o Pedro Specht o professor que dava aula para Hilda, então se tivesse alguma coisa da escola, teria que estar com algum desses familiares..., mas é que justamente eles tinham essas coisas lá naquela casa bem antiga, eu fui atrás já... eu fiz um resumo da localidade e era uma casa bem antiga a primeira casa deles, onde morava esse professor né... o pai e depois o filho. O herdeiro me disse que foi tudo queimado sabe... eles jogaram tudo fora né... quando demoliram a casa, aquelas papeladas velhas e na época não ficava na escola. Pelo que eu entendi o professor levava as coisas para casa e por isso que não tem nada antes de 1956. Em 1971 o professor Pedro Specht se aposentou. A escola antiga dos imigrantes funcionou até o ano de 1975. Em 1976 começou a funcionar no novo prédio ao lado da igreja e a escola e o que tinha nesta escola foi transferida para a nova (FINKLER, Márcia Inês; jun. 2018).*

O problema de muitos documentos antigos e objetos que ficam nas mãos de familiares que não tomam ou não sabem do devido valor histórico cultural, e assim, acabam por não guardar ou não entregar aos órgãos competentes fazendo com que se perca parte do registro da história documental. Para a autora Lima (2018), a Patrimonialização e Musealização agregam fatores relevantes sobre o cuidado e encargo social, cultural e histórico e são legalizadas com propósito de preservar este patrimônio para a transmissão da herança coletiva (LIMA, 2018).

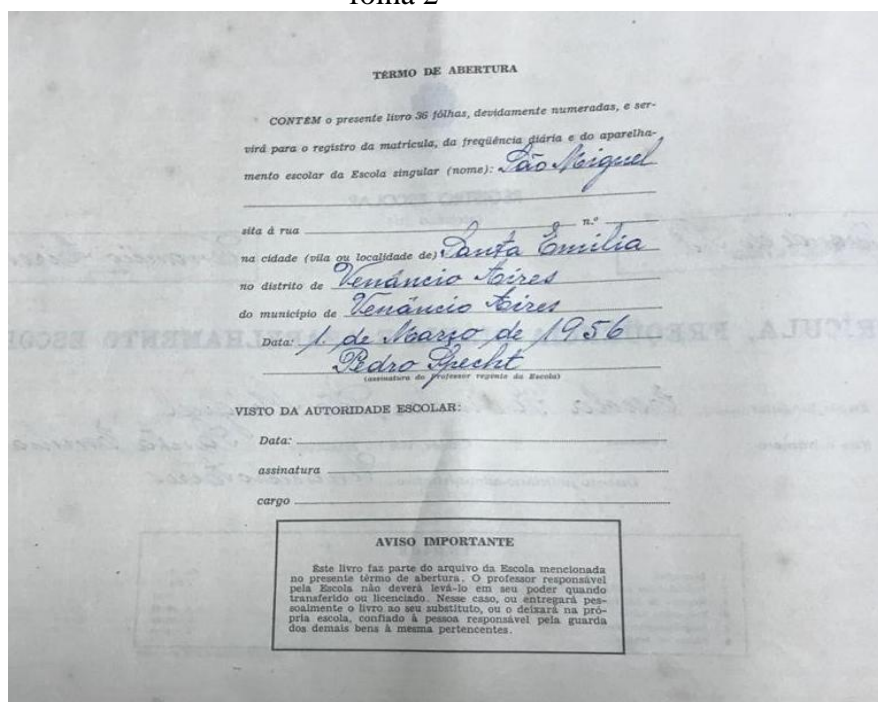
Neste caso a produção de documentos baseados em testemunho pela História Oral se justifica, ainda mais. Existem muitos que interpretam que à história oral tem o papel de produção de documentos, e tem sim. As entrevistas foram necessárias na pesquisa para procurar assunto muitas vezes polêmicos: relatos de torturas, perseguições, entre outros casos, e ou, documentos que foram destruídos, anotações de alguns processos históricos ou quando há a queima de documentos na história da humanidade (MEIHY e HOLANDA, 2015).

Muitos documentos e parte da história da comunidade escolar da Linha Duvidosa e Linha Santa Emília, do município de Venâncio Aires – RS, foram perdidos.

Tanto a secretaria como a Escola Municipal de São Miguel intensificaram as buscas por documentação perante a demanda da procura dos agricultores rurais daquelas localidades, dos documentos estudantis. Solicitavam tais comprovação agregando outros documentos necessário para fins de aposentadoria rural e recorriam a estes dois órgãos na procura destes, de acordo com Márcia Inês Stülp Finkler em conversa telefônica em 2017.

Na imagem 21, na folha dois do registro escolar, consta o termo de abertura sobre responsabilidade do professor e nele verificamos que há a assinatura do professor Pedro Specht, datada em primeiro de março de 1956, que foi professor de Hilda até a 5 série do ensino fundamental de 1939 a 1944. Referindo a escola como “*Aparelho Escolar: São Miguel*”.

**Imagem 21** – livro de registro escolar com a assinatura do professor Pedro Specht  
folha 2



TERMO DE ABERTURA

CONTEM o presente livro 36 folhas, devidamente numeradas, e servirá para o registro da matrícula, da frequência diária e do aparelhamento escolar da Escola singular (nome): *São Miguel*

sita à rua \_\_\_\_\_ n.º \_\_\_\_\_  
na cidade (vila ou localidade de) *Santa Emilia*  
no distrito de *Venâncio Aires*  
do município de *Venâncio Aires*

Data: *1. de Março de 1956*  
*Pedro Specht*  
(assinatura do professor regente da Escola)

VISTO DA AUTORIDADE ESCOLAR:

Data: \_\_\_\_\_  
assinatura \_\_\_\_\_  
cargo \_\_\_\_\_

**AVISO IMPORTANTE**

Este livro faz parte do arquivo da Escola mencionada no presente termo de abertura. O professor responsável pela Escola não deverá levá-lo em seu poder quando transferido ou licenciado. Nesse caso, ou entregará pessoalmente o livro ao seu substituto, ou o deixará na própria escola, confiado à pessoa responsável pela guarda dos demais bens à mesma pertencentes.

**Fonte:** Foto Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.

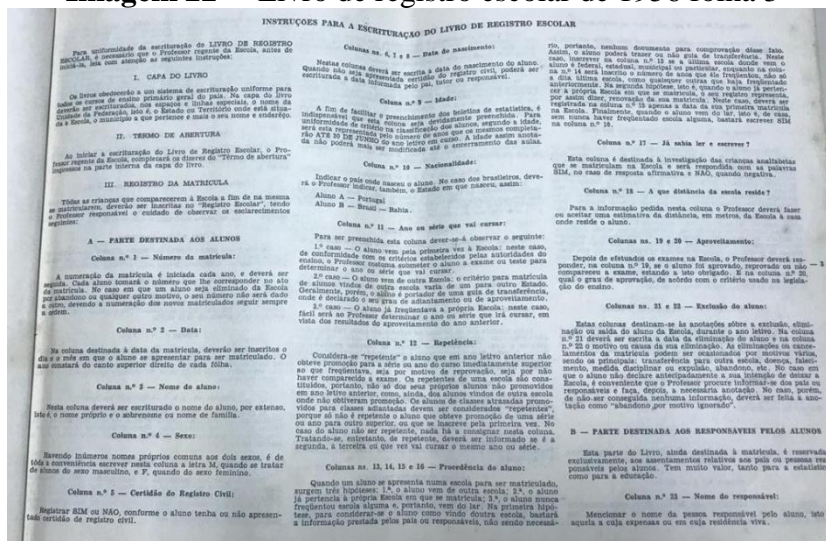
De acordo com o autor Fröhlich (2005), o professor Pedro Specht conseguiu continuar como professor durante anos graças ao apoio da comunidade, do Padre Pedro H. Vier e do vigário do município de Mato Leitão – RS (FRÖHLICH, 2005), durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, período presidencial de 31/01/1946 a 31/01/1951. Fröhlich (2005) acrescenta que logo após a Segunda Guerra Mundial o prof. Pedro Specht solicitou nacionalidade brasileira, mas esta somente foi concedida juntamente com a legalização da sua profissão como professor durante o segundo mandato presidencial de Getúlio Vargas (FRÖHLICH, 2005). Contextualizando



historicamente a época de forte nacionalismo, este professor que ministrou aula para Hilda Flores e Cláudio Fröhlich, somente obteve o consentimento de cidadania Brasileira que deve ter ocorrido na segunda era Vargas, de acordo com a posse de Vargas em 31/01/1951 e o termino do seu mandato, devido a pressão sofrida de uma tentativa de assassinato em 05/08/1954, que cominou na morte do seu guarda costas e amigo Major Rubens Florentino Vaz, comungando ao fato de sofrer ameaças de um Golpe Militar em 24 de agosto de 1954, preferiu o suicídio (LIRA NETO, 2014).

Podemos observar que nas páginas subsequentes - três, quatro e cinco – se demonstram iniciativas do controle, desde a década de 1931, do estado brasileiro, sob a educação, a fim de fazer um panorama observacional e estatístico da escola e incrementar futuras políticas de ensino. Sendo que o registro escolar orientava o professor desde a inciso I capa, inciso II, termo de abertura, a como responder aos dados estatísticos dos alunos inciso III.

**Imagem 22 – Livro de registro escolar de 1956 folha 3**



**Fonte:** Foto Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.

Na imagem 22, na folha três do livro de registro escolar, consta a instrução para o professor com deveres de ler e escrever uniformemente o livro de registro escolar conforme as instruções. Sendo que que o inciso III, esta dividido em duas partes. A parte – A, que traz os dados do aluno (coluna nº 1 de matrícula; coluna nº 2 data; coluna nº 3 nome do aluno; coluna nº 4 sexo; coluna nº 5 número do registro civil; colunas nºs 6, 7 e 8 data de nascimento; coluna nº 9 idade; coluna nº 10 naturalidade; coluna nº 11 ano ou série que vai cursar; coluna nº 12 repetência; colunas nºs 13, 14,15 e 16 procedência do aluno; coluna nº 17 já sabe ler e escrever?; coluna nº 18 a que distância da escola reside?; colunas nºs 19 e 20 aproveitamento; colunas nºs 21 e 22 exclusão do aluno).

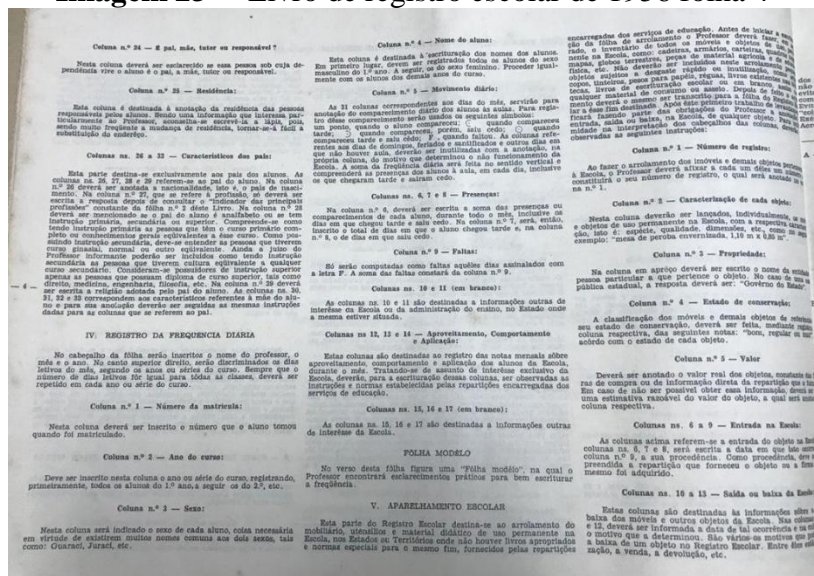


A parte B do inciso III é destinada aos responsáveis pelo aluno (coluna nº 23, nome do responsável; coluna nº 24, é o pai, mãe, tutor ou responsável; coluna nº 25, residência; e, colunas nºs 26 a 33 características dos pais). Podemos observar que se trata de uma ficha cadastral com os dados demográficos e sociocultural da comunidade escolar.

Ainda na imagem 23 consta o inciso IV sobre o registro de frequência diário (coluna nº 1 número de matrícula; coluna nº 2ano do curso; coluna nº 3 sexo; coluna nº 4 nome do aluno; coluna nº 5 movimento diário; colunas nºs 6,7 e 8 presenças, coluna nº 9 faltas; colunas nºs 10 e 11 em branco destinada a outros interesses do estado; colunas nºs 12,13 e 14 aproveitamento, comportamento e aplicação; e, colunas nºs 15, 16 e 17 em branco destinada a outros interesses da escola). No verso existe uma folha modelo para o professor fazer corretamente esta frequência. O Inciso V é referente a escola na época denominada de aparelho escolar (coluna nº 1 número de registro escolar do imóvel; coluna nº 2 característica de cada objeto; coluna nº 3 propriedade; coluna nº 4 estado de conservação; coluna nº 5 valor; colunas nºs 6 a 9 entrada na escola; e, colunas nºs 10 ao 13 saída ou baixa da escola). Nos incisos IV e V o estado procurava fiscalizar a conduta do aluno assim como o patrimônio escolar independente de ser privado ou público.

Lima (2015) comenta que os documentos escolares eram tidos como recurso que poderia registrar as individualidades dos alunos identificando eles como elementos especiais, assim como de seus familiares, a ponto de definir sua localização dentro da sociedade e os aspectos psicológicos e sociocultural em que vivia aquela sociedade (LIMA, 2015).

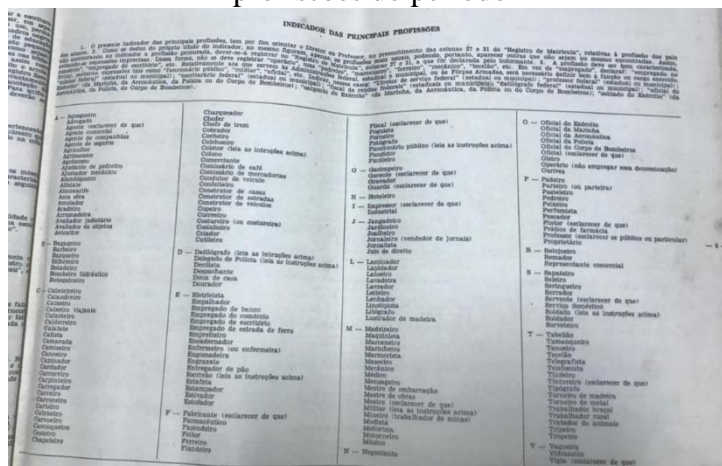
**Imagem 23 – Livro de registro escolar de 1956 folha 4**



Fonte: Foto Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.

A imagem 24, indica das principais profissões em ordem alfabética reconhecidas desde o período de 1931, as quais os professores e diretores deveriam atestar de acordo com os dados cadastrais dos pais dos alunos para trabalhar com os alunos estes ofícios.

**Imagem 24** – Livro de registro escolar de 1956, folha 5, com orientações das profissões do período



**Fonte:** Foto Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.

De acordo com a imagem 24, segue em ordem alfabética as profissões começando pela letra ‘a’: “açougueiro, advogado, agente (esclarecer de que), agente comercial, agente de campanhas, agente de seguros, agricultor, agrimensor, agrônomo, ajudante de pedreiro, ajustador de mecânica, alambiqueiro, alfaiate, almoxarife, ama sêca, amolador, aredeiro, arrumadeira, avaliador jurídico, avaliador de objetos, avicultor”. Com a letra ‘a’ temos 21 profissões sendo que seis destas são ligadas diretamente ao setor agrícola (agente comercial, agente de campanhas, agricultor, agrimensor, agrônomo e avicultor).

Com a letra “b” temos 7 profissões: *bagageiro, barbeiro, barqueiro, bilheteiro, boiadeiro, bombeiro hidráulico e botequineiro*. Somente uma profissão do meio rural sendo o boiadeiro.

Começando com a letra “c” havia 46 profissões: *cabelereiro, calandreiro, caixeiro, caixeiro viajante, caixoteiro, caldeireiro, calafate, calista, camarada, camiseiro, canoeiro, capinador, cardador, carcereiro, carpinteiro, carregador, carreiro, carroceiro, carteiro, catraieiro, carvoeiro, cavouqueiro, cesteiro, chapeleiro, charqueador, chofer, chofer de trem, cobrador, cocheiro, colchoeiro, coletor, colono, comerciante, comerciário de café, comissário de mercadorias, condutor de veículos, confeiteiro, construtor de casas, construtor de estradas, construtor de veículos, copeiro,*

*correeiro, costureiro, cozinheiro, criador e cutileiro*. Destes 46 ofícios somente quatro estavam ligados diretamente a agricultura (capinador, charqueador, colono e criador).

A inicial “d” temos seis profissões: *datilografo, delegado de polícia, dentista, despachante, dona de casa e dourador*. Nenhuma ligada diretamente com a agricultura.

A letra “e” são caracterizadas de 17 profissões e uma ligada a agricultura *empregado de campo* as demais são: *eletricista, empalhador, empregado do comercio, empregado de escritório, empregado de estrada de ferro, empreiteiro, encadernador, enfermeiro, engomadeira, engraxate, entregador de pão, escrivão, estafeta, estampador, estivador e estofador*.

Já a letra “f” são treze profissões: *fabricante, farmacêutico, fazendeiro, feitor, ferreiro, fiadeiro, fiscal, foguista, forneiro, fotógrafo, funcionário público, fundidor e funileiro*. Uma delas que seria o fazendeiro estaria ligado ao tema rural.

Com a letra “g” são quatro profissões: *garimpeiro, gerente, gravador e guarda*; letra “h” uma profissão a de *hoteleiro*; letra “i” duas profissões: *impressor e industrial*; letra “j” sete profissões: *jangadeiro, jardineiro, joalheiro, jornaleiro, jornalista e juiz de direito*. Destes quatorze ofícios nenhum era comum no meio rural.

Entretanto com a inicial “l” temos: *laminador, lapidador, loteiro, lavadeira, lavrador, leiteiro, lenhador, linotipista, litógrafo e lustrador de madeira*. Das dez profissões quatro são envolvidas com a agricultura: *loteiro, lavrador, leiteiro e lenhador*.

O “m” traz um total de dezoito profissões, destas duas apenas são ligadas ao ofício rural sendo elas: *madeireiro e marceneiro*. As demais são: *maquinista, marinheiro, marmorista, masseiro, mecânico, médico, mensageiro, mestre de embarcação, mestre de obras, mestre (esclarecer de que), militar, mineiro, modista, motorista, motorneiro e músico*.

A letra “n” havia uma única profissão: *negociante*; com a letra “o” temos nove profissões: *oficial do exército, oficial da marinha, oficial da aeronáutica, oficial de polícia, oficial do corpo de bombeiro, oficial (a esclarecer de que), oleiro, operário e ourives*; “p” temos onze profissões: *padeiro, parteiro (ou parteira), pasteleiro, pedreiro, peixeiro, perfumista, pescador, pintor, pratico de farmácia, professor (esclarecer se público ou particular) e proprietário*; “r” três ocupações: *relojeiro, remador e representante comercial* nenhuma desta tinha cunho agricultor.

Com a letra “s” são nove profissões: *sapateiro, seleiro, seringueiro, serrador, servente, serviço doméstico, soldado, soldador e sorveteiro*. Três desta estão ligadas a atividade rural que são a de seleiro, seringueiro e serrador.

Os empregos com a letra “t” de acordo com a imagem 26 são dezesseis: *tabelião, tamanqueiro, tanoeiro, tecelão, telegrafista, telefonista, tijoleiro, tintureiro, tipógrafo, torneiro de madeira, torneiro de metal, trabalhador braçal, trabalhador rural, tratador de animais, tripeiro e tropeiro*. Destes empregos acima com a letra “t” cinco são envolvidos com a agricultura o torneiro de madeira, trabalhador rural, tratador de animais, tripeiro e tropeiro

E finalizando a lista vem a letra “v” com três profissões uma ligada ao setor rural *vaqueiro* e duas outras: vidraceiro e vigia a outras zonas de trabalho.

Observa-se que havia um total de 187 profissões neste período, nas décadas de 30, 40 e 50, que estavam ligadas a outras zonas de atividade como comercial, urbana e industrial, mas da zona rural (agrícolas e pecuária) eram apenas 27 ofícios.

A situação mais relevante está relacionada a mulher nas zonas rurais, na medida em que, somente cinco ofícios são atribuídos a mulher: *ama sêca, arrumadeira, dona de casa, lavadeira e parteira*. Guacira Louro (2017b) enfatiza que à mulher era imposta a se comportar de acordo com a doutrina de época, e a educação destinada a ela somando-se ao relacionado de cunho religioso marcava esse período, destinava a mulher os deveres relacionados a profissão de dona de casa que englobava prendas domésticas, cuidados do lar e família.

Já nas cidades longe de Linha Duvidosa, Venâncio – Aires, RS, a feminista e estudiosa Céli Pinto (2003) discorre que a realidade Brasileira deve ser percebida desde os primeiros momentos a presença de mulheres em movimentos que lutavam pelos direitos negados as mulheres pelo Estado. Em princípio era constituído por mulheres filhas da elite que circulavam no meio político, que possuíam educação fora do país e meios para viajar. Como Bertha Lutz, que ano 1922 regressou dos Estados Unidos e organizou o I Congresso Internacional Feminino na cidade do Rio de Janeiro. Neste congresso formou-se a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) que teve fundamental importância na defesa dos direitos das mulheres a partir da própria condição de dona de casa, mãe, esposa para que ela possa intervir no mundo político. Onde estas

mulheres no final da década de 1940 e princípio de 1950 mulheres de diferentes classes sociais que formavam clubes de mães, atos contra a carestia, entre outros (PINTO, 2003).

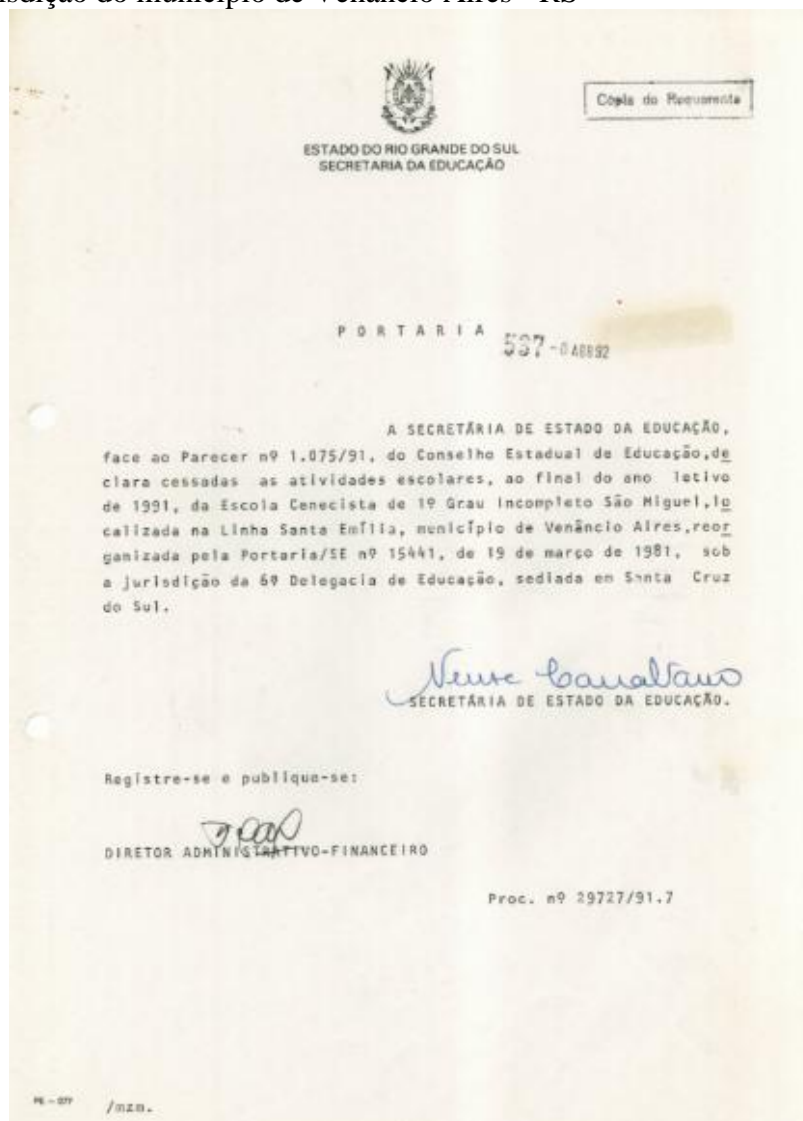
O trabalho docente de acordo com Araújo (2015), constituíam a essência metodológica e organizacional da aula e sociedade em que o trabalho didático e envolvia “*sistematização, organização, ordenação, coerência, metodizarão, coesão, logicidade, racionalidade, entrelaçamento*” (ARAÚJO, 2015, p. 175). Como observamos anteriormente, e discutido por vários autores como Lira Neto (2013) e Flores, (2008), Getúlio Vargas estimulou forte desejo intelectual nacionalista com o progresso das indústrias e das cidades, ao mesmo tempo, em que o setor rural permanecia conservador (MAURO, 1974).

O autor Palma Filho (2005) ainda explica que o presidente Getúlio Vargas, que permaneceu no poder durante quinze anos, foi o criador do moderno Estado Nacional, dirigindo-se para uma intervenção do Estado na economia. Alguns historiadores reconhecem esse período como a época do *nacional-desenvolvimentismo*, que se assinalou como o desenvolvimento econômico do país, com aporte industrial voltado para a substituição das importações (PALMA FILHO, 2005).

Quando os autores Saviani (2013) e Romanelli (2017) apontam as leis decretadas por Getúlio Vargas nota-se o nítido interesse de industrialização no Estado Novo, afirmado pelo decreto Lei que cunhou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI (1942), Lei Orgânica do Ensino Industrial (1942); Lei Orgânica do Ensino Secundário (1943) e Lei Orgânica do Ensino Comercial (1943) (SAVIANI, 2013; ROMANELLI, 2017). Estes decretos comprovam novamente o descaso no aspecto da sociedade rural e enfatiza o processo de industrialização deste período.

Em agosto de 2018 recebi uma surpresa, por e-mail, das funcionárias Gabriela Luiza Mahle e Bruna Kreling, da Secretaria Municipal de Educação: a portaria do Conselho Estadual de Educação do RS que encerra as atividades atribuídas ao estado dos anos de 1981, ao final do ano letivo de 1991, e confere as atribuições ao município de Venâncio Aires – RS, a partir de 1992.

**Imagem 25** – Documento que decreta que, a partir de 1991, a Escola de São Miguel pertenceria a jurisdição do município de Venâncio Aires - RS

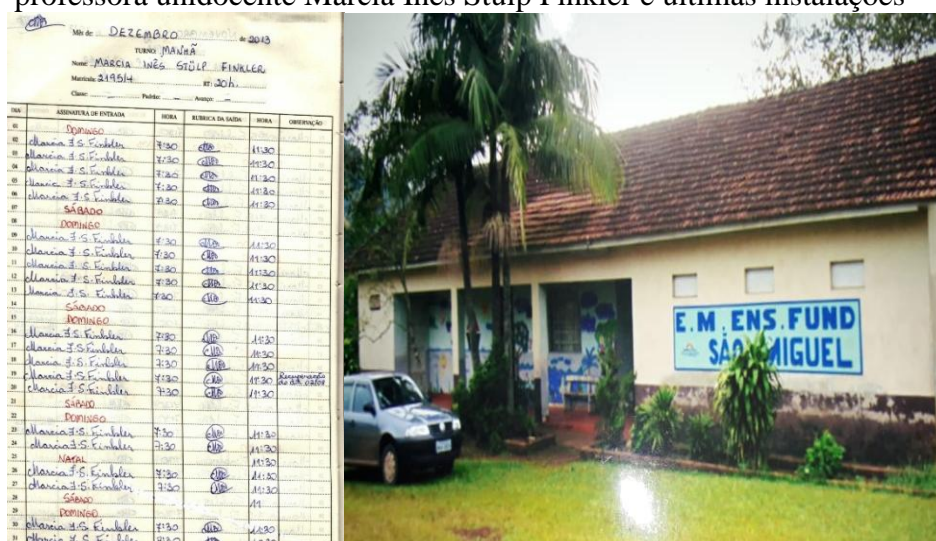


**Fonte:** Foto Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.

A Escola Particular de São Miguel iniciou o semestre letivo do ano de 1975 em novas instalações, passando de particular para pública no ano de 1981, e funcionou até o ano de 2013 conforme imagem 26 do último livro ponto da professora unidocente Márcia Inês Stülz Finkler, registrado na Secretaria de Educação do município de Venâncio Aires – RS e da foto das últimas instalações pertencente a Professora Márcia Inês Stülz Finkler. Quando a mesma entregou todos os documentos da escola à secretaria de educação deste município ao encerrar as atividades.



**Imagem 26** – Última folha do livro ponto da Escola Municipal de São Miguel da professora unidocente Márcia Inês Stülp Finkler e últimas instalações



**Fonte:** Documento pertencente a Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, jun.2018.  
Foto da escola arquivo pessoal de Márcia Inês Finkler, ago. 2018

Sobre a escola de São Miguel, Roque Finkler deixa seu relato bem saudososo, em dezembro de 2017, a respeito do fechamento da escola:

*A primeira escola era uma escola comunitária, particular das famílias e depois sim mais tarde que o estado e o município foi assumindo os professores e tudo mais. A escola comunitária funcionou também por vários anos aí como mais um espaço de tempo, teve até o 5º ano, que é a 5ª série. Mas geralmente era só até a 4ª série, mas agora faz também já uns 4 anos que ela foi fechada e os alunos que ainda tem desta localidade, que são menos são levados e transportados em Combi escolar para centros maiores. Aqui no caso Vila Terezinha (FINKLER, Roque; Dez, 2017).*

Como parte do material documental foi perdido, as fontes orais se tornam relevantes para preencher lacunas na história. Saviani (2004) entende que na medida em que as fontes são atribuídas a uma reconstrução e de onde brota e flui a história como partida e aporte na construção e reconstrução historiográfica, são importantes, porque vão ampliando e agregando novas informações para a pesquisa fazendo parte da história (SAVIANI, 2004). A própria história no século XIX, teve a preocupação de escrever em forma de documentos os acontecimentos passados, também passando a replicar a exemplo de séculos passados XIII que havia a tradução de obras antigas como as gregas desenvolvendo através da simples tradição textual para que não fossem perdidos e passou a se preocupar com o armazenamento destas fontes criando instituições que abrigassem tais documentos (FUNARI, 2015).

No cenário mundial no ano de 1945, de acordo com Flores (2008), Adolf

Hitler cometeu suicídio em 30 de abril de 1945 e começou o desfecho para o encerramento da participação dos Brasileiros na Segunda Guerra Mundial através do retorno das Forças Expedicionárias Brasileiras, a partir do dia 03 de agosto de 1945, e a última tropa retornou em 03 de outubro de 1945 (FLORES, 2008). Wilibaldo Brandenburg deve ter retornado para o sul do país em início de maio de 1945.

Para a autora Pistoia (2015) as atrocidades cometidas pelo regime nazista, para o povo alemão foi embutida como uma lavagem cerebral sendo justificável na Alemanha para salvação do mundo do capitalismo e dos judeus. E demorou muito para a população perceber outra versão após instalado a miséria e perceber os horrores causados (PISTOIA, 2015). Outro acontecimento extremamente marcante e devastador cuinhado a partir da Segunda Guerra Mundial foi a detonação de bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945 (NETO, 2014).

Em 1945 ainda se viu a necessidade de organizar táticas para que não ocorresse mais tais fatos desumanos e oriundos de uma guerra. As Organizações das Nações Unidas envolvendo vários países criaram a Carta de Direitos Universais que se organizava em várias regras para a defesa dos direitos humanos (PISTOIA, 2015).

No aspecto político nacional o sucesso dos aliados no ano de 1945 na Segunda Guerra Mundial levou os “diversos países da América Latina a adotarem regimes democráticos, se ainda não os tinham. Vargas decidiu que, em 2 de dezembro, o povo brasileiro elegeria um novo presidente e um novo Congresso” (MAURO, 1974, p.113). Flores (2013, p.175) complementa que Vargas, no Rio Grande do Sul:

[...] reorganizaram o antigo Partido Liberal. Os adeptos do Partido Republicano formaram a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático). Os integralistas criaram o PRP (Partido de Representação Popular). O PCB (Partido Comunista) foi legalizado. O chamado “movimento queremista”, que queria a permanência de Getúlio Vargas, transformou-se no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) FLORES, 2013, p. 175)

Esse cenário repercutiu em reflexos sociais e culturais após uma Guerra na comunidade de Linha São Miguel e Linha Duvidosa, pertencentes ao município de Venâncio Aires – RS, onde Hilda Flores passou seus primeiros anos de vida e deu início como educanda no ano de 1939 a 1944. No ano de 1945, Hilda vivenciou outra realidade de ensino e preparação para vida religiosa no Internato de Freiras do Colégio Santo Antônio no município de Estrela – RS, 38 km de Venâncio Aires – RS, no ano que findava a Segunda Guerra Mundial.



Hilda Flores desde pequena manifestou o desejo de ser professora, um dia, na sua escola no interior de VA, apareceu um senhor em busca de “vocacionadas” para padre e freiras no final do ano de 1944. E aos onze anos de idade, neste momento da visita, Hilda viu despertar a chance de sair do interior e ir para a cidade de Estrela – RS, mais desenvolvida em 1945. Hilda relata:

*Desde pequena eu dizia que queria ser professora e aparecer regularmente pelas escolas algum... como é que se chamava? Um promotor... sim... Alguém em busca de vocações para ser padre, para ser irmão, para ser freira.... Um promotor de vocações religiosas! Bem eu achei sei lá..., mas era a maneira de sair de lá do interior. E como eu queria ser professora, então para ser professora e freira minha mãe sonhou com isso né. Minha mãe não teve nenhum filho padre que era grande glória de então... o Alberto que você conheceu inventou de ser padre, ficou acho que um ano, depois ele desistiu... (Hilda Flores, set. 2016).*

Como Hilda gostaria de ser professora, a alternativa de ser religiosa era o melhor caminho a ser tomado e de acordo Felipe Kuhn Braun (2010), o labor feminino era importante para a manutenção das famílias de imigrantes alemães no sul do Brasil, além de ajudar no trabalho pesado no campo, destinava-se o cuidado da casa e a responsabilidade da educação dos filhos. O outro destino era a vida religiosa neste período (geralmente como freiras), em que meninas ou mulheres que queriam ser professoras podiam se dedicar exclusivamente à educação das crianças e a religião (BRAUN, 2010).

Os imigrantes alemães herdaram costume Europeu em que a continuidade da família era fomentada pelo primeiro filho (primogênito), pois era o filho mais velho que herdava as terras da família. Quando a família fosse mais numerosa, os outros filhos teriam que ser encaminhados aos estudos para que se tornassem religiosas, padres ou outras profissões de acordo com as condições familiares professor, advogado, médico entre outras (COTRIM 2005).

Também como já discutimos anteriormente, os alemães que não comungavam com costumes ordeiros eram vistos com maus olhos (BRANDENBURG, 2015), então em vias de regras a comunidade deveria ser religiosa e obediente para manter a ordem e a moral das famílias o que para o período foi a solução e o amparo que estes imigrantes tiveram. Moacyr Flores salienta que a constituição familiar da família de Hilda Flores era muito religiosa, onde relata:

*A família dela é muito religiosa, então ter um padre, ter uma freira na família era um status aqui na comunidade, e como ela não trabalhou*

*na roça, por causa do defeito no pé que ela tem, que ela foi operar em Porto Alegre, ela foi destinada a ser freira. Talvez pelo pequeno defeito no pé a família achava que ela não iria se casar. Aquele negócio: se tem vocação ou não, não interessa (Moacyr Flores, dez, 2017).*

Quando Moacyr Flores fala a respeito de ter vocação ou não, ele se remete ao fato que Guacira Louro (2017b) comenta acerca de vários anos a profissão de professora era exercida por mulher solteira e que não conseguia se casar. Pois, a sociedade impunha para a mulher o casamento e, consecutivamente, ser mãe, seria o normal destino de uma mulher. Então, as vocacionadas solteiras seguiriam para o magistério, pois seria a solução para o grupo de solteiras da época, que com isso, elas conseguiriam dar amor e dedicação as crianças (LOURO, 2017 b).

Saviani (2004) salienta que no âmbito escolar brasileiro houve inicialmente grande importância das instituições ligadas a igreja e a família, vinculadas diretamente ou indiretamente as escolas (SAVIANI, 2004). No ano de 1945, anos ditatoriais findaram, em 1946 foi promulgada a nova Constituição, e a Carta de 1946 defenderia a liberdade e a educação de todos os brasileiros, sendo que deveria ter o ensino em todos os níveis e a esfera pública deveria ser responsável pela educação assim como as escolas privadas (SHIROMA, MORAES, EVANGELISTA, 2011).

Ainda complementa Saviani (2018) que embora houvesse a aprovação da Lei Orgânica do Ensino Primário, de 1942, que estipula verbas por parte do estado, mas que apenas ocorreu este auxílio concretamente no ano de 1945 incentivando melhorias na educação (SAVIANI, 2018). O auxílio estadual aprovado na lei Orgânica de 1942 não chegou ao interior de Venâncio Aires - RS e, de acordo com a autora Dóris Almeida (2018), as escolas rurais eram distantes das grandes cidades, em decorrência, a comunidade escolar era muitas vezes esquecida no sec. XX e afastada de melhorias educacionais. Ocorria um grande êxito rural e a falta de incentivo público levava os alunos a não continuidade dos estudos (ALMEIDA, 2018). Quando Hilda e sua família perceberam que seguir com a igreja seria a oportunidade de continuidade nos estudos devido as dificuldades encontradas no interior para educa-la, e diante da sua vontade de ser professora, a mãe concedeu que a filha estudasse em um internato para freiras.

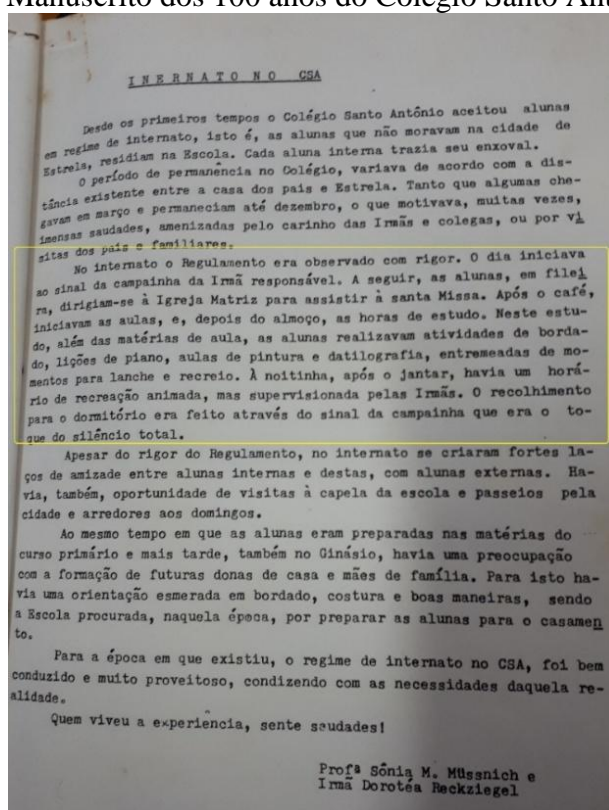
Hilda Flores relata que nesta escola colocaram ela novamente para fazer a quinta série, pois as disciplinas não combinavam com o currículo da Escola Particular de São Miguel e lembra da visita de sua tia ao internato Santo Antônio em Estrela - RS. Hilda diz:

*Foi quando me botaram de volta, eu acho que repeti a quinta série. Eu tinha já feito o primário em linha Duvidosa até a quinta série. Eu repeti em Estrela a quinta série porque os programas não combinavam. Não me lembro bem quando foi o ano eu fui para lá ... foi no começo de ano... deve ter sido e voltava no final do ano para casa Hilda Flores, dez. 2018).*

Realmente, quando criança, no interior de Venâncio Aires – RS, Hilda Flores desfrutou de mais liberdade na sua infância. Os hábitos passaram a ser outros na condição de noviça religiosa, com uma rotina de estudo mais intensa que englobava outras disciplinas e havia também uma vida mais contida.

Segue abaixo a imagem 27, do Manuscrito escrito para comemorar os 100 anos do Colégio Santo Antônio de Estrela – RS, escola que Hilda foi estudar.

**Imagem 27** – Manuscrito dos 100 anos do Colégio Santo Antônio de Estrela

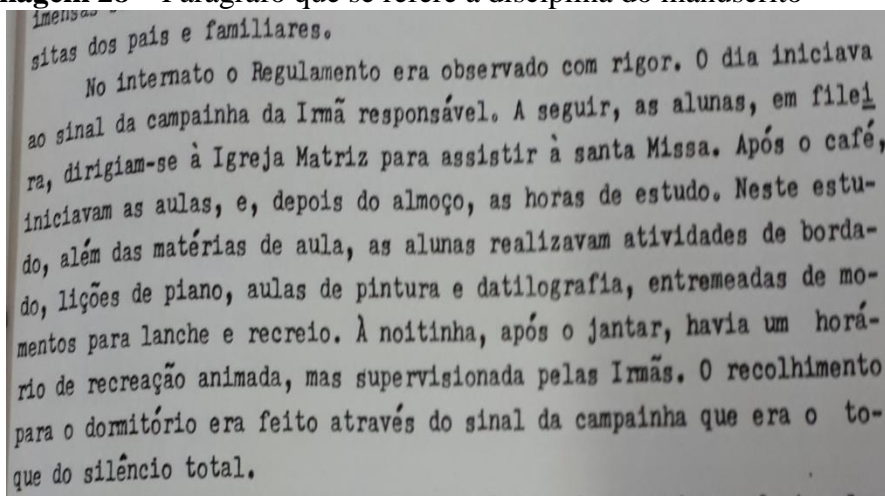


**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.  
Descrição: Foto tirada por pesquisadora em jun.2018

Neste manuscrito, escrito pela professora Sônia M. Müssnich e Irmã Dorotéa Reckziegel, destaco três trechos. O primeiro remete que as internas chegavam no início do ano para o internato em março e voltavam em dezembro para sua casa quando encerrava o ano letivo destas que não pertenciam ao município de Estrela. A saudade era amenizada pela visita de parentes e pelas amizades efetuadas das moças. Norma que comunga com o que Hilda Flores falou, que ia para o internato no início do ano. O

segundo, no tocante a rotina com mais rigor, que destaco no 3º parágrafo deste manuscrito, imagem 28.

**Imagem 28** – Parágrafo que se refere a disciplina do manuscrito



imensas  
sitas dos pais e familiares.  
No internato o Regulamento era observado com rigor. O dia iniciava ao sinal da campainha da Irmã responsável. A seguir, as alunas, em fileira, dirigiam-se à Igreja Matriz para assistir à santa Missa. Após o café, iniciavam as aulas, e, depois do almoço, as horas de estudo. Neste estudo, além das matérias de aula, as alunas realizavam atividades de bordado, lições de piano, aulas de pintura e datilografia, entremeadas de momentos para lanche e recreio. À noitinha, após o jantar, havia um horário de recreação animada, mas supervisionada pelas Irmãs. O recolhimento para o dormitório era feito através do sinal da campainha que era o toque do silêncio total.

**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Hilda Flores (2015(b), p.69) ainda fala em um pequeno trecho da sua experiência como noviça e o quanto elas viviam isoladas do mundo perante os acontecimentos, por exemplo da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945. Neste sentido, saliento que as irmãs tentavam minimizar o terror dos acontecimentos deste período instalado, sabemos que as cidades com origem germânica no sul do Brasil foram muito afetadas em sua rotina quanto a língua e costumes. E não deveria ser diferente no Internato do Colégio Santo Antônio em Estrela – RS, entanto havia um isolamento das internas na tentativa de preservar as noviças. Hilda não ficou ilesa por ter sobrenome de origem germânica Hübner Flores (b), 2015, p. 69:

No internato do colégio de freiras, o muro elevado estreitava o mundo, drenando notícias para não prejudicar aquele bando de adolescentes buliçosas. As ocorrências bélicas chegavam até nós peneiradas. Recrudescera proibição da fala estrangeira no vale do taquari para línguas alemã que aí se falava. O trema integrava a língua proibida, e eu deveria excluí-lo de meu sobrenome. Justificativa a freira “não havia mais trema nas modernas máquinas de datilografia”. Passei a assinar Huebner. Parecia estranho e abandonei a forma guerreira logo que a Guerra terminou – até porque a trema continua firme nos teclados. (HÜBNER FLORES (b), 2015, p. 69).

Neste momento se faz necessário falar um pouco da instituição do internato como o Colégio Santo Antônio, em que Ana Cristina Lage (2016) explica que as escolas congreganistas educativas de modelo europeu começaram a emergir desde o final do século XVIII, porém somente em meados do século XIX as religiosas congregadas eram

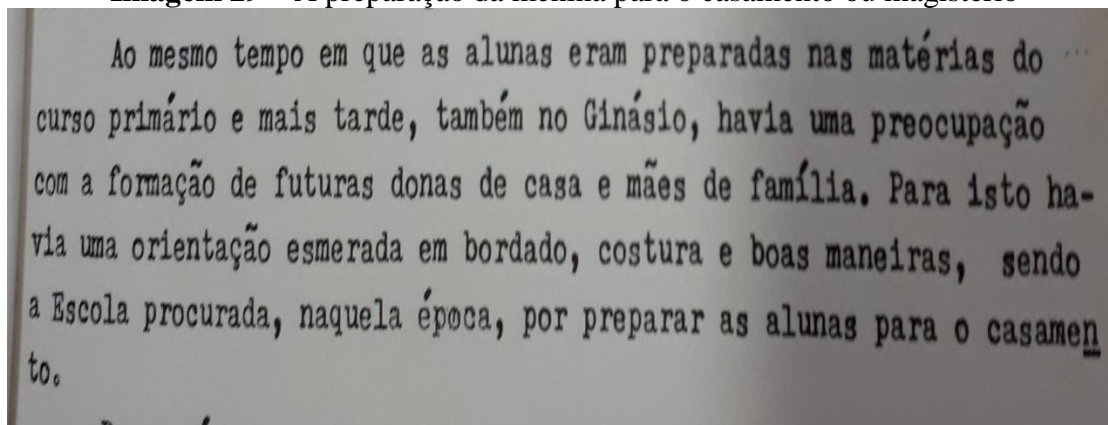
preparadas para o desempenho do papel de professoras, cuidar de doentes, entre outros afazeres que chegaram no Brasil (LAGE, 2016).

Guacira Louro (b) (2017) advoga que no Brasil fica quase impossível mensurar determinadas ações sociais que ocorreram na metade do sec. XIX, que permitiram não somente a escolarização das mulheres, mas, com o passar do tempo, a formação como professoras. Fica difícil uma busca por decretos, porém o fato é que a urbanização estava chegando ao interior do Brasil e contava com a imigração de outros grupos que vinham com outras práticas pedagógicas e de trabalho resignificando a escola. E, depois de muitas polemicas, aceita-se o magistério como profissão feminina (LOURO (b), 2017). De acordo com Lage (2016) em meados do século XX, as mulheres passaram a assumir a educação de meninas.

Já para as autoras Matos e Borelli (2018) colocam que as freiras eram preparadas como cuidadoras de enfermos carentes em Casas de Saúde, depois passou a legalização do curso de enfermagem em 1920 com a Escola Ana Nery, perdurando com crescimento gradual nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Ribeirão Preto e Belo Horizonte nas décadas de 30 e 40. Para estas autoras o contexto do magistério como profissão feminina se deu com a Proclamação da República com intuito de preparar as mães a educar seus filhos. Surgindo as Escolas Normais para moças. Em 1835 e 1890 houve a feminização do magistério, que foi até 1930. Em 1950, abriu-se mais escolas devido ao número maior de criança em todas as camadas sociais e a industrialização. Entretanto, notamos que na localidade de Hilda Flores, havia um professor que ministrava aulas antes dos decretos governamentais, devido à necessidade de alfabetizar as crianças esquecidas pelo sistema Brasileiro.

No que tange a religião e as mulheres, parece que sempre houve uma hierarquia do homem sobre as mulheres e isso fez com que houvesse, de certa forma, desvalorização do feminino em relação ao masculino nas profissões. Na própria medida em que as mulheres que não casavam, o destino era ser professora ou seguir a vida religiosa, e, com o passar do tempo, os internatos começaram a preparar as moças para o casamento (PERROT, 2017). Segue trecho do manuscrito (imagem 29) que descreve que existia a preocupação com a formação das meninas para serem donas de casa, tendo disciplinas como bordado, costuras e boas maneiras.

**Imagem 29** – A preparação da menina para o casamento ou magistério



**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Nessa perspectiva, é notável que o modelo de convento continuou coexistindo com o modelo congreganista. O primeiro foi diminuindo e recebia meninas que almejavam a clausura devocional, entretanto, o segundo forma meninas para o casamento e fornecia a escolarização básica, mesmo sendo uma probabilidade de educá-las para o mundo, mas prevalecendo em especial para o futuro matrimônio e a maternidade (LAGE, 2016).

Com o passar do tempo, aumenta os argumentos em pro e da educação feminina, comumente para resolver e dar base para educação dos filhos. Porém, esta alegação repercutiu diretamente ou indiretamente, induzindo a característica da profissão de magistério. No início era urgente a necessidade de professores do sexo feminino e, em seguida tornando-se uma profissão de dedicação da mulher (LOURO, 2017 b).

Os ideias da época constituíam-se pela ordem e progresso industrial, contribuindo para a sociedade se tornar moderna, e a higiene da família e educação dos filhos eram dever materno, em especial, à formação de cidadãos. A psicologia surgiu nesse momento em que colocava a mãe era educada para manter família unida e o amor de mãe era condição indispensável ao desenvolvimento do bem-estar físico e emocional das crianças (LOURO, 2017 b). Dentre os aspectos trabalhistas as mulheres adquiriram o direito a trabalhar fora de casa sem a permissão do marido (MATOS; BORELLI, 2018).

Em junho de 2018, estive no Colégio Particular Santo Antônio em Estrela – RS, ex-internato, por meio de um contato telefônico prévio com a secretaria do colégio Sra. Denise Bernadete Moraes, que prontamente agendou uma visita para eu conversar com a diretora e com alguém que estivesse estudando durante a época em que o colégio ainda funcionava como pensionato das Irmãs Franciscanas. Para saber mais um pouco sobre a vida de minha biografada.

No colégio fui recepcionada com carinho pela Denise, a Diretora do Colégio Santo Antônio, pela diretora Administrativa da Faculdade La Salle de Estrela, a Sra. Cláudia Argiles da Costa, e pela coordenadora pedagógica Sra. Márcia Beppler, (imagem 30). Neste dia, em especial estava muito frio, embora era 14hs estava 5°C, mas, a temperatura pelo ventinho minuano que sopra no Sul ao inverno parecia uns -10° C a menos.

**Imagem 30** – Pesquisa ao colégio Santo Antônio de Estrela - RS



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora jun. 2018

Descrição: Cristine pesquisadora, ao meu lado Sra. Denise Bernadete Moraes, a Sra. Márcia Beppler de casaco branco e na outra ponta a Sra. Cláudia Argiles da Costa.

Nesta instituição de ensino fiquei muito feliz com os achados da minha busca. Encontrei fontes sobre a minha biografada Hilda Flores e, além das fontes, percebi que eles mantiveram-se ensinando os valores deixados pelas irmãs, assim como, a memória e história da instituição. Hoje o colégio é mantido por um grupo cíclico de pais, e funciona no período matutino e noturno o estabelecimento abriga a Faculdade La Salle de Estrela.

Logo na entrada deparei-me com o lema deixado pelas Irmãs Franciscanas (imagem 31): carisma franciscano; família; convivência e respeito a diversidade; ética; comprometimento; solidariedade; cuidado, zelo e bondade; fé e fraternidade; sustentabilidade; tolerância. E a Imagem de Santo Antônio.



**Imagem 31** – Lema das Irmãs Franciscanas e imagem de Santo Antônio



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora jun. 2018.

A secretaria do colégio logo me trouxe um livro de matricula de 1940 a 1945 (imagem 32) em que havia a data de ingresso, em 01/03/45, da aluna Hilda Huebner (sem trema). Observado que as demais alunas também de origem alemã não possuíam trema no nome. Ainda constava as informações; data de nascimento 16/06/33; 11 anos de idade; matriculada no 5º serie; sexo feminino; religião católica, de Linha Duvidosa município de Venâncio Aires – RS.

**Imagem 32** – Livro de Matricula Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela -RS  
Folha dados aluno do ano de 1945

**-MATRÍCULA**  
Seção a) - Página destinada aos alunos

N.º	Data da Matrícula			NOME(S)	Data de Nascimento	Idade (em anos)	Idade (em meses)	Sexo	Religião	Estado Civil	RESIDÊNCIA	CANCELAMENTO		
	Dia	Mês	Ano									Data	Motivo	
21	1	3	45	Vilma Guimarães	13-2-27	18	5	F	Cat.	5º	Tequari			
22	1	3	45	Mazy Klein	9-12-29	16	"	"	"	7º	Lafundo - Romberg			
23	1	3	45	Doris Schuk	13-8-23	11	"	"	"	"	Betela			
24	1	3	45	Dulce Schuk	7-9-21	13	"	"	"	"	"			
25	1	3	45	Dulce Hess	2-4-34	11	"	"	"	"	"			
26	1	3	45	Olga Schneider	11-6-32	13	"	"	"	"	"			
27	1	3	45	Olga Schneider	13-11-30	15	"	"	"	"	"			
28	1	3	45	Sirabell Loren	1-9-34	10	"	"	"	"	"			
29	1	3	45	Anna Sief	4-6-31	14	"	"	"	"	" - Linha Belfina			
30	1	3	45	Olde Botiga	14-11-31	14	"	"	"	"	Vila São - Lageado			
31	1	3	45	Ena Luel	8-7-25	10	"	"	"	"	Betela			
32	1	3	45	Antônio Schubert	9-10-33	11	"	"	"	"	"			
33	1	3	45	Hilda Huebner	16-6-33	11	"	"	"	"	Linha Duvidosa - Venâncio Aires			
34	1	3	45	Inge Jo Thomé	1-7-34	11	"	"	"	"	Betela			
35	1	3	45	Anna Dalila Gerhard	23-6-34	10	"	"	"	"	"			
36	1	3	45	Gene Braun	7-2-26	23	"	"	"	"	S. Clara			
37	1	3	45	Liselotte Joss	21-7-33	10	"	"	"	"	Betela			
38	1	3	45	Luca Tuden	7-11-29	16	"	"	"	"	S. Amélia - Venâncio Aires			
39	1	3	45	Anna Brandina Gerhard	2-7-28	16	"	"	"	"	Foquetinha - Lageado			
40	1	3	45	Anna Valmy Korn	20-3-34	10	"	"	"	"	Betela			
41	1	3	45	Anna Schuster	23-2-32	13	"	"	"	"	Linha 32 - Arro do Meio			
42	1	3	45	Irassinka Koss	16-9-32	12	"	"	"	"	Betela			
43	1	3	45	Teresa Anna Bollmann	18-9-32	12	"	"	"	"	Alta Ingustonha - Lageado			
44	1	3	45	Vera Bohmer	25-9-35	9	"	"	"	"	S. Clara			
45	1	3	45	Jomana Schumann	5-5-33	13	"	"	"	Cat.	S. Amélia - Venâncio Aires			
46	1	3	45	Ang Thomé	21-12-35	9	"	"	"	"	Betela			
47	1	3	45	Alfii Lucatti	24-1-34	10	"	"	"	"	S. Joao 125 - Porto Alegre			
48	1	3	45	Helvi Irassinka Schwede	28-3-35	9	"	"	"	"	Betela			

**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.



O documento da (imagem 32) comprova a preocupação das freiras com as moças de filhos de imigrantes alemães no registro da escola, por cautela retirava o trema para proteger as alunas.

Na (imagem 33) há a informação dos pais das discentes, no caso de Hilda Huebner constava as seguintes informações: nome do responsável (pai) Francisco Huebner, nacionalidade Brasileira; profissão agricultor; grau de instrução elementar; religião católica; e, nome da mãe Ana Dietrich; nacionalidade Brasileira; profissão domicilio; grau de instrução elementar; religião católica.

**Imagem 33** – Livro de Matrícula Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela -RS  
 Folha dados dos pais dos alunos do ano de 1945

MATRÍCULA										
Seção b) - Página destinada aos pais ou responsáveis										
CÓD.	NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL	Nacim. nacionalidade	Gráo de instr.	Profissão	Religião	NOME DA MÃE	Nacim. nacionalidade	Gráo de instr.	Profissão	Religião
	Ulisses Guimarães	Br.	el.	Agricultor	cat.	Assilana Guimarães	Br.	el.	dom.	cat.
	José Elm	"	"	"	"	Angilina Schmidt	"	"	"	"
	Hilma Schuk	"	"	Agric.	"	Hilma Müller	"	"	"	"
	Osé Ross	"	"	"	"	Amélia Stella	"	"	"	"
	José Loucheider	"	"	Contista	"	Vanessa Fobard	"	"	"	"
	Amelô Ron	"	"	Barbeiro	"	Carlota Piquery	"	"	"	"
	José Sief	"	"	Agric.	"	María Paulina Hermann	"	"	"	"
	André Bottega	"	"	"	"	Stela Lalli	"	"	"	"
	Ronaldo Diel	"	"	Sidrio	"	M. Catarina Schuch	"	"	"	"
	Hilma Schuk	"	"	Agric.	"	M. H. Piquery	"	"	"	"
	Francisco Huebner	"	"	Agric.	"	Ana Dietrich	"	"	"	"
	Mário Rome	"	"	Base	"	Amélia Zieher	"	"	Secunsp.	"
	Paulo Felipe Fobard	"	"	Contista	"	María Ballmann	"	"	el. dom.	"
	Nicolas Simon	"	"	Agric.	"	Josquina Ros	"	"	"	"
	Dir. Joss	Al.	"	Sitofador	"	María Misovich	"	"	"	"
	José Tuden	Br.	"	Agric.	"	Olara Fonten	"	"	"	"
	Fernando Fobard	"	"	"	"	Suzana S. Schmitt	"	"	"	"
	Simone Ron	"	"	Sapateiro	"	Quida Willenbrun	"	"	"	"
	Wolter Schuster	"	"	Agric.	"	Lucila Andler	"	"	"	"
	José Reina	"	"	Tiscal	"	Ordina Gatti	"	"	"	"
	José Ballmann	"	"	Agric.	"	María B. Zieher	"	"	"	"
	Olivia Schum	"	"	Secretária	"	Hedwig B. Dahmer	Al.	"	"	"
	José Schumann	"	"	Agric.	cat.	M. Madalena Weber	Br.	"	"	cat.
	Mário Rome	"	"	Base	"	Amélia Becker	"	"	Secunsp.	"
	José Lucatti	"	"	Com.	"	Agnes Bente	"	"	el. dom.	"
	Alfredo Schwade	"	"	Mecânico	"	Julita Schwade	"	"	"	"

**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Tal documento confirma que a mãe de Hilda era dona de casa, que seu pai era agricultor, que ambos só possuíam o nível elementar de escolarização e que Hilda entrou aos 11 anos no ensino secundário.

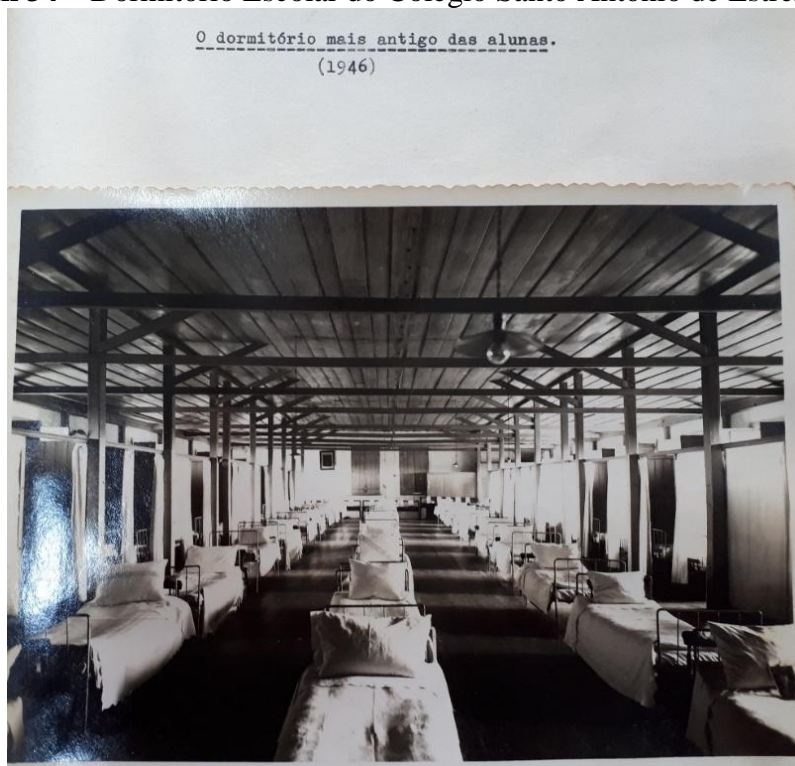
Ao conversar com a Diretora Cláudia procurei saber um pouco da história do Colégio Santo Antônio e sobre as irmãs franciscanas, ela me mostrou um álbum com fotos do passar dos anos do colégio juntamente com uma história digitada que consta no manuscrito que me refiro anteriormente, na (imagem 27).

[...]. Nós fizemos uma compilação de dados né... o tempo passa, o sonho se realiza, a promessa continua, aumenta o número de alunos, avança o estudo, o ensino... a árdua tarefa daquelas educadoras aí... eu contei um pouco como história assim...nessa parte que eu sabia que

*tinha porque fui eu que fiz. (Risos) então por isso que o colégio caminhou para o centenário. Ali chega o ano de 2005 após inúmeras dificuldades... com 29 funcionárias aí tem a parte da transição onde a comunidade de pais, professores e alunos buscam soluções para não perder esse prédio, essa essência de educação porque ela faz parte do vale... imagina quantas pessoas passaram por aqui... então, isso aí são as energias que a gente fala assim... porque... essas energias elas se conectam, elas estão conectadas. Quando tu falas Colégio Santo Antônio muitas vezes a gente recebe pessoas que já passaram por aqui e as lágrimas, delas voltam.... Hoje temos um quadro de 87 funcionários (Cláudia Argiles da Costa, jun. 2018)*

Como existe a preservação e guarda destes documentos para servir de memória do Colégio Santo Antônio, que, em 2018, fez 120 anos, consegui algumas imagens que achei pertinente para a pesquisa sobre Hilda Flores. Justifica-se utiliza-las no estudo porque, de acordo com Kossoy (2018), as fontes fotográficas e o objeto da investigação perpassam o tempo passado, pois, permite pesquisadores utilizar como aporte e como meio de conhecimento da cena no passado. Na (imagem 34) temos a mais antiga foto do dormitório que, provavelmente, Hilda Flores dividiu com as colegas.

**Imagem 34** – Dormitório Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS 1946



**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Quando mostrei a (imagem 34) para a professora Hilda, em dezembro de 2018, ela não se recordou com exatidão de detalhes, somente uma vaga lembrança do dormitório que poderia ser sim o mesmo. Realmente a biografada tinha apenas 11 anos de idade na época e hoje tem 86 anos. O esquecimento está ligado a culpa, sentimento

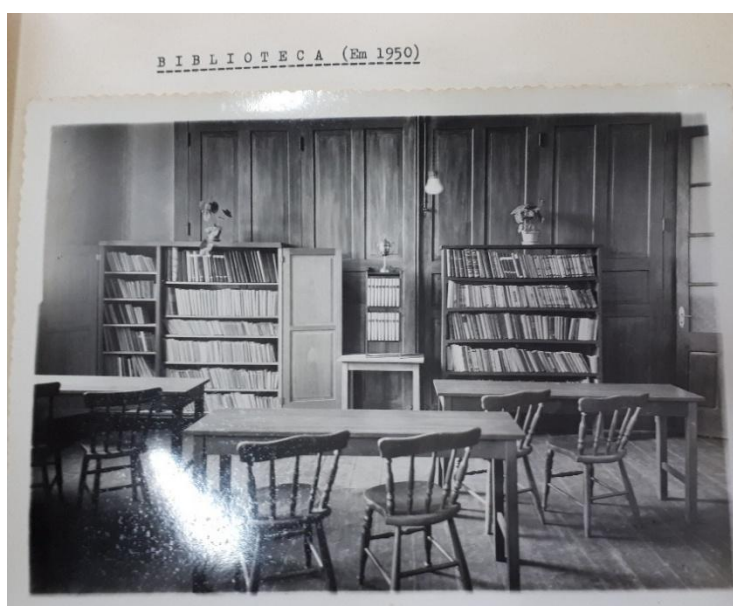
triste, perdão, reconciliação com o passado; e estes sentimentos se cruzam em um lugar na nossa memória para fidelidade das lembranças do passado, no caso até mesmo momento felizes são muitas vezes apaziguados na nossa memória (RICOEUR, 2018).

Talvez o fato de Hilda Flores ter pela primeira vez se afastado da família por um período tão longo lhe trouxesse tristeza em seu subconsciente. Tanto que a uma das poucas lembranças que tem deste internato são a visita da tia, que com certeza lhe trouxe um pouco de acalento. Inclusive sua tia se apavorou como Hilda, em meio ano, tinha engordado tanto, provavelmente por questões psicológicas e diminuição do ritmo metabólico de exercícios. Na sua infância Hilda podia vir correndo da escola 5 km, comia mais frutas, em fim, quando a tia lhe visitou ela estava mais gordinha. Fato que a biografada conta com detalhes desta visita:

*Eu me lembro que minha tia foi me visitar no internato (risos) no restaurante do internato lá estava eu gordinha (risos) uma vida mais parada no internato comíamos comida de engordar, digamos, feijão, arroz, carne todo dia né... e a minha refeição no interior era mais simples, comia fruta a toda hora, corria 5 km da escola para casa (Hilda Flores, dez. 2018).*

Na biblioteca escolar do Colégio Santo Antônio consegui, nos arquivos da instituição, uma fotografia da biblioteca de meados do século XX (imagem 35). Que para historiadores cai como luva como sendo fonte de estudo iconografia que é o estudo da imagem no passado Kossoy (2018).

**Imagem 35** – Biblioteca Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS na década de 1950



**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Sobre a Biblioteca, quando questionei Hilda Flores, em dezembro de 2018, ela disse: *Lembro das cadeiras, das mesas, estantes, mas sinto a falta de um enorme globo terrestre que tinha ali, em alemão* (Hilda Flores, dez. 2018). Levanto hipótese de sua retirada dele irmãs, da biblioteca, devido a Segunda Guerra Mundial como exemplo da escola de Linha Duvidosa, por ter palavras em alemão.

Embora a Segunda Guerra tenha terminado em 1945, os seus reflexos perduraram por anos na região sul do país devido a colonização germânica e italiana desta região. Vários foram os episódios de retaliação sofrido pelos imigrantes nas zonas rurais ou comerciais, por exemplo, o quebra-quebra em estabelecimentos durante a Segunda Guerra Mundial, alguns destes autorizados pelo então Interventor Federal do Estado General Osvaldo Cordeiro Farias (LEITE, 2015). Ele respaldava-se em decretos criados por Getúlio Vargas, em 1938, que proibia os rádios e jornais de comunicar fatos em língua estrangeira, proibia atividade política estrangeira e regulava a expulsão de estrangeiros (SCHWARCZ, 2017).

O sentimento era de medo, porque entravam em estabelecimentos comerciais e se ali estavam falando em alemão, um instante o silêncio tomava conta, se o homem vestisse farda oficial, mais medo gerava. A exemplo, o fato do pastor evangélico relato como “os anos de chumbo pós-guerra” em que 17 de setembro de 1948, no jornal *Correio do Povo*, que noticiava que o pastor Herbert Wandschneider havia tirado o chapéu de mal vontade durante a execução do Hino Nacional na semana da pátria em Porto Alegre-RS, após abordagem policial. Ele já havia sido preso em acusação por nazismo durante a Segunda Guerra sem direito a defesa, condenado perante opinião pública. Após a Segunda Guerra novamente por usar um chapéu, mas o delegado não quis saber se o chapéu fazia parte do vestuário de pastor para cerimônias (HAMMES, 2015).

Na imagem 36 temos o antigo pátio do colégio (datada do ano de 1944), que as irmãs usavam para fazer recreação com as crianças quando Hilda Flores estudava. Em dezembro de 2018, quando perguntei sobre esta imagem para Hilda Flores, ela disse: *“lembro deste pátio sim, era assim mesmo, caminhávamos nele no sol”*. Imagem como o contraste do novo pátio e um pedaço do prédio demolido para nova construção.

**Imagem 36** – Pátio Escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS na década de 1944/2018.



**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS

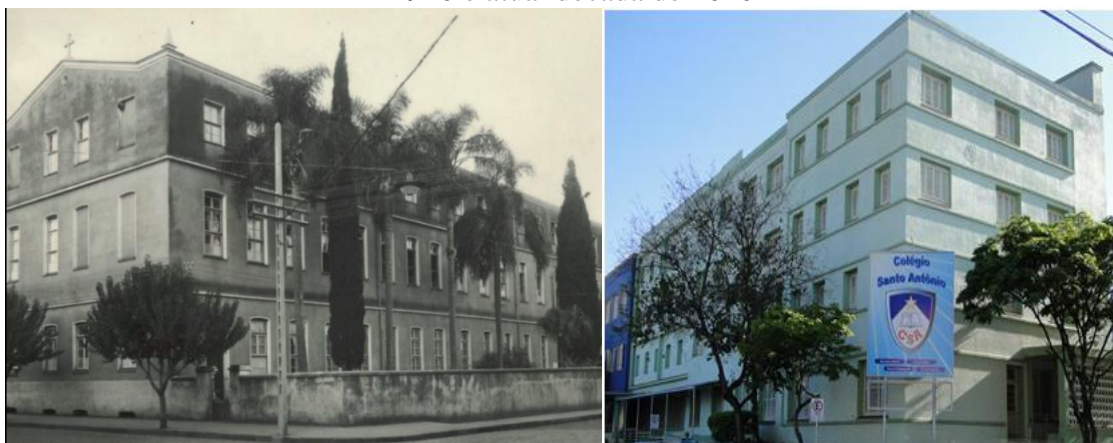
A diretora Cláudia explica a necessidade de ampliações que as próprias irmãs começaram, mas não mudaram o método de ensino:

*As irmãs iriam fechar devido a diminuição de alunos o método que ficava restrito. E hoje nós conseguimos resgatar porque a educação ela passa por um processo... acredito eu... ela está passando por um processo, sempre e que as pessoas precisam de mais cuidado, de um olhar diferenciado, de um olhar com espiritualidade, de um olhar com amor. Nós é... o Colégio Santo Antônio nós trabalhamos muito forte a ligação com ... e nós seguimos muito... nós precisamos manter o dizer que nós somos uma escola católica, uma escola cristã. Transformar o ensino religioso em disciplinas de cunho religioso para o estudo e a reflexão filosofia nesse sentido e aí o que nós trabalhamos. Nós trabalhamos muito, muito... ligado à Igreja Católica. O padre está sempre aqui, mantemos o vínculo com as irmãs franciscanas que vem nos visitar (Cláudia Argiles da Costa, jun. 2018)*

Na imagem 37 temos a antiga fachada do Colégio Santa Antônio e a atual fachada, que hoje é o prédio com as aplicações e abriga o colégio e a Faculdade La Salle de Estrela, no qual os antigos dormitórios das irmãs viraram sala de recreação ou escritórios da diretoria e outros espaços educacionais.



**Imagem 37** – Antiga fachada do Colégio Santo Antônio de Estrela-RS na década de 1940 e atual década de 2010



**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Cláudia Argiles da Costa diz:

*Porque é uma questão de interpretação, é uma questão de reflexão e isso a gente procura com vários outros métodos, com outras atividades que a gente tem... ioga, o xadrez, teatro, desenho, dança, pela parte do karatê, entrar pela parte circense, pela música, pelo esporte para que eles tenham toda uma bagagem e consigam formar assim... buscar assim... A completude... de uma pessoa né... é isso que a gente espera e por isso do Santo Antônio, a gente está ligado muito na... na igreja né... São Francisco, Santo Antônio, agora compartilhando os espaços com a Faculdade LaSalle, mas essa parte a gente está compartilhando espaço... já é São João Batista de LaSalle (risos) (Cláudia Argiles da Costa, jun. 2018).*

Werle (2004), quando trata da história das instituições escolares, ela salienta que não somente a base material e documental e o que faz a história, mas os sujeitos que a integram. Portanto as narrativas de alunos, professores, funcionários, enfim, a comunidade que a rodeia, a região onde estão estabelecidas, contexto econômico e social-cultural da época são importantes. A escola e a identidade da instituição é parte da identidade dos sujeitos que a narram, na história da instituição (WERLE, 2004; RIOS; CARDOSO; DIAS, 2018; SOUZA; FERNANDES, 2019).

Perguntei se alguma das três profissionais havia estudado no colégio enquanto era mantido pelas irmãs e se sabiam como era a instituição. A secretaria Denise Bernadete Moraes foi a primeira a me responder prontamente:

*Eu trabalho desde que a associação de pais assumiu faz 10 anos. Eu estudei aqui também na escola o ensino das irmãs e era o ensino de forma tradicional. Agora o ambiente sempre foi familiar e continua com esse mesmo diferencial da escolar. Eu me formei em 79. E tinha, tinha internas. Mas eu não fui, eu não estudei como interna. Sim, tinha*

*várias colegas que eram internas na época, somente femininas eram*  
(Denise Bernadete Moraes, jun. 2018).

Quando Denise apontou para a colega Márcia Beppler e disse “*você sabe mais e tens um fato interessante para a pesquisadora*”. Márcia começou a narrar um pouquinho da sua experiência no colégio, pois trabalha há doze anos na instituição escolar Colégio santo Antônio e, também, na Faculdade La Salles. Ela se formou em 2000 no curso Normal:

*Até 2000 ainda tinha internas. Eram as... adventistas que nós dizíamos, as adventistas que estavam no juvenato para serem irmãs e eu, neste tempo, eu tinha 10 anos mais que as minhas colegas, a minha turma era bem pequena. Na época o pensionato já estava terminando aqui na escola e aí na época a irmã deixava eu vir a noite estudar com as juvenistas. Porque eu não trazia riscos, eu já era casada, então as outras meninas eram jovens. Então, as juvenistas tinham muita dificuldade em matemática e a irmã, então, que era a mestra delas de matemática pedia autorização e assim me autorizou porque ela dizia que eu era tranquila eu não poderia trazer outros assuntos que desvirtuassem as meninas. Então eu podia vim estudar a noite aqui com horário de entrada, horário de saída e os locais que eu podia passar nos quais eu não tinha liberdade de circular lá em cima, ninguém tinha essa liberdade, mas tinha a sala de estudos onde eu podia estudar com elas. Eram quatro, no final que ainda estavam aqui. Que estavam no terceiro ano do pensionato que queriam ser irmãs... e as outras já eram meninas que... não queriam ser irmãs... (Márcia Beppler, jun. 2018).*

Fui somente entender o significado do colégio, assim como das irmãs para a cidade de Estrela-RS, na medida em que a diretora Cláudia Argiles da Costa falou do seu interesse em contar a história sem muitos detalhes, pois ela ainda quer desvelar e investigar, mas eu perguntei em um instante da conversa: Lenda do Lago Ness? Fiquei curiosa. Ela disse:

*Descem do barco as irmãs, pois por estrela passa um grande rio que divide Estrela de Lajeado. Toda esta parte do colégio aqui era um lago. Quanta festa que elas fizeram até chegar aqui... nesse espaço. Tenha cuidado agora tem cuidado que história essa de lenda das irmãs... (risos) lago Ness! Não (risos). E olha só... realmente foi porque nós fomos fazer a quadra a uns 7... 8 anos atrás... (risos) e os caras começaram a tirar todo aquele concreto que tinha de cima que era tudo já pintado né... E as pedrinhas começaram... plic... aí nós tiramos fotos lá debaixo... e o que era... ali? Tem um duto e nesse duto corre água.... Enfim conta a lenda que quando chegaram as primeiras... de barco... eles viram uma luminosidade a noite e essa luz eles acharam que era uma estrela cadente e quando eles adentraram... era o reflexo da lua no pântano... que era aqui... por isso o nome de Estrela da cidade... (Cláudia Argiles da Costa, jun. 2018).*

Denise neste momento me chamou a atenção para um quadro de madeira na parede com bolinhas coloridas marcando-o (imagem 38). Eu já havia encontrado um igual

no Colégio Sagrado Coração de Jesus, hoje colégio Dom Alberto, onde Hilda estudou quando saiu de Estrela-RS.

*Sobre o mural aqui, aquele com as pecinhas de madeira é o nosso horário... sim... bem antigo. É um horário que tu tens a visão toda da escola, assim tu enxergas a escola completa, cada professor, que turno, disciplina, onde eles estão... tu enxergas todinhas assim... e cada bolinha corresponde a um professor e de um lado esta as disciplinas, os horários é isso mesmo. (Denise Bernadete Moraes, jun. 2018).*

**Imagem 38** – Quadro com disposição dos horários de aula de cada professor Colégio Santo Antônio de Estrela-RS e no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz do Sul-RS



**Fonte:** Documento pertencente ao Colégio Santo Antônio de Estrela – RS.

Enquanto, Hilda Flores estudou no Colégio Santo Antônio nos anos de 1945 e 1946 no tocante à política Brasileira, em março de 1945, inicia a elaboração do Novo Código Eleitoral que é promulgada em maio de 1945. A nova Lei Eleitoral salienta que o voto é secreto e obrigado (SCHWARCZ, 2017). No corrente ano Getúlio Vargas é deposto pelo Exército Brasileiro, em 25 de outubro e em 29 de outubro o presidente do Supremo Tribunal José Linhares governou o Brasil até as eleições (LIRA NETO, 2014). Ocorre eleições no dia dois de dezembro de 1945 para Presidente da República, onde o General Eurico Gaspar Dutra é eleito (MAURO, 1974). No Rio Grande do Sul grande maioria, ou absoluta, dos prefeitos são substituídos por juizes de direitos, o intervendo do RS é nomeado desembargador Samuel Figueiredo e Silva (FERREIRA FILHO, 1974).

Flores (2013) enfoca que, o fim da Segunda Guerra Mundial, se deu a partir da detonação das Bombas Atômicas em Hiroshima e Nagasaki, em 06 de agosto de 1945, iniciando a Guerra Fria, tensão mundial. Hobsbawm (2019), corrobora em dizer que



realmente o lançamento da Bomba, ocorreu antecipando a vitória dos aliados, diante que o povo japonês estava disposto a lutar até o fim. Assegurando a rendição incondicional dos japoneses, mas, fato este justificado por eles, para tal crueldade, era poupar a vida de soldados americanos, não importando os sujeitos de outras nações, e sim, garantir o status de supremacia na vitória, sendo há dos Estados Unidos da América. Agora a união de alguns países comunistas e capitalistas diante das ameaças fascista findada, eles voltam a se tornar amigos e concorrentes o sistema Capitalista e o Comunista.

Em 1945, o Brasil sai do dito “lado dos vitoriosos”, na Segunda Guerra Mundial, onde enviou cerca de 25 mil homens para lutar, sendo o único país da América Latina que recebeu um subsídio de mais ou menos 70% advindos pelo sistema de Empréstimo e Arrendamento do Governo dos Estados Unidos para o Brasil. Porém, logo em seguida, percebe o interesse dos Estados Unidos em apoiar os interesses que prevalecem em nosso continente a favor de sua própria causa (PINHEIRO, 2017).

Neste ano, foi criada a Organização das Nações Unidas – ONU com principal finalidade zelar:

[...] manter a paz mundial; desenvolver relações de amizade entre as nações; com base nos princípios de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos; melhorar as condições de vida de todos os povos, mediante cooperação internacional, e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos; constituir um centro onde as nações se encontrariam para estudar e tentar resolver os grandes problemas da humanidade (FLORES, 2008, p. 427).

Fazia se necessário uma organização que coibisse desastres como estes da Primeira e Segunda Guerra Mundial e lutasse a favor dos que sofrem de perseguições políticas e combatesse desigualdades, como foi o caso dos imigrantes no Brasil como citei anteriormente vivendo em comunidades afastadas do Cenário Mundial da Guerra, entretanto sofriam retaliações.

Uma guerra nunca há vitoriosos, ambos lutam em nome da paz por um ditador, líder, Deus, uma religião, um sistema político, enfim, justificativas tórridas se podemos observar os rastros históricos de destruição e sofrimento deixado por todas as guerras e guerrilhas urbanas para a humanidade.

Pós Segunda Guerra Mundial, entrou em vigor uma disputa chamada Guerra Fria, entre Estados Unidos e seus aliados contra seu maior concorrente a União Soviética e aliados o bloco Oriental e Ocidental. Neste contexto, os Estados Unidos mantiveram influência sobre o Brasil no planejamento na área política e militar internamente e

influenciando a partir deste no cenário mundial também em suas relações, sempre a seu favor para manter a hegemonia geopolítica de superação dos Estados Unidos (PINHEIRO, 2017).

Para a autora Teles (2017), no campo da luta de mulheres pelos seus direitos no ano de 1947 ocorre a fundação do Jornal Momento Feminino, no Rio de Janeiro, que teve como editora por dez anos durante a sua circulação Arcelina Mochel. Neste mesmo ano, no mês de maio, ocorreu a fundação da Federação das Mulheres do Brasil, sendo que, a primeira presidente foi Alice Tibiriçá que lutou em defesa do voto feminino e do petróleo consistindo em capital nacionalista. As mulheres continuaram a lutar em protestos contra a carestia envolvendo mulheres trabalhadoras, mulheres de elite, associações e com apoio do Partido Comunista Brasileiro. No cenário internacional passou-se a comemorar em 8 de março o dia “Internacional da Mulher” e no brasileiro, em maio, o “dia das mães”.

Mesmo ano que Hilda, ou seja, 1947, mudou de colégio e foi estudar em um internato mais próximo da casa da sua mãe, no caso em Santa Cruz do Sul, cidade vizinha a Venâncio Aires-RS, pois lá havia surgido uma vaga para fazer exame de admissão para estudar para a vida religiosa. Hilda conta que, em dezembro de 2016:

*Em Estrela eu fiquei dois anos, fui para Santa Cruz do Sul. Eu continuava querendo ser freira. E eu fui a última filha, então eu ia ter que ser freira, não tinha ninguém da família religioso. E fiquei até os quinze anos querendo. E desisti... eh... Até eu fiquei sabendo que em Santa Cruz, no ginásio... conhece vestibular no Sagrado Coração de Jesus... De um lado era o colégio de freiras, ao lado da igreja, do outro lado mais adiante tinha o colégio São Luiz de padre e tinha o colégio evangélico protestante Mauá a um quarteirão, aonde tu buscasses o bercinho do Umann no museu. Não lembro como foi que sai desta situação direito. Não queria mais ser freira, queria ser estudante para me tornar professora (Hilda Flores, dez 2016).*

A educação neste período de acordo com a autora Otaíza Romanelli (2017) o Brasil vinculava a Lei de 1942, Decreto-Lei 4.244 que dividia o ensino secundário em dois ciclos sendo o 1º Ciclo dividido em 4 séries Ginásial, e o 2º em três séries do Ginásial subdividido em Curso Clássico e Curso Científico com finalidade para o vestibular, sendo que os currículos eram praticamente os mesmos.

Instante este da conversa que Moacyr Flores seu esposo trazendo o cafezinho disse: “eu posso ajudar a lembrar”:

*Eu me lembro.... Porque como ela ia ser freira, era a maneira das freiras colocá-la no caminho lá, ensinar e tudo, e ela tem facilidade para ensinar, e tinha grande habilidade para bordar, então ela tinha regalias especiais, né, comida e horário de recreação, tudo, porque ela não era uma simples aluna, iria ser freira. E ela estava bordando para o casamento da sua irmã e ela queria ver o casamento da irmã, e uma freira, a freira lá, que tem uma sempre que é monitora de alunas ou alunos... A freira que era tutora dela disse: não, tu não vais, porque é a minha festa de 50 anos, tu vais ficar aqui. Ela ficou brava, abandonou e saiu para o casamento. (Risos). Perdeu a vocação... (risos). Não, eu já a conheci muito tempo depois... (risos). Eu gostava de esclarecer que... ela já tinha desistido de ser freira, não é culpa minha dela ser historiadora (Moacyr Flores, dez. 2016).*

O final de semana que Hilda Flores passou na casa natal, para a sua alegria, conseguiu assistir ao casamento da sua irmã, no ano de 1948, aos seus 15 anos de idade. Mas logo ela teria que voltar e encerrar a irmã, a tutora dela, a Irmã Clara. Hilda fala:

*Bem tive que voltar para o internato no domingo, contei para minha e ela mãe mandou voltar. Tinha meu problema de adolescente não queria mais ser freira, mas queria estudar. Minha mãe não tinha condições de bancar meus estudos. Lá chegando eu tive uma conversa muito séria com a superiora Irmã Clara, que foi muito compreensiva, muito bacana... ah que os problemas de adolescente, meu problema para mim foi esse.... Aí eu comecei a ter me cobrar na maneira de retribuir, então perguntava ali na conversa: o que poderia fazer para custear meus estudos? Então a Madre me disse você vai lecionar... E para não abandonar, pagaria meu estudo lecionando. Continuei da mesma maneira... estudando e bordando, bordando, bordando... e lecionando (Hilda Flores, dez. 2016)*

Agora o desafio de Hilda se tornou outro, além de ser estudante e cumprir com a rotina do internato, teria que administrar o trabalho para pagar seus estudos. Onde Hilda Flores relata a sua primeira experiência na docência:

*No terceiro e a quarta série, eu fazia o ginásio de manhã e pela tarde era professora do 4ª e 5ª series com cinquenta e duas alunas... Como eu me saí dessa não... não sei, não me lembro, nem me lembro quando exatamente preparava as aulas. Sei que de noite ajudava a freira lá na secretaria a passar as notas e ela me dava bastante dica de aula. Ela passava às notas e eu ajudava.... Eu também pagava alguma coisa normalmente do colégio... como bordadeira, porque em Santa Cruz tem uma igreja maravilhosa, meio gótica, espetacular e havia no meu tempo religiosamente duas quermesses. Uma no primeiro semestre e a outra no segundo e dele toalha de Blumenau que abordava, que era o máximo da época a moda da toalha Blumenau... aqui eu bordava divinamente bem, bordava também... (Hilda Flores, dez. 2016).*

Os imigrantes italianos, alemães, espanhóis, e, entre outros, quando migraram para o Brasil carregaram como bagagem cultural os dotes manuais como bordados,

costura, modismo, produção de doces e confecção de chapéis etc... Sendo que estes dotes foram passados de geração, em geração, e contribuía para a renda familiar. Era comum a confecção de um enxoval de uma moça para o casamento e muitas vezes era confeccionado pelas próprias famílias imigrantes (Bassanezi, 2018). No caso, Hilda Flores ajudou a no enxoval da irmã, não queria mais ser freira e sua família não tinha condições de bancar os seus estudos, sendo assim, a solução para prover o pagamento da sua mensalidade foi passar a produzir peças bordadas, ministrar aulas para séries inferiores e ajudar as irmãs na secretaria para prover a continuidade no estudo.

Em 13 de junho de 2018 agendei a visita de campo ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, que trocou de mantenedora e passou a chamar Colégio Dom Alberto, quando as Irmãs venderam a instituição. Meu intuito era buscar por documentos que pudessem ajudar a completar as lacunas que não foram ditas em diálogos ou esquecidas. Com este propósito falei com a Diretora do Colégio Dom Alberto, a senhora Luciana Zimmer, que trabalhava há 10 anos na instituição, na função de direção, e que participou também da trajetória de mudança do Colégio Sagrado Coração de Jesus para o Colégio Dom Alberto, e, também, foi aluna do colégio das irmãs Sagrado Coração de Jesus. Ela fala:

*Eu fui estudante do colégio das irmãs, antigamente Colégio Sagrado Coração de Jesus e passei por todo o processo de transição aqui dentro, das novas mantenedoras. Após a venda do colégio das irmãs que findou em 2003, eram 128 anos de história do colégio das irmãs aqui na Comunidade Santa Cruz. Elas controlavam o hospital Santa Cruz, mas foi vendido bem antes para a UNISC. Em 2003 então surge o Colégio atual com nome da instituição Dom Alberto que vem homenagear Dom Alberto Etges que foi o primeiro bispo de Santa Cruz do Sul. Então, claro que dentro desse período de 2003 até 2018, nós já tivemos a troca de mantenedora também dentro do Dom Alberto. Hoje então a atual mantenedora que comprou a instituição em 2016 que é mantido pela Rede Futura de Ensino que é um grupo de profissionais da área tanto da educação como também outras áreas estão administrando a instituição do colégio hoje (Luciana Zimmer, jun. 2018).*

A diretora explicou o porquê da troca do nome para Colégio Dom Alberto como homenagem a comunidade de Santa Cruz do Sul, e também explicou a evolução de um colégio que era de irmãs e passou a ter uma faculdade para se manter. Sra. Luciana Zimmer explica:

*A instituição na verdade, não é só mais o colégio temos os anos iniciais até a 5ª série manhã e tarde, os anos finais de 6º ano ao ensino médio em diante são somente no turno da manhã e os demais cursos como o*

*curso técnico de enfermagem, os cursos de administração, ciências contábeis, direito, fisioterapia são no turno da noite, claro que algumas atividades, claro esporádicas durante o turno da manhã e tarde. Também já temos cursos de pós-graduação e já está vindo também os cursos de mestrado, então a gente está num processo de expansão dentro da instituição para a ampliação de novos cursos também (Luciana Zimmer, jun. 2018).*

Como ex-aluna, Luciana Zimmer lembra dos quartos das irmãs, onde era proibido para as internas e para as alunas. Hoje são ocupados por escritórios administrativos da escola, com os cursos de graduação e pós-graduação (imagem 40). Segue relato de Sra. Luciana Zimmer:

*A parte administrativa era onde que era a clausura das irmãs até aqui nesse espaço que a gente está agora.... Vejo assim, na minha época como estudante a gente também não tinha acesso a esta parte eu lembro assim muito vagamente mas tinha um internato aqui na época somente com duas meninas para se tornar irmãs.... Na época que eu estudava já estava finalizando esse processo. Também, já era mais para parte da frente da instituição que era a parte nova o internato. Essa parte aqui que a gente está, essa parte da clausura era específico só para as irmãs. Outras pessoas não tinham acesso para cá, elas não deixavam a gente ter acesso então, ficava os dormitórios até nessa sala aqui que estamos agora, aqui era um dormitório. Todos aqui eram os dormitórios delas nas outras partes dali daí tinha um refeitório, tinha sala de reuniões... enfim... a lavanderia... na parte da casa delas e a parte da frente, A placa de fundação desse prédio está aqui (Luciana Zimmer, jun. 2018).*

**Imagem 39** – Colégio Dom Alberto em Santa Cruz do Sul-RS, antiga clausura das irmãs hoje salas administrativas



**Fonte:** Pertencente a pesquisadora, jun. 2018.

Hilda Flores, ao contrário de Luciana Zimmer Hilda Flores, teve acesso a área restrita, pois ela era professora e interna e teria que conviver mais próximo das freiras. Hilda Flores lembra:

*Hilda eu tive livre acesso a esta área quando me tornei professora. Era bem assim o prédio não mudou nada. Mas eu continuei a dormir com as internas e respeitava a rotina de noviça orações matinais, missas deveres escolares e ainda a tarefa de professora (Hilda Flores dez. 2018).*

Nesta instituição encontrei o primeiro mural de madeira (Imagem 38) com as bolinhas coloridas identificando os professores, herança também deixada pelas irmãs Franciscanas. Ele também é utilizado nesta instituição para manter um pouquinho dos resquícios da sua história, a diretora enfoca: *eu faço uso desta mesma metodologia deixada pelas irmãs. Embora a evolução computacional tenha chegado, eu gosto de olhar para ele, traz uma nostalgia.*

E quanto aos documentos que eu estava procurando tipo o histórico, ano de matrícula, entre outros, pertinentes a biografada deixei uma requisição solicitando na secretaria da instituição. Com 20 dias recebi um e-mail comunicado que não havia nada lá mais. Como Luciana Zimmer já havia me falado:

*Quanto aos documentos existe poucas coisas aqui no sótão. Quando as irmãs saíram levaram tudo para Porto Alegre – RS, para o Colégio da Sagrada Família ou para a Cede Provincial de São Leopoldo. Realmente eu não sei. Mas vamos ver se encontramos algo (Luciana Zimmer, jun. 2018).*

No dia seguinte em 14 junho de 2018, liguei ainda para o Colégio Sagrada Família de Porto Alegre – RS para saber se havia alguma documentação ou alguma irmã residindo que tivesse sido professora no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz do Sul. No entanto, a secretária, infelizmente, disse que se houvesse algo estaria na Cede Provincial em São Leopoldo. Telefonei imediatamente para a Cede e consegui o contato da Irmã Leda Inês Rabuske. Entretanto, não conseguir ir ao seu encontro. Ela era a responsável por parte do memorial do colégio e estava morando na cidade de Cidreira litoral do Rio Grande do Sul, porque trabalhava em uma missão da comunidade Católica. Combinei que em dezembro, no fim de 2018, voltaria para o Sul e nos encontraríamos em São Leopoldo.

Retornei para Fortaleza - CE e continuei a me comunicar por WhatsApp com a Irmã Leda. E um belo dia, para minha grata surpresa, ela enviou várias fotos em agosto

de 2018. Que cotinha fotos de documentos de matrícula da professora Hilda Flores, fotos do colégio e alguns trechos da história da instituição.

**Imagem 40** – Folha referente livro de matrícula do Ginásio Sagrado Coração de Jesus de Santa Cruz do Sul-RS

Nome da aluna (Ordem alfabética)	Média de aproveitamento	Notas parciais				Média final
		1.º	2.º	3.º	4.º	
1. Anna Paulus	8,0	9,0	8,5	8,6	8,3	
2. Amélia Patrícia Fairo	6,8	8,5	7,0	8,0	6,7	
3. Geruize Raim Jeffrin	7,3	9,8	8,0	8,0	8,4	
4. Detherina Figueiredo de Anabaja	5,1	5,0	6,5	8,0	6,4	
5. Rosina Theresinha Leonori	4,1	7,0	8,5	5,0	7,5	
6. Dulce de Silva Hiralli	4,3	8,0	7,0	7,0	7,2	
7. Hilda Theresinha de Fontoura	6,9	8,0	7,5	7,0	7,4	
8. Hilda Agnes Hübner	9,7	9,8	9,5	9,6	9,5	
9. Jussara Mauris de Brito	5,5	5,5	4,5	4,6	4,9	
10. Ledy Schneider	4,0	4,5	4,0	3,6	3,9	
11. Lucilla Rita Steffens	5,1	5,0	4,5	6,0	5,0	
12. Leni Beale	4,3	8,0	5,5	8,0	7,1	
13. Maria José Pereira	6,6	8,5	6,5	8,0	7,6	
14. Maria Magdalena Schuster	7,0	8,5	7,0	8,6	7,8	
15. Maria Theresinha Becker	8,1	9,5	9,5	9,0	9,1	
16. Nelli Isenhard	7,6	8,5	4,5	6,3	6,5	
17. Geruize Miller	8,3	7,5	8,5	8,0	8,1	
18. Nírci Terez Paulmann	9,0	9,5	8,0	9,0	8,8	
19. Leiza Gomes de Silva	7,0	7,0	7,5	7,0	7,2	
20. Theresinha Maria Elges	8,8	10,0	9,5	10,0	9,6	
21. Valéria Maria Elbig	8,8	10,0	8,5	9,6	9,2	
22. Ursula Leiza Barlang	5,6	9,0	3,0	8,0	6,2	

**Fonte:** Pertencente ao Cede Provincial arquivada no Memorial Provincial em São Leopoldo – RS.

Retratada pela Irmã Leda Inês Rabuske.

Na (imagem 40) consta a data de matrícula, no livro de registro, de Hilda Agnes Hübner, como sendo a aluna 8, interna na 1ª série do Ciclo Primeiro do Ginásio do ano de 1947 do colégio Sagrado Coração de Jesus. Onde observamos pelo histórico que Hilda Flores mantinha uma excelente média com 9,7 de rendimento escolar.

Irmã Leda Inês Rabuske enviou, ao todo, 56 imagens, todas de grande valor histórico, guardando a memória da Instituição do Colégio Sagrado coração de Jesus. A

imagem 41 demonstro o quarto nas internas e a sala de aula da época, da década de 1950. Confirmadas por Hilda Flores, em setembro de 2018, em Fortaleza, quando veio participar do I Encontro da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJAB.

**Imagem 41** – Quarto das internas e sala de aula do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Santa Cruz do Sul-RS, na década de 1940.



**Fonte:** Pertencente ao Cede Provincial arquivada no Memorial Provincial em São Leopoldo – RS.

Retratada pela Irmã Leda Inês Rabuske.

Com estas imagens que a Irmã Leda Inês Rabuske enviou, veio mais uma foi um gatilho para mais um despertar da memória de Hilda Flores em que relatou da época que era professora no Colégio quando ministrava aula para 52 alunas da lembrança carinhosa de duas gemias, que o modo de vestir chamou a atenção e de sempre receber muitas flores das alunas. Talvez porque a Hilda Flores sempre vez boa parte de suas roupas. Lembrou que:

*Como professora de cinquenta e duas alunas... entre elas me chamaram atenção as gêmeas... filhas de um juiz que vinham vestidinhas a caráter todos os dias, mas parecia que iam para uma festa... lindas, divinas as gurias, bem vestidinhas... o pessoal vinha assim... mais simples. As duas uma vinha de branco e a outra vinha de begezinho porque a mãe fez uma promessa uma adoeceu e se curasse vestiria de branco.... Ela vinha sempre de branco e a maninha vinha com o vestidinho e o casaco igual, begezinho claro... Aquela mãe tinha bom gosto. Eu recebia diariamente assim flores de montão, muita flor... e aí eu... tem uma flor que ela me deu, uma flor amarela... miudinha... Dá meio que quebra um galinho já pronto é dois galinhos você garantia um buquê... que é mais.... Hum eu levava todas as flores que recebia*



*para a capela para enfeitar quase que diariamente* (Hilda Flores, dez. 2018).

Hilda Agnes Hübner Flores formou-se em 1951, no Primeiro Ciclo do Ginásio, no colégio Sagrado Coração de Jesus. Sendo que naquela época o Ginásial era dividido em duas etapas primeiro e segundo ciclo. O primeiro corresponde a 4 anos, que hoje seriam 6º, 7º, 8º e 9º ano. O segundo ciclo do Ginásial correspondia aos últimos três anos do colégio Sagrado Coração de Jesus, o segundo grau seria o ensino médio.

**Imagem 42** – Internato Sagrado Coração de Jesus, no fim do ginásio



**Fonte:** Pertencente ao arquivo pessoal da biografada Hilda Flores

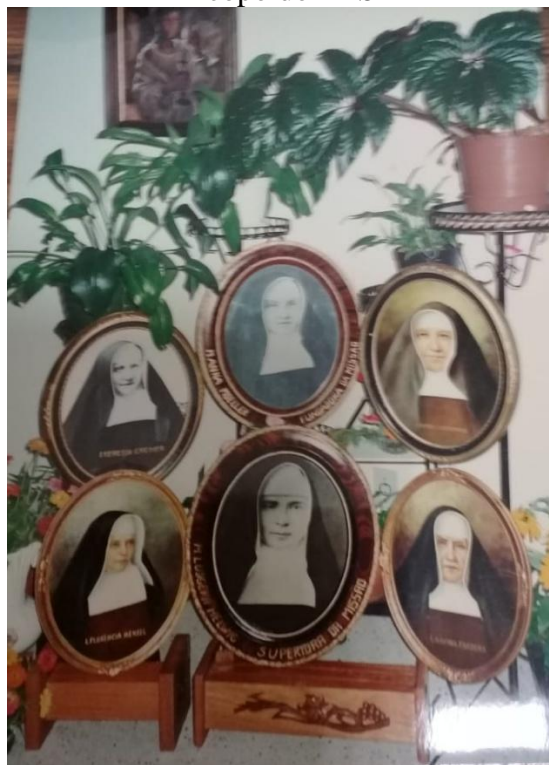
Na busca de mais fatos, em 30 de dezembro de 2018, peguei um ônibus de Venâncio Aires a Porto Alegre – RS. Chegando na rodoviária de Porto Alegre peguei um trem para São Leopoldo – RS para me encontrar com a Irmã Leda Rabuske. O encontro foi marcado na Cede Provincial em São Leopoldo no Pensionato São José onde se encontra o Memorial Histórico da Provincial do Sagrado Coração de Jesus. A Irmã Leda estaria dia 30 de dezembro para pegar uma Irmã recém-chegada da Bahia, que iria ficar por um ano com ela em Cidreira, em uma missão para ajudar pessoas carentes.

O encontro foi fabuloso aquela meiguice e ao mesmo tempo aquele jeito serio de da Irmã Leda contagiava à medida que mostrava o convento uma tranquilidade e um lugar mágico. Embora estive uns 40° C lá a temperatura parecia tão agradável. Quando a Irmã acedeu e abriu a porta de um lugar fantástico era o Memorial das Irmãs Franciscanas. Era lindo! Um salão enorme, parecia um museu tudo tão bem organizado. Um prato cheio para um historiador.

Entretanto, como não poderia me demorar, pois era final de ano e as rodoviárias estavam lotadas, só consegui retorno de Porto Alegre, as 16 horas. Quando a Irmã Leda narrou deu para perceber a alegria ao contava a história de que ela havia sido aluna interna e a última diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus, descrevendo a Imagem 43:

*Precisamente no dia 2 de abril de 1872 seis irmãs vindas da Alemanha chegaram aqui descendo pelo Rio dos Sinos rumo há São Leopoldo, sede da imigração alemã aqui... O berço da imigração alemã é São Leopoldo. E foi um padre jesuíta que solicitou as irmãs para que viessem... para evangelizar as moças das famílias alemãs. Logo no dia 5 de abril de 1872 iniciaram as aulas das primeiras crianças (Irmã Leda Inês Rabuske, 30 dez. 2018).*

**Imagem 43** – Foto das seis primeiras Irmãs Franciscanas que chegaram em São Leopoldo - RS



**Fonte:** Pertencente ao Cede Provincial arquivada no Memorial Provincial em São Leopoldo – RS.

Para Santa Cruz chegou o terceiro grupo de irmãs da Alemanha, em 1874, para ensinar meninas alemãs da cidade de Santa Cruz do Sul – RS e estabelecer um colégio (imagem 44) conforme a Irmã Leda descreve:

*Embora fossem apenas três tornaram possível atender os pedidos reiterados para a fundação de uma escola para meninas em Santa Cruz do Sul. Em Santa Cruz foi no dia 7 de agosto de 1874 que foram também solicitadas para evangelizar também as famílias, filhas de famílias alemãs. E lá começou imediatamente um noviciado porque muitas das moças gostariam de ficar... ingressar na província na congregação e esse noviciado ficou acho que uns dois anos lá depois ele veio para São Leopoldo. Mas lá em Santa Cruz também o Colégio Sagrado Coração de Jesus funcionou 1874 – 2002. Em primeiro lugar começou a atender as famílias alemãs depois a comunidade em geral (Irmã Leda Inês Rabuske, 30 dez. 2018).*

**Imagem 44** – Painel do antigo Colégio Sagrado coração de Jesus de 1874 e final em 2002, com a Irmã Leda Inês Rabuske



**Fonte:** Fonte arquivo da pesquisadora na Cede Provincial arquivada no Memorial Provincial em São Leopoldo – RS em dez. de 2018.

A irmã Leda foi estudar em 1960 onde frequentou o ginásio e ficou interna, também, no colégio Sagrado Coração de Jesus como juvenistas, assim como Hilda. E depois de ter passado por vários colégios, sempre da mesma congregação, como professora, tendo cinco anos de experiência em Roma, voltou em 1994 para Santa Cruz, desta vez para ser diretora do colégio. Neste trecho da entrevista ela fala das dificuldades que encontrou quando chegou:

*Como aluna era bem melhor (risos) era bem melhor porque como administradora né... era muitas dificuldades mesmo... com a inadimplência, com manter a escola atualizada tanto pedagogicamente*

*como né.... Tinha que ser modernizada na época era muito solicitada a parte tecnológica então a gente teve dificuldades, mas eu sempre tive ânimo pela escola era muito forte tanto que consegui segurar por 8 anos (Irmã Leda Inês Rabuske, 30 dez. 2018).*

Perguntei a ela sobre o uniforme branco da (imagem 45) e Irmã Leda me respondeu que era “*como noivas de Cristo no momento da cerimonia para se casar com Cristo e ser irmã* (Irmã Leda Inês Rabuske, 30 dez. 2018).

#### **Imagem 45** – Uniforme das Irmãs Franciscanas



**Fonte:** Fonte arquivo da pesquisadora na Cede Provincial arquivada no Memorial Provincial em São Leopoldo – RS em dez. de 2018.

Hilda Flores embora interna não usava uniforme de noviça embora ministrava aula e auxiliava as irmãs franciscanas, pois não chegou a ser irmã.

Irmã Leda sobre a fundadora da Congregação das Irmãs Franciscana da Penitencia e da Caridade Cristã ela descreve os princípios:

*Ela carregava com ela um princípio que era uma frase que nunca modificou na vida, que ela ouviu quando era criança da própria mãe. Porque ela nasceu num período de muitos conflitos social e político na Bélgica, Holanda... então, a mãe repetia muitas vezes, “mas Deus cuida”. Essa frase se tornou para nós o carisma. E que é exatamente confiando na providência divina. Madre Madalena – Maria Catarina Daemen nascida na Holanda (Irmã Leda Inês Rabuske, 30 dez. 2018).*

Como Hilda Flores havia concluído o 1º ciclo do ginásio em 1951, não queria permanecer na colônia e demonstrava vontade de ir para Porto Alegre -RS. Sua mãe não fez objeção para que ela fosse continuar a estudar e, sendo assim, foi morar na casa dos pais da noiva do seu irmão. O seu irmão trabalhava em Porto Alegre, este zelaria por Hilda. Na década de 1950 as viagens de Venâncio Aires a Porto Alegre era dificultosa, levava-se mais tempo, pegava-se vários transportes, um fluvial e outro terrestre, hoje é feito o trajeto de 139 km percorrido por duas BRs, a BR-287 e a BR-386, de ônibus leva apenas 2 horas. De acordo com Hilda:

*Como eu não quis permanecer na colônia, minha mãe nessa altura não teve objeção porque eu queria vir para Porto Alegre, aqui trabalhava meu irmão, então o meu irmão zelaria por mim. Isso é normal na época... uma filha no mundo não se larga de jeito nenhum pelo tabu, tabu sexual. Então, eu... eu me lembro que eu vim antes com a minha mãe em 1950 para grande o Congresso Eucarístico Nacional em Porto Alegre. Eu vim com ela de trem de Santa Cruz para cá para conhecer e depois que terminei o 1ª ciclo do ginásio, no fim das férias eu vim direto de ônibus... eu me lembro que numa ocasião eu viajei de ônibus até Mariana... de Porto da onde eu tomei o ônibus de tardezinha... o navio de tardezinha e ao amanhecer ele chegou a Porto Alegre é... ali não tem conforto nenhum, viajava gente em pé. Eu me lembro que nunca ocasião (risos) eu estava de salto.... Você pode imaginar..., mas eu acabei vindo para Porto Alegre... a entrada era bonita, nunca tinha visto esse ângulo ... do rio... (Hilda Flores, dez. 2016).*

No ano de 1949 o Brasil sofria influências diretas dos Estados Unidos sendo fundada a Comissão Mista Brasil-EUA sob orientação do John Abbink e Otávio Gouveira de Bulhões, com principal finalidade avaliar economicamente e colocar novas metas a serem seguidas para o Brasil (SCHWARCZ, 2017). Ao passo que as modificações geopolíticas, sociais, culturais e econômicas vêm em crescente modificação no cenário nas décadas de 1940 e 1950, com a industrialização em ampliação, crescimento de cidades não litorâneas, se espalhando pelo interior do Brasil, modificando assim, estrutura demográfica que agrega ao crescimento urbano. A população do campo desloca-se para as cidades estipulado em 10 milhões de habitantes na década de 40 e 50 milhões correspondente na década de 50 (GOMES, 2017). No campo político se destacava o último governo do Presidente Getúlio Vargas 1950-1954, eleito candidato representante do partido Republicano (MAURO, 1974; FAUSTO, 2017 b).

Quando foi morar em Porto – Alegre, Hilda Flores ingressou no curso de Serviço Social no ano de 1952, que naquela época correspondia ao 2º Ciclo Ginásio, na PUC-RS, e passou a fazer estágios para receber uma pequena ajuda de custo. Sendo que,



não era permitido a mulher qualquer trabalho e as leis eram vigentes desde 1943 que amparavam.

O trabalho para a mulher no Brasil foi marcado sempre por ambiguidades, implementadas as leis gradualmente a partir dos últimos anos da década de 1910 pelo estado de São Paulo, em 1930, houve a criação na Consolidação das Leis de Trabalho – CLT do que pede igualdade de salários entre homens e mulheres, defende ainda trabalhos atribuídos para as mulheres que não lhe tragam prejuízos físicos chamado o item (*Da Proteção ao Trabalho da Mulher*). Direito a licença a maternidade, foi regulamentado o trabalho de telefonista, radiotelefonista, enfermagem, bares, restaurantes, entre outros, porém o trabalho noturno foi vetado. No ano de 1943 foi proibido o direito do marido de impedir a mulher de trabalhar. Entretanto, os abusos continuam por décadas (MATOS, BORELLI; 2018).

Ao tempo que sua mãe se enfermou em 1953, Hilda assumiu a responsabilidade de cuidados com a mãe, pois era a filha mais nova e única solteira. E a noite cursava as disciplinas de Serviço Social na PUC-RS. Hilda relata em forma de desabafo:

*Neste meio tempo a minha mãe enfermou, ela veio para Porto Alegre, fez exames. Os exames mostraram que não tinha como operar o fígado porque não tinha mais fígado... foi tomado pelo câncer.... Ela veio em agosto/setembro para ser internada no Hospital da Santa Casa... não tinha cadeira, não tinha cama tá... que acontece... nós ficamos esperando a minha mãe sentada, coitada, não tinha mais condições até que lá pelas tantas levaram ela para o quarto. Então foi meio ano que eu passei cuidando dela. Eu era única solteira. Eu dormia com ela e passava o dia no Hospital com ela. Atravessava a rua a noite e fazia as disciplinas no curso de serviço social que eu frequentava na PUC. Minha mãe morreu em 53, portanto estava no segundo ano. Depois eu soube que houve uma reunião didática considerando com os meus precedentes que eu não era gazeadora, que tinha boas notas, esforçada e etcetera... então eu não perdi o ano. Me deram uma nota até que razoável, eu fiz estágio nas férias, aí recuperei... (Hilda Flores, dez. 2016).*

O irmão zelava pela Hilda Flores, quando a mãe deles faleceu, se casou e Hilda continuou a morar com o irmão e a cunhada. Hilda descreve as suas habilidades manuais, ela fez o vestido para o casamento do irmão (imagem 46). Teria que ser preto, pois ainda estava de luto pela perda da mãe:

**Imagem 46**– Hilda com o vestido preto no casamento do irmão na década de 1950



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores.

*Aí veio o casamento do meu irmão, eu tenho uma foto em que eu fiz... eu fiz o vestido preto com a saia... eu tinha a saia godê ponto... que eu abria, botava no buraco no meio para... eu tinha uma cinturinha... não... eu fiz dois... aquele mesmo setenta, oitenta sei lá... centímetros de cintura e dois para o dobro de pano. Você precisava ver dois metros e comprei quatro somente para saia... então ficou assim... eu tinha uma cinturazinha para ninguém botar defeito com chapéu de dois bicos está... está por aí a foto.... Você estava chique (Hilda Flores, dez. 2016).*

Os padrões de beleza Pós Segunda Guerra Mundial eram ditados incentivando e enaltecendo a mulher com uma cintura fina contrapondo com o quadril mais largo. Era uma beleza elegante e charmosa para estimular o desejo do homem (SANT'ANNA, 2018). Como a própria Hilda Flores salienta em dezembro de 2016: “*eu tinha uma cinturazinha para ninguém botar defeito*”, (imagem 47) Hilda e a cintura fina.

**Imagem 47**– Hilda e a cintura fina década de 1950



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores.

Hilda Flores reflete um pouco da situação de época em que a mulher casada não podia andar desacompanhada, pois cairia em qualquer lábia; assim como a solteira, que teria que ser resguardada. Hilda Flores diz:

*Sim... meu irmão, que era, ex radialista, se criou também desde a infância no colégio dentro daquela moral... Chegamos o que já adotou a moral cardenista, quem tem recursos com trabalho honesto tem uma entrada para o céu, mas eu sempre... trabalho honesto incluía a moralidade da mulher. O homem tem que zelar sobre a mulher...ainda vinha com aquele dito antigo... “ela traiu o marido porque ela não pode sozinha a não ser acompanhada por que senão ela cai em qualquer lábia...” ela não controlava os seus sentimentos... então eu veja como as coisas ainda como agora... ainda tem resquício do passado. Essa ditadura camuflada que estamos vendo agora é de muito tempo, para esquecer, para repor... para ferida, para cicatriz desaparecer... (Hilda Flores, dez. 2016).*

Como forma de manter a ordem social as orientações para as mulheres casadas e solteiras eram regidas por ditos até a metade dos anos de 1960 em que “cabeça vazia é morada do diabo” e “as mulheres são vulneráveis”, isso se configurou para a mulher o direito de não poder andar sozinha e o lazer para ela seria limitava a situações que não comprometesse sua moral como: ir à missa, assistir procissões, desfile cívicos, visitar vizinhas e primas, mas sem dúvida somente poderia realizar se cumprisse com as demandas da sua residência (MIGUEL, RIAL, 2018, p. 150)



Na luta feminista contra a Carestia que iniciou princípio de 1950, no ano de 1953, houve a passeata da Panela Vazia, em São Paulo, que foi representada por mulheres com apoio do partido Comunista, mulheres da Federação de Mulheres do Brasil, mulheres da elite da Associação das Senhoras de Santa Tereza (PINTO, 2003; TELES, 2017).

Devido a pressão exercida pelas ameaças das Forças Armadas juntamente com denúncias de corrupção de integrantes do governo, culminou no ato de desespero, em vinte e quatro de agosto de 1954, onde o presidente Getúlio Vargas suicidou (FAUSTO, 2017 b). Dizendo em um trecho de sua carta: *“Uma vez mais as forças e os interesses hostis ao povo estão ligados novamente e voltadas contra mim...”* (MAURO, 1974, p. 115). Assumiu a presidência da República após suicídio de Vargas no Brasil o seu vice-presidente Café Filho convocando eleições para outubro de 1955 onde venceu Juscelino Kubitschek (PINHEIRO, 2017).

Ferreira Filho (1974) coloca que no Rio Grande do Sul houve grande revolta popular, principalmente em Porto Alegre com o suicídio de Varga, onde várias pessoas depredaram, houve uma serie de feridos, mortos, havendo inclusive tiroteio nas sedes do Partido Social Democrata, Partido Libertador, União Democrata Nacional, radio Farroupilha, jornais como Diário de Notícias, Estado do Rio Grande e na cidade de Passo Fundo – RS no jornal Diário da Manhã. Todos estes ataques ao ver dos olhos de Ernesto Dorneles que era governador fez certa vista grossa, afinal ele sofria fortes críticas destas instituições. Em setembro de 1954 houve eleição para governador e ganhou o candidato da frente democrática Ildo Meneghetti.

Em 1955 com ocorre a posse de Juscelino Kubitschek (FAUSTO a, 2015). E para Ferreira Filho (1974) corrobora em dizer que para o RS foram anos de dificuldades financeira, sem financiamento federal, como exemplo o de abrir novas estradas para escorrer a suas plantações, embora Juscelino esbanjava dinheiro com obras e endividava o país. Meneghetti mesmo com tantas dificuldades e sem apoio federal conseguiu na área da educação fundar 20 colégios e ginásios, abriu 269 unidades escolares, nomeou 4004 professores e destes 520 alocou para comunidades rurais, com estas atitudes chegou a ter um aumento de mais 71000 estudantes no estado.

No ano de 1955, a professora Hilda Flores graduou-se em Serviço Social pela PUC-RS (imagem 48). Quando entrou era considerado como Segundo Grau e quando terminou Serviço Social era considerada uma graduação. Hilda Flores formou-se em Serviço Social e foi trabalhar em Vilas de POA, após a graduação de Serviço Social.

**Imagem 48** – Formatura do Curso de Serviço Social PUC – RS em 1955



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Fez vestibular para Filosofia em 1955. Na prova de redação foi a temática era sobre dor, faltava 20 minutos para a conclusão da prova e despertou a lembrança da perda da irmã e conseguiu escrever uma redação tirando nota 10. Ela conta:

*Do serviço social... e aí eu fui para filosofia. Fiz vestibular... serviço social eu fui trabalhar... trabalhei em vila, no serviço de menores... serviço social de menores...trabalhei na secretaria de trabalho, em cada ano eu tinha um estágio diferente. Aquela lembrança da minha mãe falando que minha irmã tinha ido não iria acordar porque ela foi dormir os anjinhos. Eu me lembro disso tanto assim, que construiu na minha redação do meu estimulado... O que que eu tirei dez sem nada mais alto, vestibular... aquela redação foi um... eu estava assim... Pensando... era a dor... a dor que você definir a dor e fiquei matutando e lá pelas tantas o professor “vinte minutos para terminar” aí passei rapidinho, já tinha algumas coisas em branco pouca coisa e fui para redação e ela brotou, eu não criei, ela brotou eu não pensei, a semente brotou... em que comparei a perda, a ausência da minha companheira predileta de brinquedo infantil com a perda da mãe que foi na véspera de natal as duas (Hilda Flores, dez. 2016).*

Bosi (2018) explica que a memória é exercida através da cronologia da história, que está relacionada com o tempos vivos e tempos mortos, e que estão em constante com a memória. Esta memória nas biografias onde a infância que passa rápido nas existências humanas desvela espaços marcados por valores preservados, assim como, uma paisagem que vem à tona e passa rápido. Foi como a memória de Hilda Flores

conseguiu se desvelar através do sentimento triste de tempos mortos auxiliando na redação do vestibular.

Politicamente e economicamente no período de 1956 a 1961 o presidente do Brasil foi Juscelino Kubitschek, responsável pelo avanço da industrialização no território brasileiro sob influência do capital estrangeiro, principalmente dos Estados Unidos com as multinacionais. Esta influência Americana contribuiu para o crescimento das indústrias e das grandes cidades, porém, por outro lado, começou a influenciar na política e na economia com aumento de inflação e decorrente crescimento das desigualdades sociais e acentuando a pobreza (ARANHA, 2019).

Hobsbawm (2019) afirma que na década de 1950 o desenvolvimento econômico era quase que independente de qualquer sistema político, era o que transparecia. Porém, evidenciou-se que o sistema capitalista na década de 1960 avançou mais que o sistema comunista. A chamada “Era de Ouro” que se estendia estabeleceu como um acontecimento mundial, por sua vez, aumentou mais as riquezas nas mãos de poucos e aumentou a pobreza no Terceiro Mundo. Embora houve aumento significativo da população e da expectativa de vida que aumentou de 1930 até o final da década de 1960 em média de 7 e até 17 anos dependendo do país.

No ano de 1959, a professora Hilda Flores graduou-se em Filosofia (imagem 49) que lhe dava o direito de exercer disciplinas área da história (imagem 50).

**Imagem 49** – Formatura do Curso de Filosofia pela PUC – RS em 1959



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores.

**Imagem 50** – Carteira do Curso Filosofia com direito de ministrar as disciplinas de História e Filosofia



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores.

No 1959, foi um ano de vários debates políticos e efervescências culturais, também não podemos apagar da memória que eram tempos de Guerra Fria, Fidel Castro vencia eleições em Cuba o que fazia emergir questões ideológicas em nosso país, além, dos problemas econômicos como queda de lucro e aumento da inflação (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTO, 2011).

Aranha (2019) descreve, na educação desde o ano 1948 os ideais defendias pelos “pioneiros da educação”, em que vários foram os protagonistas em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, como o Ministro Clementino Mariani que efetivou a entrega do anteprojeto na câmara dos deputados e perdurou as discussões por treze anos com uma maior movimentação no ano de 1959. Este anteprojeto foi desenvolvido por educadores e ficou na incumbência do relator Lourenço Filho. Por outro lado, Carlos Lacerda defendia o ensino conservador e a favor da iniciativa privada, parte da igreja católica lutava pelo ensino elitista colocando obstáculos na democratização envolvendo a liberdade de ensino.

Por outro lado, pela pressão dos movimentos populares educacionais e culturais, movimentos de bairros, sociedades rurais e urbanas, centrais estudantis como a União Nacional dos Estudantes - UNE, sindicatos somado ao movimento dos pioneiros da educação chamados por Fernando de Azevedo. Onde, novamente no ano de 1959 a convocação de Fernando de Azevedo destaca-se contando com 189 assinaturas defendendo o ensino com verbas do estado somente deveria proporcionar o desenvolvimento das

escolas da rede pública, entretanto, reconhecia uma segunda rede de ensino que era a particular (ARANHA, 2019; ROMANELLI, 2017; SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

No nordeste do país, principalmente nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte o relato a partir do trabalho da experiência “A educação dos adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos” apresentado por Paulo Freire no Seminário Regional de Pernambucano, onde vários intelectuais em 1958 discutiram sobre ideologias e educação, entre outras 210 teses apresentadas neste seminário por intelectuais foi amplamente divulgado nacionalmente. Fazia-se neste período uma necessidade de conscientização política educacional já que o voto era obrigatório e o programa de Paulo Freire batizado “De pés no Chão também se aprende a ler”, era simples e de uma eficácia ímpar ideológica. Com Moacyr Góes a frente juntamente e com o Movimento de Educação de Base – MEB associado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB que eram progressistas desenvolver a alfabetização levava a uma conscientização política (GOÉS, 1980, SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

No estado do Rio Grande do Sul, após os anos de carestias, houve novo pleito para governador, no dia três de outubro de 1958, quem venceu foi o candidato Leonel Brizola representante do Partido Trabalhista Brasileiro, Partido de Representação Popular e Partido Social Progressista, tomando posse em 31 de janeiro de 1959 (FRREIRA FILHO, 1974).

Ao final do curso de Filosofia, conheceu seu futuro esposo, Moacyr Flores, em um flerte<sup>18</sup> na Rua da Praia<sup>19</sup> em Porto Alegre. Na terceira conversa já resolveram que o namoro sério iria culminar no casamento.

*Conheci o Moacyr, mais para o fim do Curso de Filosofia. Ele tinha interrompido os estudos, estava no quartel e a gente se encontrou, em um flerte da rua da praia e a nossa conversa na segunda, terceira noite que a gente se encontrou foi conversa de futuro, uma coisa certa... então acertamos tudo, “mas só tem uma coisa... eu não tenho dinheiro eu também não tenho. Eu não sei cozinhar. Esse apartamento que eu vivo é do meu irmão não tenho nada a ver com isso...”. Meu irmão gostava dele, mas em economia a gente não se entendia... Uma vez Moacyr comprou 39 camisas, que era o melhor colarinho... na época fazia questão de branca, um colarinho assim... “mas vem cá, para que 39?” E não mentia... (risos) o pior.... “Não podia ser trinta, vinte...*

---

<sup>18</sup> Expressão usada no Rio Grande do Sul para demonstrar troca de olhares em paqueras.

<sup>19</sup> Tradicional ponto e rua em que casais namoravam, moças e rapazes costumavam à tardinha caminhar em Porto Alegre para paquerar, seria hoje como um Shopping aberto, havia cafés na época e cinemas (Moacyr Flores).

*não...” e realmente era uma bateria de camisas que empurraram para ele... Puxa vida... depois aí... Nós economizamos para casar. ... (Hilda Flores, dez. 2016).*

Para uma boa mulher para se casar era de boa recomendação que ficassem por horas na cozinha para elaborar pratos requintados para a família se reunir (MIGUEL, RIAL, 2018). Hilda deixou claro, desde o primeiro encontro, que não sabia cozinhar, o que para época era pré-requisito para o casamento.

Além disso, na metade da década de 1960 os casais de namorados brasileiros no tocante as emoções passaram a desenvolver a técnica de flertes para se conhecer, onde se encontravam em uma praça ou avenidas e andavam em um sentido contrário à do outro por várias vezes neste mesmo trajeto, indo e voltando. Até que, houvesse o interesse de um para o outro e chegasse a troca de olhares, e a partir daí marcavam um encontro para conversar (MIGUEL, RIAL, 2018). Moacyr flores remete as suas memórias para falar do início do namoro, onde diz:

*Hoje os jovens passeiam no shopping, a gente fazia na rua da praia. Os rapazes ficavam dentro da rua e as moças passavam pela calçada. Os rapazes não podiam ir sem terno e gravata porque era olhado com um certo desprezo se entrassem dessa maneira. Havia os cafés e confeitarias que as moças frequentavam e a gente oferecia a elas um doce... Eu era estudante né... A Hilda passou e eu parei para olhar para ela, ela estava linda com um vestido e um bolero rosa e um sapato de salto fino, e que salto.. Ela olhou também... passou depois também uma segunda vez na Rua da Praia e na terceira ela estava saindo do cinema, que a gente também parava na frente do cinema para ver as moças que saíam. Eu resolvi segui-la, atravesssei... porque ela estava com duas amigas, elas iam entrar na confeitaria Cacique e eu só estava com o dinheiro da passagem do bonde (risos). Quando eu vi que elas dobraram a Rua Calda Junior eu disse “bom, não vão na confeitaria”, fui falar com ela, as amigas se afastaram... Ela morava pertinho, duas quadras dali conversamos e o que foi importante ali, essa conversa que tivemos... porque no meu tempo as meninas falavam em cinema, artistas de cinema, cantor de rádio e quando ela me disse que estava estudando Filosofia e eu só tinha o curso científico que se dizia na época... Vou discutir porque como eu fui estudante do colégio Padrão dava para discutir porque nós não precisávamos de cursinho para entrar na universidade. Eu parei de estudar três anos e entrei no vestibular sem preparo nenhum porque nós éramos preparados por excelentes professores que exigiam que a gente trabalhasse. Então a Filosofia... qual é o filósofo... ela falou em Aristóteles... eu prefiro Sócrates... aí eu convenci ela para fazer uma discussão, eu sempre gostei de discussão, discussão no bom sentido assim... para gente trocar ideias. Eu sei que (risos) trocamos as primeiras ideias filosóficas e eu me senti assim humilhado. Mal o fato de ela ter dois cursos superiores quase e eu nenhum, só o científico (Moacyr Flores, jun. de 2018).*

Ainda falando sobre as recordações de Moacyr Flores acerca do namoro, ele

aponta um trecho interessante, o desfecho do namoro embora com muita dificuldade como todo início de casal pobre, mas a cumplicidade e seriedade do casal com os costumes da época. Temos um fato histórico, por ser ele historiador, que lhe chamou a atenção e a minha ao final da conversa, a separação de mulheres e homens na missa. Regra esta das igrejas e comunidades que sofriam influência de Padres Jesuítas:

*Eu disse para ela no primeiro almoço “sou pobre, sou arrimo de família, não tenho dinheiro” e ela disse “eu também sou...” Pronto, tudo bem...começamos...Então eu resolvi... eu trabalhava como desenhista, desenhista era uma ótima profissão, pagava muito bem, eu era desenhista do Estado, funcionário público e casualmente onde eu trabalhava era na Rua Riachuelo, uns 500 metros da onde ela morava. A gente se encontrava quando ela ia para o trabalho ou quando eu ia para trabalho a gente se encontrava. Eu acho assim, que... foi muito bom a gente trocar ideias e a minha preocupação quando jovem, quando solteiro é o que eu vou fazer na minha velhice depois de casado... não vou ficar falando coisas de cinema, embora eu goste muito de cinema, conversa cri cri como se diz... (risos) aí resolvi ficar com essa guria até os dias de hoje.. A primeira vez eu acho que lá ná... capela de São Miguel que um homem ficou ao lado da mulher foi quando eu cheguei lá. Eu me recusei ir lá pro lado dos homens aí todo mundo ficou me olhando né... (Moacyr Flores, jun. de 2018).*

Moraes (1979) explica que as igrejas jesuítas tinham como costume seguir desde o tempo Colonial em que os homens devem ficar sentados do lado esquerdo e a mulher do lado direito da igreja. Atitude esta que se manteve por vários anos no Brasil, como podemos ver na década de 1960, em Linha Duvidosa, pela fala de Moacyr Flores percebemos, que sem querer, foram o primeiro casal a sentar juntos em uma missa, e de certa maneira, já começaram a participar da história daquela comunidade.

Fausto (2015a) coloca, em 1960 foi quando Juscelino Kubitscheck inaugurou Brasília, neste ano, houve eleição para presidente da república, ganham os candidatos Jânio da Silva Quadros “o homem da vassoura que varreria a corrupção” e o vice João Belchior Marques Goulart representantes do Partido do Trabalhador Brasileiro.

No campo da educacional brasileiro, o marco da LDB, que levou treze anos para ser votada e em alguns trechos já se encontravam inadequados a realidade da população Brasileira no ano de 1961 (ARANHA, 2019; FAUSTO a, 2015). Realidade está da população brasileira destacada pela autora Aranha (2019) contrapõem as expectativas da LDB quando ela foi elaborada, em que, era inovadora para aquela época, pois, o país no ano de sua aprovação encontrava-se com aumento expressivo da urbanização, dependente economicamente do meio agrícola, e, havendo novas exigências

a nível industrial. Além disto, e o fato que, injustamente, a população escolar do Brasil, 50% das crianças estavam ainda fora da escola, muito foi atribuído pela injustiça do jogo de interesses educacionais entre estado, municípios e particulares na tentativa de ganhar recursos através da pressão dos conselhos e astúcia no tráfego de influências políticas.

Muitas das vantagens da reforma educacional LDB continuou as mesmas garantidas pela Reforma Capanema, no entanto, houve a quebra da rigidez entre os sistemas educacionais, permitindo assim, maior flexibilidade entre os cursos e equivalências. Já o ensino secundário foi atribuído a uma metodologia menos enciclopédica, com diminuição do número de matérias, que contribuiu para a elaboração de um currículo mais geral em termo mais federal (ARANHA, 2019).

No Rio Grande do Sul, na educação, Leonel de Moura Brizola como governador ampliou um aumento no número de escola com construções pré-fabricados e contratou mais professores. Economicamente, este, concedeu o favorecimento para multinacional com a conceição para as áreas de controle da telefonia e eletricidade, além de fundar o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (FLORES, 2013).

Porém, a posse em 31 de janeiro, e a renúncia de Jânio em 25 de agosto de 1961, contribuiu para estalar o caos político, e, para Flores (2013), analisa que, o presidente Jânio Quadros fez uma tentativa apresentando a carta de demissão ao Congresso, esperançoso por este ato que não fosse acolhido, mas, no entanto, os parlamentares não deram poderes arbitrários e acolheram sua demissão. De certa forma houve um alívio para a população brasileira e grande parte política que estava saturadas com o governo teatral e sem atitudes relevantes para a população. Boris Fausto (2017 b), coloca-se de outra forma ao descrever o episódio da renúncia de Jânio, ao entrono da celebre e misteriosas palavras “*forças terríveis*” o fizeram renunciar tão abruptamente, que Jânio teria mantido o segredo por toda a sua vida, embora, ambos historiadores concordam, que havia um notável desgaste entre o meio político e os simpatizantes populares não estavam dispostos a apoiá-lo.

Ferreira Filho (1974), destaca, como o Vice-Presidente João Goulart estava em viagem para a China, neste momento, os ministros militares Marechal Denys, Almirante Silvio Heck e Brigadeiro Grum Moss, juntamente com outros ministros acreditavam que o vice-presidente não tinha competência para governar o Brasil e exigiram ao Congresso que o impedisse de ser empossado como Presidente. Segue trecho do Manifesto dos Militares de 30 de agosto de 1961 que justificava tal ato:



Estão as Forças Armadas profundamente convictas de que, a ser assim, teremos desencadeado no país um período inquietador de agitações sobre agitações, de tumultos e mesmo choques sangrentos nas cidades e nos campos, de subversão armada, enfim, através da qual acabarão ruindo as próprias instituições democráticas e, com elas, a justiça, a liberdade, a paz social, todos os mais altos padrões de nossa cultura cristã.

Na Presidência da República, em regime que atribui ampla autoridade de poder pessoal ao Chefe da Nação, o Sr. João Goulart constituir-se-á, sem dúvida, no mais evidente incentivo a todos aqueles que desejam ver o país mergulhado no caos, na anarquia, na luta civil. As próprias Forças Armadas, infiltradas e domesticadas, transformar-se-iam, como tem acontecido noutros países, em simples milícias comunistas.

Arrostamos, pois, o vendaval, já esperado, das intrigas e das acusações mais despuoradas, para dizer a verdade tal como é, ao Congresso dos representantes do povo e, agora, ao próprio povo brasileiro (FERREIRA FILHO, 1974, p. 251).

Leonel Brizola, cunhado de João Goulart reagiu contra esta mobilização militar, onde (Flores, 2013) corrobora em descrever, que este começou a organizar um movimento chamado de “Guerra da Legalidade” através dos porões do Palácio do Piratini, pela rádio que ali estava instalada. Chamava a população para mobilização em favor da democracia e contou com o apoio da 3º Exército, através do comando do General Machado Lopes. Tancredo Neves negociou com João Goulart e ficou como Primeiro Ministro, sendo, o chefe do Executivo em um sistema Parlamentarista.

No ano em que Hilda e Moacyr Flores casaram, Matos e Borelli (2018), descrevem que neste ano, em 1962 foi elaborado o estatuto da mulher casada, na qual, foi retirado do Código Civil o direito do esposo em proibir a sua esposa de exercer trabalho fora da sua casa.

O casamento aconteceu, em 10 de janeiro de 1962, a Lua de mel foi oferecida pela amiga do casal, Dona Angelina, oito dias em casa de praia. Ela era a sua companheira de quarto, no tempo que sua mãe estava doente no hospital e ficaram muito amigas unidas pelo momento de dor, tornando-se, também, testemunha de casamento em um momento de alegria.

**Imagem 51** – Casamento de Hilda Agnes Hübner Flores com Moacyr Flores



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Moacyr e Hilda, embora diferentes, porque um é luso e outro de origem germânica, um católico e outro não acredita em Deus; eles sempre procuraram viver harmoniosamente. Em dezembro de 2017 consegui um diálogo muito interessante entre Hilda e seu Esposo Moacyr:

*Quando casamos nós fomos morar perto na Rua João Manuel, ficamos três meses ali de aluguel, pois o apartamento que tínhamos comprado foi registrado em outro nome pela imobiliária. E um amigo me disse: não adianta investir dinheiro bom em coisa ruim melhor deixar para lá (Moacyr Flores, dez. 2017).*

*Hilda ela não era mais freira, e eu como não tendo religião, não me dando assim por licença, que eu me dei licença em relação a Deus, eu digo “liberdade condicional”, tô em liberdade condicional, (risos). Então aí casei com ela, claro, aí domingo ela me levava à missa, eu ia direitinho junto com ela e tudo, e de preferência a Igreja lá de São José, que tinha um excelente cantor, fabuloso, que inclusive foi ser meu colega na PUC, colega que cantou quando fizemos 50 anos de casados, ele cantou. E a coisa mais engraçada é que foi um bispo que nos casou, o Dom Edmundo Kunz, que foi nosso professor na PUC, nós dois estudamos juntos, né? Nós tivemos o mesmo professor, Dom Edmundo*

Kunz, é... E ele nos casou, assim, para grande admiração da minha família, como que um bispo ia nos casar (Moacyr Flores, dez. 2017).

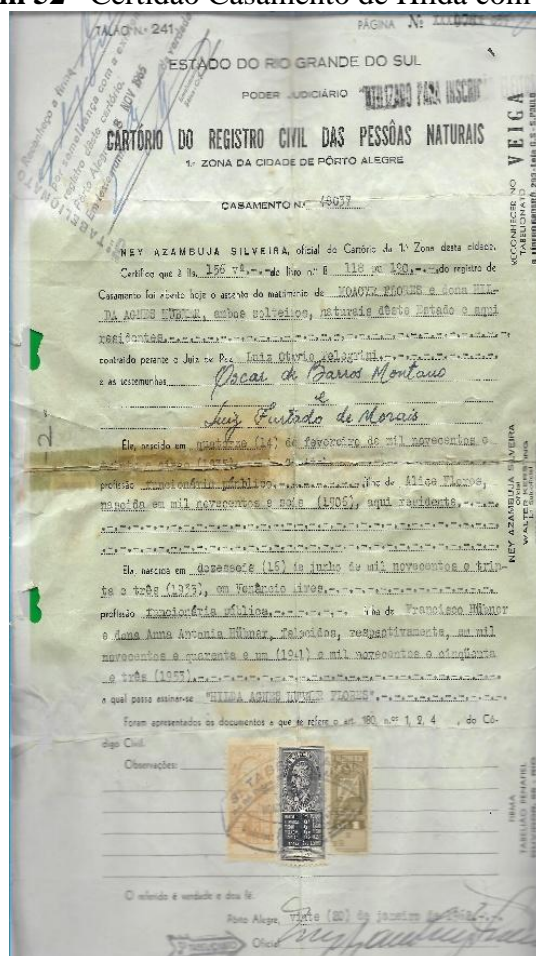
Hilda - O pior é que ele me deixou meio em liberdade também com Deus (Hilda Flores, dez. 2017).

Moacyr - Não, tu não foste mais a missa por livre e espontânea vontade, não joga a culpa em cima de mim, porque eu te acompanhei (Moacyr Flores, dez. 2017).

Hilda - Eu disse “meio” (Hilda Flores, dez. 2017).

Moacyr - Não, eu acompanhei a minha esposa. E... Não, e eu sempre respeito as ideias dos outros, tanto é que lecionei lá na teologia da PUC, lecionei na escola superior, e sabiam da minha posição, porque eu dizia com toda franqueza qual é a minha posição, não bancando o hipócrita assim, tanto é que muitas vezes tinham ofício religioso, eu não fazia o sinal da cruz, não, ficava ali em atitude de respeito, não é. Não, mas eu me adaptei a... De vez em quando eu chamo de Madre Superiora, que ela (risos). Mas assim, de uma maneira incisiva não, é muito forte, então eu chamo de Madre Superiora, ela se acalma risos (Moacyr Flores, dez. 2017).

### Imagem 52– Certidão Casamento de Hilda com Moacyr



Fonte: Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Hilda e Moacyr após três meses de casados, se mudaram para São Borja<sup>20</sup>, Escola Estadual de São Borja, começamos a ministrar aulas de História. Do matrimônio resultou o nascimento de três filhos – Ana Berenice Hübner Flores, Márcia Hübner Flores e Marcos Hübner Flores. “*Um belo dia eu estava no serviço social do Instituto de Aposentadorias e Pensões trabalhando, quando Moacyr entrou Hilda*” ela narra o momento:

*Moacyr foi para que começo do ano eles nomearam para o interior para São Borja. Ele apareceu correndo lá na secretaria de trabalho “tu vai comigo para qualquer lugar?” “Bom, então claro” “Nós vamos para São Borja, onde até o trem dava volta” (risos) vinte e três horas... nós fomos para lá. Ele conseguiu um apartamento de diretor de uma antiga escola agrícola. De vez enquanto aparecia por lá para comprar, matricular o filho, a filha na escola. Era metade da quadra, uma construção abandonada. E fui ministrar aula de história lá...e o Moacyr também pelo estado. Eu tive que aprender com ele na marra porque tinha serviço social e filosofia então, ele ia me dando assim as dicas... caminhando... eu guardava, tinha boa memória. Então, sobre o assunto... fim de semana preparava mais... Me defendi, em terra de cego quem tem olho é rei. E o Moacyr foi convidado para lecionar Português a noite também (Hilda Flore dez. 2016).*

Na política, em 02 de outubro de 1962, no estado do Rio Grande do Sul aconteceu a eleição para governador, vencia pela segunda vez, apoiado pela maioria da população e pela Aliança Democrática, Ildo Meneghetti com o Slogan “*voltemos ao bom senso*” (Ferreira Filho, 1974, p. 253). Flores (2013), diz, neste mesmo ano Cuba passa a ser influenciada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na medida em que Fidel Castro autoriza a instalação de uma base com mísseis, o que provoca grande tensão mundial.

O nascimento dos filhos Hilda e Moacyr fez com que eles fossem procurar recursos de saúde, pois o casal tinha problemas com o fator Rh e em São Borja – RS não tinha assistência adequada. A filha Ana Berenice Hübner Flores (06.11.1962) nasceu em Porto Alegre, Márcia Hübner Flores (30.09.1964) em São Borja e Marcos Hübner Flores (11.02.1972) em Porto Alegre, Hilda diz:

*Quando eu estava grávida da primeira filha, veio o escândalo do medicamento que trazia malformação aos bebês, Moacyr quando soube, entrou em casa correndo, em pânico para ver se eu tinha tomado o medicamento que estava dando estes efeitos terríveis em crianças. Quando viu que não era o mesmo teve um alívio momentâneo, mas sossegou mesmo quando nasceu nossa primeira filha (Hilda Flores, dez 2018).*

---

<sup>20</sup> Cidade da campanha do estado do Rio Grande do sul distante 487 Km de Porto Alegre.

*Fomos para Porto Alegre perto do nascimento da nossa filha. Moacyr veio... olha, até hoje eu lembro assim, a cara de felicidade estampada no rosto quando entrou no quarto no Hospital Ernesto Dornelles... E a filha estava no meu colo... foi assim no máximo... (Hilda Flore dez. 2017).*

*Depois a segunda filha eu tinha hora marcada de trem para vir para Porto Alegre, mas a Márcia resolveu vir de noite, na noite anterior... ainda bem não resolveu nascer no caminho... nasceu em São Borja. O Moacyr tinha falado lá com o secretário do Jango que colocou o avião dele à disposição para levar Márcia até Santa Maria para transfusão de sangue se ela precisasse fazer. Nessa altura já tinha os exames em São Borja, ficamos em São Borja. E mais tarde o Marcos (Hilda Flore dez. 2017).*

O medo de Moacyr Flores diante da esposa grávida, as manchetes que circulavam nos jornais de época, justifica o pânico. Moro e Invernizzi (2017), relatam em seu estudo que a talidomida era um medicamento utilizado amplamente no Brasil, nas décadas de 1950 e princípio da década de 1960, como medicamento para enjoos em gestantes, combate mais tarde a hanseníase e câncer, gerou grande número de crianças com malformação envolvendo grande mobilização da mídia envolta deste assunto

Shiroma, Moraes e Evangelista (2011) destacam que as reformas de base, entrelaçadas a um debate aberto, ousadas para muitos, ou populismo talvez, insuflavam um “Brasil inteligente” nas publicações dos jornais em que destacava uma discussão sob temáticas de reforma agrária, voto do analfabeto, movimento operário, nacionalização de empresas entre outras propostas do governo João Goulart. No entanto, em janeiro de 1964 Jango apresentou o Plano Nacional de Alfabetização, baseado no método do pedagogo Paulo Freire que alfabetizava em 40 horas, pretendendo contemplar 5 milhões de brasileiros até 1965.

O presidente em sistema de parlamentarismo João Goulart, herdeiro político de Vargas, enfrentava grande perda de popularidade, por outro lado, haviam as forças anticomunistas receosas em que o Brasil se tornar semelhante ao regime Cubano, lançando mão destes fatos depuseram o presidente e estabeleceram o Regime Militar (ARANHA, 2006). Para o autor Reis, (2016 (a)) este momento entre os anos de 1961-1964 a população brasileira encontrava-se dividida, no meio de uma crise, uma arapuca, beirando um conflito catastrófico. Um dos lados, encontrava o projeto reformista revolucionário, que se ocorresse a implementação poderia modificar a distribuição do poder e da riqueza no Brasil. Por outro lado, o temor da revolução social, do caos afligia a população. Internacionalmente havia uma disputa declarada e acirrada entre EUA versus URSS. No Brasil neste contexto para “salvar a democracia” prevaleceu a ditadura

civil-militar.

Hobsbawm (2019) as condições para que aja um golpe diz:

Contudo, os momentos de vitória democrática e mobilização política de massas não são ideais para golpes militares, que dependem para ter sucesso da convenção de que os civis, assim como setores não comprometidos com as Forças Armadas, do mesmo modo como os *putschistas* militares cujos sinais não são aceitos reconheçam discretamente seu fracasso. O pronunciamento clássico é um jogo melhor nos momentos em que as massas estão em recesso ou os governos perderam a legitimidade (Hobsbawm, 2019, p. 159).

Momento favorável para o Golpe Militar de 1964, em que o Brasil se encontrava fragilizado, onde havia pequenos episódios de guerrilhas, uma população descrente em seu governo, herdeiro do jogo populista de Getúlio Vargas, que tendia para a esquerda oferecendo democratização, reformas agrárias e descrente na política americana Hobsbawm (2019). Reis (2016) ainda corrobora em dizer que haviam várias crises, falta de controle na inflação, uma série de discursos de Jango na tentativa de forçar a aprovação das reformas no Congresso.

Também não foi somente o Brasil nesta onda, havia uma corrente de forças a partir dos anos de 1950 internacionalmente ligadas a favor das esquerdas reformistas, nacional-estatistas. A direita que sempre esteve entrelaçada a movimentos golpistas agora defendia a democracia, hierarquia e disciplina nas Forças Armadas, valores da família e religião culminando com o medo exagerado do comunismo e ainda como possuíam a maioria no congresso bloqueavam reformas. Com poucos líderes golpistas iniciou em fins de março a decisão para o desfecho do golpe já elaborado. Goulart tentou em 1963 declarar estado de sítio, mas retirou do Congresso Nacional o pedido pois, foi acusado de tentar implementar um regime ditatorial. A esquerda por outro lado percebendo o movimento resolveu se manter sem nenhuma providência a tomar, sem resistência, acreditando excessivamente talvez em suas forças militares, assim como Jango que procurou exílio político no Uruguai (REIS, 2016).

As reformas propostas por Jango, inclusive para a área da educação como o Plano Nacional de Alfabetização, foram extintas, sendo um dos primeiros atos do Golpe Militar, em abril de 1964 (SHIROMA, MORAES e EVANGELISTA, 2011). Para Mauro (1974) compreende que no campo da educação, que em 1965 as políticas educacionais eram ainda antiquadas, estatisticamente de 1000 estudantes matriculados nas escolas primárias, treze alunos alcançavam o ensino secundário e somente quatro o ensino

superior. Reflexo este que era maior comparado a determinados países subdesenvolvidos. Entretanto, o ensino era focalizado através das reformas para encaminhar a população para o ensino técnico.

Sobre a remoção, em 1967 para voltar para Porto Alegre – RS, em plena ditadura militar, Hilda informa que quando alguém era removido pelo estado costuma ficar dois anos, mas Moacyr e Hilda ficaram 4 anos. Graças a ajuda de um amigo conseguiram-se remover para Porto Alegre – RS.

*Naquele tempo se fazia estágio de dois anos no interior para conseguir voltar para Porto Alegre... ficamos 4 anos... aí conseguimos a remoção em julho. Em julho quem nos removeu foi o deputado Porcinio Pinto.... Eu morava no mesmo andar dele, no último andar do edifício lá na Riachuelo com meu irmão. Eu nos fundos, ele na frente me dava muito bem com as duas filhas dele... E então, ele foi assim, amigo muito bacana, apareceu lá, não sei o que ele foi fazer em São Borja, talvez a carta de voto. Quando ele desceu do avião que nos vi-o... “foram vocês” (risos) “os dois votos que eu ganhei” (risos). Aí em São Borja era úmido pela proximidade do rio, corria água pela parede... eu tenho alergia ao frio e a Ana também estava sofrendo, então ele nos removeu assim... em julho, férias... ele nos removeu durante as férias de julho... para Porto Alegre (Hilda Flores, dez. 2016).*

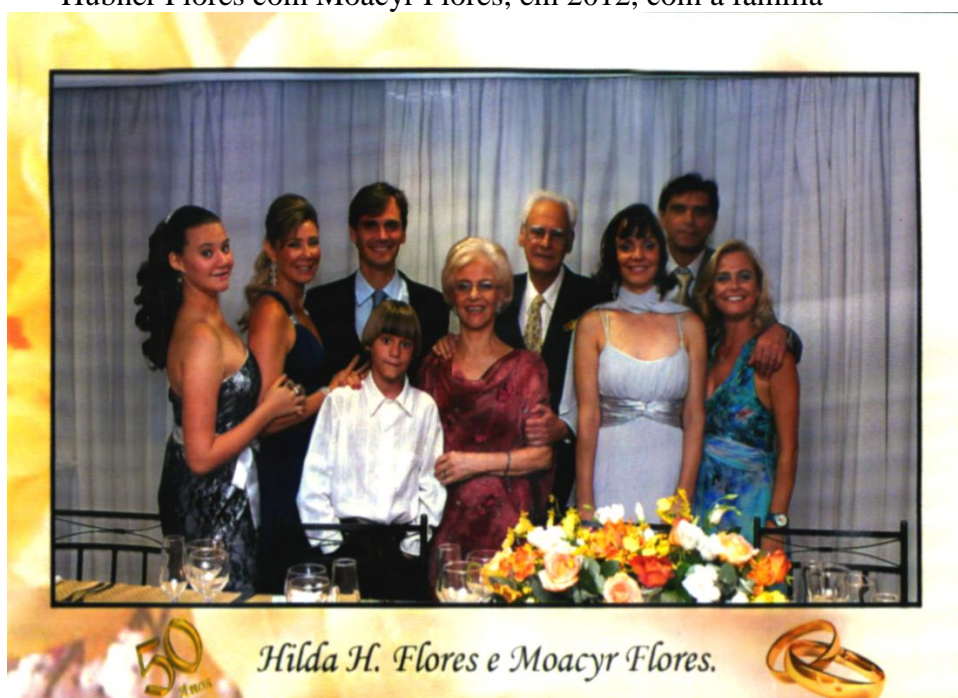
Quanto a criação dos filhos Hilda disse que criou os filhos com o que aprendeu com a mãe, com os princípios interioranos com mais restrições e rígidos: *Criei meus filhos dentro do que aprendi com a minha mãe. Porque é o que sabia na época... se fosse como está hoje... eu teria dado mais liberando, mais um pouquinho somente (Hilda Flores, dez. 2016).*

A educação dos filhos Moacyr relata ainda:

*A minha educação foi um pouco diferente com eles, mas eu nunca disse para ela não faz isso e não faz aquilo... na educação dos filhos ela era muito mais severa do que eu, eu era muito mais liberal... de conversar com os filhos, então quando os filhos queriam alguma coisa vinham pedir para mim, não pediam para ela porque ela perguntava assim... “o que você fez para merecer?” Aí eles pediam para mim (Moacyr Flores, jun. 2018).*



**Imagem 53** – Festa de comemoração dos 50 anos de Casamento de Hilda Agnes Hübner Flores com Moacyr Flores, em 2012, com a família



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

**Descrição:** na primeira fila Tales Mayer Flores (neto de camisa branca), Hilda Hübner Flores, Ana Berenice Hübner Flores, Márcia Hübner Flores. Na segunda Luiza Mayer Flores (neta), Elizabete Mayer (nora), Moacyr Flores, Oger de Sousa Pinto (genro)

O trecho que trata sobre os anos de casados entre o casal Moacyr e Hilda Flores a seguir é demonstrado com saudosismo pelo prof. Moacyr, sendo assim, marcado pelo companheirismo, respeito e o amor.

*Moacyr – O início de casamento né... que é muito difícil na adaptação, principalmente com duas culturas diferentes. Eu não tentei impor a minha cultura, eu procurei assim... conciliar todo o tempo, alguém tem que ceder. Bom... como eu era filho mais velho, só tinha um irmão 10 anos mais novo eu aprendi desde cedo a ajudar a minha mãe na limpeza da casam então desde pequeninho eu que arrumei a minha cama, que arrumava a casa, se tinha que varrer a casa eu varria... eu casei com ela e como ela também trabalhava e eu trabalhava então nós dividíamos as tarefas caseiras. Até hoje eu digo que o meu emprego é lavar toda a louça (risos) e eu não posso ficar desempregado então... continuo lavando a louça e assim vai... tem que limpar a casa, varrer a casa eu varro... eu aprendi quando solteiro com a minha mãe de ajudar, então continuo fazendo isso. E como ela trabalhava eu acho que eu não tinha o direito de exigir que ela fizesse um segundo turno cuidando da casa, então eu dividi com ela isso. Acho que isso nos uniu bastante no cotidiano. Cada um tem o seu trabalho intelectual... ela várias vezes presidiu uma instituição que eu pertenço, não me senti assim humilhado nem nada, sempre procurei ajudar como motorista, como secretário, mas não... acho que isso aí valeu... (Moacyr Flores, jun. 2018).*



Podemos observar que fuge com padrões da época em uma sociedade patriarcal e machista da década de 1960 o padrão do casal e as autoras Miguel e Rial (2018) em seu ensaio no tocante a expressão que para as mulheres o “lar é o seu mundo” na década de 60 reflete que as mulheres casadas deveriam em seu momento de folga se dedicar a afazeres para deixar sua casa mais bela, como por exemplo uma colcha de crochê, fazer casaco de tricô para uma filha, ou mesmo, a leitura com certas restrições pois, poderia para as mulheres de mentalidades mais fracas corrompê-las. Pensamento este que para Hilda e Moacyr não existiu porque sempre dividiram as tarefas do lar e compartilhavam leituras.

Hilda casou com Moacyr sem saber cozinhar, que também fugiu as exigências do período, como discuti anteriormente na página 142, e o fato de hábitos culturais diferentes poderia ser mais um empasse na vida do casal. Porém, o registro do diálogo a baixo de Hilda e Moacyr em junho de 2016 com humor demonstra que as culturas se somam e se adaptam na medida em que convergem para a união e paz.

*Moacyr – ah... ela foi fazer um feijão, colocou na panela de pressão, aí abriu a panela de pressão e o feijão todo foi para o teto. Não sei como ela não se queimou.*

*Hilda – escapei ilesa.*

*Moacyr – Um dia ela quis fazer uma sopa de arroz... arroz de leite estava tudo bem... só que ela pegou o arroz cozido com sal para fazer o arroz de leite... o arroz intragável. Mas ela cozinha... agora cozinha... (risos) não é uma comida assim... do meu paladar... eu como pouco, mas eu gosto de uma comida saborosa, eu venho de uma comida portuguesa é uma comida que o tempero é o tempero exato nem muito, nem de menos... exato tempero que deixa o gosto de cada comida. Outra coisa que me apavorou é quando ela fez uma salada de alface e botou açúcar em cima*

*Hilda – minhas filhas adoraram*

*Moacyr – as crianças adoraram... (risos) eu fui comer a sobremesa quando casei porque essa eu não comia.*

*Hilda – porque na hora assim da sobremesa é toda a extrema das nossas culturas...*

*Moacyr – quando nós fomos lá em Santa Cruz do Sul fazer um curso lá aí o restaurante ficava do outro lado da estrada. Era um buffet também, muito bonito e eu entro na fila com um prato e quando eu chego assim... na mesa ali... estava tudo doce... compota de pêssego, compota de abacaxi... entrei na fila errada, aí me ergui um pouco, olhei estava o feijão, o arroz, mas era o pessoal com aqueles doces e botando feijão em cima. (risos) é inconcebível isso pra mim. Mas é cultura alemã, mistura de doce com salgado... é... o doce e o salgado não casam... ou é doce... ou é salgado. Eu antes comia o pão só com manteiga ou só com geleia ou então só com queijo... agora já aprendi estou misturando*

*manteiga (risos) presunto, queijo, mas antes eu não fazia isso. Era uma coisa para sentir o sabor de cada uma. Misturando perde o sabor de cada uma.*

Não posso deixar de registrar alguns cartões dentre os muitos que o casal possui (Imagem 54). Cada cartão tem um motivo para o qual o Moacyr Flores fez homenagem para sua esposa, por exemplos quando: Hilda tirou a habilitação, dia dos namorados, quando ele aprendeu caratê, quando passou do horário de dormir, para celebrar o dia que se conheceram, enfim, foram muitos motivos para celebrar o amor em 57 anos de casados.

**Imagem 54** – Cartões Postais feitos por Moacyr Flores



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Moacyr Flores relata sobre o que pensa a respeito dos seus anos de casados com a Hilda, onde diz:

*Como esposa... bom, eu vejo como companheira da minha vida, eu sempre digo ela me corrige, mas eu digo isso que 51% do que eu sou eu devo a ela... ela que me apoiou em tudo. Muitas vezes eu tive que me enterrar num artigo e ir trabalhando e ela cuidando das crianças quando pequenas.... Então, acho que me ajudou bastante como esposa, como amiga, como amante...bom... a gente é um casal de historiadores que se dedica como escritores e como pesquisadores (Moacyr Flores, junho de 2018).*

Finalizo este capítulo apresentando algo comum em minha infância e adolescência sobre o famoso provérbio “teimoso é quem teima com alemão”, comum no sul do Brasil, em divergências envolvendo alemães ou casais de descendência cultural alemã com portuguesa. Em meio a entrevista em junho de 2016 comentamos sobre este

provérbio que não sabíamos da onde vinha. Moacyr apresentou uma versão também usada:

Moacyr – *a gente está a 54 anos juntos... sabe o que é aturar uma alemã 54 anos? Eu aprendi uma coisa que “alemão não é cabeçudo, cabeçudo é quem discute com alemão”.*

Hilda – *acontece parecido com vocês... (risos)*

Cristine – *meu esposo diz que eu sou muito teimosa, mas normalmente eu somente teimo quando eu tenho certeza, se eu não tenho certeza eu não teimo e quando eu tenho certeza eu teimo (risos)*

Moacyr – *até quando não tem certeza... (risos)*

Hilda – *olha, eu acho que com essa convivência de 54 anos o negócio já contagiou (risos) tem horas que ele está discutindo e “pô e a teimosa sou eu” ... (risos).*

Ou talvez seria “insista, persista e nunca desista” autoria desconhecida, seria a lição deixada pelos imigrantes, passada de geração a geração, que inspirou Hilda Agnes Hübner Flores.

### **3 A INTELLECTUAL HILDA AGNES HÜBNER FLORES**

Aqui começa a jornada da futura historiadora que se dedica a estudos imigratórios alemães, principalmente, boêmios que se tornou a pesquisadora pioneira no Brasil, e à história de mulheres que constando dentre as pesquisadoras pioneiras nessas áreas em Porto Alegre - Rio Grande do Sul.

Neste entrelaçado de informações culturais e históricas podemos salientar que trabalhamos com a história cultural que foi descoberta no ano de 1970. Através da História Cultural pode muitas vezes se entrelaçar dois sentidos antagônico, porém um completa o outro. Um deles é o aspecto interno que o campo de pesquisa alcança um passado que não foi trabalhado, deixado de fora. O pesquisador cultural procura dar conta, nesta perspectiva, abrangendo especialista em população, diplomacia, mulheres, ideias, guerras entre outros aspectos (BURKE, 2008). O que foi ao encontra da vivencia de Hilda Flores em termos de pós Primeira e Segunda Guerra na sociedade Boêmia dentre seus relatos da temporalidade em torno da sua vida.

O segundo aspecto é o externo que está ligado ao que os historiadores fazem ao tempo em que vivem (BURKE, 2008). Creio que completa a vida de Hilda Flores, pois ela tornou-se uma das primeiras referências como pioneira sobre Boêmios no Brasil - imigrantes alemães- e, ainda é apontada como uma das primeiras a pesquisar sobre mulheres e imigração alemã no Rio Grande do Sul.

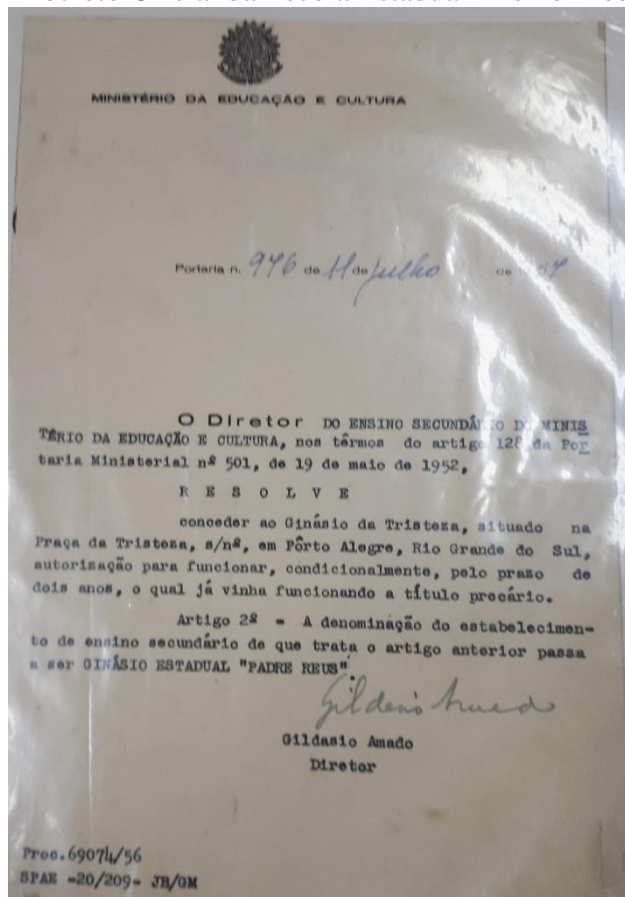
Após três anos e meio de trabalho em São Borja, em junho de 1966, Moacyr e Hilda conseguiram a transferência para trabalhar na SEC – Secretaria de Educação e Cultura, lotada em Cachoeirinha, bairro de Porto Alegre.

A professora Hilda Flores, foi lotada para exercer o magistério em uma Escola denominada Winston Churchill, situada na Rua da República em POA. Neste período foi trabalhar simultaneamente na Escola Estadual Padre Réus, no bairro Tristeza em POA. Em dezembro de 2017, fui conhecer as duas escolas juntamente com Hilda Flores e o professor Moacyr Flores, ocasião em que ganhei um exemplar do livro Tristeza e Padre Reus publicado por Hilda, em 1979, que falarei mais adiante.

Em 20 de junho de 2018 retornei nas duas escolas, na primeira Escola, Estadual Winston Churchill, a funcionária da secretaria disse que a escola estava em novo prédio, inclusive o antigo estava abandonado, como mostra imagem 53, e muitos documentos de ex funcionários da Escola foram encaminhados à secretaria do estado.

A escola à Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus, foi fundada em 1956, ano que iniciou as aulas provisoriamente, pois o Decreto Oficial que regulava a instituição como escola, saiu somente em 1957, como consta na imagem 55, Hilda começou a ministrar aulas de história em 1972 nesta instituição escolar.

**Imagem 55** – Decreto Oficial da Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Hilda, como professora do magistério no colégio estadual teve, várias experiências didáticas que marcaram seu processo de ensino.

*Ministrei a disciplina de OSPB e história uma vez disse para meus alunos vocês querem simplesmente estudar para passar com média ou vocês querem aprender e se preparar para o vestibular? Como todos queriam ir adiante a turma desenvolveu trabalhos fabulosos. E outra experiência foi. Certa vez perguntei aos meus aluninhos de 4ª série se eles queriam fazer cola para a sabatina<sup>21</sup>, eles disseram que sim. Então como eu ensinava na época sobre países, pedi para cada um pegar um pedaço pequeno de papel e fizessem colunas onde aparecia país, rios, continente. Muitos deles queriam escrever uma frase no espaço, só que cada espaço cabia apenas um nome. Então aprenderam a desconstruir conceitos e formar os próprios com palavras chave. No dia puderam utilizar a cola, muitos captaram, outros não. Outra experiência foi com*

<sup>21</sup>Revisão de matéria, feita, normalmente, sob forma de arguição oral, individual, pelo professor.

*um aluno de 6ª série em que, de repente, após as férias, passou a usar cabelo longo, na época havia certo preconceito, então veio uma ideia a mente em que disse: “olha ouvi dizer que a inteligência é inversamente proporcional ao comprimento do cabelo, eu ouvi dizer, mas não assino embaixo. Anos depois encontro este aluno bem vestido, bem-sucedido, perguntou-me e eu disse novamente eu ouvi dizer, mas não assino embaixo e rimos muito” (Hilda Flores, dez. 2018).*

Na década de 70, ou até hoje, a imagem de alguns jovens entrelaçadas pela linguagem corporal e de comunicação vinculadas ao Rock Pesado com seus “cabelos compridos, calças jeans rasgadas ou surradas e camisetas brancas” são vistas pelos conservadores com preconceito ligados há uma apologia ao uso de drogas e alienação (JANOTTI JÚNIOR, 1994).

Estas experiências didáticas com alunos de 4ª e 6º série demonstram que a professora Hilda Flores didaticamente já tentava ser criativa, não valorizando o ensino tradicional baseado exclusivamente em decorar ao ensinar a cola para a sabatina. Acredito que devido a sua experiência durante a infância em retirar as calças no meio do cominho para a escola com vistas a atender padrões sociais, problematizava comportamentos padrões e apoiava o rompimento com os estigmas relacionados as questões de gênero, de acordo, didaticamente com experiências diferentes metodológicas de professor reflexivo (BRANDENBURG; PEREIRA; FIALHO, 2019). Entretanto, como professora mais tarde, com o impasse do aluno com cabelos compridos conseguiu lidar de forma criativa para não bater de frente com normas morais impostas pela sociedade, mas ao mesmo tempo como professora teve que sugerir uma solução para aquele momento.

Na imagem 56, em verde, temos a imagem dos prédios das escolas construídos na época em que Leonel Brizola foi governador do estado de do Rio Grande do Sul, no período de 1959-1963, conhecido popularmente como Brizoletas ou escolas Brizola (QUADROS, 2001). A EEEM Padre Reus preserva uma das unidades das Brizoletas, embora tenham construído a diretora Alice, em junho de 2018, relata: “*devido a demanda de alunos que aumentou, as necessidades de outros locais como laboratório de informática e auditório e apropria esturra com nova fiação para abrigar mais tecnologia*”.

**Imagem 56** – Antigo prédio conhecido como Brizoleta e o novo



**Fonte:** Fonte arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Entrevistei a diretora Alice Mara Carvalho Passos, que já por telefone me disse que encontrou a pasta da professora Hilda Flores.

*Então está, nós achamos aqui a pasta funcional do colégio onde que Hilda foi professora e bibliotecária - Hilda Agnes Hübner Flores e achamos a organização do livro do Colégio Padre Reus - Tristeza Antiga. Toda a parte datilografada do livro eu acho que isso aqui é dela e deveria estar com ela até, aqui tem todo aspecto educacional da zona sul, dezembro de 1977 Educandário Capital tem até o ano de fundação. Olha todas as escolas da zona sul, é aí depois vem o Colégio Padre Reus (Alice Mara Carvalho Passos, jun. 2018).*

Na pasta existiam vários documentos, entre eles encontramos os horários nos quais Hilda ministrava as disciplinas de História, lotada para exercer o magistério em uma Escola Estadual Winston Churchill e na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, no bairro Tristeza em POA, (horários na imagem 57). Quando Alice conseguiu os horários dela ficou empolgada e falou: “*Olha que interessante os horários dela, nem sabia que tinha tanta coisa aqui dentro desta pasta*” (Alice Mara Carvalho Passos, jun. 2018).



**Imagem 57 – Horários de trabalho em que leciona a disciplina nas escolas Estadual Ensino Médio Padre Reus e Winston Churchill**

**ATESTADO**

Atestamos, para os devidos fins, que a professora HILDA AGNES FLORES, cumpre o seguinte horário neste / Estabelecimento de Ensino:

2a. feira das 7,45 às 12,30hs.  
4a. feira das 7,45 às 12 horas.  
6a. feira das 7,45 às 12 horas.

Porto Alegre, 2 de abril de 1975.

IARA MOREIRA ALVES  
SECRETARIA DO  
Colégio Estadual Padre Reus  
Rua nº 1000, 9000

Período	2a	3a	4a	5a	6a	7a
1º Período 19:15 19:55	*	*	*	6aB	*	*
2º Período 19:55 20:35	*	6aD	*	6aB	*	*
3º Período 20:35 21:15	R 6a	6aD	*	*	*	*
4º Período 21:15 22:10	R 6a	6a C	*	6aA	*	*
5º Período 22:10 22:50	*	6a C	*	6aA	*	*
6º Período	*	*	*	*	*	*

PORTO ALEGRE, 23.....60 ..2.....1975.

DIRETORA  
Iara Moreira Alves

**Fonte:** Arquivo da Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus

Pelo horário de lotação, como rotina, ministrava aulas no período das manhãs e tardes em dois educandários, e diante do mestrado que ingressou em 1972, estava cada vez mais difícil conviver com os filhos menores, pois somente conviveria com eles no período da noite depois da 18hs e 30min. Diante desta situação tentou em 1975 através de uma solicitação (imagem 58), trocar o turno de um dos educandários para tarde ou noite, assim que surgisse a vaga, e ainda se fosse possível em instituição mais próxima de sua casa.

**Imagem 58 – Solicitação de transferência de turno para poder dar mais atenção aos filhos em 1975**

Srta. Dir.  
Delegada da Av. Iruya  
R. Rutherford Smith, 40  
910

Hilda Agnes Flores, professora no Colégio Estadual Padre Reus, localizada na Rua Rutherford Smith, 40, bairro São José, Porto Alegre, RS, vem por meio desta solicitar a transferência para o turno da tarde ou noite, no Colégio Estadual Padre Reus, para poder dedicar mais tempo aos filhos, pois atualmente trabalha no turno da manhã e não consegue dedicar tempo suficiente para os filhos, além disso, o Colégio Estadual Padre Reus está localizado muito próximo de casa, facilitando a rotina dos filhos, além disso, o Colégio Estadual Padre Reus está localizado muito próximo de casa, facilitando a rotina dos filhos, além disso, o Colégio Estadual Padre Reus está localizado muito próximo de casa, facilitando a rotina dos filhos.

Porto Alegre, 17 de março de 1975

Hilda Agnes Flores

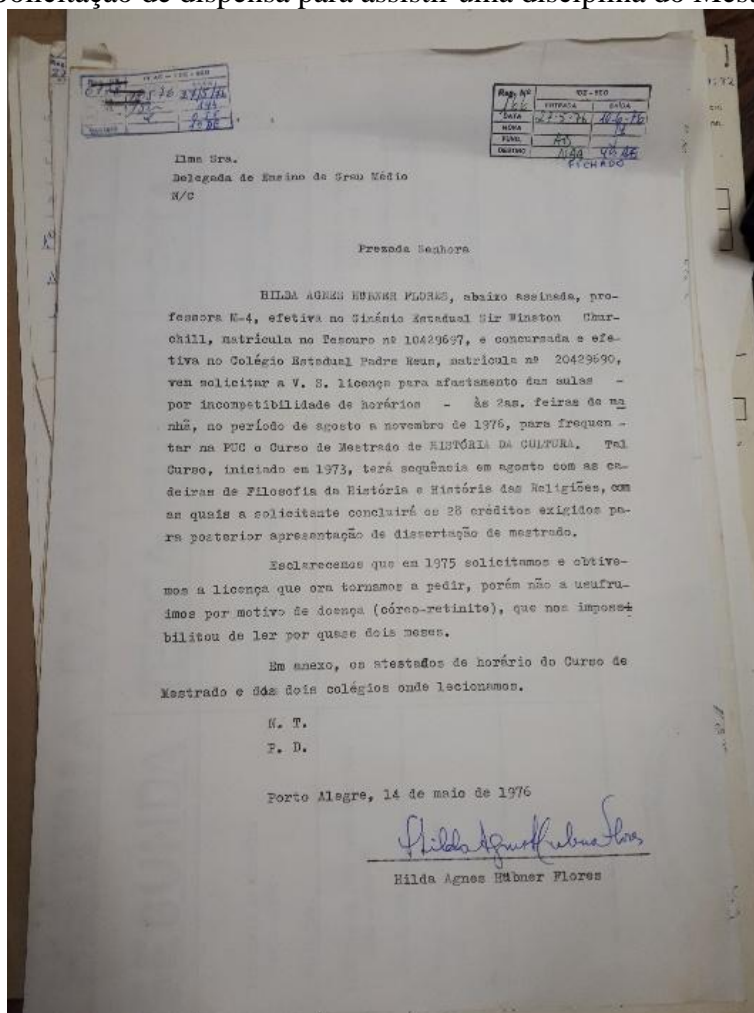
R. Deputado Roberto, 99 - apto. 102  
Praia de Belas  
910  
Fones: 255767

**Fonte:** Arquivo da Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus



Entre os achados estava um documento em que solicitava a dispensa (imagem 59) de Hilda Flores no turno de segunda pela manhã para acompanhar uma disciplina ofertada do Programa de Pós-Graduação no Mestrado de História da Cultura no período de agosto a novembro de 1976.

**Imagem 59** – Solicitação de dispensa para assistir uma disciplina do Mestrado



**Fonte:** Arquivo da Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus

Em 1972, Hilda e seu esposo Moacyr entraram na primeira turma do mestrado em História da Cultura na PUC – RS, durante os anos do curso trabalhavam normalmente e nas férias cursavam as disciplinas. Sendo que no ano de 1976, somente as segundas-feiras, pediu licença para assistir a uma disciplina, justificando que em ocasião anterior teria direito à licença por motivo de saúde e não a fez. Hilda desenvolveu a pesquisa *Canção dos Imigrantes no interior de Venâncio Aires-RS em Linha Sampaio*, defendida em 1977 (imagem 60). Foi no percorrer da pesquisa de mestrado que descobriu sobre os Boêmios (Alemães). Hilda Flores, em dezembro de 2016 diz: “Tive que fazer o mestrado das férias, a noite assistia disciplinas. Tivemos que intercalar horários, eu tinha três

*filhos menores, foi muito puxado*". Moacyr Flores completa: "Sentava um ao lado do outro e durante a coleta de dados fui o motorista dela no interior de Venâncio-Aires (Moacyr Flores, 2016)".

**Imagem 60** – Defesa de Mestrado em 1977



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores

Hilda Flores saiu em 1977 da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, onde lecionou de 1972 a 1977, pois iniciaria uma nova jornada em sua vida, a de docente em nível superior, (imagem 61).

**Imagem 61** – Presença de Hilda Flores de EEEM Padre Reus de 1972 a 1977

BRASIL

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA      GRUPO Nº. 155.../77...

DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

NOME: Hilda Asses Hubner Flores      MATRÍCULA: 20429690

CARGO: Prof. Ensino Médio II      VÍCIOS: M4-D

LOCAL: Cd. Est. Pa. Reus      CLASSE:      NÍVEL:      TURMA:      HTE:

Para fins de comparecimento

ANOS	JAN-82	FEB-82	MAR-82	ABR-82	MAY-82	JUN-82	JUL-82	AUG-82	SET-82	OCT-82	NOV-82	DEC-82
1992	/	/	/	E-7	E	E	E	E	E	E	E	E
1993	E	E	E	E	E	M-3	L5-1	L5-2	E	L5-4	L5-6	E
1994	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E
1995	E	E	E	E	E	M-1	E	L5-6	L5-30	L5-14	E	E
1996	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E
1997	E	E	E	E	E	E	L5-1	E-14	/	/	/	/

**Fonte:** Arquivo da Escola Estadual Ensino Médio Padre Reus

Em junho de 2018 fui a PUC-RS tentar falar com algum colega do departamento de Turismo e Serviço Social onde Hilda Flores ministrou aulas. E não consegui falar com nenhum colega que conheceu Hilda. Tentei no Departamento de História, esperei o término de uma aula para falar com o professor mais antigo e ele somente tinha uma vaga lembrança de Hilda. Peguei e-mail de antigos coordenadores no protocolo da instituição, mas infelizmente ninguém retornou. Onde Hilda lecionou por 36 anos desde 1978: na Faculdade de Serviço Social e na Faculdade de Meios de Comunicação Social da PUC – RS. Sobre esta experiência como docente a Hilda Flores disse: *“Meu esposo me trouxe do Serviço Social para História, onde me apaixonei pela pesquisa. Hoje não temos sábado, feriado e nem domingo, não fumamos, não bebemos, mas não resistimos à pesquisa. Isso é nosso robe”!* (Hilda Flores, dez. 2018).

No ano de 1979 publicou seu primeiro livro “Triste e Padre Reus” foi convidada pela Escola Padre Reus, em que trabalhava, para escrever sobre a história do bairro e sobre a escola. Neste livro Hilda Flores começa os estudos sobre mulheres, porque descobriu que o Bairro Tristeza é denominado assim, por causa de uma senhora que tinha o sobrenome Tristeza. Na verdade, por injustiça do período, quem ficou com a maioria das terras foi sogro de Tristeza e seu esposo, pois eles já moraram há 20 anos e prestavam serviços naquelas terras a família de da senhora Tristeza. Porque, de acordo com as Leis da Coroa Portuguesa, que legalizava a terra com posse após 5 anos de quem trabalhava e morava nesta propriedade. Como o pai da Senhorinha Tristeza faleceu e os irmãos de Tristeza não assumiram a propriedade na hora quando foram legalizar não tinha mais como.

Por isso do nome do Bairro Tristeza em Porto Alegre – RS, por causa da senhorinha Tristeza que se tornou triste pelo contexto familiar e dependente do sogro e do esposo. Tristeza justificada para o período que os autores Machado (2010) e Pinto (2003) enfatizam que para uma família não deixar a propriedade para um homem, ou seja, o patrimônio entre os herdeiros com o nome da família no século XVIII era um fato que gerava preconceito, principalmente quando o herdeiro era do sexo feminino.

**Imagem 62** – Lançamento do Livro Tristeza de Padre Reus



**Fonte:** Arquivo pessoal da biografada Hilda Agnes Hübner Flores

A professora Hilda Flores reportou em dezembro de 2016 sobre o lançamento do livro (imagem 62) “Tristeza e Padre Reus”. Nascia aí a nossa biografada escritora e seu primeiro estudo que envolve um pouco sobre o tema mulheres ao falar sobre a senhora Tristeza.

*Do lançamento do livro “Tristeza de Padre Reus” sei que o lançamento foi gigantesco, comecei a autografar às 17hs e parei as 23hs, na sede do Esporte Clube Internacional. Esgotou todos no mesmo dia. Segui após o livro Tristeza e Padre Reus pesquisando e aí começou a nascer Sociedade preconceito e conquistas publicado” (Hilda Flores, dez. 2017).*

Quando Hilda iniciou a pesquisa sobre a história do Bairro Tristeza de POA, despertou seu interesse em estudar sobre mulheres, isso engajaria ela como estudiosa no quarto movimento do feminismo no Brasil, expressada através de movimentos literários e instituições. Para isso faz, se necessário fazer uma reflexão sobre estes movimentos, primeiro momento foi o das letras iniciais, pois as mulheres buscavam com este direito ler e escrever, sendo que no Brasil a primeira legislação que legitima o direito as mulheres a escrever são do ano de 1827, liberando os educandários femininos. O segundo momento começa em 1870 ampliando mais espaço na educação e pelo direito ao voto. O terceiro momento foi rumo à cidadania, em que as mulheres lutavam pelo direito ao voto, assim como, por liberdade para trabalhar fora do lar como em comércios, nos hospitais, indústrias entre outros. Na década de 70 e 80, temos o quarto momento que é a revolução sexual e a literatura. A escritora Rose Marie Murano publicou vários livros sobre temáticas envolvendo o feminismo, até mesmo com obras publicadas durante o regime militar, o que movimentou vários grupos de mulheres em todo o país (DUARTE, 2019).

Celi Pinto (2003), aponta que a primeiros movimentos do feminismo começou no Brasil com a luta durante o sufrágismo a brasileira com manifestação de mulheres de classe medias e brancas, sendo pelo direito a escrever e ler, a luta pelo direito de votar 1930, pelo divórcio, trabalho com melhores condições. Entretanto, este movimento no Brasil estaqueou por 30 anos. A partir do clássico livro da autora Simone de Beauvoir com o título “O segundo sexo”, com seu primeiro ensaio em 1949, ela impulsionou a segundo momento, do feminismo na década de 60, caracterizada pela liberdade sexual associada ao uso da pílula anticoncepcional, inventada em 1968. O feminismo no Brasil é pós 68, ela aparece com o movimento literário e as primeiras manifestações femininas (PINTO, 2003).

Continuando a falar sobre as suas publicações, em 1981, Hilda Flores, enquanto estava fazendo a sua pesquisa de mestrado, encontrou, na biblioteca da Sociedade de Canto e Jovialidade, em Linha Sampaio, o “*Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entwicklungsgeschichte der Linha Cecilia Mun*” publicado em 1937, em língua alemã. Considerado por Hilda Flores e outros pesquisadores como sendo o melhor relato deixado por memorialista imigrante Boêmio (Alemão). Hilda Flores traduziu o livro e fez uma pesquisa resultando na publicação do seu segundo, livro em 1981, com o título “Memória de um Imigrante Boêmio: Josef Umann”. A (imagem 63) mostrou o lançamento do livro, em Venâncio Aires, no Museu da cidade, em 1981.

**Imagem 63** – Memória de um Imigrante Boêmio: Josef Umann



**Fonte:** Arquivo pessoal da biografada Hilda Agnes Hübner Flores

Emílio Willems, em 1949, colocou em uma publicação a descendência de grupos de imigrantes de diferentes regiões da Alemanha e apontou, pela primeira vez, os imigrantes Boêmios. Com o título “A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil” teve como, primeira edição no ano de 1949 tornando-se o primeiro pesquisador a falar sobre Boêmios, em São Paulo, no Brasil, embora ele não tenha discutido sobre a história da Boêmia, como fez Hilda Hübner Flores, a partir de 1981, Hilda Flores foi a primeira historiadora, no Rio Grande do Sul, a pesquisar sobre Boêmios e a segunda no país.

A partir deste desse lançamento se tornou referência em estudos sobre mulheres e imigrantes alemães. O seu terceiro livro, “Canção dos imigrantes”, foi publicado em 1983, e trata das canções feitas por imigrantes alemães de caráter educativo, salientando o contexto histórico de onde vieram, como se adaptaram ao Brasil, dentre outros, aspectos culturais, políticos, educacionais, religiosos e morais.

Identificar as principais contribuições intelectuais da historiadora Hilda Flores pela sua caminhada como escritora e pesquisadoras da temática envolvendo mulheres, imigrantes Alemães, e principalmente, Boêmios e a história do Rio Grande do Sul, torna-se uma tarefa muito difícil a medida que são tantos os estudos de uma senhora de aparência frágil com seus 86 anos, que segue firme na pesquisa. Ela desenvolveu pesquisas de cunho histórico relevantes que em números são contabilizados em torno de 22 livros, 140 capítulos, 9 artigos em revistas, 80 artigos em jornais. Afora isso, realizou cerca de 230 palestras e recebeu 30 prêmios.

“*Imigrantes Boêmios*” publicado por Hilda Flores, em 2015, que trata da jornada dos imigrantes Boêmios alemães expulsados da atual República Tcheca. Conta a sua trajetória migratória para o Brasil, desde a saída com passaporte da Áustria até a colonização no Brasil, em busca de melhores condições de vida. Foram muitos abandonados no mato, no interior das cidades do Sul do país. Entretanto, embora tiveram muitas dificuldades, preservam costumes, montando seus núcleos para sobreviver como escola, igreja, cemitério e sociedade.

Com o passar dos tempos Hilda Flores percebeu que sua família era descendente de boêmios, e viajou para a Alemanha e República Tcheca para reconstruir a história de sua própria família, publicada em 2018, no livro “*Imigrantes Boêmios Genealogia*, onde participei do lançamento tirando a foto oficial da família em junho de 2018, imagem 64.



**Imagem 64** – Lançamento do livro “Imigrantes Boêmios Genealogia”



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

Dentre os ensaios sobre a temática imigração destaco o livro “*Aspectos da Revolução de 1893*” que conta a história de imigrantes alemães na vida em sociedade, que foram fincados nessa bárbara guerra civil, edições em 1993, 1999 e 2005, todas esgotadas, escrita por Moacyr e Hilda Agnes Hübner Flores.

O livro “*Alemães na Guerra dos Farrapos*” foi publicado em três edições 1995, 2008 e 2019, ele é de cunho histórico e aborda particularmente a imigração teuta na guerra civil dos Farrapos, que de guerra heroica para os farroupilhas, mas na verdade a história e a própria Hilda Flores mostrou que não tem nada de heroica, porque trouxe foi muito luto, separou famílias e prejuízo ao povo do Rio Grande do Sul.

As “*Mulheres da Guerra do Paraguai*” foi publicado em 2010, é um estudo que ultrapassou as fronteiras entre os dois países, a nível internacional, em que Hilda destaca a presença feminina na guerra. Mostra que as mulheres tiveram que acompanhar os seus maridos e filhos, costurando uniformes, auxiliando médicos sem ter preparo, e até mesmo lutando. Fora o serviço pesado, enfrentavam os estupros e o medo. Mas, como exemplo de várias guerras, a presença feminina é considerada historicamente a mais frágil, e para o sexo masculino a virilidade e a tão chamada glória. Depois no pós-guerra, para a mulher vinha a carga de reconstruir seus lares, o sentimento de perda dos entes queridos, a fome o sentimento de desconfiança que caía sobre elas perante a sociedade.

O livro “*Picada Café*”, publicado no ano de 1996, é referente a monografia do município de Picada Café, encosta da Serra Gaúcha, e foi escrita com auxílio de seu esposo Moacyr Flores. Nele é apontado que a origem do município conta através de duas

narrativas históricas: 1) uns acreditam em uma linha que os gaudérios “tropeiros” por ali passavam e aproveitavam a estância no Parque Histórico Jorge Kuhn para acampar, descansar ou tomar café para seguir viagem, pois a estrada fica nas proximidades. 2) O município é apontado como localidade que recebeu imigrantes alemães, por ser região montanhosa e fria, clima ideal para estes. Está última versão foram dados aos imigrantes a tarefa de cultivar café, mas o clima do Rio Grande do Sul não é propício, e a localidade do município até hoje é denominada em alemão *Klaffeck*, que significa Canto do Café.

O livreto de 71 páginas, como ela chama que contem a “*histórico da Imigração alemã, 180 anos*” com a parceria de Sílvio Rockenbach, foi confeccionado em 45 mil exemplares para a feira do livro em Porto Alegre – RS, publicado em 2004, e já esgotou.

A “*História da imigração alemã no Rio Grande do Sul*” foi a publicação que em 2004, ganhou o Prêmio Internacional de Literatura Brasil-América Hispânica. Trata da imigração dos alemães, primeiros alemães chegados ao Rio Grande do Sul, e conta a distribuição de terras, o abandono cultural e social, e com eles se organizaram para poder viver em pequenas comunidades, bem como, continuaram, mesmo perseguidos durante a II Guerra Mundial, a manter seus valores culturais e sociais.

Hilda, com estas publicações sobre a história da imigração alemã e boêmia, envolvendo períodos de pós-guerra ou revoluções, começa a escrever sobre os fatos não mencionados na história oficial, muitas vezes esquecidos ou omitidos, ou somente visto pelo lado vencedor, e ou silenciado. Entretanto, ela por vivenciar parte destes períodos vai ao encontro do que Reis 2016 (a) defende que a sociedade perpetua em relações às ditaduras um ajuste de rejeição e memória do silêncio. Onde pouquíssimo se fala e muito menos se estuda sobre as difíceis relações estabelecidas, em períodos, entre a sociedade e suas ditaduras. Hilda, quebra esse ciclo e vai além, pois, entra nos estudos sobre mulheres.

A partir de 1985 Hilda começou a se aprofundar mais sobre a temática das mulheres em tempos de guerra, publicando “*A mulher no período farroupilha*”, que trata da mulher guerreira que enfrentou com inovação os desafios de uma guerra civil. Hilda, com este ensaio, participou de um concurso promovido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul alusivo aos Sesquicentenário Farroupilha, em que obteve o terceiro lugar, neste concurso lhe foi concedida a primeira chance de escrever sobre a mulher na Guerra dos Farrapos. Hilda relata:



*Cada ganhador teve direito de escrever 50 páginas em um livro, porém não me avisaram... meu artigo saiu todo mutilado. Apareceu número de rodapé no texto e sem a descrição embaixo. Das cinco ganhadoras eu sou a única que continuou nas pesquisas. Continuei pesquisando durante 4 anos revirando todas as pastas da academia, porque tem muito a ver com antigamente, retomei tudo aquilo mais tarde para as duas edições do meu dicionário de mulheres (Hilda Flores, dez. 2017).*

Sobre a publicação “*Mulheres na Guerra dos Farrapos*”, sua primeira publicação, em 1989, foi denominada com o título “*Sociedade preconceito e conquistas*”, que se esgotou logo no seu lançamento. Como o título não expressava o conteúdo, seu teor mais parecia filosófico, então, o livro foi reeditado com um título mais moderno “*A Mulher na Guerra dos Farrapos*”, neste livro ela fala, em meio capítulo, sobre as guerreiras e em outro capítulo sobre as costureiras do exército, também trata de oito classes sociais, desde a escrava à fazendeira sendo elas: escravas, guerreiras, costureiras do exército, estancieiras, imigrantes alemãs, mulheres da Casa da Roda dos Expostos, professoras e intelectuais.

Historiador é aquele que é denominado pelos pares como o pesquisador que contesta história e que desmistifica os mitos, vai, às vezes, contra os princípios de uma sociedade. Então, surge o folheto com 22 páginas “*Anita Garibaldi: a criação do mito*”, em que Hilda Flores contesta vários pontos na história que foram omitidos em que romantizaram a história. Deixando claro que não menosprezando os fatos de coragem de Anita para aquela época. Hilda fala:

*A história não deve ser escrita com volteios ou bonita e sim em fato maciços, gosto muito deste livro. Eu fui a primeira a escrever sobre as mulheres na Guerra dos Farrapos, contesto um pouco sobre Anita Garibaldi, por ela ser a heroína de dois mundos. Ela era uma pobre mulher casada aos treze anos, na época mulher casada era mulher encaminhada na vida. Casou-se com sapateiro em Laguna, Santa Catarina, e virou costureira do exército. Morava a beira do mar, em Santa Catarina de onde Garibaldi via a menina bonita. Eu fui visitar a casa e realmente Garibaldi do mar podia ver a moça. Heroína por quê? Fugiu com Garibaldi depois que ele fez horrores ali - saqueou, sequestrou - O marido dela ninguém sabe se morreu, foi morto, ele desapareceu. Ela com 18 anos fez o que fazem hoje em dia, se apaixonou e foi atrás do seu amor. Ela heroína de dois mundos? Nasceu em Laguna, fugiu para o Rio Grande do Sul, mas também morou no Uruguai na e Itália. No mínimo três mundos, eu tenho um folheto em que discuto que ela foi mistificada. Quanto ao registro de nascimento fizeram atual que nasceu em Laguna SC, assim como o primeiro filho que nasceu em Mostarda no RS, e os demais filhos nasceram no Uruguai. Quando uma jornalista foi fazer uma matéria no Uruguai, lá pelas tantas, apareceu uma mãe de Anita declarando que a filha era solteira. A mãe naquela época não teria condições de ir para o Uruguai. Mas como? Se ela era casada com um sapateiro.*

*Assim, se formam os grandes mitos. Não tenho nada contra Anita, admiro a coragem e o mérito de abandonar sua terra natal. De onde teria dita como uma prostituta, raspado o cabelo como era feito com escravos por causa dos piolhos e entregue a total falta de gênero. Aí ela fugiu, não se submeteu ao castigo. Embora tenha sido romanceado durante a história. Infelizmente morreu abandonada pelo esposo que tanto amou, na miséria e longe dos filhos” (Hilda Flores, set. 2016).*

“*Dicionário de Mulheres*” foi publicado em duas edições, ganhou cinco prêmios literários com a 1ª edição em 1999, 2ª em 2011, com 800 páginas, onde consta uma pesquisa com mais de 3300 verbetes de cunho de valorização da produção intelectual feminina, em que envolveu uma busca em todos os estados do Brasil durante 18 anos de pesquisa. Segue (imagem 65) do em Jornal da Manhã em São Paulo:

**Imagem 65** – Destaque para o livro Dicionário de Mulheres



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores.

“*O ramallete*”, livro publicado 1845, pela porto-alegrense “*Ana Eurídice Eufrosina de Barandas*”, que é defendida por Hilda Flores na reedição em 1990 como um achado histórico considerando que se trata da primeira novelista e cronista do Brasil e se destaca pela crítica aos desmandos farroupilhas que presenciou, injustiças sociais envolvendo a mulher como: divórcio, insegurança, falta de renda, luta pela emancipação no trabalho feminino, entre outros). Hilda, relata em 2016, trecho da descoberta deste livro: “*Ana de Barandas eu levei 10 meses pesquisando na cúria se tinha ainda informação sobre a vida*”. (Hilda Flores, jun. 2016)

Não posso deixar de registrar este apontamento que relatei em meu diário de campo, no meu primeiro percurso de coleta de dados, em setembro de 2016 onde eu

acompanhei a professora Hilda Flores de ônibus para o Espaço Cultural Nova Acrópole no centro de Porto Alegre – RS. Lá eu onde participei de um encontro em que ela apresentou uma explanação e dirigiu uma discussão a respeito do seu livro sobre Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, encontro este registrado pela (imagem 66) a seguir.

**Imagem 66** – Hilda e a pesquisadora em encontro para debater sobre seu livro Ana Eurídice Eufrosina de Barandas



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

“*Autobiografia de Lydia Moschetti*”, foi o livro que tratou de uma médica, intelectual e escritora que fundou o Banco de Olhos de Porto Alegre. Para o feminismo no rio-grandense, a biografada se tornou marco em 12 de abril de 1943, quando chamou outras mulheres intelectuais daquele período e fundou a Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul. Este livro foi publicado por Hilda Flores em 2008.

O livro “*Divórcio?*” foi publicado, na primeira versão pela autora Andradina América de Andrade e de Oliveira, no ano de 1912, sendo ela de Porto Alegre – RS. Ela era escritora feminista que lutava pelo divórcio em muito casamento imposto e infeliz como solução para o problema, pois estava inserida em campanha pelo divórcio em período de República. Foi hostilizada e sofreu muito preconceito e rejeitada pela Igreja, pela Maçonaria, pelos positivistas. Hilda Flores republicou, em 2007, com suas notas de rodapé históricos que consegue fazer com que o leitor tenha uma abrangência da situação vivida pelas mulheres naquele período.

Hilda Flores foi responsável pela tradução e inserção das notas de rodapé explorando historicamente o livro “*Memórias de Brummer*”, no ano 1997, que trata das memórias de três soldados: Cristóvão Lenz, Henrique Schäffer e Júlio Jorge Schnack; mercenários que lutaram contra o ditador Rosas, em 1851, na Guerra da Prata, envolvendo o Brasil, a Argentina e o Uruguai.

Outro livro traduzido do Alemão para o Português por Hilda Flores foi “*O Doutor Maragato*”, ensaio de João Eickhoff, que trata da história do Rio Grande do Sul envolvendo a revolução federalista no século XIX, imigrante alemão.

“*Santa Clara: o combate federalista*”, foi publicado em 1995, tendo como autor Teodor Firmbach, o livro fala das narrações dos colonos de Santa Clara do Sul/Lajeado – RS, colônia Alemãs, em torno da cruel Revolução da degola, que ocorreu entre 1893-1895.

Todo este esforço em pesquisa histórica, sobre imigração alemã e de Boêmios, estudos sobre mulheres, culminou no reconhecimento através da posse, em 2015, na Academia Rio-Grandense de Letras, cadeira nº 20, Patrono João Simões Lopes Neto no ano de 2015. A partir do ano de 1983, Hilda Flores, esteve várias vezes como editora da coletânea do Círculo de Pesquisas Literárias -CIPEL-RS, e ainda contribuiu em seis gestões como presidente desta instituição, que completou 50 anos em 2016. Na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, fundada em 1943, exerceu a presidência por duas gestões ocupando a cadeira nº 15 de Carolina Von Kozeritz. Na Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil, AJEB/RS, entrou em 1980, foi presidente e vice-presidente por várias ocasiões e diretora da antologia *Palavras* publicada anualmente pela AJEB/BRASIL desde 1996. Em agosto de 2016 foi eleita Diretora Administrativa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS, em meados de abril de 2019 foi eleita Vice-Presidente do IHGRGS, que entrou em 2014.

Hilda ainda se destaca como membro fundadora da Academia Internacional de Lexicografia, Divinópolis, Minas Gerais; Participa como sócia benemérita da Sociedade de Canto e Leitura Jovialidade de Alto Sampaio Venâncio Aires – RS, desde o ano 1987, em reconhecimento pela importante história desenvolvida no desvelar dos imigrantes Boêmios – Alemães que vieram para o sul do país; sócia correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Luís Gonzaga – RS; sócia correspondente da Junta Regional de História y Estudios Conexos Argentina-Bolívia-Brasil-Paraguai-Uruguai-Montevideú, desde de outubro de 1990, e sócia correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiânia de Goiás.

São muitas as Instituições que Hilda Flores participa e no decorrer da pesquisa de campo percebi que em todas ela esteve presente ou está atualmente fazendo parte da História das instituições. E não é uma simples sócia ou fundadora, mas sempre lutou, por meio da pesquisa, para permanência destas organizações que são de cunho histórico, social,

cultural, e, principalmente, na defesa da mulher e de imigrantes, reconstituindo a história que muitas vezes é apagada ou silenciada.

Entretanto, neste trabalho, vou centrar um pouco em quatro Instituições que são: a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, a Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil, AJEB/RS AJEB/BRASIL, o Círculo de Pesquisas Literárias -CIPEL-RS, e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS.

Quando estava perto de se aposentar, Hilda foi convidada para integrar a Academia Literária Feminina de Porto Alegre no ano de 1980, devido as suas pesquisas sobre Ana de Barrandas, a primeira cronista Brasileira, a as Mulheres na Guerra do Farrapos, entre outras. Chegando na academia percebeu que precisava de organização e reforma da cede, para solução deste impasse, Hilda resolveu utilizar as pesquisas que desenvolveu durante seu período de acadêmica como professora da PUC – RS e teve a ideia de ministrar cursos junto com seus colegas arrecadando fundos para organizar a cede recém doada pela senhora Noemy Valle Rocha, levou três anos para reformar. O Solar têm sua construção datada no de 1925 (SPINELLI, 2017). Sobre a reforma Hilda Flores elucida em que:

*No colégio Rosário de POA, no SESC e na Caixa Econômica Federal... todos eles cederam espaço para realizar os cursos. Lembro, o primeiro curso, era vinte reais que pagava para os filhos de professor e cobrava cinquenta para professor/aluno... Era uma tarde inteira, tarde inteira por quê? Porque no fim da palestra, perguntavam se havia um diálogo entre professor e professor aluno... com intervalo de troca de ideias entre os professores que vinham de tudo que é colégio... então havia uma troca de experiências para eles... eram 10 tardes, em dias alternados ou ficavam ou com um tema ou com estagiários que davam aula no lugar do professor... então, nunca ficou gandaia, nunca ficou sem aula... e os professores se atualizavam. Eu ministrava os cursos nas férias. Bem recuperei a casa (Hilda Flores, dez. 2017).*

No quarto ano, com o dinheiro dos cursos que organizava, conseguiram editar *Presença Literária*, que se tornou mais tarde coletânea publicada anualmente, fazendo no ano de 2017 trinta anos de existência. Ocupou o cargo de presidente por duas gestões e passou mais seis anos como secretária da Academia. Segue relatos de Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares (atual presidente da ALFRS) e Hilda Flores a respeito das publicações de revista e coletâneas da ALFRS:

*A nossa academia criou a revista Atenéia que registrava pesquisas sobre as 40 cadeiras e também registramos os fatos, acontecimentos diários e anuais da nossa academia, além, de publicar sobre mulheres*

*intelectuais, cultura entre outros assuntos. A revista Atenéia que é a única revista, feminina, criada por mulher aqui no Rio Grande do Sul... Principalmente como uma revista cultural Feminina criada em 1949 e foi até 1972. Noemy Valle Rocha, quando presidente da ALFRS primeira médica formada do RS, voltou a publicar essa revista novamente... começou então com a nossa revista Atenéia. Depois tivemos o livro Vozes Femininas que foi uma coletânea editada pela academia em 1984. Durante a presidência de Hilda Flores, a coletânea Presença Literária, em 1987, que até hoje anualmente é publicada. Quando foram os 50 anos da academia também tivemos a preocupação de escrever um livro sobre os “50 anos de literatura, o Perfil das Patronas”(1993), com o perfil de todas as patronas que fazem parte das 40 cadeiras da nossa academia. Foi na última gestão da Hilda a gente fez uma reedição de todas as obras como o divórcio reedição da Andradina de Andrade... e também fizemos a reedição da autobiografia da nossa fundadora, da Lydia Moschetti (Santa Inêze, jun. 2018).*

*Eu levei três anos para recuperar. No quarto ano, com o dinheiro que sobrou a academia editou Presença Literária, me lembro que houve duas, três reuniões até nós chegarmos acordo quanto ao nome do... do livro. Coletânea... ficou Presença Literária que voga até hoje (Hilda Flores, dez. 2018).*

Nesta instituição, Hilda Flores, contribuiu ainda ajudando na organização dos arquivos históricos sobre mulheres colocando em pastas separadas, catalogando nominalmente, para que possam ser preservadas e estar disponíveis para pesquisadores realizarem futuros estudos, inclusive encontra-se neste acervo os 25 anos da revista *Atenéia* publicado por esta instituição. Na imagem 67, temos os arquivos organizados em pastas. Sobre a experiência de organização dos documentos históricos da casa Hilda Flores lembra:

*Organizei assim... a havia muito pouco.... Nessa altura são quarenta pastas recheadas. A patrona da cadeira número um Delvina Benigna Cunha, poetisa cega do período farroupilha. Então o que foi publicado sobre ela, que tu sabes sobre ela está ali dentro... Lidia Mosquete... que é a criadora do hospital de olhos do Instituto Santa Luzia dos cegos, de vários... instituições, profissionais, que ela promoveu. Como ela recolhia dinheiro, ela fazia maravilhas. Essas pastas e outras mais somente quem tem é a Academia Feminina (Hilda Flores, dez. 2018).*



**Imagem 67** – Documentos históricos da Academia Literária Feminina do RS



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

Em junho de 2017, estive na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, entrevistando as senhoras Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares atual presidente desta associação, Evanir Plaszewski presidente regional da Associação das Jornalistas e Escritoras do Rio Grande do Sul e minha biografada Hilda Agnes Hübner Flores (imagem 68). Onde Santa Inèze diz:

*A academia, ela considerada oficial pelo patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul. Vamos fazemos 74 anos da fundação da academia, dia 12 de abril de 2018. É a mais antiga academia feminina do Brasil. Foi criada pela senhora de origem italiana é... que passou a fazer parte da nossa comunidade do Rio Grande do Sul né... a Lydia Moschetti que foi a fundadora e teve inicialmente sete mulheres que se reuniram a ela e que fizeram esse movimento (Santa Inèze, jun. 2017).*

**Imagem 68** – Encontro com literatas na Academia Literária Feminina do RS



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

**Descrição:** da direita para esquerda Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares, Cristine Brandenburg, Hilda Agnes Hübner Flores e Evanir Plaszewski.

Como eu disse anteriormente, através da história escrita por Hilda da “Autobiografia de Lydia Moschetti”, fundadora, ela conseguiu reconstituir a História da

Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, que foi fundada em 12 de abril de 1943 juntamente com outras mulheres intelectuais daquela época (imagem 69). Pretendiam com esta associação dar lugar e proporcionar “à mulher intelectual um lugar de maior realce entre os valores contemporâneos e o merecido culto entre as gerações”, sendo a mais antiga academia de gênero do Brasil (HÜBNER FLORES, 2008, p.9).

**Imagem 69** – Fundadoras Academia Literária Feminina do RS.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hilda Hübner Flores.

**Descrição:** Aurora Nunes Wagner, Alzira Freitas Tacques, Aracy Froes, Áurea Pereira Lemos, Stela Brum, Lydia Moschetti e Beatriz Regina.

A cede foi doada por Noemy Valle Rocha primeira mulher graduada em medicina pela UFRGS, que se tornou membro da Academia Literária Feminina participando do movimento inicial em 1943. Na placa alusiva aos 50 anos da Academia Literária Feminina do rio Grande do Sul (imagem 70) destacando o lema destas intelectuais “*sempre mais acima sempre mais além*”.

**Imagem 70** – Placa dos 50 anos da Academia Literária Feminina do RS



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



A casa foi doada em 1974, porém somente, em 1989 devido as reformas que se fazia necessária, começou a ser usada pelas literatas (SPINELLI, 2017). Hilda foi presidente por duas gestões (imagem 71) como consta no quadro de presidentas nas gestões de 1986-1987 e consecutiva de 2003 a 2006.

**Imagem 71** – Quadro das gestões como Presidenta da Academia Literária Feminina do RS



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

Santa Inèze, em junho de 2017, relata a preocupação em manter a cede que é de grande valor histórico e cultural feminino, além de ser um belo prédio arquitetônico diante do impasse da especulação imobiliária, pois a cede se localiza em um bairro nobre de Porto Alegre – RS.

*Teniza Spinelli é a atual coordenadora do arquivo da academia, ela está organizando novamente. Temos arquivos raros, uma história de luta de mulheres. Só isso, já justificaria a existência da academia. Então, este ano nós nos propusemos a fazer este trabalho do registro dessa casa... quando eu assumi a casa eu digo “eu não conheço a história da casa, eu não conheço nada a respeito do que aconteceu no decorrer desta realização”... Porque muitas vezes a especulação imobiliária chega para gente e quer saber as coisas a respeito da casa. Por que nós estamos situados neste bairro aqui, com essa posição? Então, há quem queira a conservação e há quem queira a destruição da casa. Por conta do grande valor imobiliário. Teniza Spinelli, foi ver mais profundamente a história dessa nossa casa. Inclusive a Hilda, a nossa pesquisadora da academia, que é uma das que se dedica a pesquisa, recebeu da Teniza e a ajudou com informações para realização desse trabalho do livro “Casa Noemy Valle Rocha: História*

*e Memória da ALFRS” de 2017. Procuramos registrar o máximo de história da academia e história ligadas a essa acadêmica (Santa Inêze, jun. 2017).*

Sobre a cadeira nº 15, de Hilda Agnes Hübner Flores, cuja patrona é Carolina Von Kozeritz, (23/10/1865 a 09/01/1922), foi uma mulher intelectual que se dedicou a escrever contos que eram publicados na imprensa e traduziu clássicos dividido em dois momentos de sua vida como: juventude impulsionados por ideias sonhadoras e românticas; e os da maturidade envolvidos em desencanto e sofrimento. Naquele período para sua proteção usava pseudônimos como Walkíria, Cerstonez, Consuelo, Alva Lúcia e Áurea Estela. Participou em 1894, do movimento abolicionista, levantado como bandeira da Sociedade Partenon Literário de Porto Alegre (ALFRS/IEL, 1993).

No ano de 1980 foi convidada para fazer parte da Associação de Jornalistas Escritoras do Rio Grande do Sul – AJEB/RS, sendo sócia fundadora e passou a organizar a coleção da Associação de Jornalistas Escritoras do Brasil – AJEB, que se chama *Palavras* desde 1997. De acordo com Hilda Flores:

*A 1ª AJEB nacional foi fundada por Hellê Vellozo Fernandes, depois da 1ª reunião da Associação Mundial de Mulheres Jornalistas e Escritoras (AMMPE), no México em 1969, envolvendo 35 países. Cada participante saiu com a missão de formar uma associação de mulheres em seu país, nasceu em Curitiba 08 de abril de 1970 a primeira no Brasil. No Rio grande do Sul em me lembro que estava lecionando quando me convidaram para participar de uma nova associação que estudava mulheres. Eu fui, e em 1980, Hellê esteve aqui em uma reunião e fundamos com as companheiras Maria Eunice Kautzmann, Maria de Lourdes Sulzbach Cé, Danila Mayer Alvim, Celi Daw Pai de Melo, Branca Bender Cartena de Menezes a AJEBRS, ao total fomos sete sócias fundadoras. A AJEB possui quase meio século de existência, e irá em 2020 completar 50 anos (Hilda dez. 2016).*

Hilda recolhe os textos de todas as Ajebianas do Brasil e reuni em um livro, anualmente, desde 1997, que ainda, diagramado e realizado a correção do português. Hilda destaca a importância desta associação e desta coleção “Palavras” que está na 22ª edição este ano. Hilda lembrou em jun. 2018:

*Os livros publicados pela AJEB sempre procuraram estimular novos escritores e valorizar a cultura. Surgiu em Curitiba em 1979 o primeiro “O livro da Ajebiana”, em 1980 “Ajebiana do Paraná e do Brasil” comemorando os 10 anos da AJEB, em 1988 “Ajebianas de Sul ao Norte” e a partir de 1997 eu coordeno “coleção Palavras”. (Hilda dez. 2016).*

A respeito da coleção Palavras e sobre Hilda Flores a Senhora Evanir Plaszewski, presidente regional da Associação da Jornalistas e Escritoras do Rio Grande do Sul - AJEBRS relata:

*É uma oportunidade para aqueles que estão no iniciando, é uma porta aberta, então... A Hilda sempre e a organizadora da coletânea Palavras e além, dela ter voz ativa, ela também nos orienta, ela também nos dá o respaldo pelo tempo que ela tem, conhecimentos que histórico. Hilda e se recusa a ser presidente, por isso que eu falei pra... por isso que eu digo que eu quero que ela fosse a nossa presidente de honra né... A Hilda é importante para nós (Evanir Plaszewski, jun. 2017).*

Maria Odila Menezes de Souza presidente Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil - AJEB diz a respeito Hilda Flores:

*Essa senhora, Hilda Hübner Flores, no momento eu taxei assim, como a minha madrinha a Hilda é minha madrinha me convidou em 2000 na feira do livro em Porto Alegre. Nós temos contato quase que diariamente, a Hilda é uma pessoa maravilhosa, uma joia rara dentro da AJEB porque com a Hilda nós ficamos sabendo muito da história da AJEB. AJEB é uma associação que tem já 48 anos e foi fundada dia 8 de abril de 1970 (Maria Odila, jun. 2018).*

No ano de 2018, em Fortaleza Ceará, na sede da Academia de Cearense de Letras do Ceará e no Palácio da Luz, fui convidada para participar do I Encontro das Jornalistas e Escritoras do Brasil, onde fui testemunha que estas mulheres lutam através da escrita e falam em torno de pesquisa realizadas por mulheres.

Do Círculo de Pesquisas Literárias - CIPEL-RS, que completou 50 anos em 2016 posso dizer que Hilda Flores, além das participações como presidenta e editora, foi responsável pela organização e edição intitulada Cipel 50 anos e Biografias. Onde ela, no início do livro, descreve como começou as reuniões e surgiu o CIPEL, grupo este de intelectuais que se uniram na livraria o Globo de POA para publicar historicamente os fatos desde 1951, com iniciativa de Lothar Hessel, que no início convidou somente membros da Academia de Letras de Porto Alegre, que gostariam de se aperfeiçoar em estudos sobre outras temáticas. Com o passar do tempo, decidem a temática da publicação anual entre os sócios e abrem para jovens pesquisadores publicarem (HÜBNER FLORES, 2016).

*CIPEL é uma instituição cultural diferente das outras porque ele reúne pesquisadores, Círculo de Pesquisas Literárias, literárias em termos amplo, então nós temos todos os anos um tema pré-escolhido e pesquisamos para escrever dentro daquele tema. Eu fui presidente, 13 gestões, mas uma das primeiras foi assim de nós... fazemos uma edição. Houve uma boa receptividade, tínhamos bastante sócios do*

*interior que sentiam falta disso, uma oportunidade de trazer a cultura do seu município para um conhecimento maior. Na época se realizou encontros anuais na biblioteca pública que nos deu guarida, cada um vinha com uma comunicação sobre o seu município, sobre alguma coisa que era interessante... uma troca troca de ideias. Então esse CIPEL ele continua no objetivo de 50 anos atrás no empenho agora de... ter sócios jovens para continuar né... mas o objetivo não mudou, nós pesquisamos em cima de algum assunto da nossa escolha pra aprofundar esse assunto. O CIPEL nasceu em 8 de dezembro de 1966. (Hilda Flores, 2018).*

Hilda Agnes Hübner Flores, tomou posse em 2014 do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS, como membro oficial. Em agosto de 2016, foi eleita Diretora Administrativa do IHGRGS, em meados de abril de 2019, eleita Vice-Presidente do IHGRGS. Hilda em out de 2019 relata:

*O IHGRGS é uma instituição sólida, com raízes forte de vido ao seu trabalho realizado com seriedade, quase centenária, de grande prestígio nacional e internacional. Antigamente, era o local de consultas dos governantes, dos editores de livros, jornais, universidades, pesquisadores e entre outros. Era o guia oficial do estado para dar a última palavra sobre determinado fato histórico. Hoje quem preside o IHGRS é o Sr. Miguel Frederico Espirito Santo historiador e genealogista, um homem dedicado ao instituto e excelente administrador (Hilda Flores, 2018).*

Estive como pesquisadora no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS, em junho de 2017, na tentativa de falar com o presidente deste órgão, porém, o presidente Miguel Frederico do Espirito Santo estava viajando. Hilda Flores, assinou uma documentação e me mostrou rapidamente o acervo desta instituição. Que de acordo com Moacyr e Hilda é fabuloso historicamente e pelo que observei esplendido culturalmente e historicamente.

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS, foi fundado em 05 de agosto de 1920, não possui fins lucrativos, possui um periódico científico, onde um dos artigos mais acessado é o da professora Hilda Agnes Hübner Flores, com o seu discurso de posse, em que relata sobre a sua pesquisa sobre Mulheres na Guerra dos Farrapos. Os visionários fundadores foram:

[...] por Octavio Augusto de Faria, capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa, tenente Emílio Fernandes de Souza Docca, Afonso Aurélio Porto e o Pe. João Batista Hafkemeyer, juntamente com o Desembargador Florêncio de Abreu e o apoio decisivo do Governador Borges de Medeiros (IHGRS, site).

Esta associação de caráter civil tem por finalidade prezar pelo:

[...] caráter científico e cultural e fins não econômicos, fundada em 5 de agosto de 1920. Tem por finalidade proceder a estudos e investigações nos campos de conhecimento da História, Geografia, Arqueologia, Literatura, Linguística, Memória Social, Ciências Jurídicas e Sociais e do Patrimônio Cultural e correlatos a essas áreas, principalmente no que concerne ao Estado do Rio Grande do Sul (IHGRS, site).

Encerro esta biografia com a (imagem 72) de Hilda Flores recém-casada, para demonstrar que através da narrativa de Hilda Flores se configura em um fato biográfico. Delory-Momberger (2008), permite uma reflexão:

O espaço-tempo é segundo o qual figuramos os limites de nossa existência é de fato aquele no qual nascem nossas histórias, ou seja, construções segundo as quais aprendemos nossa vida. Jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossas vidas nos as narramos (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.36).

**Imagem 72** – Hilda Flores recém-casada



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hilda e Moacyr Flores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta tese foi biografar Hilda Flores, com ênfase na formação educativa e sua trajetória escolar. Ou seja, a narrativa biográfica de uma descendente alemã nascida em Linha Duvidosa, interior do município de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul, na década de 1930, que galgou escolarização diferenciada tornando-se uma professora, historiadora engajada em movimento de mulheres, que atuou ativamente na sociedade discutindo a imigração alemã no Brasil e o lugar ensejado à mulher na sociedade.

Os resultados apontaram que Hilda Flores teve forte influência do contexto social e cultural do grupo em que viveu sua infância, fato que contribuiu e que carregou ao longo da sua trajetória de vida que fez com que se tornasse a primeira estudiosa de Boêmios (Alemães) no Rio Grande do Sul e no país e a segunda pessoa a pesquisar esses imigrantes. A forte influência sofrida na década da era Vargas e a pela Segunda Guerra Mundial percutiu por anos nas localidades do interior do Rio Grande do Sul marcando esses imigrantes.

A sua trajetória de vida perpassa por uma menina que nasceu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul com forte influência germânica, que vivenciou o preconceito de uma guerra. Percebeu que para continuar a estudar e buscar seu destino de ser professora deveria abraçar a vida religiosa, sua família não tinha ainda nenhum padre ou freira que era uma honra naquela época. Entretanto, percebeu que não seria um fardo, mas a única chance de continuar a estudar, pois seus pais não tinham condições de bancar os seus estudos.

Em sua juventude presenciou a difícil perda do pai, e o fardo de ter que arcar com os seus custos para poder estudar, pois não queria mais ser religiosa, no entanto queria continuar a estudar. Com isso começou, graças a intermediação da irmã, a ministrar aulas para as turmas menores, de 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> série, e trabalhou com bordado no internato, e lá auxiliava a noite as irmãs com as notas para custear seu estudo no Ginásio.

Quando terminou o Ginásio, Hilda não quis permanecer na (colônia), em seu interior natal, e teve a oportunidade de estudar em Porto Alegre com o consentimento de sua mãe desde que seu irmão zelasse por ela, pois na década de 1950 a mulher não poderia ser totalmente independente, década de 1950.

Conseguiu transformar a sua dor de infância, da perda da irmã e a perda da mãe, em uma redação para cursar o curso de filosofia da PUC-RS, que passou a dar direito a ministrar a disciplina de História. Após concluir o curso veio o casamento e o trabalho como professora, onde procurou ser sempre criativa didaticamente em sua aula. Teve que conciliar o trabalho com o fato de ser mãe.

Verifiquei seu caráter forte e de determinação ao notar que várias vezes, ao longo da pesquisa, ao se emocionar, em vários momentos, que sempre atribuía a tontura, ao calor, e que poderia demonstrar sentimentos. Atitude que pode ser oriunda de uma criação rígida que teve em internato, da rigidez alemã a qual acabou repassando para os filhos na sua educação.

Conhecer a história de vida de Hilda Flores, em especial, no que concerne à sua trajetória educativa fez compreender o contexto histórico, social, familiar e educacional de Linha Sampaio interior de Venâncio Aires-RS, desde a sua infância até a sua formação em Serviço Social, História e Mestrado História da Cultura. Como intelectual fez com que a biografia se tornasse de cunho histórico à medida que se contextualizava os dados do tempo histórico dos acontecimentos. A devida importância da genealogia para Hilda como neta de imigrantes Boêmios é tão forte que a impulsionou, na sua trajetória de vida, como historiadora de Boêmios alemães do império Austro-Húngaro. Através dos relatos e pesquisas de Hilda Flores, ela tenta perpetuar memórias históricas dos fatos, cultura e de uma sociedade, que devido as guerras Europeia por séculos, Primeira e Segunda Guerra Mundial, cuja ainda enfrentava disputas territoriais, que culminou na expulsão dos Boêmios e dispersão do território que atualmente pertence a Tchecoslováquia.

Atribuo muito a influência de sua mãe em sua vida, pois se tratava de uma mulher considerada por Hilda como de caráter forte. Constatou-se que sua mãe por meios próprios procurava informações para resolver os problemas do lar e educar os filhos, o fato que fez com que Hilda Flores despertasse para a sua independência através dos estudos. Por ter presenciado o terceiro momento e participado ativamente do quarto momento do feminismo no Brasil, acabou por se tornar uma estudiosa de mulher engajada nas pesquisas sobre mulheres.

Ao identificar as principais contribuições intelectuais da historiadora Hilda Flores destacamos somente os livros para esta pesquisa para poder atingir os dois últimos objetivos específicos: sendo eles os ensaios sobre a temática imigratória “*Aspectos da*

*Revolução de 1893*” publicado em 1993, 1999 e 2005; *“Alemães na Guerra dos Farrapos de 1895 e 2008”*; *“Mulheres da Guerra do Paraguai”* do ano de 2010; *“Canção dos Imigrantes”* em 1983; *“Picada Café”* em com o seu esposo Moacyr Flores em 1996; *“Imigração alemã, 180 anos”* com Sílvio Rockenbach em 2004; *“História da imigração alemã no Rio Grande do Sul”* em 2004; *“Imigrantes Boêmios”* de 2015 e *“Imigrantes Boêmios Genealogia”* do ano de 2018.

Entre as Traduções históricas dos imigrantes com reescrita históricas de Hilda Flores colocamos *“Memórias de um imigrante boêmio”* de 1981 do memorialista Josef Umann, *“Memórias de Brummer”* do ano de 1997 memórias dos três soldados Cristóvão Lenz, Henrique Schäffer e Júlio Jorge Schnack, e *“Santa Clara: o combate federalista”*, publicado em 1995 de Teodor Firmbach.

Envolvendo a pesquisa de História de Gênero *“Triste e Padre Reus”* de 1979; *A mulher no período farroupilha* do ano de 1985; *“Mulheres na Guerra dos Farrapos”* em 2008; *“Mulheres farroupilhas”* em 2008 *“Anita Garibaldi: a criação do mito”* um folheto histórico em 2007 e o *“Dicionário de Mulheres”* do ano de 2011.

Como reedições de cunho de história do feminismo ainda temos: *“O ramallete”* de Ana de Barandas (1845) defendida como primeira novelista e cronista do Brasil de 1990; *“Autobiografia de Lydia Moschetti”*, fundadora do Banco de Olhos de Porto Alegre e uma das fundadoras da Academia Femininas de Letras do RS do ano de 2008; *“Divórcio?”* de Andradina de Oliveira (1912), porto-alegrense inserida em campanha divorcista da República, rejeitada pela Igreja, pela Maçonaria, pelos positivistas 2007.

A pesquisa apontou como a produção intelectual de Hilda Flores contribuiu para desvelar “outra história” acerca da imigração e educação de boêmios e alemães no Brasil. Que através dos achados da sua história de vida contextualizada pela forte influência da cultura Boêmia e Alemã apontando a história da Boêmia como fez Hilda Hübner Flores a partir de 1981 com *“Memórias de um imigrante Boêmios: Josef Umann”*, quando se tornou apaixonada pela pesquisa a partir desde ano vêm publicando vários livros neste contexto imigratório e de alemães. Sendo que Hilda Flores é a primeira historiadora no Rio Grande do Sul a pesquisar sobre Boêmios e a segunda no país. Emílio Willems, em 1949, colocou em uma publicação a descendência de grupos de imigrantes de diferentes regiões da Alemanha e citou pela primeira vez os imigrantes Boêmios, mas não o fez a fundo. Com o título *“A aculturação dos alemães no Brasil: estudo*



antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil” com a primeira edição em 1949 em São Paulo.

Demonstrou-se como Hilda Flores colaborou nos debates acerca da educação de mulheres e seu lugar na sociedade, especialmente, mediante sua atuação na Academia Literária Feminina do RS e na coletânea Palavras da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB). Na década de 70 e 80, Hilda pesquisa intelectual sobre gênero e participando ativamente de instituições como na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul – ALFRS, e é sócia fundadora da Associação das Escritoras e Jornalistas do Rio Grande do Sul – AJEBS que em 2020 completara 50 anos.

O que nesta década movimentou vários grupos de mulheres em todo o país inclusive Hilda Flores no Rio Grande do Sul onde enfatizo, que em 1979, publica seu primeiro livro *“Tristeza e Padre Reus”* que fala da senhoria triste e a história do bairro Tristeza de Porto Alegre – RS e *“A mulher no período farroupilha”* do ano de 1985 que trata das injustiças sofridas pela mulher onde o homem na guerra é herói, a mulher resta o fardo pesado do estupro, o trabalho pesada, forçada a acompanhar o marido na guerra, e, o pós-guerra ainda o destaque da importância da mulher na reconstrução do Rio Grande do Sul. Desde então passou a estudar a história de mulheres e a sua luta muitas vezes silenciada pela guerra, pelo preconceito e as conquistas. E o livro sobre Ana Eurídice Eufrosina de Barandas *“O ramallete”* (1845), onde ela conta através de crônicas a sua vida e um mural da sociedade da época em que vivia, enfatizando a cruel situação da mulher sendo submissa, excluída da sociedade por ser divorciada, a luta para manter os filhos, entre outros aspectos. Republicado por Hilda em 1990, defendida como a primeira novelista e cronista do Brasil.

Aponto que ao longo dos movimentos feministas relacionados às intelectuais são muitas criadas na década de 70 e 80 e que Hilda Flores participa ativamente das Instituições que aponte no decorrer da pesquisa de campo percebi que todas elas, ela esteve presente ou está atualmente fazendo parte da História destas instituições e não é uma simples sócia. Mas sempre lutou através da pesquisa para permanência destas organizações que são de cunho histórico, social e cultural. E aponto como os principais que ela participa na defesa da mulher com pesquisas que são a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul exerceu a presidência por três gestões ocupando a cadeira nº 15 de Carolina Von Koseritz, empossada em 1980 e participou organizando através de cursos com seus colegas para

conseguir fundos para a manutenção da cede que é um espaço de luta intelectual com várias contribuições literárias.

Biografar uma mulher em parte do terceiro e quarto momento do feminismo e historiadora foi um desafio à alcance que estudamos a visão da micro-história associada à sua trajetória aos 86 anos de vida envolvendo a sua vasta contribuição como intelectual, seu ciclo de trabalhos e amigos cuja a coleta foi muito rica com a metodologia de história oral como fonte documental se tornou um desafio integrante para mim como pesquisadora e ainda leiga em história.

Ao longo desta pesquisa observei o como a autora Joana Maria Pedro (2017) destaca em seus estudos sobre as mulheres sulista que não é possível traçar um perfil único de uma mulher do sul. O que compreendi à medida que biografava Hilda Flores, pois ela sofreu influência em sua vida de uma cultura alemã e religiosa. E o fato de ter convivido com pressões sofridas em tempos de guerra e do rompimento de barreiras de mulheres vindas de diferentes classes sociais, faz com que ela tenha várias facetas: como pesquisadora, escritora, historiadora, mãe, esposa e amiga.

Percebi que construir uma tese na forma de diário de campo, dia a pós dia, se tornou um empasse, pois não conseguimos organizar os achados. Mas o diário de campo se torna necessário quando apontamos as dificuldades, os sentimentos o entusiasmo com os achados da pesquisa. E ao perceber que Hilda Flores era uma mulher com um enorme conhecimento social e uma pesquisadora ativa, almejava de início uma biografia tipo Vargas de Lira Neto. No entanto, percebi como outros pesquisadores que não conseguimos dar conta de um indivíduo em uma tese e sim compreendi que os fatos de outras pesquisas futuras com certeza irão complementar a minha. Certa disso sei que ainda a história é reescrita de olhares diferentes.

Destaco a importância da fonte oral para conservar a história que não quer ser contada, muitas vezes é silenciada e sanar a ausência de documentos como exemplo a perda dos documentos da Escola Particular de São Miguel em Venâncio Aires- RS.

Realmente é muito empolgante como pesquisador fazer a biografia de um sujeito vivo, se torna delicado porque este sujeito tem uma história de vida que ele quer relatar, mas se torna apaixonante pela riqueza de sentimentos e detalhes.

Este estudo comprovou que Hilda Agnes Hübner Flores é a primeira pesquisadora sobre Boêmios no Rio Grande do Sul e uma das primeiras no país com mais propriedade do assunto até o momento.

Os achados comprovam que a biografada vivenciou parte do terceiro momento do feminismo no Brasil e atuou no quarto momento do feminismo na década de 70 e 80, como intelectual e participante de movimentos feministas. Colaborando através das suas publicações sobre mulheres na sociedade e como sócia, fundadora e presidente da Associação de Jornalistas e Escritoras do Rio grande do Sul fundada em 1980, e ainda como presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul nas gestões de 1986-1987 e consecutiva de 2003 a 2006, com grandes contribuições.

Não posso deixar de destacar, e agradecer a aqui ao final pela luta destas mulheres que fazem parte destas associações femininas que tanto lutaram pelos direitos e no preservar da história das mulheres através de instituições, como, a da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul fundada em 1943, impulsionada por Lydia Moschetti, tornando-se a mais antiga associação feminina do Brasil, em que, se destacou Hilda Agnes Hübner Flore como pesquisadores sobre mulheres, administradora da reforma e organização da casa continuando o trabalho das suas antecessoras. Assim como, a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil JEB, fundada pela percursora Hellê Vellozo Fernandes, em 1970, em Curitiba Brasil, com outras mulheres que impulsionou uma associação feminina que hoje se destaca por estar presente em quase todos os estados e sendo a mais antiga abrangendo quase todo o país, onde Hilda se destacou como sócia fundadora da Associação de Jornalistas e Escritoras do Rio Grande do Sul em 1980.

Todas estas instituições culturais e históricas AJEB, AJEBRS, ALFRS, IHGRS, e CIPEL, consistem de fundamental importância para a preservação da memória da nossa história, e observamos que cada uma destas instituições sobrevive graças ao esforço individual ou coletivo daqueles que se dedicam para manter estas associações durante os séculos. Neste sentido, volto a afirmar que Hilda Agnes Hubner Flores se destaca como a primeira pesquisadora sobre Boêmios no Rio Grande do Sul e uma das primeiras no país com mais propriedade do assunto até o momento. Os achados comprovam que a biografada esta encaixada no período do feminismo da década de 70 e 80 como mulher intelectual e participante de movimentos feministas.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Org. **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação no rio-grandense**. 2ªed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AGOSTINHO, Santo. AUGUSTINUS, Aurelis. **Confissões**. Tradução: MARTINS, Alex. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

ALBERTI, Verena. **História Oral: experiências do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. **História dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes históricas**. 3ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p.115-202.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: Textos em História Oral**. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

ALFRS/IEL. **Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. 50 anos de Literatura: perfil das patronas**. Instituto Estadual do Livro: Porto Alegre, 1993.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A educação rural como processo civilizador**. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **História e memórias da educação no Brasil**, vol. III: Século XX. 4ª ed. 3ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 278-295.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Aldevane de Almeida; SOARES, Emanuel Luís Roque. **Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev.Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628> Acesso em: 05 mai. 2019.

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Aula, forma de comunicação na escola: avaliações inquietantes entre 1920 e 1930**. In: CATANI, Denice Barbara; GATI JÚNIOR, Décio. Orgs. **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015, p.171-196.

AVELAR, Alexandre de Sá. **Escrita da História, Escrita Biográfica: das possibilidades de sentido**. In: **Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica**. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bispo. (Orgs). São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 63-80.

BASSANEZI, Maria Sílvia. **Mulheres que vêm, mulheres que vão**. In: **In: Nova História das Mulheres no Brasil**. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs). 1ª ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 169-193.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1990.

BÍBLIA SAGRADA. Livro de Hebreus, capítulo 13, versículo 4. São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; (organizadora). **Livro Fontes Históricas**. 3ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 203-234.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. 3ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes, coord. **Usos & abusos da História Oral**. 8ª ed., 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: editora FGV, 2016, p. 183 – 192.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. **Do casamento religioso com efeitos civis e o novo código civil**. *O Neófito-Informativo Jurídico*, p. 1-10, 2001.

BRANDENBURG, Cristine. **Biografia de Josef Umann**: memórias e contribuições educacionais de um imigrante alemão em terras brasileiras (03/11/1850 - 13/08/1927). 2015. 160 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2015.

BRANDENBURG, Cristine; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTANA, José Rogério. **Diário de Campo**: um relato biográfico. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

BRANDENBURG, Cristine; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev.Pemo*, v. 1, n. 2, 2019. Acesso em: 20 mai. 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>

BRAUM, Felipe Kuhn. **História da imigração alemã no sul do Brasil**. Porto Alegre: Costoli Soluções Gráficas, 2010.

BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. (2ª ed.). São Paulo: Editora Psy, 1998.

BUENO, Fabio Castro; CÁRDENAS A., Uriel A. (compiladores). **Historia oral y memorias. Un aporte al estado de la discusión**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Universidad Pedagógica Nacional de Colombia, 2018.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: PAULA, Sérgio Goes de. 2ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia. Tradução: ODALIA, Nilo. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2010.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. Tradução: LOPES, Magda. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.7-38.

BURKE, Peter. **Testemunho ocular:** o uso de imagens como evidência histórica. Tradução: SANTOS, Vera Maria Xavier dos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história:** para ler a história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educ Soc.* [online]. 1999, v. 20, n. 67, p. 153-182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

CAXILE, Carlos Rafael. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev.Pemo*, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599> Acesso em: 05 mai. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I:** as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução: MENEZES, Maria de Lourdes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução ANTUNES, Cristina. 2ªed. Belo Horizonte, 2010.

CLANDININ, Jean D.; CONNELLY, Michael F. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONTRERAS, Jaime. *Sotos contra Riquelmes. Regidores, inquisidores y criptojudios.* Barcelona: Muchnik, 1992. Citado por: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução ANTUNES, Cristina. 2ªed. Belo Horizonte, 2010.

COTRIM, Gilberto. **História Global** – Brasil e Geral – volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social:** classe, gênero e identidade das roupas. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral** – memória, tempo, identidades. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOSSE, Francois. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma Vida. Tradução Douza, Gilson César Cardoso de. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: história a ser contada. In: **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Orgs. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 25-48.

FAUSTO, Boris (a). **História do Brasil**. Colaboração de Sérgio Fausto. 14ª ed. atual. e ampl., 2ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015 (a).

FAUSTO, Boris (b). **A vida Política**. In: SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Olhando para dentro**: 1930-1964, volume 4/Coordenação: GOMES, Angela de Castro. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2017, p. 91-142 (b).

FAUSTO, Boris (c). **História Concisa do Brasil**. Colaboração de Sérgio Fausto. 3ª ed. atual. e ampl., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018 (c).

FERREIRA FILHO, Artur. **História Geral do Rio Grande do Sul**: 1503-1974. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed., 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

[FIALHO, Lia Machado Fiuza](#); FREIRE, Vitória Chérída Costa. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). Acessado em: 10/09/2019. **Cadernos de História da Educação**, v. 17, p. 343, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290>

[FIALHO, Lia Machado Fiuza](#); LIMA, Ana Michele; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. **Educação Unisinos**, v. 23, p. 48-67, 2019. Acessado em: 10/09/2019. [Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04](http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04)

[FIALHO, Lia Machado Fiuza](#); QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. **Educar em Revista**, v. 34, p. 67-84, 2018. Acessado em: 10/09/2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso)

[FIALHO, Lia Machado Fiuza](#); SÁ, Évila Cristina Vasconcelos de. Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). **História da Educação**, v. 22, p. 169-188, 2018. Acessado em: 10/09/2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/75182>

[FIALHO, Lia Machado Fiuza](#); CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, p. 137-157, 2017. Acessado em: 10/09/2019. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992>

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3ª ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed, 2009. (Obra original publicada em 1995).

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 9ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2013.

FINKLER, Márcia; FINKLER, Leo José; FINKLER, Rosa; FINKLER, Rosa; FINKLER, Laura; PURPER, Ilson (colaboradores). A primeira missa em honra a São Miguel. **Jornal Folha do Mate**, Venâncio Aires – RS, 27 dez. 2007. Folha de Distritos, p.3.

FINKLER, Márcia; FINKLER, Leo José; FINKLER, Rosa; FINKLER, Rosa; FINKLER, Laura; PURPER, Ilson (colaboradores). A dúvida do agrimensor Hennig. **Jornal Folha do Mate**, Venâncio Aires – RS, 27 dez. 2007. Folha de Distritos, p.3.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. A Saúde da Criança na Política Social do Primeiro Governo Vargas. **PHYSIS** - Revista de Saúde Coletiva. vol. 3, nº. 2, p. 97-116, 1993.

FRÖHLICH, Cláudio Carlos. **Colônia de Santa Emília**: Venâncio Aires. Nova Petrópolis/RS: Editora Amstad, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura matéria. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes históricas**. 3ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 81-110.

GINZBURG, Carlo. *Storia notturna, una decifrazione del sabba*. Turim:Gilio Einaudi Editore, 1989. Citado por: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução ANTUNES, Cristina. 2ªed. Belo Horizonte, 2010.

GÓES, Moacyr de. **De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961-64)**: Uma escola democrática. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1980.

GOMES, Angela de Castro. As marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Olhando para dentro: 1930-1964**, volume 4/Coordenação: GOMES, Angela de Castro. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2017, p. 23-40.

GÜTTGES, Arlen Alberto; Valques, Igor J. B. A arquitetura germânica e suas influências nas edificações brasileiras: o caso de M.C. Rondon. **Akrópolis**, Umuarama, v.11, nº.3, jul./set., p. 198-200, 2003.

GUYTON, Arthur Clifton; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

HAMMES, Edilberto Luiz. O Brasil e a Declaração Universal dos Direitos do Homem. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner; NEUBERGER, Lotário (orgs). **Segunda Guerra Mundial: reflexos no Brasil**. Porto Alegre: Ediplat, 2015, p. 37-64.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. Der Ewige Brunnen e o Schimarong Lied. **Rev. Veritas - PUC**, Porto Alegre, p. 480-484, 1977.



HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Memórias de um Imigrante Boêmio**: Josef Umann. Porto Alegre: Grafosul, 1981.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Canção dos imigrantes**. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brindes - EST/ Caxias do Sul: HÜBNER Universidade de Caxias do Sul – EDUCS, 1983.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Ana Eurídice Eufrosina de Barandas**: O Ramalhete. Porto Alegre: EDUCRS, 1990.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Memórias de Brummer**. Porto Alegre: EST, 1997.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições EST, 2004.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Andradina América de Andrade e Oliveira**: Divórcio. Porto Alegre: Ediplat, 2007.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Anita Garibaldi**: a criação do mito. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Autobiografia de Lydia Moschetti**. Porto Alegre: Ediplat, 2008.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Alemães na Guerra dos Farrapos. 2ª ed.** Revisada e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Mulheres na Guerra dos Farrapos**. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editora, 2013.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes(a). **Imigrantes boêmios**. Porto Alegre: IHGRGS, 2015 (a).

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes (b). Minha infância e a II Guerra. IN: FLORES, Hilda Agnes Hübner; NEUBERGER, Lotário (orgs). **Segunda Guerra Mundial**: reflexos no Brasil. Porto Alegre: Ediplat, 2015 (b), p.65-70.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes; NEUBERGER, Lotário. **CIPEL 50 Anos e Biografias**. Porto Alegre: Ediplant, 2016.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Imigrantes boêmios**: Genealogia Dittrich e Hübner. Porto Alegre: Evangraf, 2018.

IHGRS. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. **Site do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul**. Acessado em: 17 de set de 2019. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/>

JANOTTI JÚNIOR, Jeder Silveira. **Heavy Metal**: o universo tribal e o espaço dos sonhos. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade de Campinas

(UNICAMP), Campinas, SP, 1994. Acessado em: 12/01/2019. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284153/1/Janotti\\_Junior\\_JederSilveira\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284153/1/Janotti_Junior_JederSilveira_M.pdf)>.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Legislação e processos educativos: A constituição da escola primária no Piauí (1845 a 1889). **Educação & Formação**. v.4, n.1, p. 50-65, 2019. Acessado em: 18/09/19. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/866>

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo Ateliê Editorial, 2018.

KREUTZ, Lúcio. Escolas Étnicas na História da Educação Brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **História e memórias da educação no Brasil: Vol.II – Século XIX**. 5ª ed. 1ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 150-165.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Dos conventos e recolhimentos para os colégios de freiras: as diferenças da educação feminina Católica nos séculos XVIII e XIX. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.32, n.03, p. 47-69, jul. - set. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* 7ª ed. 1ª reimpressão. Campinas: Unicamp, 2014.

LEITE, Luiz Osvaldo. Filosofia na Europa, no Brasil e no Rio Grande do Sul: durante a 2ª Guerra Mundial. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner; NEUBERGER, Lotário (orgs.). **Segunda Guerra Mundial: reflexos no Brasil**. Porto Alegre: Ediplat, 2015, p. 97-126.

LEVI, Giovanni. *L'eredità immateriale. Carrier adi um exorcista nel Piemonte del seicento*. Turim: Einaudi, 1985. Citado por: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução ANTUNES, Cristina. 2ªed. Belo Horizonte, 2010.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução; LOPES, Magda. São Paulo: Unesp, 2011. p. 135-163.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes, coord. **Usos & abusos da História Oral**. 8ª ed., 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: editora FGV, 2016, p. 167-182.

LIMA, Ana Laura Godinho. Administração das diferenças individuais na escola: um estudo histórico do discurso da Psicologia sobre crianças que não aprendem. In: CATANI, Denice Barbara; GATI JÚNIOR, Décio. Orgs. **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015, p.17-50.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan-abr. 2012.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes**. 1ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p.29-60.

LIRA NETO, Lira. **Getúlio**: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIRA NETO, Lira. **Getúlio**: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LORIGA, Sabina. Tradução: SCHEIBE, Fernando. **O pequeno X da biografia à história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017a, p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes (b). **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed., 5ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017b.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. In: **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.). 8ª ed., 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016, p. 15-26.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2013.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em Movimento**. Rio de Janeiro: Editora Francis, 2010.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado de produtivo. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs). 1ª ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 126-147.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói: Eduff: 2008.

MAURO, Frédéric. **História do Brasil**. Tradução: SILVA, Rolando Roque da. São Paulo: Difel, 1974.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático da história oral**. São Paulo, Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA Fabíola. **História Oral**: Como fazer como pensar. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; [FIALHO, Lia Machado Fiuza](#); MACHADO, Charliton José dos Santos. [Argentina Pereira Gomes](#): disseminação de -inovações-

didáticas na educação primária na década de 1930. **Revista Diálogo Educacional**, v. 19, p. 527-550, 2019. Acessado em: 10/09/2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/23519>

MIGUEL, Raquel de Barros; Rial, Carmen. Lazer “Programa de Mulher”. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs). 1ª ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 148-168.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOARAES, Geraldo Dutra de. **A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1979.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MORAES, Carlos de Souza. **O colono alemão**: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

MORO, Adriana; INVERNIZZI, Noela. A tragédia da talidomida: a luta pelos direitos das vítimas e por melhor regulação de medicamentos. *História, Ciência e Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.3, p. 603-622, 2017.

MUSSA, Alberto. A emersão de Atlântida. In: PIÑON, Nélida. **A república dos sonhos**. Edição Comemorativa 30 anos. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.7-26.

NETO, Lira. **Getúlio**: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NETO, Lira. **Getúlio**: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ONOFRE, Eduardo José de Oliveira. **Medidas de comprimento e de área**: um estudo sobre unidades de medidas e sobre o cálculo de áreas de algumas figuras planas. 2018. 51f. Monografia - Centro de Ciências Exatas e da Natureza, do Departamento de Ciências Exatas do Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, PB, 2018.

PALMA FILHO, João Cardoso. A Educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: a Era Vargas. In: PALMA FILHO, João Cardoso (organizador). **Pedagogia Cidadã**. Cadernos de Formação. História da Educação. 3. ed. São Paulo: PROGRAD/UNESP- Santa Clara Editora, 2005; p.61-74.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, p. 239-260 – 2003.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017, p. 278-321.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: CÔRREA, Angela M. S. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª ed., 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PINHEIRO, Letícia. O Brasil no mundo. In: SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Olhando para dentro: 1930-1964**, volume 4/Coordenação: GOMES, Angela de Castro. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2017, p.143 -178.

PINTO Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017, p. 607-639.

PIOVEZAN, Adriane. Literatura religiosa nas trincheiras: o “manual de orações do soldado brasileiro”. **História, histórias**. Brasília, vol. 2, n. 4, p. 102-118.,2014.

PISTOIA, Cristiane Debus. O Brasil e a Declaração Universal dos Direitos do Homem. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner; NEUBERGER, Lotário (orgs). **Segunda Guerra Mundial: reflexos no Brasil**. Porto Alegre: Ediplat, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução SANTHIAGO, Ricardo. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PUJADAS MUÑOZ, Juan José. **Método biográfico: el uso de lashistorias de vida em cienciasociales**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas – CIS, 1992.

QUADROS, Claudemir de. Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, jan/jun 2001, p. 1-12.

RAMBO, Arthur Blásio. A escola comunitária teuto-brasileira católica. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1994.

REIS, Daniel Aarão. As Marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010**, volume 5/Coordenação: REIS, Daniel Aarão. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2016 (a).

REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010**, volume 5/Coordenação: REIS, Daniel Aarão. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2016 (b).

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História das Políticas Educacionais: a questão das fontes. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palma, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual De Ponta Grossa (UEPG), 2004, p.87-97.

RICHERS, Raimar; ALMEIDA, Eduardo Augusto Buarque de. O planejamento familiar e o mercado de anticoncepcionais no Brasil. *R. Adm. Emp.*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p. 7-21, jul./ago. 1975.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. 7ª reimpressão. Tradução: FRAÇOIS, Alain *et.al.* Campinas: Editora Unicamp, 2018.

RIOS, Pedro Paulo Souza; CARDOSO, Helma de Melo; DIAS, Alfrancio Ferreira. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educação & Formação** v.3, n.2, p. 98-117, 2018. Acessado em: 19/04/19. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/272>

ROCKENBACH, Sílvio Aloysio; HÜBNER Flores, Hilda Agnes. **Imigração Alemã 180 anos História e Cultura**. Porto Alegre: CORAG, 2004.

RODRIGUES, Rui Martinho. **A história, autores e atores: compreensão do mundo, educação e cidadania**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Diálogos Transdisciplinares**. Fortaleza: EdUECE, 2017.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973)**. 40ª ed. 3ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ROSA, Angelita da. **O mosaico da memória: museu de Venâncio Aires**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS. Acessado em: 12/01/2019. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2312/1/416330.pdf>>.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e beleza "Sempre Bela". In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs). 1ª ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 104-125.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Afastemos o Padre da Política! A despolitização do clero brasileiro durante o Segundo Império. *Mneme-Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, 2011.

SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; GIASSON, Fernanda da Fonseca. Docência no Ensino Superior: formação, iniciação e desenvolvimento profissional docente. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - **Rev.Pemo**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3543> Acesso em: 05 mai. 2019.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palma, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual De Ponta Grossa (UEPG), 2004, p.3-12.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: Polêmicas do nosso tempo. 38ª ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ª ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. A Política Educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **História e memórias da educação no Brasil**, vol. III: Século XX. 4ª ed. 3ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p.29-38.

SCHUTZ, Alfred. Equality and the meaning structure of the social world. In: Arvid Brodersen (ed.). *Collected Papers II: Studies in social theory*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1964.

SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Modernização, ditadura e democracia**: 1964-2010, volume 5/Coordenação: REIS, Daniel Aarão. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moriz. **Olhando para dentro**: 1930-1964, volume 4/Coordenação: GOMES, Angela de Castro. 1ª ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva e FUNDACIÓN MAPRE, 2017.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 4ª ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, Katiene Nogueira da Silva. O que a escola faz ao instituir o uso dos uniformes escolares? In: CATANI, Denice Barbara; GATI JÚNIOR, Décio. Orgs. **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 197-228.

SILVA, Mônica Cristina da; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Demografia e família**: as transformações da família no século XXI. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 171-183, 2009.

SILVA, Wilton C.L. Espelhos de palavras: Escrita de si, autoetnografia e ego-história. In: *Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. AVELAR, Alexandre; SCHIMIDT, Benito Bispo. (Orgs). São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 39-62.

SOARES, Carla Poennia Gadelha; VIANA, Tania Vicente. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação &**



**Formação.** v.1, n.1, p. 140-158, 2016. Acessado em: 21/04/19. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96>

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FERNANDES, Francisca Risolene. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev.Pemo*, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484> Acesso em: 05 mai. 2019.

SOUZA, Sauloéber Tarsio de; LIMA, Genis Alves Pereira de. Escolas polivalentes na ditadura civil-militar: marco no modelo de ensino profissionalizante ou instrumentos de propaganda do regime? O processo de implantação do polivalente de Ituiutaba-MG (1974-1985). *Educação & Formação*. v.1, n.2, p. 72-88, 2016. Acessado em: 18/09/19. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/101>

SPINELLI, Teniza. *Casa de Noemy Valle Rocha: História e Memória da ALFRS*. Porto Alegre: Vidrúguas, 2017.

TANIOKA, Takeo. *Fernand Braudel and the "Annales" School*. *Rev. Japanese Journal of Human Geography*. vol.53, ed.4, p. 327-344, 2001.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed., 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016, p.65-92.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral (1935)**. Tradução OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, impressão no Brasil 2002.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Construção teórico-epistemológico, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018.

TURGUT, Akin; GÜNAL Ízge; ACAR, Saim; SEBER, Sinan; GÖKTÜRK, Erol. *Arthroscopic-Assisted Percutaneous Stabilization of Patellar Fractures*. *Clinical Orthopaedics and Related Research*, n. 389, p. 57-61, 2001.

UMANN, Josef. *Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entmicklungsgeschichte der Linha Cecília Mun*. Venâncio Aires. Santa Cruz do Sul: Lamberts & Riedel, 1937.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. 3ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In: PROST, Antonie; VINCENT, Gérard (Orgs). Tradução: BOTTMANN; Dorothee de Bruchard. **História da vida privada, 5:**



Da primeira Guerra a nossos dias. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras e Editora Schwarcz S.A., 2015, p. 137-364.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **História, Memória e Educação**: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

XAVIER, Antônio Roberto; VASCONCELOS, José Gerardo; VALE XAVIER, Lisiméne Cordeiro do. Biografia e educação: aspectos historicoteórico- metodológicos. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 03, n. 09, p. 1016-1028, set./dez. 2018.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palma, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual De Ponta Grossa (UEPG), 2004, p.13-36.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

YANG, Kyu Hyun; BYUN, Young Soo. *Separate vertical wiring for the fixation of comminuted fractures of the inferior pole of the patella*. *The Journal of Bone and Joint Surgery*. n. 85, p. 1155-60, 2003.

#### **Fontes orais:**

Alice Mara Carvalho Passos, Porto Alegre – RS (2018).

Ana Berenice Hübner Flores, Porto Alegre – RS (2018).

Bruna Kreling, Venâncio Aires – RS (2018).

Cláudia Argiles da Costa, Estrela – RS, (2018).

Cláudio Carlos Fröhlich, Venâncio Aires – RS (2018).

Claudio Laury Brandenburg, Venâncio Aires – RS (2018).

Denise Bernadete Moraes, Estrela – RS, (2018).

Evanir Plaszewski, Porto Alegre – RS (2017).

Gabriela Luiza Mahle, Venâncio Aires – RS (2018).

Hilda Agnes Hübner Flores, Porto Alegre – RS (2015,2016,2017,2018, 2019).

Laura Finkler, Venâncio Aires – RS (2017).

Leda Inês Rabuske, São Leopoldo – RS (2018).

Luciana Zimmer, Santa Cruz do Sul – RS (2018).

Márcia Beppler, Estrela – RS, (2018).

Márcia Hübner Flores. Porto Alegre – RS (2017).

Márcia Inês Stülp Finkler, Venâncio Aires – RS (2017).

Maria Odila Menezes de Souza, Porto Alegre – RS (2018).

Moacyr Flores, Porto Alegre – RS (2015,2016,2017,2018, 2019).

Santa Inêze Domingues da Rocha Neiva Soares, Porto Alegre – RS (2017).

## APÊNDICE

**Projeto de pesquisa:** Hilda Agnes Hübner Flores: memórias de uma intelectual educadora

**Pesquisadora:** MS. Cristine Brandenburg

**Orientador:** Dr. José Rogério Santana

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Machado Fiuza Fialho

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: *Hilda Agnes Hübner Flores: memórias de uma intelectual educadora*, que tem como objetivo geral biografar Hilda Flores, com ênfase na formação educativa, sua trajetória escolar e atuação intelectual. Ou seja, a narrativa biográfica de uma descendente alemã nascida em Linha Duvidosa, interior do município de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul, na década de 1930, que galgou escolarização diferenciada tornando-se uma professora, historiadora engajada em movimento de mulheres, que atuou ativamente na sociedade discutindo a imigração alemã no Brasil e o lugar ensejado à mulher na sociedade. Como instrumentos de coleta de dados, serão utilizados: entrevista semiestruturada, gravador e máquina fotográfica. A sua participação consiste na realização de uma entrevista sobre o tema acima proposto, que poderá ser gravada se você concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que dela participar. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o senhor(a) poderá, a qualquer momento, solicitar sua exclusão do estudo, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos. O participante poderá receber esclarecimentos acerca da pesquisa a qualquer momento. Para quaisquer esclarecimentos, entrar em contato com a pesquisadora Cristine Brandenburg, telefone (85) 997.366.191, ou com a professora Lia Machado Fiuza Fialho, telefone (85) 996.460.186. Esta pesquisa, está amparada pelo Comitê de Éticas em Pesquisas da Universidade Estadual do Ceará, no projeto intitulado “*Educação e Educadores(as) no Ceará do século XX: práticas, leituras e representações*”, da minha coorientadora Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, sob o registro de número CEP: 630.923. Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (UECE), também encontra-se disponível para quaisquer esclarecimentos pelo telefone (85) 3101.9890, endereço avenida Paranjana, n. 1700, *campus* do Itaperi, Fortaleza, Ceará. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outra para arquivo da pesquisadora.

Eu, \_\_\_\_\_,  
após tomar conhecimento da forma como será realizada a pesquisa supracitada, aceito, de forma livre e esclarecida, participar da mesma.

Fortaleza, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2016.

---

Participante

---

Cristine Brandenburg (Pesquisadora)